



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

José do Espírito Santo Dias Junior

Entre Cabarés e Gafieiras:
Um estudo das representações boemias em Belém
(1950 a 1980)

DOCTORADO EM HISTÓRIA

SÃO PAULO

2013



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP

José do Espírito Santo Dias Junior

Entre Cabarés e Gafieiras:
Um estudo das representações boemias em Belém
(1950 a 1980)

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP. Como exigência parcial para à obtenção do título de doutor em História Social sob a orientação da Professora Doutora Yvone Dias Avelino.

DOUTORADO EM HISTÓRIA

SÃO PAULO
2013

Dias Junior, José do Espírito Santo

Entre Cabarés e Gafieiras: Um estudo das representações boêmias em Belém – 1950-1980 / José do Espírito Santo Dias Junior. – São Paulo: [S. n.], 2014. Orientadora: Yvone Dias Avelino.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

1. Boemia. 2. Cidade. 3. Memória. 4. História de Belém. 5. História Cultural. 6. História Social. 7. Relações sociais. 8. História da Amazônia – Sec. XX. I. Avelino, Yvone Dias. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós Graduação em História. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Yvone Dias Avelino (Orientadora)

Profª Drª Maria Izilda Santos de Matos (Membro)

Prof. Dr. Marcelo Flório (Membro)

Prof. Dr. Amailton Magno Azevedo (Membro)

Prof. Dr. Tony Leão da Costa (Membro)

*Dedico este trabalho a minha trupe: Adriana,
Eduardo, Filipe, Diego, Zenaide e a todas as
meretrizes da cidade de Belém, em especial,
Lourdes.*

AGRADECIMENTO

Ao longo desses quatro anos foi vasta a lista de pessoas e instituições colaboraram para que eu realizasse a presente tese e merecem agora o devido crédito. De início gostaria de agradecer a Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), que no momento inicial concedeu-me licença para que eu pudesse gozar do tempo necessário para passar a temporada dos créditos e disciplinas na cidade de São Paulo; Agradeço também a Universidade Federal do Pará em especial aos professores da Faculdade de História do Campus do Baixo Tocantins, que gentilmente me liberaram das tarefas acadêmicas na fase final da escrita; agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que me concedeu bolsa de estudos durante o tempo em que estive cursando o doutorado; a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), que tão bem me acolheu ao longo destes quatro anos; aos colegas e funcionários das bibliotecas onde pesquisei, em especial aqueles lotados no Museu da UFPA, onde vasculhei as preciosidades do Acervo Vicente Salles; aos estagiários do Centro de Memória do Pará/UFPA e aos funcionários da Biblioteca pública Arthur Viana, o meu muito obrigado.

A temporada na cidade de São Paulo não seria possível se eu não contasse com a ajuda e colaboração dos colegas e amigos de Belém, ao Professor Pere Petit, a Erika Fares, Francivaldo Nunes, Maurício Santana e Maria Raimunda, meus sinceros agradecimentos. A *Trup* de São Paulo também foi de extrema importância, inclusive nas incursões boêmias pela cidade da garoa. Dentre aqueles que guardo com bastante carinho e profunda gratidão cito Antoni Emerson (Boy), Soraia Motta, Maria Motta, Marcio Camargo e “Nego Celso”, muito obrigado por tudo.

A temporada e a convivência no quarto andar da PUC foram de extrema valia para a obtenção de belos e salutareos debates acadêmicos e companhias agradáveis. Agradeço por ter convivido e compartilhado diversas experiências com os colegas do doutorado, dentre eles cito Rose Silveira, muito importante nas críticas e sugestões ao meu tema, Jonas Moraes, Eduardo Estevam, Matheus Fernandes, Edson Caiapó, Carla Messias, Regimeire Maciel e outros mais que compartilharam momentos valorosos dos debates culturais e “diaspóricos”.

Aos professores do Programa que muito enriqueceram nossas reflexões acerca dos hibridismos culturais na contemporaneidade. Dentre eles cito a Professora Maria Antonieta Antonacci, a Professora Maria Odila Dias Leite e ao Professor Antônio Rago, com eles pude aprofundar os estudos acerca dos novos debates de diásporas, Ditadura Civil e Militar e

Historiografia Contemporânea. As relações de cultura, gênero e cidade foram também muito bem tocadas em outro núcleo de estudos o NEHIS.

Destaco também a colaboração da professora Yvone Dias Avelino, minha orientadora, pela paciência, gentileza e perspicácia nas orientações e dicas nos debates sobre memória, cidade e temporalidades históricas; à Professora Maria Izilda Mattos, uma das responsáveis por minha escolha a esta instituição, esta professora foi imprescindível com suas colaborações e vasta experiência nos estudos boêmios pelo país; ao Professor Marcelo Flório pela atenção e disposição na leitura do texto. A minha mais sincera gratidão. Ao Adriano Fernandes e Diego Coimbra pela disposição na leitura e revisão do texto.

Não poderia deixar de mencionar dois amigos que grande contribuição prestaram a esse trabalho. Erito Vanio, com quem discuti metodologias e teorias e Tony Leão, que para além das discussões teóricas sobre música e boemia em Belém, foi extremamente importante no momento das entrevistas, uma vez que algumas entrevistas foram feitas em comum. Aos dois agradeço de coração.

A realização da tese não seria possível se não fosse à colaboração dos entrevistados. Dentre eles destaco Clélio Palheta, Elí Cardoso, Inálio Mamede e Joaquim vieira, que com boa vontade, disposição, abriram os arquivos de memórias e narraram suas histórias no mundo da boemia. Agradeço de coração também as meninas do GEMPAC, Leila Barreto, Amélia Garcia e Jacqueline Silva por viabilizarem o acesso ao cotidiano de lutas daquela entidade, bem como agradeço pela colaboração e entrevista de Eunice Silva e Maria Vitória Margalho pelos depoimentos prestados sobre prostituição. Agradeço de coração pela amizade à Lourdes Barreto pela importantíssima colaboração com dicas, entrevistas e visitas às zonas de meretrício de Belém. Sem elas essa tese não teria o mesmo peso.

O apoio da família foi fundamental durante os anos de doutorado. Agradeço a Zenaide Dias minha mãe pelo apoio logístico, aos filhos Eduardo Dias e Diego Coimbra pela paciência, e ao Filipe Coimbra, pela sua presteza e caráter profissional na coleta de fontes e na transcrição das entrevistas. A Adriana Coimbra pela dedicação, atenção, sugestões e correções ao texto, suas dicas sobre metodologia e teoria foram extremamente importantes para a realização da presente tese. O meu muito obrigado!

*"Pariso
Novaiorquizo
Moscoviteio
sem sair do bar
Só não levanto e vou embora
porque tem países
que eu nem chego a Madagascar"
(Paulo Leminski)*

RESUMO

O presente texto trata das representações boêmias em Belém do Pará entre 1950-1980, a partir da compreensão dos discursos produzidos pela imprensa paraense, pelo cinema, pela história e memória de seus frequentadores: músicos, boêmios, artistas, meretrizes e demais agentes sociais envolvidos com essas festas. Busco entender a importância dessas casas no cenário social e lúdico de Belém durante o recorte cronológico supracitado, considerando as transformações geográficas da cidade e as representações simbólicas e culturais criadas acerca desses estabelecimentos. Assim, pretendo compreender a história de homens e mulheres que faziam desses espaços, seu *lócus* por excelência de entretenimento e lazer, o lugar sagrado das diversões de final de semana e das madrugadas, um universo boêmio marcado por relações sociais de prazer, alegria e entretenimento, que, não raras vezes, foi vítima dos olhos vigilantes e repressores dos poderes constituídos, sempre com a justificativa de defesa dos “bons costumes”. Um ambiente cultural envolto em bebidas, boleros, merengues, boêmios, meretrizes e festeiros, que ajudaram a lograr o espectro da periculosidade e aventura, mas que, ao mesmo tempo, construíram imagens nostálgicas e românticas desses lugares.

Palavras chaves: Boêmia- Moralidade - Repressão

ABSTRACT

This paper deals with the representations bohemian in Belem between 1950-1980, from the understanding of the discourses produced by Para press , cinema , history and memory of their regulars : musicians , bohemians , artists , prostitutes and other social agents involved with these parties . Seek to understand the importance of these houses on the social scene and playfulness of Bethlehem during the chronological cut above, considering the geographical changes of the city and the symbolic and cultural representations created about these establishments. Thus , we intend to understand the history of men and women who made these spaces , its locus par excellence of entertainment and leisure , the sacred place of amusement weekend and early mornings , a universe marked by bohemian social relations of pleasure , joy and entertainment that , was the victim of repressive and vigilant eyes of the powers that be, always with the justification defense of "good manners".. " A cultural environment wrapped in beverages, boleros, meringues, bohemians , whores and bums , who helped achieve the specter of danger and adventure, but at the same time , built romantic and nostalgic images of these places .

Keywords : Bohemian - Morality - Repression

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	06
RESUMO.....	09
ABSTRACT.....	10
SUMÁRIO.....	11
LISTA DE FIGURAS.....	12
LISTA DE MAPAS.....	14
LISTA DE TABELAS.....	15
APRESENTAÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1. BOEMIA E MODERNIDADE EM BELÉM.....	31
1.1 - Transformações na cidade, novos costumes e novos afazeres em Belém do Pará....	32
1.2 - Dimensões geográficas de um ‘circuito’ de lazer: a boemia no centro.....	65
1.3 - Zona do Meretrício, a vizinhança indesejada.....	94
1.4 - Subúrbios, olhares e representações.....	113
CAPÍTULO 2. DESENVOLVIMENTISMO E TENSÕES SOCIAIS.....	134
2.1. A Amazônia a caminho do progresso.....	135
2.2. Prostituição, um problema social ou de moralidade?.....	140
2.3 Uma transa amazônica: Desenvolvimentismo nas telas do cinema.....	163
CAPÍTULO 3. REPRESSÃO À BOÊMIOS EM BELÉM NO PERÍODO MILITAR..	180
3.1 - O Meretrício nas páginas dos jornais.....	181
3.2 - Folha do Norte e a repressão à boemia.....	202
3.3 - A “Operação Meretrício”.....	211
CAPÍTULO 4. MEMÓRIAS E SOCIABILIDADES BOÊMIAS.....	234
4.1 - Cabarés outros espaços boêmios: A boemia vista de dentro.....	235
4.2 - sociabilidades boemias.....	253
4.3 – Musicalidades e Paisagens Sonoras.....	273
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	290
Fontes.....	297
Bibliografia.....	303

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fachada do Cinema Moderno.....	33
Figura 2: Sala de exibição e divisão de classes.....	35
Figura 3: Sala de exibição. Cine Moderno.....	36
Figura 4: Propaganda do Hotel Avenida.....	43
Figura 5: Propaganda do Hotel Garés.....	43
Figura 6: Propaganda do Hotel Nova América.....	45
Figura 7: Propaganda de Show de Lya Ray: Hotel Garés.....	48
Figura 8: Ônibus “Zepelim”.....	52
Figura 9: <i>Play Boys</i> detidos por “arruaça”.....	58
Figura 10: Propaganda de Cigarros.....	61
Figura 11: <i>Terrace</i> do Grande Hotel.....	75
Figura 12: Rótulo Grande Hotel.....	77
Figura 13: Cinema Olympia.....	78
Figura 14: Quiosque Bar do Parque.....	81
Figura 15: Meretrizes Rua Riachuelo.....	107
Figura 16: Placa em residência.....	110
Figura 17: Placa em residência.....	110
Figura 18: Placa em residência.....	110
Figura 19: Palácio dos Bares área externa.....	117
Figura 20: Casas e barracas comerciais localizadas na Condor.....	119
Figura 21: Discoteca no Palácio dos Bares – Área interna.....	123
Figura 22: E estabelecimentos localizados no entorno da Praça Princesa Isabel.....	127
Figura 23: Imagem do filme <i>Iracema</i>	165
Figura 24: Imagem do filme <i>Iracema</i> ,,.....	166
Figura 25: Imagem do filme <i>Iracema</i>	166
Figura 26: Imagem do filme <i>Iracema</i>	166
Figura 27: Imagem do filme <i>Iracema</i>	175
Figura 28: Imagem do filme <i>Iracema</i>	177
Figura 29: Imagem do filme <i>Iracema</i>	177
Figura 30: Imagem do filme <i>Iracema</i>	178
Figura 31: Imagem do filme <i>Iracema</i>	178
Figura 32: Imagem do filme <i>Iracema</i>	178

Figura 33: Imagem do filme Iracema.....	178
Figura 34: Imagem do filme Iracema.....	178
Figura 35: Adelina Moreira Machado (Alba Montez) na boate <i>Vervuud</i> em Paramaribo....	224
Figura 36: Ruínas de Pensão na Rua General Gurjão com Ferreira Cantão, Campina.....	239
Figura 37: Foto de Madame no Meretrício.....	244
Figura 38: Casas de Pensão na Avenida Bernardo Sayão.....	263
Figura 39: Meretrizes sentadas à frente de palafitas.....	263
Figura 40: Capa dos discos de lambadas ouvidos em Belém nos anos setenta.....	271
Figura 41: Encarte Propagandístico da Boate Pagode.....	277
Figura 42: Propaganda Boate Xamego.....	282
Figura 43: Propaganda Boate Xamego.....	283

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Divisão Física dos Bairros de Belém.....	40
Mapa 2: Bairros de Belém.....	68
Mapa 3: Bairro da Campina.....	72
Mapa 4: Área Central de Belém e Principais espaços de Lazer.....	73
Mapa 5: Croqui da Zona do Meretrício na década de 1920.....	99
Mapa 6: Dimensões da Zona do Meretrício e do Quadrilátero do Amor.....	100
Mapa 7: Região que compreendia a zona boêmia da Condor.....	121
Mapa 8: “Quadrilátero do Amor”.....	183

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: População de Belém.....	39
Tabela 2: Atividades Econômicas desenvolvidas em Belém na década de 1950.....	41
Tabela 3: Frequência de Pacientes.....	103
Tabela 4: Quantidade de infectados por doenças venéreas.....	103
Tabela 5: Classificação de meretrizes por nacionalidade, cor e estado civil.....	103
Tabela 6: Classificação por naturalidade.....	104
Tabela 7: Registro de Meretrizes.....	150
Tabela 8: Estatística do ingresso de mulheres solteiras na prostituição.....	152
Tabela 9: Estatística do ingresso de mulheres casadas ou viúvas na prostituição.....	160
Tabela 10: Lista de bares boates e casas de show da cidade.....	273

APRESENTAÇÃO

Construir uma tese que aborde a boemia na cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, na segunda metade do século do século XX, certamente não foi e não é tarefa das mais fáceis. Sua dinâmica social envolta em muitas transformações me obrigou a estabelecer escolhas a respeito dos focos da pesquisa, pois entrei em um universo revestido de muitos significados representativos, por vezes, envolto em um terreno bastante nebuloso. Em alguns momentos, as representações boêmias foram marcadas pelo *glamour* dos espaços chiques pela sociabilidade festiva e pelas memórias cristalizadas de boêmios que a positivaram com o passar do tempo. Em outros momentos, as representações foram marcadas por tensões que aconteciam em concomitância com as políticas repressivas do Estado e com os conservadorismos que marcaram a face boêmia da cidade, aceitando-a e a negando de acordo com as vicissitudes do momento.

A tese que apresento agora à comunidade acadêmica *Entre Cabarés e Gafieiras: Um estudo das representações boêmias em Belém do Pará (1950-1980)* aborda o cotidiano boêmio, analisando as *representações*¹ criadas acerca dos cabarés, gafieiras e zonas de meretrício no imaginário social da cidade através da compreensão dos discursos presentes na imprensa e nas memórias de seus frequentadores. Busco entender a importância dos ambientes de festa no cenário social e lúdico de Belém do Pará, considerando as transformações ocorridas na cidade com a aquisição de novos hábitos e valores de consumo introduzidos a partir da segunda metade do século XX; analiso também as políticas repressivas ditadas pelas autoridades estaduais durante o período da Ditadura Civil e Militar no Brasil e todo o empenho do poder público de tornar oficial o processo de desmantelamento da forte rede boêmia existente nesses lugares.

Parto da tese de que todo o processo de produção dos discursos de “Integração Nacional” e “Desenvolvimentismo”, empregados pelo Governo Federal a partir dos anos cinquenta, colaboraram sobremaneira para o recrudescimento dos lugares de festa e boemia suburbanos na cidade de Belém no recorte cronológico definido para esta pesquisa, devido principalmente ao grande crescimento populacional na região. Juntamente com esse crescimento foram concomitantes várias campanhas de controle e repressão das diferentes práticas boêmias, principalmente em lugares considerados epicentro de meretrício, lugares em certa medida, vistos como ameaçadores ao bom andamento de um estilo de vida ordeiro e

¹ Sobre o conceito de representação ver: CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**. 11 (5), 1991, p. 173-191. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>.

disciplinado para sua população. Procurarei demonstrar que mesmo com a forte repressão oficial empreendida aos lugares de boemia, muitos desses ambientes sobreviveram mantendo, mesmo que de forma precária, a tradição boêmia em alguns lugares da cidade.

Cheguei a esse tema não por acaso, mas instigados pelas fontes encontradas, durante a pesquisa que fiz para a minha dissertação de mestrado. Naquela ocasião, tratei da Cultura Popular no bairro do Guamá em Belém do Pará, bairro suburbano que abrigava diversas expressões lúdicas, vizinho ao boêmio bairro da Condor e não muito longe da Zona do Meretrício do centro da cidade. Nessa pesquisa deparei-me com vários registros que falavam de gafieiras famosas no bairro, frequentadas por boêmios de várias partes da cidade, boêmios que circulavam por esses espaços em busca de diversão e aventuras sexuais. Chamou-me atenção à *sociabilidade*² existente nesses ambientes e a circulação de indivíduos que iam dos cabarés e gafieiras guamaenses a outros espaços lúdicos de Belém, numa frequência bastante comum. A proximidade geográfica desses lugares logo instigou meu interesse em perceber nas fontes se o estabelecimento das fronteiras entre esses espaços boêmios eram frágeis, o que me fez levantar a hipótese de que havia em Belém um “circuito lúdico”, com lugares de festa frequentados, em certa medida, por grupos de boêmios que visitavam espaços distintos da cidade, numa circulação que ia do centro ao subúrbio com bastante regularidade. Essa constatação possibilitou a percepção de que houve na cidade, principalmente após a segunda metade do século XX, uma circulação de indivíduos de diferentes estratos sociais nos lugares de concentração festiva, homens e mulheres que se reuniam nas diversas casas de entretenimento numa sociabilidade festiva marcada por circularidades culturais em ambientes aparentemente interclassistas. Mas apenas as informações sobre as sedes existentes no Guamá e nas proximidades da Condor não eram suficientes para uma avaliação mais circunscrita da sociabilidade boemia de Belém dos anos cinquenta aos anos oitenta. Resolvi então diversificar às fontes, para entender melhor essa dinâmica e confirmar a tese acerca da fluidez boemia na cidade.

² Simmel chama atenção para as formas de interação social existente nas sociedades em geral afirmando que as mesmas são motivadas por “instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros que fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidade formam uma unidade – mais exatamente uma ‘sociedade’”. Ver: SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia: Indivíduo e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006, p. 59-60. Sobre o conceito de sociabilidade é importante ver também: MARTINS, José de Souza. **A Sociabilidade do Homem Simples: Cotidiano e História na modernidade anômala**. São Paulo: Contexto, 2013. Tratarei mais detidamente deste conceito no decorrer do trabalho.

Privilegiei dois tipos de fontes nesse trabalho, as fontes impressas de periódicos que circularam na cidade, e às fontes orais coletadas com pessoas que viveram diversas experiências nos lugares de boemia de Belém. No entanto, outros aportes documentais foram utilizados transversalmente como fontes elucidativas de determinadas situações e processos compartilhados por sujeitos presentes nos lugares de boemia. Para além das fontes supracitadas utilizei o livro de Salomão Laredo *Palácio dos Bares*³, obra que comporta um riquíssimo acervo de memórias de pessoas que transitaram pelos espaços boêmios da cidade ao longo da segunda metade do século XX; fiz uso também do filme documentário *Iracema, uma Transa Amazônica*, gravado em Belém na época da Ditadura Civil Militar e que abordou de forma crítica a vida nos cabarés e prostíbulos da cidade à época; e completando o conjunto documental cotejado, visitei alguns processos de justiça relacionados a crimes de lenocínio contra donos de cabarés e personalidades políticas.

Após a análise das fontes, o primeiro passo foi compreender como se dava a “interação entre indivíduos” de diferentes estratos sociais e as possíveis semelhanças entre os lugares considerados “chiques” e aqueles mais modestos no cenário lúdico de Belém a partir da perspectiva das experiências sociais. Os estudos de Mikhail Bakhtin e suas reflexões acerca das manifestações “populares”, entendidas como base subsidiária para a compreensão de uma interseção entre “cultura popular” e “cultura oficial”, influenciaram na análise das inferências feitas aos lugares de boemia de Belém⁴, posto que as fronteiras interclassistas pudessem estar necessariamente imbricadas de significados fluidos, não, necessariamente, polarizadas em universos sociais estanques, socializadas em espaços demarcados para um ou outro segmento da sociedade. Elas até podiam obedecer a uma lógica social bem rígida, com espaços elitistas e refinados destinados a um público exigente de padrões culturais ditos sofisticados, e espaços sociais mais modestos, onde eram compartilhadas experiências sociais dos mais diversos segmentos da sociedade, no entanto, em várias situações elas se interpenetravam. É nesse filão de *sociabilidades* que me deparei com uma *circularidade cultural* bem maior nos espaços onde as fronteiras apresentavam uma fragilidade entre mundos sociais distintos, que, no entanto, compartilhavam, em vários momentos, experiências semelhantes.

Comecei por visitar os jornais dos anos cinquenta na esperança de encontrar registros acerca das fronteiras entre festas suburbanas e as festas elitizadas em Belém. Encontrei logo

³ LAREDO, Salomão. **Palácio dos Bares: Boate Condor**. Recanto encantado da cidade morena. Belém: S. Laredo Editora, 2003.

⁴ BAKHITIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Brasília: Hucitec/UNB, 1997.

de início, diversas propagandas em jornais, que anunciavam os diferentes produtos identificados com o consumo dos prazeres: cigarros, bebidas, discos, bem como, os anúncios de casas de shows, restaurantes, hotéis, boates e clubes da cidade. Esses anúncios foram de extrema importância para o entendimento de como se desenvolviam as transformações na cidade de Belém após Segunda Guerra Mundial, eles também serviram para mostrar a rápida industrialização e os novos modelos de modernidade que afetavam não apenas os aspectos consumistas da população belenense, mas também os hábitos e comportamentos de toda uma sociedade. Os anúncios dos clubes e casas de shows foram importantes para a análise da dimensão das proximidades geográficas entre os ambientes luxuosos do centro e os espaços suburbanos, na medida em que as chamadas propagandísticas anunciavam grandes atrações de expressão nacional, em ambientes que não eram necessariamente populares, mas que se encontravam, em áreas de subúrbio. Exemplo pertinente está nos anúncios sobre o *Bar da Condor*, localizado às margens do Rio Guamá, anunciado nas páginas de *A Província do Pará* com bastante frequência. Este estabelecimento foi palco de inúmeras reuniões de grandes personalidades do cenário artístico, musical e político paraense. Sua localização em uma zona portuária da cidade contribuiu para atrair dezenas de pequenos estabelecimentos comerciais de caráter popular e de entretenimento ligados ao mundo da boemia, estabelecimentos esses que se fixaram nas redondezas deste bar.

Chamou-me a atenção nos anúncios, que grande parte dos estabelecimentos, divulgados nos jornais eram ambientes destinados a um público de condições sociais privilegiadas. Não havia qualquer menção aos cabarés e gafieiras de periferia, a não ser nas páginas policiais. Parti então em busca de outro tipo de fonte jornalística, as “notícias policiais” e as “notas” de “reclamação do povo”, nelas encontrei com certa frequência, notícias policiais citando as zonas boêmias e de meretrício suburbanas e centrais da cidade. As reclamações de moradores e vizinhos dos espaços boêmios, acerca das inúmeras “arruaças”, “desordens” e “brigas” ocorridas nesses locais eram anunciadas nos periódicos como forma de denúncia dos excessos cometidos pelos boêmios que circulavam por esses espaços. Os jornais foram verdadeiros agentes de divulgação das “reclamações do povo” e dos “abaixo assinados” mandados para as redações, que com bastante frequência também anunciavam as ocorrências policiais acerca das tensões presentes nesses espaços.

Por esse caminho percebi que os periódicos da cidade produziam dois tipos de discursos acerca da vida boêmia de Belém. Um primeiro identificando lugares e gostos tidos como “refinados”, apreciados por segmentos sociais mais abastados, que consumiam os “bons gostos” e tudo aquilo relacionado ao mundo moderno; e outro, repleto de conotações

pejorativas, moralistas e preconceituosas apresentando grupos sociais marginalizados, com costumes e comportamentos contrários ao modelo de sociedade ordeiro e disciplinado desejado pelos redatores dos jornais e, provavelmente, por seus leitores.

Dois dados despertaram minha atenção durante a pesquisa. Em primeiro lugar, à medida que avançava pelas décadas de cinquenta e sessenta, percebi certo arrefecimento no número de propagandas relacionadas ao mundo da boemia. A constância de anúncios de bebidas, cigarros e casas de shows, muito comuns no início dos anos cinquenta, diminuiu sobremaneira na virada para a década sessenta, e, praticamente, cessou após a implantação dos governos militares em 1964, fato que pode ser estudado a partir de uma breve avaliação das censuras estabelecidas pelos governos militares, bem como, pelo intenso controle realizado ao universo boêmio da cidade. As forças tarefas da Polícia Federal no combate ao contrabando de bebidas, cigarros, drogas ilícitas e tráfico de pessoas, são indícios fortes que ligam o enfraquecimento dos anúncios de hotéis e casas de shows de luxo nos jornais da cidade em meados dos anos sessenta.

A diminuição considerável das propagandas de produtos relacionados ao mundo da boemia e dos espaços lúdicos da cidade levou-me à análise do segundo dado estudado na pesquisa - a forte repressão aos circuitos boêmios de Belém - repressão essa com intenções bem claras de promover a reforma urbana no centro, porém revestida de justificativas moralistas e autoritárias desferidas pelo poder público e pelos segmentos mais conservadores da sociedade. Analisando diversos periódicos dos finais dos anos sessenta e início de setenta encontrei um riquíssimo acervo de matérias jornalísticas publicadas, em sua maioria, pelo *Folha do Norte*, que cobriam todo o processo de repressão aos espaços boêmios de Belém, através das “Operações” “Lenocínio”, “Meretrício” e “Condor”, operações essas responsáveis pelo fechamento das áreas boêmias do centro e dos subúrbios da cidade.

As matérias frequentemente publicadas pelo *Folha do Norte* vinham acompanhadas de uma série de artigos, opiniões e estudos apresentados como argumentos subjetivos, sempre com o pretexto de estimular o debate sobre a questão “meretrício”. A ausência desse debate em outros veículos de comunicação, que se limitaram, apenas, em cobrir os fatos jornalísticos, sem fazer uma análise mais apurada sobre as condições da boemia e da prostituição em Belém, fez com que o interesse pelo supracitado jornal afluísse. Entrando nos discursos da imprensa procurei analisar “os porquês” dos posicionamentos presentes no *Folha do Norte*, jornal que no início da década de 1970, representou uma das vozes mais aguerridas acerca da defesa do meretrício, mesmo que o discurso de defesa fosse revestido de cargas ideológicas preconceituosas e tradicionais. Seu posicionamento motivou a leitura e o entendimento da

natureza do jornal e dos agentes que nele trabalhavam para, a partir dessas análises se entender o posicionamento do periódico em relação ao mundo boêmio.

Cinco periódicos foram utilizados de forma mais intensa na pesquisa: *O Estado do Pará*, *A Província do Pará*, *Folha do Norte*, *O Liberal* e *Diário do Pará*. Neles procurei recuperar um pouco do cotidiano boêmio da cidade de Belém, tomando como parâmetro os eventos e anúncios das programações de entretenimento, bem como, as tensões, opiniões e juízos de valores expressos pelos agentes produtores dos jornais⁵.

A descoberta das fontes jornalísticas abriram as portas para outros espaços de pesquisa que, certamente, enriqueceram sobremaneira o viés e as inclinações do trabalho, pois foi a partir do uso dessas fontes em uma palestra sobre “O Fechamento da Zona do Meretrício em 1º de abril de 1970”, ministrada em 2011, na sede do Grupo de Mulheres Prostitutas da Área Central de Belém (GEMPAC),⁶ que me aproximei, de forma mais efetiva, de Lourdes Barreto, prostituta profissional, que durante cinquenta anos exerceu a profissão, e atualmente se constitui como uma das maiores lideranças nacionais na luta das trabalhadoras do sexo pelo direito e o reconhecimento da profissionalização da atividade e, pela luta das garantias de políticas de saúde pública, de segurança e de combate à exploração sexual de menores. Esse contato possibilitou-me um novo universo de compreensão do mundo da boemia, uma vez que minha inserção nesse grupo de mulheres possibilitou outras leituras acerca dos debates sobre as *sociabilidades*, sobre as tensões e os preconceitos de gênero sofridos por meretrizes no interior de cabarés e gafieiras. Os depoimentos de mulheres que atuaram como meretrizes nos tensos anos de Ditadura Civil Militar contribuíram para que suas falas fossem cotejadas com as fontes jornalísticas, bem como, com outros depoimentos de homens que viveram suas experiências nesses lugares, porém sobre outras perspectivas.

⁵ O uso dos jornais como fonte histórica tornou-se mais frequente principalmente a partir da década de 1970, após o processo de alargamento das possibilidades historiográficas em temáticas, conceitos e métodos. No Brasil até o início dos anos oitenta as fontes impressas foram bem pouco utilizadas, as informações em documentos “oficiais”, ainda representavam a grande referência de credibilidade científica, felizmente esse tempo de desconfiança passou e as fontes jornalísticas puderam ser cotejadas com outros aportes documentais, sempre de forma crítica, analisando-se os discursos produzidos por esses veículos de comunicação. Segundo Tânia de Luca, a difusão de jornais e revistas em todo o território nacional facilitou o acesso de historiadores a esse tipo de documento, fato que contribuiu para aproximar a história de um leque de informações acerca das diversas realidades brasileiras. Ver: LUCA, Tânia, Regina. **Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas.** 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153; sobre esse tema é importante ver também: GOODWIN JR. Jaime Willian. **Anunciando a Civilização: Imprensa, Comércio e Modernidade Fin-de-Siecle em Diamantina e Juiz de Fora, MG.** **Revista Projeto História.** São Paulo: nº35 dez. 2007, p. 97-118; KUSHNIR, Beatriz. **Pelo viés da colaboração: A imprensa no pós-1964 sob outro prisma.** **Revista Projeto História.** São Paulo: nº35 dez. 2007, p.27-38.

⁶ Entidade não governamental, responsável pela ação política em prol da dignidade no trabalho e da legalização da profissão das trabalhadoras do sexo no estado do Pará.

Dentro do GEMPAC tive a oportunidade de compartilhar, numa condição aproximada a de um *observador participante*⁷, as relações de solidariedade e de militância nas causas em prol das profissionais do sexo, visitando boates e casas de shows ainda existentes no centro histórico de Belém, sempre na companhia das “meninas do GEMPAC”, Lourdes Barreto, Eunice Silva (Cinderela), Vitória Margálio, Amélia Garcia, Jackeline Silva e Leila Barreto⁸, nas chamadas “visitas de áreas”, onde pude perceber um pouco mais da realidade e do estilo de vida das mulheres que se dedicaram a esse tipo de ocupação profissional, bem como, pude perceber os tipos de homens que frequentam esses lugares de boemia. Apesar de se tratar de um ambiente boêmio do presente, muitas características desses lugares se assemelham aos cabarés de cinquenta ou quarenta anos atrás, o cenário, as mobílias, as *paisagens sonoras*, o tipo de comportamento dos boêmios, aproximaram-me do objeto da pesquisa de forma mais circunscrita, visualizada a partir de uma dimensão bem semelhante aos ambientes do passado. É claro que as visitas de campo sugeridas pelas próprias militantes do GEMPAC, serviram-me, principalmente, como elemento motivador para compreensão das relações sociais no interior desses espaços boêmios. O contexto social e político do presente se diferem do passado em alguns aspectos, pois determinadas pautas, hoje muito comuns nos movimentos feministas e das profissionais do sexo, não eram contemplados naquela ocasião. Até a década de setenta, ainda era muito comum os comportamentos conservadores relacionados a um moralismo patriarcal, a pouca expressividade do movimento feminista e das redes de solidariedade entre mulheres prostitutas.

A própria constituição do GEMPAC merece outra tese, pois ela é fruto das lutas e resistências de meretrizes a forte repressão do Estado na década de 1970, visto que é a partir desse momento que se inicia uma série de campanhas organizadas, em sua maioria, pelas próprias profissionais do sexo no estado do Pará, pela luta na aquisição de direitos e reconhecimento profissional. As diversas reuniões e mobilizações feitas nas zonas de meretrício culminaram na fundação da entidade em 1991⁹. O GEMPAC guarda em seus arquivos memórias dos difíceis tempos de Ditadura Civil Militar no Pará, através de recortes

⁷ VALADARES, Lúcia. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. V. 22, n. 63, p. 153-155, 2007.

⁸ Amélia é policial aposentada que atua como voluntária na entidade; Jaqueline é secretária e também voluntária do grupo e Leila é filha de Lourdes Barreto. Essas mulheres não são prostitutas, mas atuam de forma engajada nas lutas políticas em prol de melhorias sociais para esta classe. Outras pessoas que não são prostitutas atuam no GEMPAC, visando objetivos diversos que vão desde a pesquisa acadêmica, até a legalização da profissão.

⁹ Ao construir a tese fiz a escolha de não trabalhar de forma aprofundada com às problemáticas apresentadas pelo GEMPAC, pois como mencionei no texto, tive que estabelecer escolhas, em relação ao pretendido na presente pesquisa. Dediquei-me prioritariamente aos aspectos relacionados com a vida lúdica e as repressões à boemia em detrimento às questões de caráter mais político e de luta de direitos defendidos por esta entidade.

de jornal que tratam das reportagens que falam da repressão e da própria constituição do grupo. Para além das matérias jornalísticas disponíveis, a entidade também dispõe de atas de reuniões, carta de intenções, estatutos, vídeos educativos, bibliografias e entrevistas que futuramente podem ser explorados por outros pesquisadores que estejam interessados em compreender a história da prostituição no estado do Pará.

No entanto, o aspecto mais significativo da experiência social que tive no interior do GEMPAC diz respeito às entrevistas das mulheres que lá militam. Convivendo com elas pude saber um pouco mais de seu universo social. Realizei três entrevistas extremamente valorosas para a pesquisa. Entrevistei de início Lourdes Barreto (em mais de uma sessão), Presidente da entidade à época, sua contribuição para a pesquisa foi da mais extrema valia, pois sua vasta experiência como liderança das meretrizes no Pará, bem como, sua atuação como meretriz da área central da cidade, nos anos mais tumultuados de sua profissão, os anos setenta e oitenta, favoreceu na compreensão de vários aspectos das políticas repressivas dos tempos de Ditadura Civil Militar, bem como, da sociabilidade e do cotidiano de bares, casas de pensão e boates da área central de Belém. O aspecto subjetivo e as representações que a mesma faz de sua vida e de seu ofício foram fundamentais para a compreensão das visões de mundo e expectativas de uma meretriz diante de uma ocupação ainda bastante estigmatizada na sociedade. Outra pessoa de extrema importância para a pesquisa foi Eunice da Conceição Silva, conhecida no “*métier*” como “Cinderela”. Sua história de vida e seus dramas pessoais servem de referência, não apenas para a compreensão das condições em que se ingressava na prostituição pelos idos dos anos setenta, mas serve também, como testemunho das diversas redes de exploração sexual de menores durante a Ditadura Civil Militar; e por fim, entrevistei Maria Vitória Margalho Gonçalves, natural de Abaetetuba, interior do Pará, também inserida no mundo do meretrício ainda adolescente e que compartilhou conosco em sua entrevista muitos relatos de experiências, no seu entender, “felizes e dramáticas”.

O envolvimento afetivo com o GEMPAC me obrigou a ter certo cuidado para não ser contagiado pelos discursos e representações que o grupo estabelece como bandeira nas lutas travadas pelo movimento. Preocupe-me em não cristalizar certas visões que essas mulheres desenvolvem de seus ofícios e que estabelecem como discurso, inclusive de defesa, para ter suas pautas atendidas nas reivindicações da categoria. Limitei-me a absolver as informações passadas acerca das *sociabilidades* nos espaços de prostituição, bem como, a resistência feita por elas a forte repressão estatal.

Os caminhos percorridos pelas discussões de gênero no Brasil têm aberto as portas para os novos filões de compreensão dos *excluídos da história*¹⁰ e das novas possibilidades de debate no campo das investidas e das discussões sobre o feminismo e suas invisibilidades, que não visa concorrer com os postulados tradicionais da historiografia, mas reparar uma carência de discussões e desconstruir certos poderes justapostos nos debates acadêmicos. Nesse sentido vale ressaltar as contribuições de autoras como Margareth Rago, Maria Izilda Mattos, Magali Engel, Juçara Luiza Leite, Mary Del Priori, sem falar nas literaturas mais livrescas como a autobiografia de Gabriela Leite, leituras que contribuíram sobremaneira para o avanço dos estudos no país¹¹.

Somente as entrevistas das mulheres que lideram o movimento das prostitutas não foi o suficiente para ter uma visão global sobre a prostituição e a boemia em Belém, outros depoimentos foram utilizados na pesquisa. As memórias de homens que viveram a boemia circulando por lugares badalados da cidade, se constituem também como fontes importantes para adentrarmos no universo social festeiro, a partir de outras perspectivas. Suas lembranças e impressões sobre a noite guardam imagens cristalizadas que congelaram representações do passado, romanceadas e ressignificadas por esses indivíduos. O passado lhes apareceu, em grande medida, através de lembranças nostálgicas de um tempo agradável, harmônico sem conflitos, ressignificado por reminiscências prazerosas onde as tensões sociais quase não tiveram lugar. Alheios aos dramas da vida das mulheres que trabalhavam naqueles ambientes, para a esmagadora maioria desses homens, aqueles ambientes significavam apenas o local de descontração e relaxamento, como forma de combater o estresse da vida cotidiana. Com esses depoimentos, ao contrário do que foi levantado nas entrevistas realizadas com as meretrizes ligadas ao GEMPAC, obtive outras visões acerca da vida boemia, a memória dos “bons tempos” da Condor e da Zona do Meretrício foi recuperada a partir das lembranças desses boêmios sobre a cidade.

Procurei escolher meus colaboradores a partir das experiências particulares que cada um teve na noite de Belém, dois deles moradores de bairros suburbanos próximos ao bairro da

¹⁰ PERROT, M. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

¹¹ Sobre gênero, prostituição e temáticas afins é importante ver: RAGO, Margareth. **As aventuras de contar-se**: Feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2013; RAGO, Margareth & MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo (Orgs.). **Paisagens e Tramas**: O gênero entre a história e a arte. São Paulo: Intermeios, 2013, (Col. Entregêneros); MATTOS, Maria Izilda S. Gênero e Subjetividade. **Projeto História**, São Paulo: V. 45, p. 7-15, 2013; MATOS, Maria Izilda S. História das mulheres e das relações de gênero: Campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. **Revista Mandrágora**, v. 19, p. 5-15, 2013; ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores**: Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 2004; LEITE, Juçara Luzia. **A República do Manguê**: Controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974); LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta**: A história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Condor, um terceiro morador da região da Zona do Meretrício e o último músico profissional que apesar de não morar na capital do Estado, teve diversas andanças pelos circuitos boêmios da cidade. As experiências sociais vivenciadas em ambientes diferentes, porém próximos pelas sociabilidades festeiras, ajudaram a compreender as fronteiras entre centro e periferia de Belém das décadas referendadas no recorte, bem como, ajudaram a entender os circuitos e os deslocamentos de boêmios.

O primeiro entrevistado foi Inálio Mamede, morador do bairro do Jurunas, homem que percorreu vários circuitos boêmios de Belém, conhecido na vida da noite como “Janjão”, Inálio viveu a cidade na condição de boêmio. Em sua vida de boemia fez parte durante muitos anos da diretoria da Escola de Samba *Rancho Não Posso Me Amofinar* e foi Gerente da *Boate Xamego*, badalada casa de shows e motel de Belém, suas visitas à zona do meretrício do centro da cidade, facilitaram também a compreensão das dimensões que os boêmios faziam desse espaço social da cidade, como lugar de prazeres dos mais diversos. Seu depoimento foi bastante significativo para compreendermos outros aspectos dos estilos de vida no meretrício. Ao completar setenta anos, Mamede escreveu suas impressões acerca da longa vida boemia na cidade, contando suas experiências em uma brochura artesanal e ilustrada com fotos da juventude.

O segundo entrevistado foi Eli Cardoso, o “Nego Eli”, homem que também teve sua vida sempre muito próxima ao cotidiano festeiro da cidade, exercendo várias funções relacionadas à boemia. Eli foi baterista da Banda “Os Namorados da Lua”, tocando, quase que cotidianamente nas noites do bairro da Condor, foi também operador de aparelhagem e taxista, profissão esta que exerceu até a aposentadoria, porém sem nunca ter deixado por completo sua relação com a vida boêmia. Na ocasião da entrevista com Eli, realizada em sua residência no bairro do Guamá, o mesmo mostrou seu aparelho sonoro com o famoso “boca de ferro”, alto-falante que anunciava as festas suburbanas, mostrou também sua discoteca em vinil, que guarda o acervo de cantores consagrados de merengue, valsas e boleros como os de Saraiva do Sax ou Luis Kalaff e seu famoso merengue “La Mecha”.

Um terceiro entrevistado foi Clélio Palheta, morador do bairro da Campina no centro da cidade, bairro esse que abriga a zona do meretrício de Belém. Com Clélio pude ter relatos dos anos áureos da zona de meretrício, bem como das reuniões de estudantes universitários no Bar do Parque, ponto de encontro de jovens boêmios. Finalizei o ciclo de entrevistas com o interessante depoimento de Joaquim Vieira, conhecido no meio musical como “Mestre Vieira”, famoso artista local, tocador de guitarra e banjo que vários shows fez nas badaladas

boates de Belém dos anos sessenta e setenta, tocando merengues e lambadas, ritmos musicais muito consumidos nesses ambientes festeiros da época.

Não poderia deixar de considerar que o próprio processo de realização das entrevistas, constitui-se um ganho na *práxis* acadêmica, não apenas por representar uma importante atitude científica e metodológica de pesquisa de campo, que nem sempre é movida pela suposta *neutralidade científica*, mas por *subjetividades* adquiridas ao longo do processo. As entrevistas realizadas (com os depoentes homens) foram todas feitas na companhia do também acadêmico e parceiro de discussões boêmias em Belém Tony Leão da Costa, que na época estava coletando entrevistas para sua tese de doutoramento sobre música e boemia na região norte, realizada na Universidade Federal Fluminense. Na programação das entrevistas traçamos as estratégias de coleta de depoimento, com a produção de roteiros temáticos e agendamento de atividades, que nem sempre puderam ser seguidas, as condições colocadas pelos entrevistados também serviram como balizadoras da realização e sucesso na produção desse tipo de documentação. Janjão Mamede, por exemplo, estabeleceu como condição para a entrevista, que nos reuníssemos em um bar próximo a sua casa no bairro do Jurunas – o Bar Castanheira – onde um grupo de amigos também se fez presente, dando vez por outra, opiniões sobre temáticas que surgiam na mesa. Obviamente a entrevista acabou se tornando um “papo molhado” com cervejas e tira-gostos, fazendo do exercício de campo uma programação agradável com mais de três horas de gravação. A entrevista que fizemos com Clélio Palheta foi, basicamente, nas mesmas condições, tomando cerveja num final de tarde no *Bar do Parque*, espaço que também se constitui como local e objeto de nossas pesquisas. Já as entrevistas realizadas com “Nego Elí” e “Mestre Vieira” foram realizadas em suas próprias residências, mas também envoltas em um clima agradável e festivo. Constatei que de certa forma, estes homens não vivem apenas da boêmia, a boêmia também vive neles.

A vasta literatura sobre *História Oral*¹² tem ensinado que o uso desse tipo de fonte prescinde de uma avaliação prévia, que passa pelos filtros e possibilidades de se cotejar as entrevistas com outros tipos de fontes. Depois de décadas de desconfiança nos meios historiográficos a História Oral goza de certa confiabilidade e pode assemelhar-se a outros tipos de fontes, dado que é amplamente aceito o fato de que todos os tipos de fontes possuem

¹² Sobre História Oral é importante ver: THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**. História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992; AMARAL, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006; ALBERT, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005; MEIHY, José Carlos Sebe B. & HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

limitações e problemas¹³, bem como, possibilitou a ampliação dos leques de pesquisa na área da *história dos excluídos*, ou da denominada *história vista de baixo*¹⁴.

Ao perceber a interação das diferentes dimensões que toma o conceito de “boemia”, entendido aqui, como um conceito extremamente fluido, marcado por uma série de significados e manifestações apreciadas na esfera do lúdico e das formas carnavalescas e satíricas da sociedade¹⁵, no uso do tempo livre e das diversas formas de lazer¹⁶, nas manifestações corriqueiras relacionadas às diversões nas sociabilidades festivas dos homens simples¹⁷, nas atividades profissionais noturnas ligadas a festas, shows e à prostituição¹⁸. Um conceito que se impõe nas diversas características das diferentes experiências de classe¹⁹, percebido em diferentes sonoridades, sentidas de maneira bastante particular por cada sujeito social que com ele manifesta algum tipo de vivência²⁰. Enfim, um conceito que abre inúmeras brechas para discussões das mais variadas searas no campo da *História Cultural*²¹, e que pode ser apreciado de vários ângulos e em várias dimensões. Optei por incluir ao debate da boemia as questões de “poder”, já bastante avalizadas nos estudos de Michel Foucault, como referência do controle às pudicícias e as moralidades vividas no mundo da boemia e da prostituição²².

¹³ Referindo-se às fontes orais, Mercedes Vilanova afirma que “a função mais importante que há de cumprir a História do tempo presente é, sem dúvida, a das fontes orais, é a de desmistificar as interpretações historiográficas: esta função é a base de nosso ofício e das múltiplas utilidades das entrevistas. (...). Ao deixar aflorar vozes por tanto tempo esmagadas, não só escrevemos uma história melhor, também contribuimos para que as fontes orais, surgidas em situações - limite, sejam uma denúncia social politicamente útil”. Cf. VILANOVA, Mercedes. **A História presente e a história oral**. Relações, balanço e perspectivas. In: **Páginas de História**. Laboratório de História/UFPA, vol. II - Nº. 2, 1998, pp. 9-14.

¹⁴ Sobre o conceito de *História vista de baixo* é importante ver: HOBBSAWM, E. **A Outra História**-algumas reflexões. In: FRANTZ, Frederik. (Org.) **A Outra História**. Ideologias e protestos populares nos séculos XVII a XIX. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1990, p. 18-33; SHARPE, Jim. **A história vista de baixo**. In: BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História**: Novas Perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 39-62. 1990, p. 18-33

¹⁵ BAKHTIN, Mikhail. 2008, p. 9-31;

¹⁶ CORBIN, Alain. **História dos Tempos livres**: O advento do lazer. Lisboa: Teorema, 2001, p. 59-60;

¹⁷ MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedço**: Cultura Popular e Lazer na Cidade. São Paulo: HUCITEC, 2003:17-22; MARTINS, José de Souza. 2013, p.9-13

¹⁸ RAGO, **Os Prazeres da Noite**: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930). Paz e Terra, 2008, p. 95

¹⁹ THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo. Companhia das Letras, 1998. p.353-397;

²⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de. **A cidade, a noite e o cronista**: São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru/São Paulo: EDUSC, 2007, p. 32;

²¹ Sobre História Cultural é importante ver: **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005; BARROS, José D’Assunção. História Cultural: Um panorama teórico e historiográfico. **Textos de História**. (Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UNB). Vol. 11, nº 1/2 2003, p.145-171.

²² Dentre os principais trabalhos de Michel Foucault destaco: FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1985; **História da Sexualidade**: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1985; **História da Sexualidade**: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985; **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1989; **Vigiar e Punir**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1977.

Dentre as várias linguagens aqui utilizadas como fonte histórica, e considerando que todo *documento* é um *monumento*, o cinema já se consagra como uma nova referência de abordagem historiográfica que vem tomando fôlego e contribuindo para os debates teóricos e metodológicos da Ciência História, desde a década de 1970, quando a denominada corrente teórica *Nova História*, vinculada à *Escola dos Annales* ampliou o leque de possibilidades discursivas com “novos objetos, novas temáticas e novas abordagens”, capazes de promover uma revolução na análise dos temas tratados pelos historiadores até então²³. Como documento, o filme se manifesta como arte que busca refletir sobre o imaginário das pessoas, sobre a realidade da região e sobre as fortes tensões existentes na Amazônia durante a Ditadura Civil Militar. Como citado anteriormente, utilizei o filme *Iracema Uma transa amazônica*, rodado na região em 1974. Por meio deste filme consegui compreender alguns aspectos da realidade social da região, fundamentais para o enriquecimento do debate sobre prostituição em Belém. Avalio as críticas ao discurso desenvolvimentista através de sua análise e de seus bastidores. Ambos oferecem significativa interpretação das condições sociais vividas à época, e dos ambientes de boemia presentes no subúrbio da cidade.

Como ponto de análise procurei situar os estudos sobre boemia em Belém nos debates que se relacionam ao conceito de modernidade, muito valorizado nos discursos governamentais. As diversões boêmias compreendem apenas uma das várias facetas culturais presentes em Belém da segunda metade do século XX. Elas representam uma gama de experiências culturais que contribuíram para alinhar os lazes, usos e costumes dos diferentes segmentos sociais, em diferentes áreas da cidade. Partindo desse princípio - o olhar sobre o cotidiano boêmio de Belém - associei o tema aos debates vinculados às pesquisas sobre “Cultural e Cidade”, uma vez que, tais manifestações foram dotadas de uma representatividade simbólica bastante expressiva. Darei ênfase à análise sobre as problemáticas ligadas ao “desenvolvimento às avessas”, ao “controle social” e as articulações de “poder” existentes como mediadores das ações e das experiências sociais e “lutas culturais” travadas no campo das representações simbólicas dos lugares de lazer, frequentados pelos mais diversos agentes sociais da cidade de Belém.

No primeiro capítulo discutirei a boemia e seus símbolos de modernidade, atentando para transformações ocorridas na cidade a partir dos anos cinquenta, através da mostra dos serviços de entretenimento expostos nas propagandas de jornal; o espírito de avanço e

²³ Sobre as novas abordagens da História ver: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História: Novas Abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976; **História: Novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976; **História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

modernização vivido no período; o crescimento demográfico da cidade e a descrição dos espaços de boêmia no centro e no subúrbio, bem como um pouco das contradições existentes nas representações dessa boemia. Minha intenção, para além de falar do cotidiano boêmio na capital do Pará, é mostrar de que maneira se desenharam os ambientes e os consumos do lazer e de produtos relacionados com um estilo de vida industrializado e moderno, mostrando os lugares de circulação dos cidadãos e seus circuitos de entretenimento e lazer, procurando descrever toda a rede de movimentação boêmia do período.

No segundo capítulo, analisarei os discursos produzidos acerca do desenvolvimentismo empregados pelo Estado no momento de início dos projetos de integração da Amazônia ao sistema capitalista global. Procurarei demonstrar a incompatibilidade da propaganda oficial com as diferentes realidades vividas na Amazônia, em especial na cidade de Belém, tomando como ponto de análise, principalmente, os problemas sociais existentes na região, dentre eles a prostituição. Analisarei também as críticas ao desenvolvimentismo na Amazônia, tomando como referência o filme supracitado *Iracema*.

No terceiro capítulo, enveredo pelas discussões acerca das políticas repressivas às atividades boêmias e ao meretrício em Belém durante o período da Ditadura Civil Militar, atentando para os debates expostos nos jornais, em especial, no *Folha do Norte*, demonstrando que os debates travados acerca do meretrício extrapolavam as questões de ordem moral e tangenciavam com as discussões de cunho político e social. Procuro avaliar os pormenores das discussões sobre as causas da prostituição no Estado, bem como, os discursos pró e contra a prostituição apresentados pela imprensa; analiso também o empenho do jornal *Folha do Norte* sobre a causa e as implicações que estavam por trás das sucessivas reportagens e polêmicas envolvendo o ato de fechamento da zona do meretrício em 1º de março de 1970.

No quarto capítulo, faço um panorama da vida cultural da cidade de Belém do Pará entre as décadas de cinquenta e oitenta do século XX, nas suas diversas variantes de entretenimento de vida lúdica e boemia, relacionando-as sempre com os aspectos de sociabilidade vivenciados nos lugares e nos núcleos de pessoas que participavam desse cotidiano festeiro na cidade. Nesse universo procuro identificar sujeitos sociais que fizeram parte desse *circuito*, os lugares preferidos da boemia belenense, as relações de sociabilidade, linguagens, músicas e códigos usados no dia a dia das diferentes expressões de boemia. Nestas análises ancorei-me em diversas memórias produzidas pelos sujeitos sociais que de alguma forma se envolveram com a vida lúdica da cidade na segunda metade do século XX.

As lembranças dos entrevistados e os depoimentos coletados por Salomão Laredo são aqui usados como registros de experiências pessoais e coletivas na boemia. As reminiscências representam um material valioso, porém, tive o cuidado necessário com as valorizações excessivas e as omissões. A análise dos depoimentos coletados tive o cuidado de coteja-los com outros documentos, para o melhor entendimento sobre as declarações, recordações e opiniões emitidas por nossos colaboradores.

Assim, pretendo compreender a história de homens e mulheres que faziam desses espaços, seu *lócus* por excelência de entretenimento, lazer e trabalho. O lugar “sagrado” das diversões de final de semana e das madrugadas, um universo boêmio marcado por relações sociais de prazer, alegria e entretenimento, que, não raras vezes, descambava para as brigas, “arruaças e desordens”, assim como, as perseguições policiais. Um ambiente cultural envolto em bebidas, boleros, merengues, boêmios, meretrizes e festeiros, que ajudaram a lograr o espectro da periculosidade e aventura, mas que, ao mesmo tempo, construíram imagens nostálgicas e românticas desses lugares. Representações simbólicas caras, absorvidas pelo imaginário social da população de Belém, ora de forma positivada, ora com grande carga de preconceito e discriminação.

Vamos agora para a leitura do texto, torço para que o caro leitor exerça um bom passeio pelos meandros do universo boêmio da cidade de Belém da segunda metade do século XX. Boa leitura a todas e a todos!

CAPÍTULO I

Boemia e Modernidade em Belém

A segunda metade do século XX assinalou um momento de muitas transformações para a sociedade global. O fim da Segunda Guerra Mundial e o consequente surgimento da denominada Guerra Fria, entre países de vertente capitalista e países do denominado bloco socialista, provocaram uma corrida pela hegemonia mundial, bem como, pela gradual concorrência industrial entre os dois blocos, estimulando a produção em larga escala de bens industrializados e o consumo indiscriminado desses mesmos bens em todo o planeta.

No Brasil essas transformações foram sentidas de forma sensível nas grandes cidades que, lentamente e de formas peculiares, adaptaram-se aos novos padrões de vida, oferecidos por produtos e equipamentos vendidos pelas eficientes propagandas do sistema capitalista. Na cidade de Belém, como em várias outras partes do Brasil e do mundo, esses novos padrões culturais contribuíram para o incremento de novos hábitos e novos costumes, incorporados a vários aspectos da vida de sua população. Houve mudança nos padrões estéticos, comportamentais e de consumo, pautados por um referencial capitalista e industrial que lentamente foi dinamizando o cotidiano da sociedade belenense, introduzindo-a de maneira mais efetiva aos pressupostos da “vida moderna”, já vivenciada por seus cidadãos desde meados do século XIX.

As mudanças de comportamento influenciaram nas práticas de lazer e boemia dos cidadãos que assistiram, a partir desse momento, ao crescimento considerável dos espaços de entretenimento existentes tanto no centro da cidade como nos subúrbios. Passaram a entrar em cena na vida social e boêmia de Belém, as inclinações hedonistas identificadas com o imediato, com o indivíduo, com o corpo e com os deleites mais fugazes do ser humano, se materializando no consumo dos prazeres, sociabilizados entre boêmios, das mais variadas categorias sociais.

Neste capítulo irei apresentar um pouco das noções de modernidade, assim como suas contradições, vividas na cidade de Belém a partir dos anos cinquenta, tomando como parâmetro de análise os discursos produzidos acerca destes temas, especialmente, aquelas colocadas nas propagandas e reportagens publicadas nos jornais, bem como pela descrição dos lugares de lazer e boemia existentes no centro e no subúrbio da cidade.

1.1- Transformações na cidade, novos costumes e novos afazeres em Belém do Pará.

O ano é 1950, a cidade de Belém entra na metade do século falando sobre modernidade. Em um mundo recém-saído da Segunda Guerra Mundial, nos jornais da cidade, os articulistas preveem uma década melhor que a anterior, informando os sucessos e os reveses dos avanços da modernidade. Nas suas conjecturas, eles falavam de progresso e de prosperidade para a população belenense, chamando a atenção para os novos atrativos culturais disponíveis na cidade, diziam que “não se lê como há cinco anos [...] e, no entanto as lojas de discos estão cheias, abrem-se novos cinemas, e nem é preciso falar nos campos de futebol²⁴”. O artigo sugere que a mentalidade dos cidadãos começava a se transformar lentamente e que juntamente com o espírito de consumo industrial, promotor da transformação na vida material, questões de ordem comportamental começavam também a sofrer alterações.

O ranço de pudor e rigidez sexual, também, era lentamente contestado por comportamentos mais transgressores do ponto de vista da sexualidade e da própria moralidade. Nas páginas dedicadas ao entretenimento e ao lazer, a opção de programação exposta nos anúncios mostrava que nas telas dos cines *Moderno* e *Independência* estava sendo exibido *Almas Pecadoras*, filme italiano que abordava um relacionamento proibido entre “um jovem ardente e atrevido que não hesitou em arriscar a própria vida para amar e desfrutar o amor da cunhada²⁵”. Dias depois, os mesmos cinemas “mostrando com toda crueza as horríveis consequências de um dos maiores flagelos da humanidade”, apresentavam “um filme só para homens” e “improprio para menores até 18 anos” os - *Tributos Sexuais*²⁶. Eram filmes exibidos em sessões de 15 e 21 horas, atraindo para esses cinemas jovens e adultos, reunindo-os nas quentes e desconfortáveis salas que, contradizendo a suposta modernidade, ainda eram aparelhadas com bancos de madeira e ventiladores de parede, localizados respectivamente no largo de Nazaré e na Avenida Independência²⁷.

Em 1950 Belém dispunha de um circuito regular de salas de exibição que foram se espalhando pela cidade desde os fins da primeira década do século XX. Oito cinemas

²⁴ Perspectivas de 1949 e 1950: Que trará o ano novo? **A Província do Pará**, 01 jan. 1950, p. 11.

²⁵ *Almas Pecadoras*. **A Província do Pará**, 04 jan. 1950, p. 05.

²⁶ *Moderno e Independência*, amanhã. “*Tributos Sexuais*”. **A Província do Pará**, 17 jan. 1950, p.05.

²⁷ Pedro Veriano enfatiza que nos primeiros anos da década de 1950, grande parte das salas de cinema de Belém estava sucateada, precisando de reparos e reformas, situação que fez com que vários simpatizantes, dentre eles estudantes secundaristas, fizessem uma campanha pressionando os empresários locais donos dos cinemas a investirem nos melhoramentos das respectivas salas. Sobre esse assunto ver: VERIANO, Pedro. **Cinema no Tucupí**. Belém: Secretaria de Estado e Cultura, 1999, p. 34-35.

anunciavam diariamente os filmes em cartaz. O cinema *Olímpia*, o mais antigo, que recebia juntamente com o cine *Iracema* os filmes inéditos que seriam apresentados na capital. Estes dois cinemas disputavam a primazia e o lugar de melhores cinemas da cidade. Num segundo escalão vinham os cines *Poeira*, *Guarani*, *Iris*, *Popular*, *São João*, *Independência* e *Moderno*, todos localizados na região central. Além dessas salas de projeção existiam os cinemas de bairros, que atendiam ao público suburbano, estes não anunciavam suas exhibições nos periódicos, mas tinham seu público cativo nos bairros distantes do centro²⁸.

Figura 1: Fachada do Cine Moderno em 1947. Localizado no largo de Nazaré.



Fonte: VERIANO, 1999, p.80.

Os filmes em cartaz mostravam que as temáticas ligadas à sexualidade e as questões morais já eram bastante comercializadas e ajudavam a aproximar as paragens amazônicas de outras culturas e de outros debates apresentados pelo cinema, trazendo à tona abordagens e assuntos polêmicos ligados ao comportamento e a quebra de determinados tabus e tradições.

²⁸ VERIANO, 1999, p. 45.

Mas, além disso, havia público para este tipo de arte na cidade, um público que, segundo Pedro Veriano, era composto predominantemente de homens jovens e adultos, que se dispunham assistir os filmes eróticos exibidos nesses cinemas, mesmo nas condições em que se encontravam as salas²⁹.

A estrutura dos prédios onde funcionavam esses cinemas espalhados por vários lugares de Belém, tanto no subúrbio como no centro, também foi alvo de reclamação de leitores e dos colunistas que não hesitaram em falar das precárias condições desses estabelecimentos. Os jornais dos primeiros anos da década de cinquenta constantemente criticavam as salas e pronunciavam que:

Os vereadores anunciam uma ofensiva contra os cinemas, a bem dizer, é uma ofensiva que escorre todos os anos para os noticiários da imprensa e fica nisso. Derramada em letras impressas. Os pobres legisladores estão sem meios de passar da palavra à razão. Têm boa vontade, e carradas de razão, para invadir as salas de espetáculo. Não prestam mesmo esses cinemas. São quentes e suarentos, defeituosos, com poucas exceções. Não no calor, que todos eles são fornos. E até aquelas senhoras mais pudicas poderão achar que os cinemas são antros de perdição e imoralidade. São tudo isso encarado sob muitos olhares. Mas também, são o nosso único divertimento, o passatempo que nos é oferecido e que nós todos aceitamos, na falta de outra coisa. E essa é a razão por que nos sujeitamos a suar como estivadores...³⁰.

Os cinemas eram apresentados como uma das poucas opções de lazer existente na Belém do início dos anos cinquenta, pelo menos, é o que apregoa a perspectiva do periódico em questão. A coluna “vida social” mostra que as salas de exibição eram interpretadas de várias formas, sendo inclusive comparadas a lugares de perversão e imoralidade, por causa das possibilidades de assédio as frequentadoras no seu interior. Além disso, eram apresentadas como lugares em condições precárias, por isso a matéria pedia um mínimo de infraestrutura para tornar esse tipo de lazer mais confortável para os seus apreciadores:

Os cinemas resistem galhardamente. Vencem todas as críticas e todas as ameaças. Com cuidado e modo de reclamar, pede-se moderadamente, o reparo de um ventilador sem vida. Não se pede o ar refrigerado, que só existe para amostra no *Amazon Bar*. Seria pedir muito, e nem as mais assíduas frequentadoras, as jovens beirando os quinze anos que não têm idade nem acompanhamento masculino para as frescas sessões da noite de portas abertas, nem essas jovens se abalançariam a pedir tanto³¹.

²⁹ VERIANO, 1999, p. 34.

³⁰ “A nossa salvação” In: Vida Social. **A Província do Pará**. Belém, 02 ago. 1950, p.05.

³¹ “A nossa salvação” In: Vida Social. **A Província do Pará**. Belém, 02 ago. 1950, p.05.

Havia discordância no discurso daqueles articulistas que viam o cinema como uma alternativa para a população que tinha interesse em buscar um tipo de lazer mais barato, e aqueles que viam no cinema um lugar de entretenimento que roubava o público de outras opções culturais, como o da leitura, por exemplo, citado nas linhas iniciais deste capítulo. Presente na cidade há quatro décadas, o cinema resistia bravamente às críticas que projetavam na sétima arte uma ameaça a outras formas de atrativos culturais³². Tais críticas enfatizavam que os mesmos encontravam-se obsoletos e, ao mesmo tempo, empobreciam a capacidade criativa do cidadão. O choque entre modernidade e atraso estava presente na ambiguidade do discurso que representava o cinema como uma das poucas e precárias formas de lazer disponíveis a população. Equipado com ventiladores, representações tecnológicas e industriais de um tempo passado, não possuindo os aparelhos de ar refrigerado, vistos como modernos, porém, indisponíveis, presentes no cotidiano belenense apenas como artigos de enfeites em poucos lugares da cidade. Dava-se o conflito entre o “moderno” e o “ultrapassado”, reforçado pelo incremento do discurso industrial e de consumo de novas tecnologias mais avançadas naquele momento.

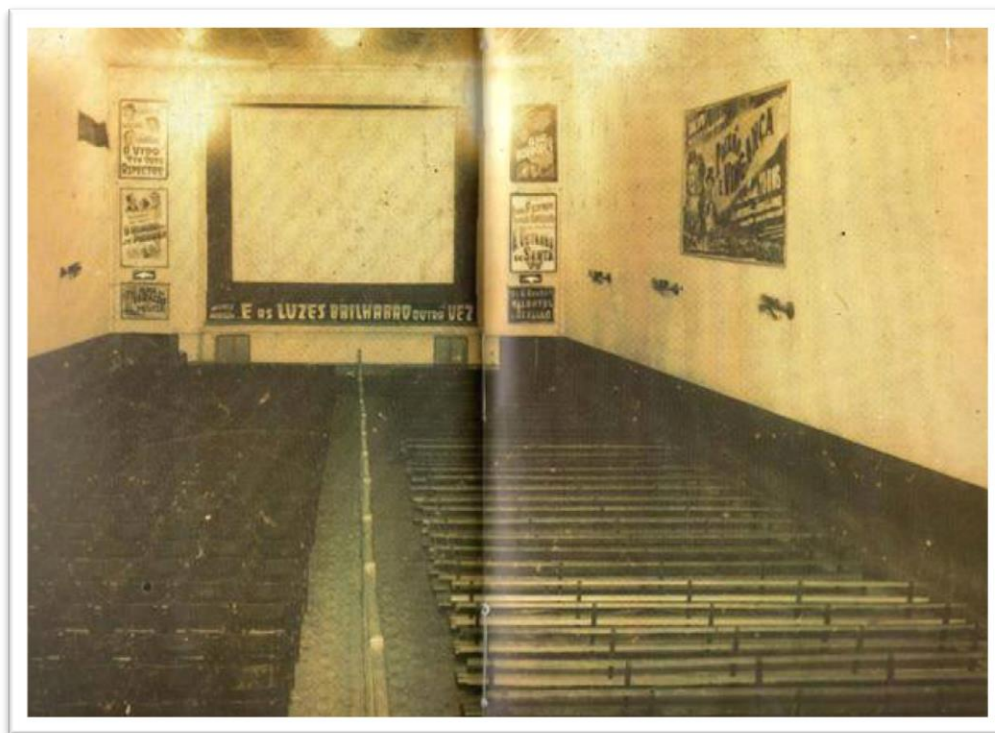
Figura 2: Interior do Cine Moderno. Observe a diferença entre assentos, organizados para dividir e separar a primeira classe da segunda classe.



Fonte: VERIANO, 1999, p. 81.

³² Interessante debate acerca das expressões culturais representadas pelo cinema e a capacidade de aceitação do mesmo como produto cultural encontra-se nas críticas feitas por Adorno a Walter Benjamim. Sobre esse assunto ver: MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações:** Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009.

Figura 3: Tomada da mesma sala de outro ângulo.



Fonte. VERIANO, 1999, p. 82.

Apesar de tudo, o cinema permanecia como uma das poucas alternativas de lazer populares da cidade. Até a década de sessenta eles eram um dos elos de Belém com o mundo. As novas tecnologias surgidas ainda na década de cinquenta, como a televisão, foram suplantando lentamente o papel que o cinema ocupava como entretenimento de grande público nesta capital.

Ao contrário da forma como apresentavam as salas de cinemas, os jornais representavam as boates e casas de shows como lugares de *glamour*. As propagandas de *A Província do Pará* anunciavam que bem próximo aos cinemas do centro da cidade, na Avenida Quintino Bocaiúva, nº 707, no *Hotel Garés*, o cantor e compositor francês Domi Spada³³ dava o tom das valsas, tangos, boleros, sambas e foxes tocados a partir das 11 horas. Os shows aconteciam em uma boate no interior do Hotel, no *Bar Teatro Tropical*, “a boite elegante de Belém” e alegravam um público formado por homens e mulheres da terra e por viajantes de passagem pela cidade que, provavelmente, não se furtavam em apreciar um show

³³ Não conseguimos obter dados substanciais sobre o autor, mas trata-se de um cantor de tangos e valsas (1907-1977), com vários discos gravados que circulou por toda a Europa, América do Norte e América Latina, principalmente nos anos quarenta e cinquenta. Ver: acervo da **Bibliothèque Nationale de France**. Disponível em data.bnf.fr.

com *crooner* e orquestra de *big band*³⁴. Ainda segundo os anúncios, o mesmo bar também oferecia para seus clientes, diariamente, shows e bailes de dança, “a partir das 20 horas, com ótimo conjunto musical” e um serviço de restaurante com cozinha francesa³⁵.

Seguindo as opções de lazer dispostas nas propagandas dos jornais, saímos do eixo central da cidade e rumamos para a zona sul, pela então Avenida 22 de Junho (Atual Avenida Alcindo Cacela)³⁶, e chegamos ao bairro da Condor³⁷, subúrbio de Belém. Neste bairro o *Bar da Condor* (nominado de *Palácio dos Bares* a partir dos anos sessenta³⁸), representado como “recanto encantado da cidade”, localizado na Praça Princesa Izabel, as margens do denominado “lendário rio Guamá³⁹”, era o cenário das atrações apresentadas por seu dono e mestre de cerimônias João de Barros, “o homem dos grandes empreendimentos”. Ele anunciava atrações como Álvaro Almeida e sua *big* orquestra, e para completar à noite, a apresentação da programação da Rádio PRC5 - a *Rádio Clube do Pará*⁴⁰ - que transmitia o espetáculo *Vassourinha*, vendido como “o maior cartaz de nossa capital e muitos outros⁴¹”. Em outro encarte, o jornal anunciava a “petizada de Belém”, o início de seu primeiro baile de carnaval infantil do ano, e “para dar maior brilhantismo a este baile” contava com a “*big*

³⁴ Tropical Bar. **A Província do Pará**. Belém, 21 jan. 1950, p. 03.

³⁵ Hotel Garés. **A Província do Pará**. Belém, 03 jan. 1950, p. 05.

³⁶ Atual Avenida Alcindo Cacela, esta via foi aberta no final do século XIX, e fazia a ligação da cidade com o forno crematório de incineração de lixo, inaugurado em 1901. Mais tarde foi ampliada até as margens do rio Guamá para dar acesso ao ponto de embarque e desembarque das viagens aéreas feitas na época pela empresa Condor de aviação. Ver CRUZ, **Ruas de Belém**. Belém: Cejup, 1992.

³⁷ O nome do bairro surgiu, em função de no local ter sido construído o porto de aviação da empresa estrangeira *Transportes Aéreos Condor*, comumente denominado até os dias atuais de *Côndor* pelos moradores de Belém. Neste local se formaram ainda na década de 1930 a Praça Princesa Izabel e o Bar da Condor, posteriormente a partir dos anos cinquenta começaram a surgir dezenas de casinhas e palafitas nos arredores da Praça. Durante toda a década de 1930 até o final da década de 1940, quando foi construído o Aeroporto Internacional de Belém, o Aeroporto Internacional da cidade foi neste local, às margens do Rio Guamá, as aeronaves (aviões anfíbios) pousavam nas águas do Guamá. Ver PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém Estudo de Geografia Urbana**. Belém: Edufpa, 1968; Sobre a tradição boêmia do bairro da Condor, tratarei detidamente mais adiante.

³⁸ Vou nominar esse espaço de forma livre ora como *Bar da Condor*, ora como *Palácio dos Bares*.

³⁹ Esta expressão ficou comumente falada por Herastos Banhos, apresentador e mestres de cerimônias do Bar da Condor nas décadas de 1950 e 1960 ao dar as boas-vindas aos clientes do bar. Tudo indica que ela está inspirada na lenda da “cobra grande” que grassava pelas periferias de Belém que se situam as margens do rio. Tratava-se de uma forma de intimidação feita pelas mães para que seus filhos não tomassem banho no rio, que tem águas caudalosas e correnteza muito forte. Segundo Salomão Laredo, a lenda da “cobra grande” que era propalada pela vizinhança do bar era a de que a cobra “engolia as vítimas para vomitá-las três dias depois envoltas numa espécie de casulo viscoso”. Ver: LAREDO, 2003 p. 144.

⁴⁰ Fundada em 22 de abril de 1928, a Rádio Clube do Pará foi a quarta rádio no formato de “rádio clube”, com sócios assinantes, sendo precedida pelas Rádio Clube Roquete Pinto do Rio de Janeiro, de Ribeirão Preto - SP e de Pernambuco. Foi durante muito tempo a rádio mais importante da região norte. É interessante ver: COSTA, Luciana Miranda (Org.). **O Pará nas Ondas do Rádio**. Belém: UFPA, 2007. Disponível em: <http://www.oparanasondasradio.ufpa.br/30radioclube.htm>; ver também excelente trabalho de: OLIVEIRA, Erito Vânio Bastos de. **Modernidade e integração na Amazônia: Intelligentsia e Broadcasting no entre guerras, 1923 -1937**. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia), Programa de Pós Graduação em História – PPHIST, Universidade Federal do Pará, 2011.

⁴¹ Bar da Condor. Domingo 8 do corrente. **A Província do Pará**. Belém, 07 jan. 1950, p.05.

orquestra de 12 Professores”, responsável por executar as novas marchas de carnaval para o ano de 1950⁴².

Por estes e outros anúncios, é possível identificar em Belém uma sociedade que passava por transformações nos hábitos culturais e de consumo através da obtenção de novos gostos e da oferta de produtos e serviços, constantemente relacionados com uma dinâmica de vida “moderna, aprazível e prática”. Ser moderno naquele momento era, além de poder usufruir dos artigos e confortos disponíveis no mercado, possuir poder aquisitivo para usufruir também dos lazeres e atrações que, além de facilitar o modo de vida ou possibilitar sensações de prazer, proporcionavam *status* social para aqueles sujeitos que frequentavam os ambientes “ditos” sofisticados. Estes mesmos anúncios apresentavam a cidade de Belém como um local cosmopolita e internacional, capaz de receber turistas de todos os lugares e de estar conectada com as transformações mundiais decorrentes de um acelerado processo de modernização industrial pós Segunda Guerra Mundial.

Este período da história será denominado pela historiografia como “Os anos dourados” do sistema capitalista, momento em que grande parte dos países desenvolvidos avançou significativamente nos quesitos tecnológicos e de expansão de mercado. Segundo Eric Hobsbawm, os Estados Unidos, apesar de ter crescido menos que outros países capitalistas, foi o grande baluarte da propaganda cultural de produtos e de novos padrões de consumo que foram exportados para os demais países em estágio de desenvolvimento, denominados à época de países de terceiro mundo. O Brasil, como país continental e de referência na América Latina, sofreu sobejamente as influências dessa guinada expansionista do sistema capitalista pós Segunda Guerra Mundial⁴³.

Identificada nos boletins estatísticos como uma das principais capitais da região norte e a principal do estado do Pará, nos anos cinquenta, Belém retomava o processo de crescimento populacional e de desenvolvimento urbano, após sofrer decréscimo nas décadas anteriores, em virtude provavelmente da crise econômica que se seguiu após o declínio da economia da borracha na região. Na prática, a crise econômica pela qual Belém passou, nos anos dez, vinte e trinta influenciou inclusive na retração demográfica de sua população como nos mostra a tabela abaixo⁴⁴.

⁴² “Bar da Condor”: Alerta petizada de Belém. **A Província do Pará**, 13 jan. 1950, p. 05.

⁴³ HOBBSAWM, Eric. “Os anos dourados”. In: **Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 253-281.

⁴⁴ A historiografia que estuda o período econômico da borracha na Amazônia aponta que a partir do declínio da mesma, aproximadamente a partir de 1912, houve um retrocesso econômico em toda a região amazônica e principalmente nas principais capitais econômicas da borracha, Belém e Manaus, decadência essa que levou os setores de comércio e indústria da região a sofrerem com as consequências da estagnação da economia gomífera,

Tabela 1: População de Belém.

Ano	População
1920	236.400
1940	208.706
1950	225.218
1960	359.988

Fonte: PENTEADO, 1968, p. 207.

Para compreender os fatores que contribuíram para o declínio econômico e a retração demográfica da cidade, Pere Petit defende que, deve ser levado em consideração às consequências, na Amazônia, do colapso do sistema capitalista no final da década de vinte com o *crack* da bolsa de valores de Nova Iorque. Este autor aponta que entre as décadas de 1910 e 1940 houve “uma fase de declínio econômico” seguido de “uma fase de crescimento moderado”, principalmente após a segunda metade da década de 1940⁴⁵. De fato, percebe-se, pelos números apresentados (tab. 1), que a partir da década de 1950 a cidade de Belém reinicia o processo de recuperação demográfica, dando indícios de que a mesma passava nesse momento por uma fase de dinamização das suas atividades e, conseqüentemente, por aumento do fluxo migratório para a capital⁴⁶.

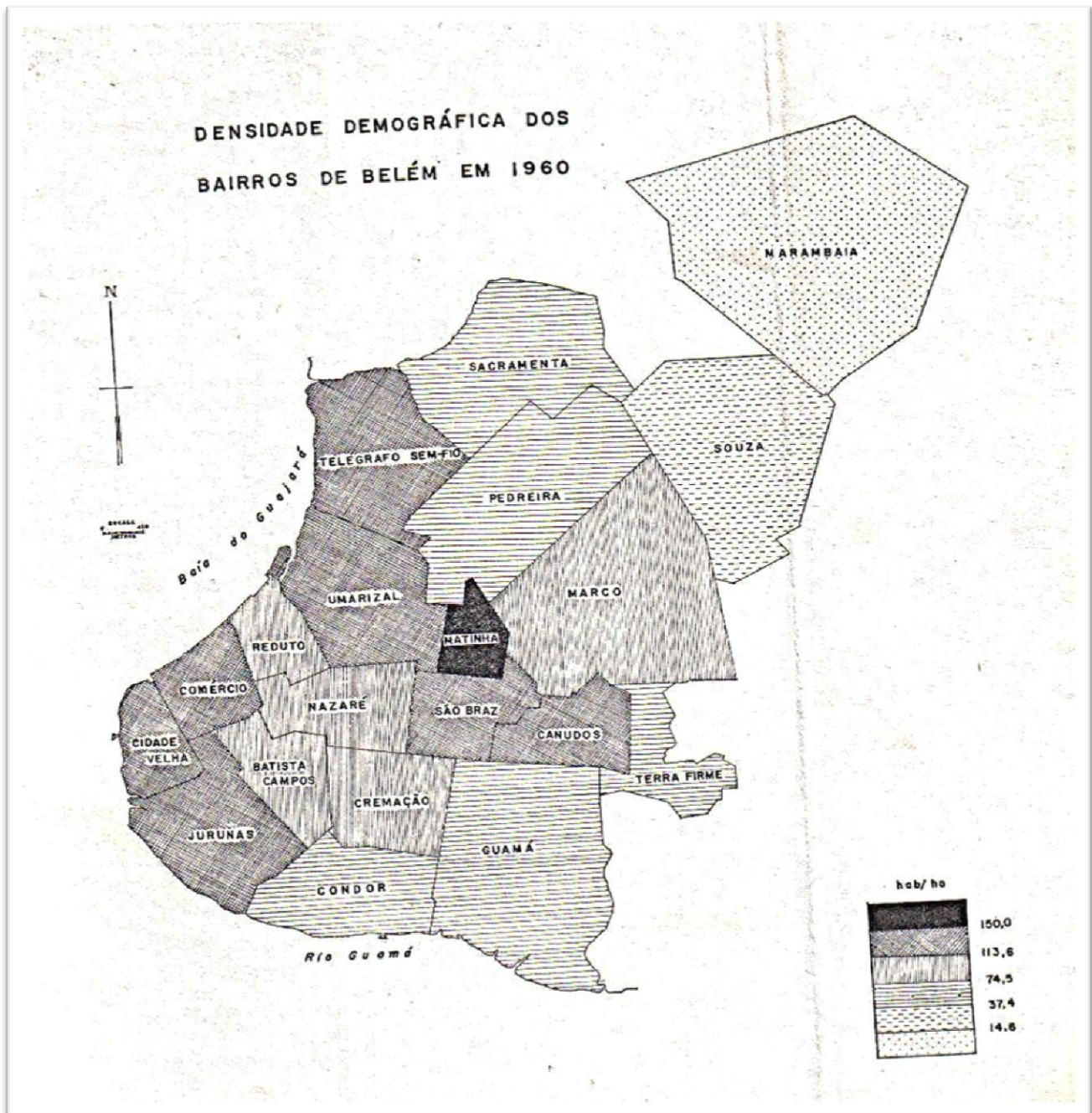
Os números expostos na tabela acima dizem muito acerca do processo de crescimento da capital do Pará a partir dos anos cinquenta. O crescimento econômico e populacional, somado ao aumento das atividades e da oferta de produtos e serviços, corrobora com a ideia de que a Belém do período vivia uma nova fase de desenvolvimento, traduzida nas décadas seguintes, em um crescimento considerável da área urbana da cidade. Ocorreu a partir desse momento, a expansão suburbana até os limites dos municípios vizinhos (mapa 1), o que, no entanto, não significou a melhoria da qualidade de vida, nem a inclusão social dos setores menos favorecidos da sociedade nas políticas desenvolvimentista na região, como terei oportunidade de demonstrar no momento oportuno.

causando reflexos, inclusive, na diminuição considerável da população dessas cidades. Sobre esse tema é importante ver o trabalho de SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia**. São Paulo: Quatro, 1980.

⁴⁵ PETIT, Pere. **Chão de Promessas**: Elites Políticas e Transformações Econômicas no Estado do Pará pós-1964. Belém: Paka-Tatu, 2003, p. 59-64.

⁴⁶ PENTEADO, 1968, p. 207.

Mapa 1: Divisão física dos bairros de Belém.



Fonte: PENTEADO, 1968, p. 198.

O intenso movimento portuário e de comércio, de certa forma contribuiu para manter a capital do Pará na posição de destaque econômico que possibilitou o reestabelecimento de suas atividades após três décadas de crise, possibilitando também o crescimento demográfico. Os incrementos capitalistas se manifestaram em diversos setores da economia após o fim da

Segunda Guerra Mundial tornando a vida dos cidadãos mais complexa e variada⁴⁷. Nas décadas de sessenta e setenta várias atividades passaram a incrementar a economia da região estimulando os investimentos institucionais e o crescimento demográfico, como veremos mais adiante. Dentre os ramos de atividade que se destacaram a partir da década de cinquenta na cidade, podem ser identificados vários setores econômicos, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 2: Atividades econômicas desenvolvidas em Belém na década de 1950.

Atividades	Belém	Estado do Pará	% de Belém sobre o Pará
Agricultura, Pecuária e Silvicultura	2.555	165.605	1,54
Indústria Extrativista	3.638	71.174	5,11
Indústria de Transformação	14.611	23.888	61,16
Comércio de Mercadorias	12.322	22.779	54,10
Comércio de Imóveis	830	897	92,65
Prestação de Serviços	17.525	27.140	64,57
Transportes, Comunicações e Armazenagem	12.581	18.247	68,94
Profissões liberais	697	884	78,84
Atividades sociais	5.696	9.551	62,67
Administração pública, legislativo, justiça	2.834	5.369	52,78
Defesa nacional e segurança pública	5.468	5.954	91,83
Atividades domésticas	98.028	374.029	26,20
Condições Inativas	13.512	54.405	24,65

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - VI Recenseamento Geral do Brasil, 1950, vol. X. Tomo I, p. 80 – 81. Apud. PENTEADO, 1968, p. 201.

Vê-se que a economia do estado do Pará, durante a década de 1950, pautava-se nos setores de serviços e comércio e que Belém destacava-se no quadro geral. Na década de sessenta, o crescimento sofre sensível elevação com a implantação dos “Grandes Projeto de Integração Nacional”, já no momento da Ditadura Civil e Militar. Este Regime implantou na

⁴⁷ PENTEADO. 1968, p. 193-197

Amazônia um projeto de modernização pautado na Doutrina de Segurança Nacional cujo principal objetivo era equiparar o Brasil aos países desenvolvidos. Para atingir este objetivo, os militares puseram em prática projetos que visavam desde as reformas institucionais, o desenvolvimento econômico, o povoamento, até a integração da Amazônia ao restante do país⁴⁸.

Outro dado interessante deste período é perceber que Belém se mantinha como o principal vetor econômico do estado, transformando-se no centro de convergências econômicas e culturais, corroborando para a fala que uma década depois ficou consagrada nas máximas jornalísticas, bem como, nas vinhetas radiofônicas que anunciavam Belém como “a metrópole da Amazônia⁴⁹”.

O papel de destaque da capital, como o maior centro de convergência econômico da região, diz muito se levarmos em consideração as atividades comerciais e sociais, estas diretamente relacionadas com o cotidiano social da cidade e com o mundo do lazer e da boemia. Modas, gostos e consumos de produtos e espaços culturais e de entretenimento ratificavam a posição de entreposto que Belém ocupava, incluindo-a na agenda das capitais internacionais disponíveis aos turistas e viajantes de passagem, o elo principal entre a Amazônia e o restante mundo.

Belém possuía uma estrutura hoteleira e de restaurantes satisfatória para a época. Nas páginas dos periódicos do início dos anos cinquenta, anunciavam-se desde os mais famosos, como o *Grande Hotel* e o *Hotel Avenida*, até os de menor porte, como o *Novo América*. A frequência dos anúncios veiculados na imprensa, oferecendo os produtos disponíveis nas casas de entretenimento, restaurantes e bares tentavam atrair o público consumidor, oferecendo prazeres e gostos sofisticados, também afinados com determinado estilo de vida moderno. As ofertas e propagandas sempre os relacionavam aos “bons gostos” e aos produtos

⁴⁸Existem muitas críticas ao projeto modernizador pensado para o Brasil pelos militares. Dentre elas estão a dizimação de uma série de comunidades tradicionais. Para mais detalhes. Ver: FERNANDEZ, Ramon Garcia; SERRA, Mauricio Aguiar. Perspectiva de desenvolvimento da Amazônia: motivos para o otimismo e para o pessimismo. **Revista Economia e Sociedade**, Campinas, v. 13, n. 2 (23), p. 107-131, jul./dez. 2004.

⁴⁹Rubens Ferreira ao sintetizar um conjunto de trabalhos acadêmicos em diferentes áreas, afirma que: “Sobre a cidade que ostenta o título de ‘Metrópole da Amazônia’. Enquanto tal, as pesquisas que aparecem sintetizadas em “Belém do Pará...”, algumas das quais resultantes de trabalhos defendidos em cursos de pós-graduação, revelam um espaço complexo, no qual estão impressas particularidades históricas e simbólicas que ajudam o leitor a compreender a identidade dos belenenses. Numa outra dimensão, a complexidade na metrópole paraense é constituída por um mosaico psicossocial diverso. Por meio dele, é possível evidenciar como gênero e expressões de comportamento individuais e/ou coletivos, por exemplo, sustentam a dinâmica da vida social em Belém. A economia local, sob o enfoque micro, bem como as políticas públicas para a cidade, também são tomadas para refletir o seu nível de desenvolvimento”. Sobre esse tema ver: FERREIRA, Rubens da Silva. “Belém do Pará: Uma metrópole amazônica à luz do olhar interdisciplinar”. **Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi. Ciênc. Hum.**, Belém, v. 6, N. 3, p. 623-626, set-dez 2011.

chics com boa mesa, bons *mettlers*, bons músicos e shows variados. Todos os anúncios normalmente eram expostos em uma mesma sessão dos periódicos, favorecendo a concorrência, uma vez que o leitor podia se deparar com várias opções que apresentavam os mais diferentes apelos publicitários. Uma rápida análise nos encartes publicados na imprensa possibilita perceber as intenções publicitárias por trás dos anúncios, é o que mostram as imagens a seguir:

Figura 4: Propaganda do Hotel Avenida.



Fonte: **A Província do Pará**, Belém 08 jan. 1950, p. 6;

Figura 5: Propaganda do Hotel Garés.



Fonte: **A Província do Pará**, Belém 03 jan. 1950, p. 5.

O encarte do *Hotel Avenida* (fig. 4) mostra ilustrações e um texto descritivo com a função de apresentar os serviços oferecidos pelo estabelecimento. O anúncio apregoa “Conforto, Distinção, Ordem” – indicação de filtro para o tipo de frequentador desejado pelo estabelecimento, talvez uma mensagem subliminar expressa para indicar que apesar de sua localização próxima a zona do meretrício, esse espaço distinguia-se por oferecer serviços e padrões de comportamento contrários àquele lugar, considerado de desordens. Já no encarte do *Hotel Garés* (fig. 5) a propaganda é mais objetiva, os anúncios publicitários se limitam a informar seus serviços de diversão noturna e restaurante, para um público exigente de boa música e boa cozinha.

Os anúncios veiculados nos jornais paraenses, também, objetivavam atrair para aqueles lugares os diversos viajantes que passavam pela cidade. Belém fazia parte de um circuito internacional de comércio, recebendo mensalmente centenas de navios de diversas procedências que faziam paradas nos portos da cidade, para deixar e pegar passageiros e mercadorias. Como entreposto comercial, a cidade funcionava como um importante espaço receptor e transmissor cultural, conectado com o sul e sudeste do país, com toda a América Caribenha, América do Norte, Europa, Ásia e África⁵⁰. Além da freguesia local, este movimento, também, alimentava o comércio da boêmia. Havia, portanto, uma diversidade de produtos e atrações apazíveis, para um público diverso, morador e de passagem pela cidade.

Em alguns casos, as propagandas anunciavam hotéis que ofereciam serviços a preços mais acessíveis, é o caso do *Hotel Nova América* (fig. 6), que visava atrair viajantes de poder aquisitivo mais modesto. Pessoas que circulavam por ruas do centro, porém localizadas fora do eixo da principal avenida, onde se encontrava parte dos hotéis da cidade.

A localização do estabelecimento comercial, em grande medida, era definidora do tipo de clientela que nele seria alojado. Grande parte dos hotéis e restaurantes da cidade localizavam-se na Avenida 15 de agosto, uma das principais avenidas de Belém à época. Era nesta avenida, definida como “larga e moderna”, onde os grandes empreendimentos turísticos e de negócios foram consolidados desde os tempos da economia da borracha, que circulavam o maior fluxo de cidadãos e viajantes de passagem. A proximidade desta avenida com o porto tornava-a um dos principais pontos turísticos e de entretenimento, favorecendo os empreendimentos de restaurantes e hotéis instalados naquela área.

⁵⁰ Sobre o crescimento comercial da cidade e a influência do porto é importante ver: CRUZ, Ernesto. **História de Belém**. Vol.2, Belém: EDUFPA, 1973, p. 483; PENTEADO, 1968, p. 182.

Figura 6: Propaganda do Hotel Nova América



Fonte: **A Província do Pará**, Belém 15 jan. 1950, p. 5

O *Hotel Nova América*, localizava-se mais ao centro do bairro comercial distanciando-se daquela avenida, o que contribuía para a definição do tipo de público que o frequentaria. A proximidade da zona do meretrício, talvez, tenha influenciado no tipo de anúncio apresentado, oferecendo pacotes econômicos, a um público mais popular, ou, quem sabe, para os próprios frequentadores do meretrício. Veremos mais adiante que o circuito cultural e boêmio soube absorver essas demandas oferecendo seus serviços acompanhados de atrações musicais internacionais, shows de *strip-tease*, cassinos, uísques, meretrizes e demais atrativos noturnos disponíveis nos principais estabelecimentos da cidade.

A cidade de Belém viveu, portanto, a partir da década de cinquenta, um novo dinamismo nas práticas de consumo e nos costumes, recuperando-se lentamente da estagnação do crescimento econômico que vivenciara nas primeiras décadas do século XX. O estímulo ao consumo mais intenso, oferecido aos belenenses nesta década, e nas décadas posteriores, modificou pontos substanciais do estilo de vida da população que viria a cristalizar hábitos de um sistema capitalista pautado no consumo exacerbado de vários tipos de produtos, na mudança de posturas, nas transgressões de comportamento e numa dinâmica de prazeres voltados mais para o corpo e para as questões mais imediatas da vida contemporânea.

Reitero que outro fator importante, e que não pode ser desprezado, é que a partir da década de 1950, na cidade de Belém e na Amazônia, iniciaram-se os processos de transformações econômicas, em grande parte, pautados no incremento de recursos voltados ao desenvolvimento capitalista na região. Era o tempo dos “50 anos em 5⁵¹”, projeto este que visava o crescimento do país a partir de planos governamentais que tinham como meta à “Integração Nacional” e o desenvolvimento capitalista nas regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste. O resultado dessa política econômica culminou em obras simbólicas e de referência para propagandear tal política de governo. É o caso da construção de Brasília, bem como, da criação das diversas rodovias que ligaram os quatro cantos do país, possibilitando assim, o alojamento de empreiteiras que ficaram responsáveis em construir a infraestrutura básica para a implantação de projetos econômicos de caráter desenvolvimentistas que se realizaram nas três décadas posteriores, nem sempre atingindo os resultados esperados no sentido de construção da estrutura necessária para o desenvolvimento dos vários polos econômicos da região.

Como resultado desses investimentos, evidenciou-se um significativo crescimento urbano e populacional nas principais cidades da região Norte e uma variedade de transformações nos hábitos, nos costumes e na dinâmica de vida material, propiciadas principalmente pela diversidade cultural e pelo grande fluxo de pessoas nesses lugares.

A vida lúdica da cidade de Belém ganhou corpo e se amplificou justamente nesse momento de crescimento da cidade, se estabelecendo em determinados espaços circunscritos, que passaram a representar verdadeiros lugares de boemia, principalmente, por ter nesses locais uma grande concentração de cabarés, casas de shows, bares, boates gafieiras e casas de pensão. Veremos posteriormente que os bairros da Condor e da Campina passam a se destacar nesse momento como os maiores circuitos de boemia da cidade.

A vida cultural e boêmia de Belém, estampada nos jornais, enfatizava, em certa medida, os lugares de lazer e diversão destinados a um público identificado com a denominada “boa sociedade” que frequentava os ambientes chamados pela imprensa de “familiares”. Propagandas de bailes em sedes de bairro ou em clubes sociais conclamavam seus sócios e simpatizantes a participarem de suas programações e promoções dançantes ou beneficentes, chamando atenção para os “bailes tradicionais” realizados por diversas agremiações. Era comum em vários anúncios de festas a convocação de “associados e familiares” para prestigiarem as *soirées* com bailes e bandas de *Jazz* ou com orquestras ou

⁵¹ Trata-se do *Slogan* utilizado por Juscelino Kubitschek no momento de sua campanha para presidente. KUBITSCHKE, Juscelino. **Por que Construir Brasília**. Brasília: Edições do Senado, 2010, p.13.

conjuntos consagrados⁵². Assim como, o anúncio das casas de noite com suas apresentações internacionais, procurando mostrar aos leitores um estilo de vida noturno na cidade que poderia ser identificado aos de uma cidade localizada em qualquer lugar do mundo. Os anúncios revelam que a Belém dos anos cinquenta esforçava-se para manter a tradição de trazer grandes artistas e apresentações do circuito internacional de música, teatro ou cinema.

É importante lembrar que ao longo do período de florescimento da economia da borracha, entre meados do século XIX e a primeira década do século XX, desenvolveu-se um padrão de consumo cultural baseado nos moldes europeus da denominada cultura da dita *Belle Époque*. Na cidade de Belém a elite cultural e financeira responsabilizou-se por criar toda uma infraestrutura com teatros, hotéis e cafés para receber turistas e atrações consagradas de grandes companhias de teatro, ópera, cantores líricos, orquestras e grupos de balé que dinamizavam os gostos e os prazeres da elite belenense⁵³. Nos anos cinquenta a tradição de importar eventos culturais se manteve, trazendo para a praça local atrações internacionais, principalmente de artistas caribenhos, muito comuns na cidade deste período. As apresentações internacionais de cantores caribenhos e europeus, anunciados nos encartes do *Hotel Garés* (fig. 7), não eram as únicas ofertas na cidade, este ambiente disputava mercado com outros estabelecimentos. Os anúncios de artistas nacionais e internacionais apresentados pelo *Bar da Condor*, pela *Boate Studium* (que se localizava no interior do *Grande Hotel*), e por outros estabelecimentos, bares e clubes, chamavam a atenção dos leitores para a presença das atrações na cidade, divulgando cotidianamente seus eventos nos jornais e nas rádios. Além do *Hotel Garés* e do *Bar da Condor*, anunciaram seus eventos nos jornais o *Asas Bar*, *Delta Club*, *São Domingos*, *Pará Clube*, *Tuna Luso Comercial*, *Bancrévea*, *Associação dos Subtenentes e Sargentos*, *Sete de Setembro*, *Assembleia Paraense*, *Clube do Remo* e muitos outros clubes que divulgavam seus bailes para a sociedade belenense.

É importante destacar que muitas das propagandas de shows veiculadas nos periódicos da cidade também eram feitas na Rádio PRC5, pois muitos artistas internacionais que vinham

⁵² Cito aqui como forma de amostragem cinco anúncios publicados em jornais dos anos cinquenta: *Tuna Luso Comercial*: “Festa da Recordação”. **A Província do Pará**, Belém, 02 jul. 1950, p. 5; *Bancrévea*. “A Noite da Valsa”. **A Província do Pará**, Belém, 11 mai. 1950, p.5; *Delta Clube*. “Matinal das Moças”. **A Província do Pará**, Belém, 28 mai. 1950, p.5; *Delta Clube*. “Soirée Dançante”. **A Província do Pará**, Belém, 05 nov. 1950, p.5; *Assembleia Paraense*. “Carnaval de 1950”. **O Estado do Pará**, Belém, 29 jan. 1950, p. 1.

⁵³ Existe uma vasta bibliografia que aborda o tema em nível local. Dentre eles podemos destacar: COELHO, Geraldo Mártires. **O Brilho da Supernova: A morte bela de Carlos Gomes**. Rio de Janeiro: Agir, 1995; SARGES, Maria de Nazaré. **Riquezas Produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2002; SILVEIRA, Rose. **Histórias Invisíveis do Teatro da Paz: da construção à primeira reforma**. Belém do Grão-Pará (1869-1890). Belém: Paka-Tatu, 2010.

em temporadas à Belém, também se apresentavam nos programas de auditório da Rádio Clube do Pará.

Figura 7: Propaganda do *Hotel Garés*



Fonte: **A Província do Pará**, Belém (1950, p.5).

Em muitos desses anúncios à chamada fazia referência a normas de conduta e vestimenta adequada aos seus bailes, como nos mostra o anúncio sobre o “Baile das Flores” realizado pela *Assembleia Paraense*.

Honra-se sobremodo a Diretoria da “ASSEMBLEIA PARAENSE” em convidar o digno quadro social e suas famílias para o “BAILE DAS FLORES” festa tradicional que será realizada no último sábado de maio dia 27.

O traje é de rigor, **não sendo permitido o branco**, ainda que naquele caráter.

O ingresso far-se-á mediante a apresentação do recibo número 5

As disposições estatutárias no que concerne à Família do sócio, serão rigorosamente cumpridas.

Mesas sob reserva na Secretaria com o Diretor Marçal. Estando já a esgotar-se pelo excessivo número de pedidos, devem os interessados vir salda-las sob pena das mesmas serem transpassadas a outrem.

Início do BAILE -22 e meia horas

Pela Diretoria:

Aluno: Flávio de Farias Nobre – 2º Secretário⁵⁴. (grifo meu)

As exigências colocadas aos frequentadores e sócios do clube são indícios de que o público preferido e associado a esta *Assembleia* era de uma elite financeira local que se diferenciava pela vestimenta, pela possibilidade de se fazer presente em um baile de gala e, provavelmente, pelo poder aquisitivo, influência social e política, exercida na cidade. A proibição do uso da roupa branca é sintomática. Esta cor fora associada desde fins do século XIX a higiene, mas, sobretudo, o branco era a cor da roupa vestida no trabalho cotidiano. A roupa social era colorida e mais cara, talvez, este imaginário ainda estivesse presente em meados do século XX⁵⁵.

A vida noturna anunciada nos periódicos privilegiava as casas de luxo ou clubes sociais, em grande medida, porque seus proprietários ou associados tinham condições de anunciar os seus serviços e eventos a fim de receber um público mais seletivo. Pela determinação de regras a serem seguidas no interior destes clubes, seus promotores buscavam fazer uma triagem, selecionando entre a população um público dotado do *capital cultural* que acreditavam ser necessário para os frequentadores destes ambientes que se queriam socialmente elitizados. E, como mencionado anteriormente, o conjunto de propagandas davam ares de grande capital da região à cidade de Belém dos anos cinquenta, mostrando a diversidade de opções apresentadas por empresários do entretenimento e por clubes e associações, mas ao mesmo tempo em que, mostrava o ar tradicional, elitista e conservador de determinados segmentos sociais ao publicarem as exigências de acesso do público frequentador nos bailes “familiares”.

É perceptível que neste período, a noção de modernidade se fazia presente através da socialização de hábitos universais incorporados ao cotidiano dos moradores de Belém, tendo sempre a imprensa como principal divulgadora das modas, gostos e entretenimentos disponíveis na cidade. Os jornais *Folha do Norte*, *O Estado do Pará*, *O Liberal* e *A Província do Pará*, assim como diversos outros veículos de comunicação no país também sofreram os efeitos das mudanças que paulatinamente transformaram a imprensa impressa no Brasil, mudando não apenas a técnica de impressão, como também a forma narrativa e de abordagem

⁵⁴ ASSEMBLEIA PARAENSE: Baile das Flores. **A Província do Pará**, Belém, 20 mai. 1950, p. 05

⁵⁵ Sobre esse tema ver: COIMBRA, Adriana Modesto. **A Cidade como Narrativa**: Francisco Bolonha e o papel da arquitetura e da Engenharia no processo de modernização da cidade de Belém – 1897-1938. Campinas SP: Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2014, p. 181.

temática e jornalística⁵⁶. Foi comum por esta época, em grandes veículos de comunicação do Brasil, uma substancial mudança nos anúncios e na vinculação jornalística das reportagens e no *marketing* das industriais que anunciavam. A notícia assumia uma conotação menos subjetiva, distanciando as reportagens e artigos publicados do gênero literário, muito comum nos periódicos até então, dando aos mesmos um caráter mais objetivo e informativo, vendendo um estilo de vida consumista e moderno dinamizado principalmente pela narrativa das propagandas⁵⁷.

As simbologias alusivas ao mundo moderno e aos novos padrões de desenvolvimento presentes na Amazônia naquele momento se fizeram perceber também por depoimentos estampados em reportagens, provavelmente encomendadas, de grandes empreendimentos realizados na cidade, passando para a população a ideia de que a cidade sofria transformações importantes a caminho de um denominado “progresso”, como sugere o texto abaixo.

Nossa capital atravessa no presente momento, uma fase de verdadeira renovação urbanística, que se amplia consideravelmente, com as iniciativas particulares, uma das mais valorosas contribuições ao progresso de nossa cidade. Todos aqueles que se afastaram de Belém, há vários anos e agora regressaram, não escondem a surpresa ao encontrar a cidade que lhes serviu com parques melhoramentos, transformada em suas principais artérias, enquanto em pontos mais distantes as construções tomam também vigoroso impacto, surpresos mostram-se também os turistas ao deparar no coração da Amazônia, região de que apenas ouviram lendas fabulosas, com uma cidade moderna, ou melhor, com uma velha cidade que se renova como se estivesse renascendo e, assim as pessoas que nos visitam tenham de nossa terra e do aceso desenvolvimento urbanístico, a maior das impressões, transformando-a em muitos lugares, tornando-nos mais conhecidos e acolhedores⁵⁸.

A fala do engenheiro e arquiteto Feliciano de Seixas, acima, sobre os novos empreendimentos realizados na cidade de Belém, mostram o quanto de otimismo e euforia se faziam presentes naquele momento de soerguimento das diversas atividades que prometiam aproximar a capital do Pará de um lugar moderno e desenvolvido. O mesmo engenheiro, ao conclamar a sociedade para apreciar a maquete do Edifício Manoel Pinto da Silva, na companhia do homônimo proprietário e principal acionista do empreendimento, mostrava para toda a imprensa e para vários segmentos da sociedade paraense o primeiro “arranha céu” da Amazônia, com vinte e três andares, uma construção que na manchete de *A Província do*

⁵⁶ ABREU, Alzira Alves de. **Revisitando os anos de 1950 através da Imprensa**. In: BOTELHO, André; BASTOS, Elide Rugai; VILLAS BÔAS, Glaucia (Orgs.). **O Moderno em Questão: A década de 1950 no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 2008, p.211-235.

⁵⁷ BOTELHO & VILLAS BÔAS, p.211-235.

⁵⁸ “O Engenheiro e Arquiteto Feliciano de Seixas apresenta o Edifício ‘Manoel Pinto da Silva’, a mais alta construção de Belém”. **A Província do Pará**, Belém, 01 jan. 1950, p. 2.

Pará era referendada como uma “obra arrojada que transformara o aspecto do principal trecho da Avenida Nazaré e Praça da República⁵⁹”.

A ênfase dada aos aspectos de transformação da cidade naquele momento mostra que havia, pelo menos por parte dos respectivos empreendedores, a clara diferenciação entre uma cidade do passado, que apesar de seus idealizadores terem intitulado de moderna, deixara muito a desejar em matéria de serviços; e uma cidade do presente, identificada com o progresso e com os aspectos de modernidade proporcionados por uma fase de suposto “renascimento” econômico, arquitetônico e paisagístico, ratificando uma simbologia de mudanças que representavam uma nova etapa do desenvolvimento da cidade após a “ressaca” da crise causada pela economia gomífera na região. Este tipo de discurso não era novidade entre a intelectualidade, os engenheiros e os governantes paraenses. Adriana Coimbra identificou na virada para o século XX e na primeira década deste século, o mesmo tipo de perspectiva para o futuro urbanístico da cidade de Belém. Por haver resistência por parte da população às novas regras de modernização impostas pelo poder público, esta autora aponta que a “Belém moderna” era sempre projetada para o futuro, por isso, ela caracterizou a modernidade urbanística belenense deste período como “um eterno *devir* a ser concretizado⁶⁰”.

Neste caso, o que o engenheiro Feliciano de Seixas conseguia resumir em sua entrevista era o espírito progressista expresso por vários segmentos sociais ligados aos setores empreendedores que externavam um estilo de vida urbano e consumista na cidade de Belém de meados do século XX, também, projetando para um futuro próximo à concretização da modernização que havia começado na virada para o século XX. Os anúncios da construção de “arranha céus” como os Edifícios *Manoel Pinto da Silva* e *Banna* mostram o soerguimento vertical da cidade, construindo a ideia de que a mesma garantia seu papel de destaque econômico, apagando lentamente o estigma da crise provocada pela falência da economia da borracha. Esse sentimento podia ser sentido não apenas no setor da construção civil e do paisagismo da cidade, mas em várias outras áreas.

Caracterizando-se como uma cidade em expansão, Belém começava a apresentar várias outras opções de serviços que além de transformar a cidade nos seus aspectos paisagísticos, retirava de cena velhos marcos referenciais de modernidade. A rede de transportes urbanos no final da década de quarenta fora completamente alterada. No deslocamento do subúrbio para o centro e do centro para o subúrbio, os belenenses dos anos

⁵⁹ **A Província do Pará**, Belém, 01 jan. 1950, p. 2.

⁶⁰ COIMBRA, 2014, p. 140-147.

cinquenta, passaram a utilizar os ônibus em lugar dos bondes elétricos. Nessa mudança de equipamentos mudavam também as simbologias de moderno. O velho e tradicional bonde elétrico, exemplo de progresso e tecnologia no início do século XX, saía de cena em meio a várias polêmicas. Viam-se nos jornais relatos de simpatizantes dos bondes que desferiam várias críticas aos ônibus, considerados “irregulares nos horários e na prestação de serviços⁶¹”. Os ônibus que substituíram os bondes eram, em sua maioria, veículos com carrocerias feitas em ferro ou madeira, porém surgiu na década de cinquenta um modelo de ônibus, com carroceria construída em Belém, que imitava os dirigíveis - os *zeplins* (fig. 8) - uma permissão estética no *design* urbano e paisagístico da cidade que simbolizava as noções de modernidade de uma época⁶².

Figura 8: Dois modelos dos ônibus “Zepelim” em Belém



Fonte: <http://fragmentosdebelem.tumblr.com/post/>

Como já mencionado, as transformações sofridas no Brasil após a Segunda Guerra Mundial marcaram o início de um premente processo de urbanização que alterou as bases de organização da sociedade, à medida que novos hábitos de consumo iam sendo lentamente incorporados ao cotidiano da população. A rotina de homens e mulheres que antes estavam

⁶¹ “O Preço do Progresso. Vão-se os bodes pontuais e regulares e vêm os ônibus, atrasados e sem charme”. **O Estado do Pará**, Belém, 07 janeiro 1950, p. 50.

⁶² Sobre a substituição dos bondes pelos ônibus em Belém ver: CRUZ, Ernesto, 1973, p. 466-475; ver também: PINHO, Fernando Augusto Souza. **Festas inaugurações e decepções: A Implantação dos bondes elétricos em Belém. A cidade nos trilhos.** Belém, 4º Concurso de Monografia CBTU, 2008. Disponível em: file:///Monografia%20Fernando%20Pinho.pdf.

acostumados a um estilo de vida pacato nas cidades, ou nas rusticidades de uma vida bucólica e rural no interior, foi lentamente dando espaço para as sociabilidades compartilhadas nas grandes cidades através de um conjunto de códigos e etiquetas identificados com um estilo de vida urbano e moderno⁶³.

Esse processo de urbanização dos anos cinquenta⁶⁴ surgiu amparado nos discursos desenvolvimentistas e democráticos, nos quais a imprensa desempenhou importante papel como divulgadora dos emblemas consumistas voltados aos novos hábitos culturais representados, a partir desse momento, por uma *sociedade de consumo*⁶⁵, seduzida pelos produtos anunciados nos diferentes veículos de difusão cultural. Alzira Abreu chama a atenção para as mudanças de hábitos culturais desenvolvidos a partir da década de 1950 devido, principalmente, “à concretização de muitas ideias e projetos elaborados durante, ou imediatamente após a Segunda Guerra Mundial”, graças ao funcionamento do “regime democrático” que “permitiu a livre expressão de ideias e o desabrochar da criatividade em todas as áreas de conhecimento⁶⁶”.

O rádio, o cinema, o teatro, a imprensa impressa e até mesmo a nascente televisão, passaram a fazer parte da realidade social brasileira que, a partir desse momento, se englobou de forma mais efetiva à industrialização e ao consumismo excessivo de produtos, gerando um forte fenômeno nacional de apropriação da denominada *cultura de massa*, aquela estimulada pelo consumo em larga escala⁶⁷. Os novos padrões culturais surgiam como referências de uma

⁶³ Antônio Candido mostra que em 1950, a população brasileira dispunha de 10 milhões de pessoas que viviam nas grandes e médias cidades do país, contra 41 milhões que habitavam as zonas rurais, comunidades ribeirinhas, pequenos vilarejos e cidades com menos de 20 mil pessoas. Ver: CANDIDO, Antônio, **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo. Editora 34, 2001.

⁶⁴ É importante considerar que antes do processo de urbanização dos anos cinquenta, grande parte das capitais brasileiras já havia passado por um intenso processo de urbanização entre o final do Império e início da República, motivados pelos ideais de civilidade inspirados nos modelos europeus de urbanização e paisagismo. Sobre esse tema é importante ver os trabalhos de COIMBRA, 2014; CHALOUN, Sidney. **Cidade Febril**. Cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo, Cia da Letras, 1996; DIAS, Edneia Mascarenhas. **A Ilusão do fausto**: Manaus, 1890-1920. Manaus: Ed. Valer, 1999; MATOS, Maria Izilda Santos de. **A cidade a noite e o cronista**: São Paulo e Adoniram Barbosa. São Paulo: EDUSC, 2007; SARGES, Maria de Nazaré. **Riquezas Produzindo a Belle Époque**, Belém: Paka-Tatu, 2002;

⁶⁵ Entenda-se por “sociedade de consumo” o conceito amparado em todas as práticas culturais de consumo da dinâmica da vida material, desenvolvidas pela sociedade contemporânea a partir do processo de desenvolvimento industrial, tendo seu início no século XVIII e sua acelerada intensificação no século XX. Para uma melhor compreensão do conceito é importante ver: GONSALVES, Sérgio Campos. “Cultura e Sociedade de Consumo: Um olhar em retrospecto”. In: **Revista**. Ano 3, nº 5, 1Ed. 2008 – 1/58; HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. – 15ª ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2006; McCracken, G. **Cultura e Consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

⁶⁶ ABREU. 2008, p.211-235.

⁶⁷ “Cultura de Massa” trata-se de um conceito amplo que está relacionado com a difusão da informação para um público de massa através dos diferentes veículos de comunicação de massa, principalmente na última fase de desenvolvimento do Capitalismo industrial, rádio, televisão, jornais impressos, cinema, revistas, etc. São várias

sociedade em movimento que, para além das benfeitorias recebidas pela avalanche de novos produtos lançados no mercado, foi capaz de se orientar por novos hábitos. A aparição de novos gostos veio acompanhada de mudanças que refletiram em quebra de tabus e modificações comportamentais que se manifestaram principalmente no questionamento de valores tradicionais identificados com um conservadorismo de ordem patriarcal⁶⁸.

No mundo do entretenimento e do lazer, bem como das representações estéticas, principalmente relacionadas à juventude, alteraram as orientações comportamentais, cada vez mais dispostas aos apelos de um estilo de vida transgressor, na forma de se vestir, na sexualidade, na presença, por exemplo, de mulheres em lugares antes restritos somente aos homens, no consumo de bebidas, cigarros, discos, automóveis e vários outros apetrechos que serviram como propaganda para o novo estilo de vida que se anunciava. Nicolau Sevcenko caracteriza este fenômeno como a “sociedade do espetáculo”, relacionando-o aos comportamentos direcionados pelos padrões ditados pela mídia que se fortalecia a partir dos anos “50”. O cinema norte-americano ditava regras comportamentais para a sociedade, chocando as tradições e encorajando a rebeldia nos jovens⁶⁹.

Na cidade de Belém essas transformações foram sentidas em vários aspectos da vida social e econômica da população. Apesar de já haver certa tradição na cidade da incorporação de hábitos e de produtos importados da Europa e da América do Norte, desde meados do século XIX, a entrada do capital estrangeiro no Brasil, alavancou novamente o comércio. Além da produção local, a partir da década de 1940, as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro passaram a fornecer móveis, produtos eletrônicos e de outras naturezas para a região Norte⁷⁰.

No tocante a vida boêmia em Belém, a partir dos anos cinquenta, intensificaram-se as possibilidades de consumo do entretenimento em vários lugares, tanto no centro da cidade como nos subúrbios. Com o surgimento de diversos estabelecimentos comerciais no ramo do lazer, Belém podia oferecer várias opções de diversão aos mais diferentes sujeitos sociais. O crescimento do número de restaurantes, clubes, casas de shows, boates, cinemas, cassinos, hotéis, bares e cafés mantinham a imagem da cidade como espaço dinâmico. Nos subúrbios,

as referências relacionadas ao tema é interessante ver: MARTIN-BARBERO. 2009.; KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru – SP: Edusc, 2001.

⁶⁸ MELLO, João Manuel Cardoso e NOVAES, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilian Moritz (Org.) **História da Vida Privada no Brasil**. Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 559-658.

⁶⁹ SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI – No loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. P.59-88.

⁷⁰ Sobre esta questão ver: GOMES, Elane. **Vida Material: entre casas e objetos, Belém, 1920-1945**. Belém: Dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia. Universidade Federal do Pará. 2009.

uma das consequências deste crescimento foi à proliferação dos estabelecimentos ligados à vida boêmia. Baiucas, cabarés e gafieiras eram abertos, principalmente em áreas de maior movimento, como o bairro da Condor, por exemplo. A manutenção de práticas culturais tradicionais, também, fora mantida nos bairros suburbanos, como os terreiros de boi bumbá, muito comuns em meados do século XX⁷¹.

A quantidade de serviços oferecidos diariamente nas propagandas dos jornais, somadas aos diversos estudos e estatísticas que mostram a movimentação urbana de Belém no período, ajudam na compreensão da maneira como a cidade “digeria” as transformações de meados do século XX. Pierre Gourou⁷² ao desenvolver estudos sobre a “Região de Belém”, no final dos anos quarenta, chamava a atenção para o desenvolvimento a passos lentos desta cidade. Gourou apresentava a cidade com:

Aspectos contraditórios, que refletem ao mesmo tempo, as crises dos negócios e uma atividade persistente. O marasmo de certas atividades – a borracha nunca mais retomou o esplendor do começo do século, aparece no aspecto arruinado das velhas ruas, entre a belíssima Catedral e o Arsenal de Marinha, do mesmo modo que na sua limpeza insuficiente, na escassez de energia elétrica, que nem chega para garantir a iluminação e a tração dos bondes, em oposição ao que se vê nas imediações do Cais, onde os edifícios têm bom aspecto, e no desenvolvimento do aeroporto que procura restituir a Belém o interesse internacional⁷³.

A constatação do pesquisador francês mostra certa ambiguidade nos processos de desenvolvimento da capital paraense, que foi capaz de conviver com as heranças culturais e materiais de um tempo de prosperidade econômica ao mesmo tempo em que, mostrava de forma tímida, sua inclinação para aspectos da modernidade vivenciados em vários setores de sua vida comercial. Contudo, Gourou utilizara como referencial a prosperidade dos tempos da economia da borracha⁷⁴, período que não pode ser utilizado como parâmetro para analisar

⁷¹ Sobre Boi Bumbá em Belém é importante ver: MENEZES, Bruno de: **Boi Bumbá: Auto Popular**. Belém: Editora H Barra, 1972; SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará:** ou, apresentação do teatro de época. Belém: UFPA, 1994. Tomo II; também do mesmo autor. **O negro na formação da sociedade paraense:** Belém: Paka-tatu, 2004. DIAS JR, 2009.

⁷² Foi Professor no Collège de France, na Universidade Livre de Bruxelas e na Universidade de São Paulo. Nos anos quarenta visitou a Amazônia onde fez minucioso estudo sobre a economia da região e sua geografia humana. Nos estudos referentes à cidade de Belém, Gourou, apresentou vários resultados relacionados a sua população, estilo de vida, origem, tipo de alimentação, epidemias e atividades econômicas. Publicou o resultado de seus trabalhos em vários volumes da Revista Brasileira de Geografia, disponíveis na biblioteca do IBGE.

⁷³ GOUROU, Pierre. “A Região de Belém”, **Boletim da Inspetoria Regional de Fomento Agrícola no Estado do Pará**, ano X, nº único, 1948, p. 18

⁷⁴ É importante ressaltar que com a eclosão da economia da borracha, na segunda metade do século XIX e início do século XX, a cidade de Belém cresceu e se dinamizou possibilitando o surgimento de serviços e oportunidades jamais vistos por seus moradores. Com os proventos da goma elástica, Belém passou por um processo de reforma e modernização urbana nos moldes vigentes na virada para o século XX. Entre os anos de 1850 e 1912, Belém recebeu um insumo de capitais destinados à criação de infraestrutura necessária para atender

outros momentos econômicos do estado do Pará, uma vez que, este foi um momento político específico que gerou abundância econômica, não havendo correlato na história do estado ao sucesso econômico deste período. Em geral, a historiografia paraense trata este momento como o apogeu do desenvolvimento do estado do Pará. Contudo, as pesquisas de Walter Pinto e Adriana Coimbra, constaram que nem só de prosperidade e modernidade foram compostos estes tempos. O primeiro constatou que após trinta anos da queda de Antônio Lemos, o município ainda não havia conseguido sanar as dívidas de empréstimos contraídos para modernizar a cidade⁷⁵. E a segunda constatou que, esta modernidade não atingiu toda a cidade, amplos setores dos estratos sociais ficaram à margem deste processo⁷⁶. Além disso, já vimos que Pere Petit detectou que a partir de meados da década de 1940, Belém começou a reagir ao declínio econômico pelo qual vinha passando há quase três décadas.

Reitero que na década de 1950, Belém conseguia sobreviver, predominantemente, da sua condição de entreposto comercial entre o interior da Amazônia e outras regiões, com um “poderoso mercado de consumo” de produtos alimentícios e industrializados, e como centro exportador de mercadorias que chegavam a seu porto e eram distribuídas para outros municípios e para outros Estados. Os anúncios de jornal registraram diversas atividades comerciais presentes na cidade, eram empresas de navegação, rede de transportes urbanos, empresas de aviação, armazéns, agências bancárias, casas de câmbio, gráficas, jornais, construtoras, concessionárias de automóveis, lojas comerciais de todos os tipos, mercados e feiras livres, enfim, várias atividades comerciais que atendiam as necessidades da população belenense e regiões próximas⁷⁷. Apesar de a cidade não ser uma referência expressiva na

as necessidades de empresários e comerciantes estrangeiros de passagem pela cidade, bem como para atender aos anseios de sua elite local. Sobre esse assunto é importante ver importante trabalho de: WEINSTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia: Expansão e Decadência 1850-1920**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993; ver também: SARGES, 2002.

⁷⁵ OLIVEIRA, Walter Pinto. **Memória de uma revolta esquecida: O Baixo Amazonas na revolta constitucionalista de 1932**. Belém: Dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia. Universidade Federal do Pará. 2012, p.28

⁷⁶ COIMBRA, 2014 p. 119

⁷⁷ Sobre a influência que os portos tiveram no processo de desenvolvimento urbano das grandes cidades brasileiras, bem como canal de difusão de ideias, culturas e produtos, Maria Izilda aponta que já “No século XIX, o processo de mundialização implicou na intensificação da circulação de mercadorias, pessoas, ideias e referências culturais os portos para além de *portas de saída* dos produtos, tornaram-se *porta de entrada* de mercadorias, pessoas e influências. Dai a importância de se observar não só o que era exportado, mas também as mercadorias e referências culturais que entravam por estas portas”. Ver: MATOS, Maria Izilda Santos de. **Âncora de Emoções: Santos - o Porto e a Cidade**. In: AVELINO, Yvone Dias & FLÓRIO, Marcelo (Orgs.). **Polifonias da Cidade: Memória, arte e Cidade**. São Paulo: D’Escrever Editora, 2009, p. 196-219.

produção industrial, o seu porto e o seu comércio garantiram a condição de grande centro econômico e cultural da região norte⁷⁸.

Todas as inovações e esperanças de desenvolvimento, trazidas pela década de 1950, eram vividas na ótica de um povo que apesar de ainda estar muito atrelado ao seu passado, vislumbrava inovações tecnológicas e reparações na arte do fazer e do pensar, na dinâmica de vida material e nos prazeres hedonistas mais imediatos, era a *sociedade em movimento*⁷⁹. O padrão de consumo era vivido nas telas dos cinemas, nas modas e nos gostos importados tanto da Europa como do E.U.A., e nos novos comportamentos e posturas de rebeldia que começavam a se intensificar naquele momento⁸⁰.

No que diz respeito à vida boêmia, o uso do tempo livre, os hábitos, os consumos e as regras comportamentais vigentes a partir de meados do século XX, diziam muito acerca dos gostos e dos prazeres de parte da sociedade. Determinadas expressões e comportamentos tradicionais foram paulatinamente sendo substituídos por atos e gestos de rebeldia transmitidos pelas telas do cinema, ou por outros meios de divulgação. As posturas transgressoras de boêmios festeiros e “arruaceiros” surgiam das notícias policiais. Nelas retratavam-se os ambientes de transgressão, contestação e, em alguns momentos, de prazer, por meio dos relatos dos atos ligados a bebedeiras e consumo de drogas ilícitas (Figura 9), como mostra matéria publicada em um jornal da época, reproduzida pelo *Jornal Pessoal*, acerca dos *Play Boys* de Belém em 1965:

O governador [Jarbas Passarinho] foi duro ao tratar do ‘problema dos playboys’, que agora estariam tendo um tratamento certo, através do juizado de menores e da polícia, que obedecia ao comando da justiça e iria responder à força com força e à desordem com violência.

‘Se os rapazes, **sobretudo os de boa família** - em termos de posse - são débeis mentais, as famílias têm obrigação de tratar deles. O que não se pode é ter uma

⁷⁸ Na década de noventa, a cidade de Belém perdeu essa referência de capital mais populosa da Região Norte. Atualmente os dados do IBGE, apontam a cidade de Manaus, como a maior capital da região com uma população de 1.982.177 de habitantes, segundo a estimativa por amostragem para o ano de 2013; enquanto que Belém apresenta uma população de 1.425.922 de habitantes em 2013. Sobre esses dados ver: ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativa_de_populacao_2013/estimativa_2013_dou.pdf. Consultado em 28.12.2013.

⁷⁹ Para J. C. Mello e F. Novaes, uma “sociedade em movimento” é a expressão mais adequada para se referenciar a década de 1950, devido principalmente a rápida industrialização que se verificava naquele momento, na qual os centros urbanos apropriavam-se de tecnologia capaz de satisfazer as diversas realidades vivenciadas pela juventude. Ver: MELLO, J. M. C de; NOVAIS, F. A. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. In: NOVAIS, F. A. (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 560-658.

⁸⁰ As reflexões de André Botelho, mostram que a *sociedade em movimento* “conferiu sentido à busca de um ideal de moderno marcado pelo progresso, auto-aperfeiçoamento e aperfeiçoamento ilimitado do mundo social, e pela reorientação de valores, interesses, condutas e instituições. Ver: BOTELHO, André. **Uma Sociedade em Movimento e sua Intelligentsia: Apresentação**. In: BOTELHO, André; BASTOS, Elide Rugai; VILLAS BÔAS, Gláucia (Orgs.). **O Moderno em questão: A década de 1950 no Brasil**. Rio de Janeiro: Top Books, 2008, pp.15-23

polícia frágil diante de gente que fuma maconha e é dada ao ópio e outros vícios’, sentenciou Passarinho.

E arrematou: ‘não se lhes pode dar tratamento de chá de flor de laranja. O policiamento será rígido e adequado para a ocasião. Os fumadores de maconha e ópio serão reprimidos. Não há ódio contra ninguém, mas não haverá exceção⁸¹. (grifo meu).

Figura 9: Imagem de *Play Boys* detidos por “arruaça”



Fonte: **Jornal Pessoal**. Belém, Nº 545, 2.^a quinz. Set. 2013

O discurso enérgico do então Governador do Estado Jarbas Passarinho⁸², referente à intolerância ao comportamento rebelde de jovens, principalmente aqueles ligados ao público mais abastado ou de classe média que se envolvia em alguma arruaça ou confusão, por conta de transgressões ou desordens feitas em lugares públicos, aponta que era frequente a ocorrência de posturas e comportamentos considerados transgressores de jovens boêmios que circulavam pela cidade de Belém. Mas apesar do tom repressor do discurso, nota-se que o

⁸¹ “Playboys em 1965”. **Jornal Pessoal**. Belém, Nº 545, 2.^a quinz. Set. 2013.

⁸² Jarbas Gonçalves Passarinho teve toda sua história política alinhada aos militares, com toda uma carreira profissional com patentes nos quadros do Exército. Logo após o Golpe Militar de 1964, filiou-se a ARENA e foi nomeado Governador do Estado do Pará (1964-1967), após a deposição de Aurélio do Carmo em julho do mesmo ano; em seguida foi Senador (1966) e depois Ministro do Trabalho e da Previdência Social no Governo de Costa e Silva e Ministro da Educação no Governo de Garrastazu Médici, sendo eleito novamente Senador em 1964 e Ministro da Previdência Social no Governo Figueiredo. Durante o processo de abertura política pós Ditadura, costurou várias alianças políticas já a frente do PDS, partido conservador remanescente dos militares chegando a ser candidato a Governador do Estado em 1994 pelo PPR, perdendo para a eleição para Almir Gabriel. Sobre Passarinho ver: FERREIRA Jr. Amarílio & BITTAR, Marisa. Jarbas Passarinho, Ideologia Tecnocrática e Ditadura Militar. **Revista HISTEDBR**. On Line: Campinas: SP, n. 23, set. p. 3-25, 2006; MARTINS FILHO, João Roberto. A guerra da memória: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares. **Anais: Congresso da Associação de Estudos Latino-americanos**, Dallas, Texas, 27-29 de março de 2003, p. 1-18.

governador não coloca os tais *playboys* como marginais ou simples contraventores. Os transgressores de elite eram retratados como jovens com problemas de ordem psíquica, como diz a fonte: “Se os rapazes, sobretudo os de boa família - em termos de posse - são débeis mentais, as famílias têm obrigação de tratar deles”.

Ressalte-se que *Playboy* era o termo empregado nos jornais (e pelo próprio governante) para definir os jovens de classe média alta que provocavam arruaças e desordens pelas ruas da cidade, apontando para a opinião pública quem e quais eram os “arruaceiros”. Deixando claro, contudo, que não se tratava de qualquer tipo de infrator, mas de uma fração de jovens considerados de “boa família”, ou seja, com uma origem social e educação, em tese, incompatíveis aquele tipo de comportamento.

Nota-se, portanto, que os membros da elite financeira, mesmo quando em situação de transgressão social, não eram considerados um perigo eminente para a sociedade, já que não pertenciam as “classes perigosas”. Por isso, ao que parece, o Estado achava mais prudente tratá-los como doentes mentais do que como contraventores das leis. Estes jovens apresentavam um novo comportamento, pouco compreendido por aquela sociedade que entendia, talvez, que se não havia causa, já que ela não as via, dado que meninos de elite não podiam ser relacionados à bandidagem, comportamento historicamente relacionado aos “excluídos da história”, logo, só poderia haver debilidade mental.

Outro exemplo mostra um pedido de retificação solicitado por um comerciante a uma matéria divulgada no jornal a respeito da ação de jovens arruaceiros no bairro do Umarizal:

O proprietário do bar “Deus te ajude”, situado à Avenida Alcindo Cacela, esquina com a Boaventura da Silva, solicitou-nos esclarecimentos sobre uma notícia veiculada de que em seu estabelecimento vendiam-se bebidas alcoólicas a menores. O proprietário do estabelecimento disse não ter fundamento às denúncias contra o bar. Aconteceu que vários “play boys” estiveram no bar promovendo arruaças tentando um “quebra-quebra” pelo fato de ter o mesmo se recusado a vender bebidas alcoólicas⁸³.

Não se pode ter certeza acerca da justificativa dada pelo comerciante diante da reportagem que o acusava de uma infração grave - a venda de bebidas alcoólicas a menores - ou se havia sido de fato atacado por supostos “play boys” em seu estabelecimento comercial e, por conseguinte, era vítima de calúnia por parte do veículo de comunicação. O mais importante é que se pode inferir da referida reportagem que havia grupos de jovens que usavam o comportamento de rebeldia, provavelmente, para se posicionarem enquanto agentes

⁸³ Fatos Policiais. **A Província do Pará**, Belém, 7 set. 1962, p. 3

questionadores de determinados padrões tradicionais, utilizando práticas de “quebra-quebras” e “arruaças” como denominavam os organismos de imprensa.

Desde os anos “20” se registrou o progresso do tráfico de drogas ilícitas, como a cocaína, na Europa. Estando o Brasil inserido no processo de expansão do capitalismo, para o bem e para o mal, as drogas ilícitas também chegavam ao país. A cocaína, a morfina, o éter e o ópio compunham o quarteto que formavam os chamados *vícios elegantes*. As drogas eram tão presentes em cidades como São Paulo, que a polícia chegou a organizar uma campanha visando desencorajar a expansão de tais hábitos⁸⁴. Em Belém os alucinógenos também faziam sucesso entre jovens e boêmios. “Éter hoje em dia é elegância. O elegante, o superiormente elegante, bebe éter, intoxica-se, suicida-se, mortifica-se o paladar para o gosto supremo de perfumar a alma⁸⁵”. Embora nesta década o hábito de consumir drogas ainda estivesse ligado às festas carnavalescas, o medo de que se tornassem um hábito corriqueiro fora registrado na literatura local: “a bisnaga deixará de ser de uso exclusivo do carnaval e passará para todos os dias⁸⁶”. Outros registraram as sensações que a droga provocava:

Sinto-me levado a outro mundo, onde se pisa em estrelas, ouve-se as ondinas, sente-se a angustia de Hamlet, a suplica de Desdemona por Othelo. Sonho e, ao despertar, Dona Cocaína, chorando, com lábios franzinos, como uma ameixa seca, balbucia: Féche a caixa. O senhor ofendeu-me. Aspirou-me para olhar a vida⁸⁷.

Eva Dayna Carneiro considera que, na Belém dos anos “20”, Os *vícios elegantes* estavam marcados “por simbolismos relacionados à ‘vida moderna’, e que não diferente acontecia com o hábito de frequência dos cinemas⁸⁸”. Na década de “60”, identificar-se com a “juventude transviada” saídos das telas do cinema hollywoodiano, ou mesmo demonstrar rebeldia através do consumo de maconha, álcool ou arruaças feitas nas ruas da cidade, saqueando estabelecimentos comerciais, tocando campainhas de residências ou chutando latas de lixo, provavelmente representava para aqueles jovens ir à contramão dos comportamentos conservadores oferecidos por uma educação rígida, moralista e tradicional. Essa mudança de posturas simbolizava a inserção da cidade aos novos padrões de vida

⁸⁴ SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 85.

⁸⁵ Revista **Belém Nova**. 13 març. 1926. *Apud.* CARNEIRO, Eva Dayna Félix. **Belém entre filmes e fitas**: A experiência do cinema, do cotidiano das salas as representações sociais nos anos de 1920. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará, 2011. P. 54

⁸⁶ Revista **Belém Nova**. 27 fev. 1926. *Apud.* CARNEIRO. 2011. p. 54

⁸⁷ Revista **A semana**. 10 març. 1928. *Apud.* CARNEIRO. 2011. p. 55.

⁸⁸ CARNEIRO. 2011. p. 54.

urbana, desenhados para as grandes cidades ‘antenas’ com as transformações proporcionadas pelo sistema capitalista a partir da segunda metade do século XX⁸⁹.

O consumo de álcool, fumos e drogas em geral estava quase sempre associado à vida boêmia. A imagem romântica e idealizada do boêmio, cristalizada pela literatura local, não correspondia à visão que determinados setores da sociedade paraense, alinhados com a elite financeira e setores mais conservadores, tinham sobre estes grupos⁹⁰. “Baderneiros”, “bagunceiros” e “vagabundos” eram alguns dos adjetivos utilizados por estes setores para defini-los⁹¹. É provável que as mudanças de comportamento entre jovens, o crescimento no consumo de bebidas alcoólicas e de narcóticos e entorpecentes tenham causado uma preocupação maior nas autoridades da década de “60”, por estas substâncias serem vistas como provocadoras dos comportamentos transgressores, como mostraram os excertos acima. Terei oportunidade de demonstrar essas questões de forma mais detida no terceiro capítulo, por hora é importante atentar para as simbologias de modernidade, inclusive as transgressoras, colocadas em notícias e propagandas anunciadas nos jornais.

Anúncios de bebidas e cigarros eram exibidos com mensagens subliminares de prazer ligado a uma dinâmica de vida moderna e feliz. Exemplo via-se na campanha veiculada diariamente, durante vários meses, que trazia o seguinte enunciado: “No século das luzes e do saber, nada como os deliciosos cigarros acadêmicos” um produto vinculado à distribuidora “Nacional⁹²”. O texto relacionava o cigarro à inteligência e ao sabor, vendendo a ideia de que seu produto satisfazia a vários sentidos. Palavras chaves como “luz”, “sabor” e “delicioso”, relacionavam-se com a visão e o paladar, sentidos liberadores de prazer e satisfação. A visão, em particular, estaria associada ao dinamismo, a capacidade de decodificar elementos de comunicação que deveriam preceder a fala, numa sociedade em que moderno era se habituar as mudanças rapidamente, ao dinamismo da moda e ao surgimento de novos produtos, oriundos da aceleração da industrialização na década de 1950⁹³. Ou seja, em Belém, as pessoas já eram relacionadas mais a aquilo que consumiam e menos aos valores que

⁸⁹ É inegável que as condições de vida material melhoraram após a grande depressão econômica dos anos trinta e a Segunda Guerra Mundial. Nos anos de Guerra Fria o aumento da produção e as transformações nos hábitos de consumo legaram à sociedade tempos de profundas revoluções no comportamento político, moral, científico e cultural. Sobre esse assunto é importante ver: HOBBSAWM, Eric. **A Revolução Social; A Revolução Cultural**. 1995. p.282-336.

⁹⁰ Sobre idealização da boêmia na literatura paraense, ver: CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. **Músicos e poetas na Belém do século XX**: incursionando na história da cultura popular. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento sustentável do Trópico Úmido – PDTU (NAEA). Universidade Federal do Pará. Belém, 2002.

⁹¹ CORRÊA. Ângela Tereza de Oliveira. **História Cultural e Música em Belém de 1919 à década de 1940**. Tese em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2010. p. 89.

⁹² **A Província do Pará**, 14 de maio de 1950, p, 10.

⁹³ SEVCENKO. 1998. p. 64-65.

carregavam. O tempo para o aprofundamento do conhecimento pessoal, ao que parece, começava a escassear.

As propagandas também apresentavam textos que buscavam chamar a atenção do consumidor para os prazeres proporcionados por esses produtos. Vendia-se suavidade, um estilo de vida moderno e outras relações de conforto e prazer oferecidas pelos anunciantes. A grande variedade de marcas de cigarros e bebidas, anunciadas nos jornais, denunciava a presença de um mercado consumidor na cidade, ou a tentativa de estimulá-lo. As ilustrações e encartes mostram fumantes felizes em seus ambientes de trabalho, desfrutando dos prazeres de ser consumidor de um bom cigarro.

Figura 10: Propaganda dos cigarros “Continental”.



Fonte: **A Província do Pará**, 12 fev. 1950, p. 12.

Além da distribuidora “Nacional” em Belém, havia também a distribuidora “Souza Cruz”, ambas disputavam o mercado regional anunciando os cigarros *Acadêmicos*, *Estadistas*, *Bulldog*, *Star*, *Continental*⁹⁴, dentre outros, produtos de distribuição nacional. Algumas

⁹⁴ **A Província do Pará**. Belém, 09 de julho de 1950, p 01.

propagandas faziam a relação entre presente e passado utilizando imagens de novos utensílios que deixavam para trás práticas agora consideradas obsoletas e dinamizavam o cotidiano do trabalho. Sugeriam que apesar de a sociedade haver mudado muito, dever-se-ia manter o hábito de consumir certas marcas de produto (fig. 10), sendo essa uma jogada de *marketing* que denota o esforço dos anunciantes em manter a sua marca em um mercado consumidor que se dinamizava constantemente.

O cenário boêmio de Belém foi um território propício de estímulo às propagandas, pois apresentava vários lugares de consumo de bebidas alcóolicas e cigarros. É curioso perceber que as propagandas de cigarros e bebidas, tão frequentes nos jornais paraenses durante a primeira metade da década de cinquenta, tenderam a arrefecer-se no final desta década, aparecendo com bem menos intensidade a partir de meados da década de sessenta a setenta. É provável que a censura e as restrições à publicidade desses tipos de produtos tenham colaborado para tal diminuição, uma vez que, a partir da segunda metade dos anos sessenta, uma série de medidas restritivas ao mundo boêmio foi empreendida pelas autoridades regionais⁹⁵.

A liberdade com que bebidas e cigarros eram anunciados na primeira metade dos anos cinquenta talvez esteja relacionada à imagem que estes produtos gozavam na sociedade do período. Na passagem do século XVIII para o XIX, assim como o café, o cigarro foi celebrado pela juventude nas agitações revolucionárias e difundido pelo exército de Napoleão. No Segundo Império, foi a boêmia intelectual e artística parisiense que o consagrou. E, após a Primeira Guerra, tornou-se o símbolo clássico do modo de vida americano, difundido pelas telas do cinema⁹⁶. O intenso comércio desses produtos em boates, casas de shows, restaurantes, hotéis e cassinos da cidade, onde o consumo era grande, certamente relacionavam-se com o imaginário transgressor que se ligava ao consumo do cigarro e de outros tipos de drogas.

⁹⁵ Entre os anos de 1964 a 1985, o Regime Militar Brasileiro, instaurou um programa de censuras para a imprensa a fim de controlar todas as notícias veiculadas em jornais, revistas, rádios e outros veículos de difusão de informações, para isso vários decretos de restrição foram publicados nos Atos Institucionais empreendidos pelo Governo. Visava-se um maior controle nas vozes de oposição e crítica aos Governos Militares, bem como ao controle dos hábitos e costumes considerados transgressores da ordem vigente. Sobre esse assunto ver: AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978):** o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: Edusc, 1999; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org). **Minorias Silenciadas:** História da Censura no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 2002. FICO, Carlos. **Espionagem, polícia política, censura e propaganda:** os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O tempo da ditadura:** regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁹⁶ SEVCENKO, Nicolau. **A capital Irradiante:** técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO (org.). **História da vida provada no Brasil.** Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 529-530.

Além dos estímulos midiáticos, as evidências levam a crer que o excessivo consumo desses produtos nas casas de noite belenenses era facilitado, também, por outros fatores. Foi comum, na virada para a segunda metade do século XX, a circulação de produtos contrabandeados em Belém. Rota internacional do tráfico de vários produtos falsificados, preferencialmente uísque, cigarros e narcóticos, Belém se caracterizou como grande mercado consumidor desses produtos que eram contrabandeados e comercializados em luxuosas casas de shows, cassinos e clubes da cidade⁹⁷. Essa prática ilícita se tornou, aparentemente, menos intensa a partir de 1964. É possível que o comércio ilícito de bebidas e cigarros tenha se mantido nas décadas de sessenta e setenta em Belém, porém com maior controle e descrição por parte dos traficantes por conta da fiscalização empreendida pelos governos militares. O controle e limitação à propaganda de bebidas e cigarros, talvez, teria surgido como medida disciplinadora, implantada com o objetivo de conter o forte contrabando na região.

No Brasil, assim como a programação do cinema e da televisão, a publicidade desempenhou papel fundamental para esta mudança nos padrões de consumo e de mentalidade. Ocorreu uma espécie de erotização dos objetos por meio das imagens publicitárias. “Os objetos passaram a ser alvo do mesmo culto fetichista que a imagem dos astros e estrelas⁹⁸”. Os estúdios associavam a imagem de seus contratados a telefones, móveis, motocicletas, aparelhos sonoros, televisores, carros, paisagens, hotéis e locações turísticas. Como disse Sevcenko, “o objeto do desejo se torna inseparável do desejo do objeto e um pode suprir simbolicamente a ausência do outro⁹⁹”.

Essas transformações comportamentais também se refletiram na vida boemia de Belém entre os anos cinquenta e oitenta. E mesmo com os choques de repressão aplicados pelo autoritarismo dos governos militares, a partir de meados dos anos sessenta, as práticas boêmias só tenderam a recrudescer. As mudanças de comportamento desafiavam os velhos padrões de moral da sociedade, as novas noções de conduta foram transmitidas por gerações de jovens e adultos que levantaram as bandeiras de luta pela liberdade sexual, pela desobediência civil e pela aversão ao autoritarismo. Vários sujeitos sociais dos anos setenta e oitenta pautaram suas posturas nesses novos paradigmas. Nos próximos tópicos mostrarei como se desenhou o circuito boêmio da cidade, demonstrando através da territorialidade que

⁹⁷ Lucio Flávio Pinto faz referência ao contrabando de cigarros e bebidas existentes na Amazônia em meados do século XX. Segundo o mesmo havia forte rede contrabandista na região que envolvia pessoas influentes da alta sociedade belenense. É interessante ver: PINTO, Lúcio Flávio. **Guerra Amazônica**. O jornalismo na linha de tiro (de grileiros, madeireiros, intelectuais, etc. & Cia). Belém. Edição Jornal Pessoal, 2005; PINTO, L. F. “O rei da quitanda”. **Jornal Pessoal**, nº 337, 1. quin. de jan. 2005.

⁹⁸ SEVCENKO, 1998, p. 603.

⁹⁹ SEVCENKO, 1998, p. 603,

as sociabilidades podiam ser pensadas a partir de diferentes marcos geográficos do centro da cidade e dos subúrbios.

1.2- Dimensões geográficas de um ‘circuito’ de lazer: a boemia no centro.

Para qualquer jovem interessado em aproveitar a noite, nos anos de 1950, a Condor era uma das melhores opções. Na época tínhamos os grandes bailes dos clubes sociais da cidade (Bancrévea, clube anexo ao Grande Hotel – Pálace Teatro; Automóvel Clube; Jóquei Clube; Pará Clube; Assembleia Paraense; Clube do Remo, entre outros), opções consideradas mais refinadas; além do chamado “triângulo dos bares”, que era formado pelo Bar Biriba (esquina da Carlos Gomes com a Bailique – hoje Ferreira Cantão); o bar Primavera (também na Carlos Gomes, mas do outro lado, próximo à 1º de Março); e, finalmente, o Bar do Parque.

Na época eu morava na Bailique e era da turma que frequentava o bar Biriba, mas também ia ao Primavera. Meus amigos moravam nas proximidades e o “triângulo” era um ponto de encontro.

Eu não bebia, mas saía com pessoas que gostavam de beber e fumar. Por cerca de dez anos, dos 16 aos 26, vivi intensamente a noite e assim fui me aproximando do bairro da Condor [...] Como dizia, para nós, que gostávamos de aproveitar a noite, o bar da Condor era uma maneira de estender a festa. Geralmente os bailes terminavam por volta das duas horas da madrugada. Nessa altura, já tínhamos passado pelo “triângulo dos bares” e procurado a Condor, era a melhor opção, pois lá os bares só fechavam ao amanhecer. Aliás, fazia parte do status boêmio ficar até o nascer do sol, às margens do Rio Guamá¹⁰⁰.

O depoimento do arquiteto e artista plástico Fernando Pessoa acerca de suas experiências boêmias de juventude nas décadas de cinquenta e sessenta, publicadas em um livro sobre memórias do *Palácio dos Bares*¹⁰¹, fornecem informações sobre alguns espaços boêmios belenenses existentes à época. Os locais mencionados fazem parte de um itinerário lúdico espacialmente distribuído no centro da cidade e nos subúrbios. Nestes foram ancoradas as memórias da boêmia: eram clubes, sedes sociais, bares e casas de shows frequentados por boêmios de vários estratos sociais que se deslocavam numa conexão centro-periferia, produzindo roteiros de ludicidade e *circuitos*¹⁰² boêmios para o uso e o consumo da população naquele momento. A rotina boêmia presente nas lembranças do entrevistado, através da

¹⁰⁰ PESSOA, Fernando Luiz de Souza. “Na Condor, fiz curso de pós-graduação em dança”. *Apud.* LAREDO, Salomão. **Palácio dos Bares**. 2003 p.228-235.

¹⁰¹ LAREDO, Salomão. 2003 p. 228-235

¹⁰² Apropriei-me aqui do conceito de *circuito* exposto por Antônio Maurício Costa e José Guilherme Cantor Magnani. O primeiro adota o mesmo para falar de um “*Circuito Bregueiro em Belém*” no qual são inseridos nas paisagens urbanas incrementos culturais transmitidos por aparelhagens sonoras e por sociabilidades vivenciadas a partir das práticas de recepção, consumo e reprodução cultural dessa cultura de massa; já Magnani emprega o conceito enfatizando a importância dessas práticas na oferta de determinados serviços identificados com determinado público presente em diferentes pontos do espaço urbano. Ver COSTA, Antônio Maurício. Dias da. **Festa na Cidade: O Circuito Bregueiro de Belém do Pará**. Belém, EDUEPA, 2ª Ed. 2009, p. 137-169; MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Quando o Campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole**. In: MAGNANI, J. G. & TORRES, L. L. (Org.). **Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.

declaração de “um tempo feliz”, oferece a simbologia positivada de uma prática boêmia que se fazia na cidade a partir de três referenciais de entretenimento.

Pessoa destaca, em primeiro lugar, os clubes sociais, descritos por ele como lugares “refinados”, pois neles se reunia a denominada “boa sociedade” que se encontrava em bailes e festas tradicionais nos principais clubes espalhados pelo centro e pelo subúrbio; em segundo lugar, menciona o que ele chama de “triângulo dos bares”, citando três bares localizados no centro da cidade que eram frequentados por ele e por um grupo de amigos e que, provavelmente, abrigava um público de boêmios pertencentes a uma classe média também moradora da região central; e, por último, cita o *Bar da Condor*, localizado no subúrbio, ao lado de vários outros pequenos bares populares, que servia como opção de “fim de noite” aos boêmios que transitavam por Belém.

As demarcações espaciais postas pelo depoente apontam que havia certa fluidez nas fronteiras boêmias existente no período, definindo não apenas uma proximidade geográfica entre o centro e o subúrbio, mas também uma multiplicidade de redes de relações sociais propiciadas pela mútua convivência entre frequentadores dos dois lugares, dado que a vida boêmia é marcada pela leveza da ludicidade, objetivando a satisfação que o álcool, a música, as trocas de experiências e a companhia de outros boêmios provocam, resumindo-se na sociabilidade festiva da vida noturna. Estando próximo de ambientes tão diversos, não é difícil materializar o deslocamento da Zona do Meretrício do centro da cidade para o *Bar da Condor* e os bares populares do seu entorno, é fácil imaginar grupos de boêmios transitando entre um lugar e outro, experimentando os dois ambientes em meio ao “transe” que a madrugada e a sociabilidade boêmia são capazes de proporcionar. Essa fluidez boêmia é narrada no depoimento de João de Barros Filho, dado a um colunista de *O Liberal* ao falar das atrações que frequentaram a casa de show administrada por seu pai:

[...] muitos artistas se projetaram no ambiente do Palácio dos Bares, que, à época, era uma boate. Porém, das 19 às 21 horas, a frequência era familiar. “Quando fechava a zona do meretrício, o pessoal vinha todo pra cá e não tinha mais lugar para ninguém” diz.

Pessoas da alta sociedade e ricos empresários costumavam visitar o Palácio dos Bares. Lá funcionava um cassino com bacará, cambista e roleta 36¹⁰³.

A reportagem acompanhada pelo depoimento do filho do empresário proprietário da maior casa de shows da Condor a época – *O Palácio dos Bares* - sugere que o deslocamento de boêmios do centro para a Condor era algo natural nas rotinas festeiras, bem como era

¹⁰³ CATETE, Jorge. Palco de Roberto, Nelson e Jamelão. *O Liberal*, Atualidades. Belém 28 jul. 1998. Apud. LAREDO. Op. Cit. p. 201.

regular também a frequência da dita “boa sociedade” nesses lugares. A fragilidade das fronteiras urbanas, estabelecidas por relações sociais criadas dentro de um circuito de boemia, mostram que o espaço funcionava como cenário de convergência cultural entre indivíduos que viveram diferentes experiências sociais. O espaço, nesse sentido, funcionou como “cenário” e “objeto” de relações sociais entendidas como “resultado de múltiplas experiências”¹⁰⁴. Apesar da divisão da cidade entre centro e periferia – o que, por sua vez, pode muito bem marcar a diferença entre culturas e classes sociais distintas –, o relato traz evidências de que havia uma interseção nas relações de sociabilidade festiva através de deslocamentos rotineiros entre boêmios que circulavam pelos dois espaços da cidade¹⁰⁵.

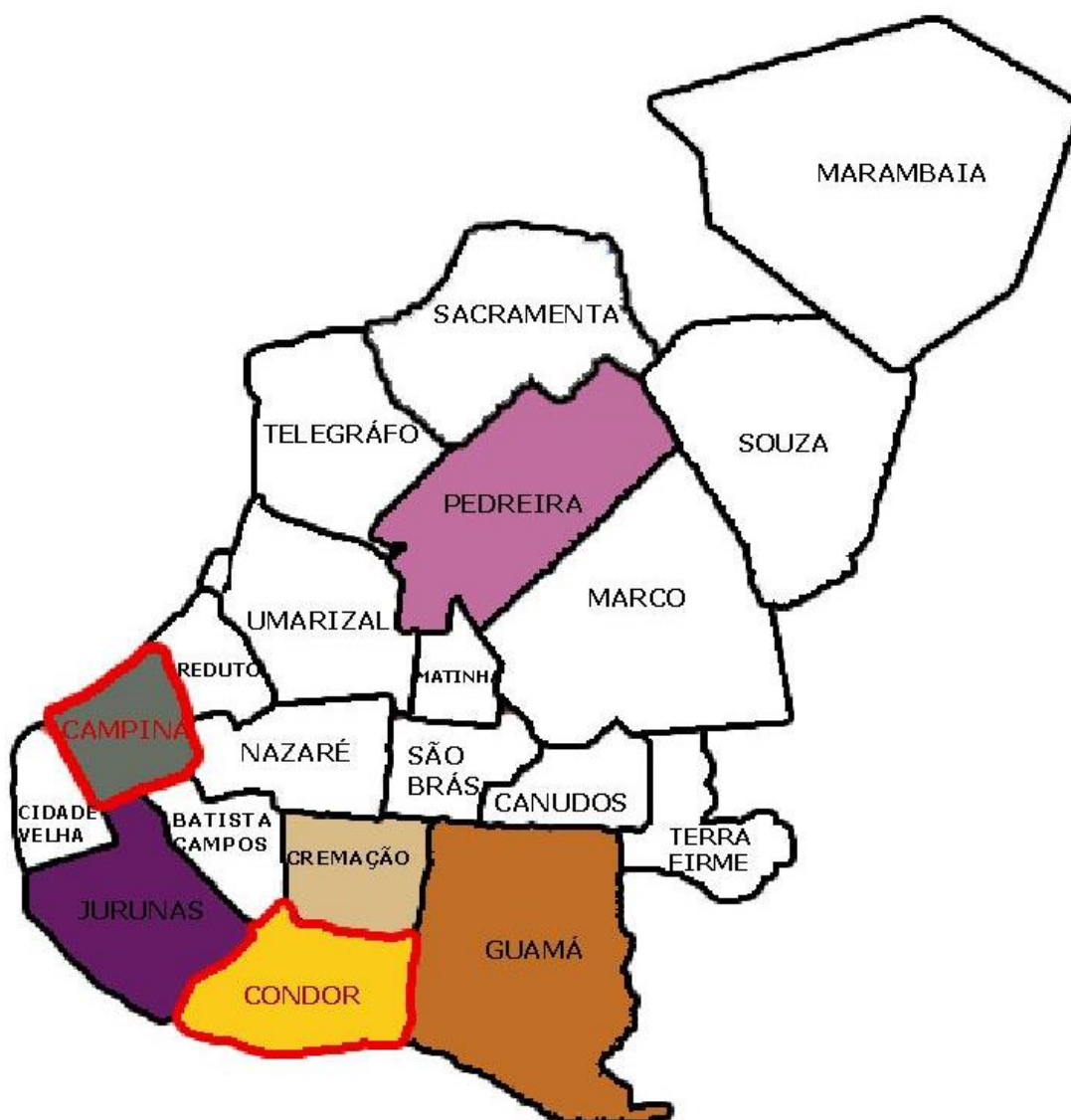
As experiências narradas por Fernando Pessoa – citação de abertura do tópico – mostram um grupo de jovens moradores da área central desfrutando dos lazeres festivos localizados nesta mesma área, mais precisamente no bairro da Campina, próximo à zona do meretrício, e a sequência de suas experiências boêmias no deslocamento para o subúrbio, encontrando o bairro da Condor como *locus* privilegiado da extensão noturna em um espaço distante apenas dois quilômetros do centro (Mapa 2). As lembranças de João de Barros Filho também enfatizam que a Condor era procurada por boêmios que chegavam pela madrugada no local para desfrutar o final de noite e boemia dizendo que “quando fechava a zona do meretrício, o pessoal vinha todo pra cá e não tinha mais lugar pra ninguém”¹⁰⁶.

¹⁰⁴ Já é consagrado nas ciências sociais o debate sobre *fronteiras* e *espaço*. Para alguns autores se trata de considerar ambos os conceitos como elementos não estanques que apresentam uma conexão íntima com as relações e experiências sociais. Sobre esse tema é importante ver: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. “O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região”. *Fronteiras*, vol. 10, nº 7 (2008), p. 57. ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. “Bicho solto: natureza, espaços e história na transição da modernidade para a pós-modernidade”. **Nos destinos de fronteira: História, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008, p. 57-58; ARANTES, O; VAINER, C; MARICAT, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consenso**. Petrópolis: Ed. Vozes, 3ª ed., 2002; FERREIRA, Carmena Fadul. **Produção do Espaço e Degradação Ambiental: Um estudo sobre a várzea do igarapé do Tucunduba**; Belém- Pa. (dissertação de mestrado - Programa de Pós-graduação em Geografia Física do departamento de Geografia) /FFLCH/USP; GALVÃO, A.R.G.; FRANÇA, F.M.; BRAGA, L.C. O território e a territorialidade: contribuições de Claude Raffestin. In: SAQUET, Marcos Aurélio, SOUZA, Edson Belo Clemente de (org.) **Leituras do conceito de território e de processos espaciais**. - 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009; LEFREVE, H. **O direito a cidade**. São Paulo. Ática série princípios 1989; MELO, Vanice Siqueira de. “Paisagem, Território e Sertão”. In: **Cruentas Guerras: Índios e Portugueses nos sertões do Maranhão e Piauí**. Belém: (Dissertação Mestrado em História) – PPHIST/UFPA, 2011, p. 27-30; RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do bairro do Jurunas: Sociabilidades e Construção de Identidades em Espaço Urbano**. Belém: NAEA/UFPA, 2008; TRINDADE JR. Saint Clair Cordeiro da. **Produção do Espaço e uso do solo urbano em Belém**. Belém; UFPA /NAEA, 1997.

¹⁰⁵ Não vou aqui me deter a discutir as fraturas e as delimitações sócio espaciais e de territorialidade entre classes sociais distintas. Limitar-me-ei a analisar as circularidades culturais presentes nos espaços boêmios, bem como, a circulação entre boêmios por lugares de festa e lazer com origens e finalidades diferenciadas.

¹⁰⁶ CATETE, Jorge. “Palco de Roberto, Nelson a Jamelão”. **O Liberal**. Atualidades, Belém, 28 jul. 1998, p. 2

Mapa 2: Os bairros destacados são os de maior frequência boêmia nas décadas de “60” e “70”.



Fonte: Intervenção feita a partir das fontes coletadas em mapa da cidade dos anos setenta.

Os lugares de boemia são aqui entendidos como espaços de mobilidade social onde as misturas culturais e as interconexões entre indivíduos se manifestavam através do compartilhamento de experiências em espaços sociais não estanques. A fluidez de pessoas de diferentes classes sociais ajudava a tornar esses espaços lugares híbridos do ponto de vista social, mesmo nas dimensões geográficas estabelecidas entre centro e subúrbio. Vale lembrar que a formação de uma cidade, e de seus espaços centrais ou periféricos, pode ser entendida a partir da compreensão das formas de ocupação e suas diversidades no tocante ao

uso do território ao longo do tempo, modificando-se de acordo com o contexto socioeconômico, estabelecendo a criação de “espaços sociais de contradição¹⁰⁷”.

Vale lembrar que a circulação de moradores dos subúrbios no centro da cidade e as incursões boêmias de moradores do centro nos arrabaldes suburbanos possibilitavam visões de mundo e experiências distintas em espaços de circulação e sociabilidade que podiam ser usados como atrativos de lazer e de trabalho de diferentes maneiras¹⁰⁸. As contribuições da produção literária ambientada no espaço social de Belém, acerca dos lugares de lazer nas paisagens urbanas da cidade, auxiliam na compreensão das dinâmicas de circulação dos cidadãos que, pelas ruas do centro, compartilhavam experiências, frequentando espaços simbólicos aprazíveis para moradores de diversas procedências como mostra o trecho da obra de Dalcídio Jurandir:

Na mesma tarde, um sábado, Emília mandou Libânia ao *point à-jour* na Doutor Moraes:

- Leva o Quadro de Honra contigo.

E da Doutor Moraes, sem lhe dizer nada, Libânia levou ele ao Largo da Pólvora. Alfredo reconheceu velhas fotografias de sua intimidade: O Teatro da Paz, O Grande Hotel, a estátua da República, todo o *Álbum comemorativo do centenário de Belém* de corpo presente. Diante do Cinema Olímpia, viu a mãe no chalé lhe contando: “É tanta luz no Cinema Olímpia, que agente parece que fica tonta...” E agora ali, perdida estória maravilhosa, estava, ali o baixote, o fechado, o escurinho Cinema Olímpia¹⁰⁹.

Percebe-se na narrativa literária toda a descrição de espaços e ruas do centro, apreciados por dois jovens personagens do romance que saem da casa da madrinha para entregar uma encomenda em um lugar determinado (a Rua Dr. Moraes, localizada no centro), mas estendem a caminhada a outros lugares atrativos também do centro da cidade como o Teatro da Paz, Cinema Olímpia, O Grande Hotel e O Largo da Pólvora (Atual Praça da República). A narrativa do autor revela tipos de experiências realizadas por jovens do subúrbio que iam ao centro contemplar as paisagens urbanas de monumentos e atrativos culturais. O autor deixa a impressão do sentimento de deslumbre e decepção dos jovens na contemplação de prédios e monumentos, antes vistos apenas no *Álbum Comemorativo de*

¹⁰⁷TRINDADE JR, 1997 p.6

¹⁰⁸ Edilza Fontes faz alusão às experiências vividas por moradores do subúrbio que guardaram memórias e lembranças das circulações por vários pontos da cidade. Sobre essas memórias a autora afirma: “A memória da cidade foi sendo construída por vários olhares, ganhando várias descrições e firmando um sentido no olhar, que é o da negação do presente e uma certa mistificação do passado” Ver : FONTES. Edilza Joana de Oliveira. **O Pão Nosso de Cada Dia: Trabalhadores, indústria da panificação e a legislação trabalhista em Belém (1940-1954)**. Belém: Paka-Tatu, 2002, p. 201-221.

¹⁰⁹JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004 – (Coleção Ciclo do Extremo Norte), p. 129.

Belém, suposta obra comemorativa publicada durante as comemorações de aniversário da cidade¹¹⁰. As descrições literárias servem aqui como indicativos dos usos distintos do espaço urbano e das circulações dos indivíduos de diferentes extratos sociais por lugares da cidade¹¹¹.

Dalcídio deixa claro que as experiências vividas nos espaços da cidade são algo pessoal e intransferível, quase uma lei interna do indivíduo. E este pressuposto fica claro quando o personagem Alfredo tem sua própria experiência em espaços da cidade, antes conhecidos apenas por imagens e narrativas de outrem. Se para a sua mãe o Cinema Olympia era sinônimo de luz, a ponto de estontear, para ele (Alfredo), a primeira experiência com este cinema não fora mais que a desmistificação de uma narrativa maravilhosa que se perdeu (ou se transformou) diante de sua experiência pessoal. Ao encontrar o Olympia fechado, escuro, “baixote”, tão diferente da narrativa da sua mãe, que certamente o frequentou em um dia de exibição, Alfredo construiu o seu próprio conceito daquele espaço, menos positivo que o dela. Este tipo de ocorrência pode ser percebido nas narrativas dos boêmios sobre os espaços de boêmia da cidade. Dependendo da experiência pessoal de cada indivíduo e do trabalho que o tempo operou nas memórias pessoais, veremos que estes espaços são narrados de formas mais positivadas ou negativadas nos depoimentos de boêmios do centro da cidade quando contavam suas experiências suburbanas.

No caso da cidade de Belém, houve um processo de produção e reprodução espacial marcado por profundas contradições em relação à constituição de seu núcleo urbano, proporcionando a diferenciação social e paisagística entre centro e periferia, bem como das funções que cada área da urbe apresentava. Uma cidade criada dentro da lógica capitalista

¹¹⁰ Não disponho de informações a respeito da existência de um *Álbum comemorativo do centenário de Belém*. Referência feita por Dalcídio Jurandir. Esta pode ser uma divagação ilusória que faz referência ao “Álbum Comemorativo de Belém de 1902”, publicado pela intendência de Belém durante a gestão de Antônio Lemos; ou ainda ao “Álbum do Estado do Pará”, publicado no governo de Augusto Monte Negro; ou uma última possibilidade seria o “Anuário de Belém em comemoração ao seu tricentenário em 1916”, publicado por Inácio Moura em 1916, todos são muito ilustrativos e guardam bastante fotos da cidade à época.

¹¹¹ Já são consagrados os debates na historiografia acerca do uso das obras literárias como fonte, principalmente após a denominada “revolução historiográfica” ocorrida com a fundação da Revista dos *Annales* por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, abrindo caminho para abordagens acerca da *História das Mentalidades*. Na terceira geração desse grupo de historiadores franceses, Jacques Le Goff e Pierre Nora lançaram a proposta de ampliação das fontes históricas com *novos problemas, novas abordagens e novos objetos* o que define a introdução de outros aportes documentais, bem como outras reflexões teóricas e metodológicas privilegiando fontes antes não consagradas pela historiografia. Ver: BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Unesp, 1991; LE GOFF, Jacques. **História: novos problemas, novas abordagens, novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976; Numa Perspectiva mais circunscrita às fontes literárias Antônio Celso Ferreira aponta o uso da literatura como fonte de trabalhos históricos destaca-se como uma possibilidade possível de compreensão das diversas realidades sociais referendando que: “os textos literários passaram a ser vistos pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo”. Ver: FERREIRA, Antônio Celso. **Literatura: A fonte fecunda**. In: PINSK, Carla Bassanezi & LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 61-91.

que, no decorrer do seu processo histórico, passou a apresentar uma heterogeneidade espacial, obedecendo às exigências, os valores e à identidade dos grupos que impuseram regras ao espaço urbanizado em setores privilegiados da cidade; e se improvisando em lugares inadequados, sem infraestrutura, habitados por grupos excluídos espacialmente. Os circuitos de lazer se diferenciaram sobremaneira de acordo com a localização e função lúdica, mas principalmente pela experiência individual vivida, tanto no centro como nos subúrbios.

Obviamente que outros espaços lúdicos e de boemia completavam o circuito de lazer da cidade de Belém, como terei oportunidade de demonstrar. Meu empenho se apresenta aqui na perspectiva de construir uma cartografia da boemia e do lazer existente no centro e nos subúrbios de Belém, descrevendo espaços emblemáticos da cidade, procurados por diferentes sujeitos sociais que estabeleceram territorialidades tangenciadas através de diversas experiências boêmias¹¹². Começo minha descrição pelo centro da cidade, tomando como ponto de partida o bairro da Campina¹¹³ (Mapa 3), bairro este de expressões boêmias que abrigavam vários espaços de lazer e entretenimento.

Dentre seus espaços principais, destacavam-se aqueles localizados na já mencionada Avenida 15 de Agosto (atual Avenida Presidente Vargas), uma das principais artérias da cidade identificada com a modernidade por ter passado por empreendimentos de urbanização, modernização e verticalização de prédios de luxo na primeira metade do século XX¹¹⁴. Nesta avenida se encontrava o complexo formado pelo *Grande Hotel*, o *Cinema Olympia*, o *Teatro da Paz* e o *Bar do Parque*, esses lugares se caracterizaram como pontos de encontros entre pessoas que iam ao centro da cidade desfrutar os atrativos culturais oferecidos por estes estabelecimentos.

¹¹² Interessante reflexão encontra-se em Durval Albuquerque que entende “espaços como sendo criações humanas e não apenas receptáculos passivos ou cenários dos acontecimentos humanos”. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008, p. 58;

¹¹³ Segundo Antônio Rocha Penteado o bairro da Campina apresentava (e ainda apresenta) três funções concomitantes. A de bairro residencial, bairro comercial e bairro que abrigava dezenas de casas de pensão, pequenos hotéis, bares, pensões alegres e prostíbulos em uma área que ficava contígua ao bairro comercial. Sobre esse assunto ver: PENTEADO. 1968, 164-167

¹¹⁴ Atual Avenida Presidente Vargas. Antônio Rocha Penteado nos oferece um excelente panorama descritivo desta avenida no cenário belenense quando diz que: “o novo centro que correspondia ‘praticamente à av. 15 de Agosto, a grande artéria da nova Belém do Pará...’, ‘avenida larga e moderna’: nela, já existiam ‘uma pequena série de arranha-céus e se encontravam os melhores hotéis, os escritórios das grandes companhias de navegação, algumas repartições públicas e vários consulados de repúblicas andinas’; também notamos como já começava a surgir, ao longo dessa avenida, ‘bares, cafés e restaurantes e algumas casas comerciais mais requintadas’”. Ver: PENTEADO, *op. Cit.* p. 181.

Mapa 3: Dimensões do bairro da Campina em Belém



Fonte: Intervenção feita a partir das fontes coletadas em mapa atual da cidade.

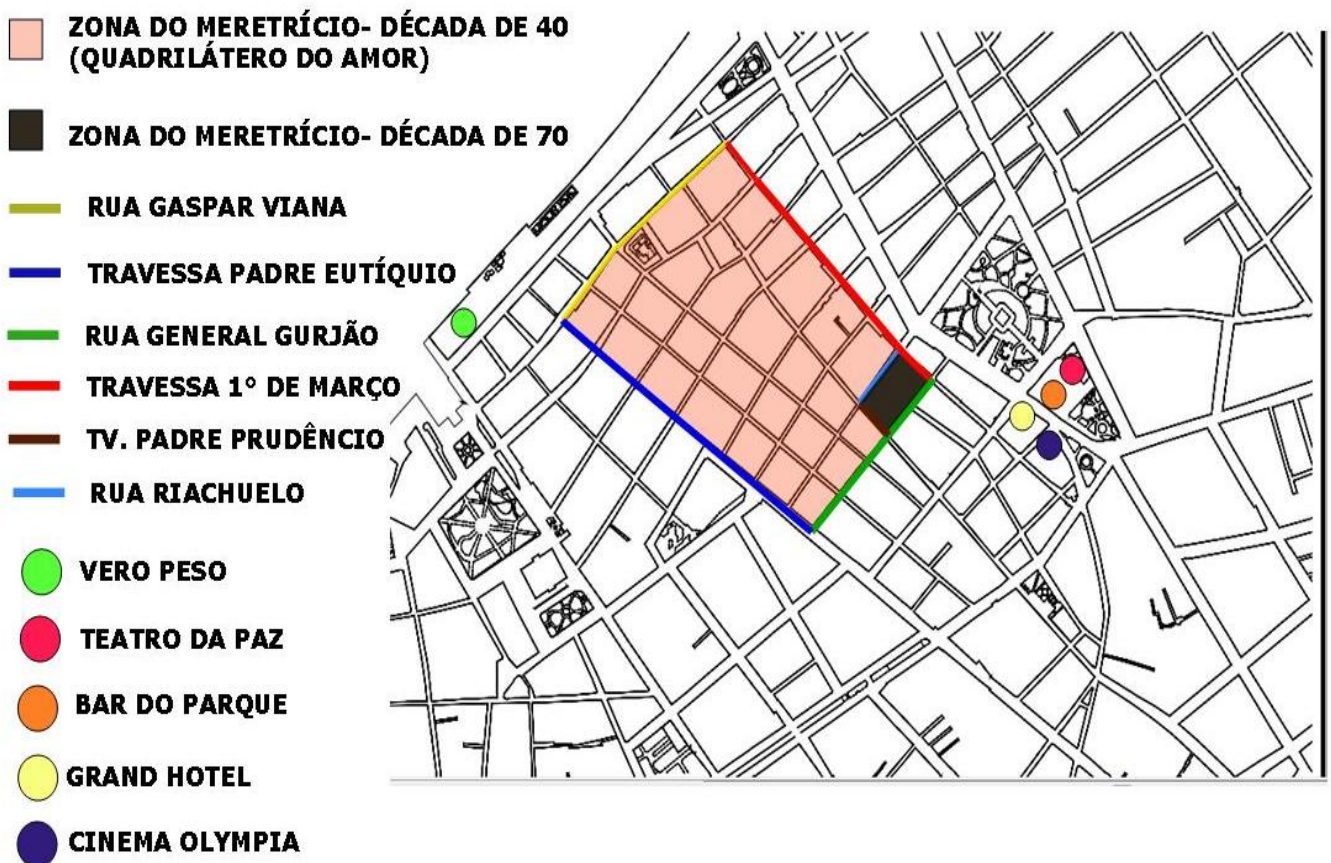
Por trás desta artéria central, constituída como um mundo paralelo ao grande complexo arquitetônico e cultural supracitado, estava a Zona do Meretrício, abrigando centenas de casas que se dividiram em cabarés, pensões, boates e pequenos prostíbulos onde se encontravam sujeitos sociais de todas as estirpes, desde os indivíduos ligados a elite, bem como os setores da classe média, a setores de estratos sociais mais humildes. Eram carregadores estivadores marinheiros e outros segmentos que para aquela região se dirigiam em busca de diversão e relações sexuais.

Em grande parte do bairro da Campina, a expressão festiva era intensa, fazendo deste espaço da cidade um verdadeiro ponto de concentração boêmia que funcionava de dia e de noite. É importante considerar que, durante praticamente todo o século XX, esta área da cidade foi marcada pelo movimento comercial e pela fluidez cultural, dada a grande quantidade de cafés, cinemas, hotéis e restaurantes ao longo principalmente da Avenida 15 de Agosto. Até meados dos anos setenta, esta foi um dos principais pontos de referência das atividades boêmias na cidade.

O mapa abaixo (Mapa 4) oferece a exata dimensão espacial dos pontos culturais e atrativos da dita “boa sociedade”, e as fluidas de fronteiras com os espaços contíguos da zona

do meretrício e, mais adiante, a feira do Ver-o-Peso. Ele mostra a localização desses espaços no bairro da Campina em Belém de meados do século XX.

Mapa 4: Principais pontos culturais, de lazer e de tensões em Belém.



Fonte: Intervenção feita a partir das fontes coletadas em mapa atual da cidade.

O *Grande Hotel* se destacava com seu luxuoso e tradicional *Palace Teatre* e seu *Terrace Café*, ambos eram referências de ponto de encontros, de eventos e de entretenimento. Durante toda a primeira metade do século XX, até meados da década de setenta, quando foi desativado, ele representou o lugar requintado e um dos mais badalados de Belém, onde se reuniam homens e mulheres, principalmente da elite financeira da cidade. Passaram pelas dependências do *Grande Hotel* negociantes, políticos, profissionais liberais, músicos, poetas, jornalistas, literatos, intelectuais, “moças de família”, meretrizes e, naturalmente, os turistas de passagem por Belém, que se reuniam e “matavam tempo” em alongadas conversas vespertinas e noturnas em seu ambiente externo do *Terrace*, ou em eventos e bailes realizados no seu interior no *Cine Teatro Palace*. Nesse hotel, a vida da cidade era discutida, as

articulações artísticas, culturais, políticas e boêmias eram tratadas por grupos de intelectuais que usavam o espaço como *locus* de debate para as questões da atualidade em que viviam.

Havia no *Grande Hotel* a tradição em acolher os grupos de escritores e boêmios residentes em Belém desde as décadas iniciais do século XX. Foram frequentes as realizações de rodas boêmias com serestas e saraus poéticos e literários realizadas no seu *Terrace*, no famoso “chá das cinco”. Essas reuniões boêmias se estendiam também ao *Café Chic*, seu vizinho das primeiras décadas do século XX. Campos Ribeiro, um dos poetas frequentadores das rodas boêmias, descrevia esses encontros dizendo que:

O “Chic”, o “Café Chic”, como um homônimo que aqui florescera e prosperara no começo do século, era então o ponto de reunião dos novos das letras indígenas. Ali, se não todas as noites, aos sábados com matemática certeza, lá iam chegando, depois das nove da noite, os poetas, os “conteurs”, os cronistas elegantes das páginas fúteis de “*A Semana*”, a revista da época, requestada fabrilmente pelas “graças” regionais, que faziam o encanto e a sensação das vesperais do “*Olímpia*” às sextas feiras e do “chá das cinco” no *Grande Hotel*, em regra sempre servido as seis ou sete da noite¹¹⁵.

No *Grande Hotel* se reuniram intelectuais, poetas e artistas de expressão regional como José Simões, Abguar Bastos, De Campos Ribeiro, Sandoval Lage, Clóvis Gusmão, Paulo Oliveira, Bruno de Meneses e Dalcídio Jurandir¹¹⁶, dentre outros. Muitos desses intelectuais participaram ativamente da vida boêmia e literária paraense, fundando, inclusive, as revistas *Belém Nova* e *A Semana*, revistas de caráter modernista responsáveis por divulgar os eventos culturais de Belém nas primeiras décadas do século XX¹¹⁷. Essas práticas boêmias dos anos vinte e trinta chegaram à metade do século trazendo em seu bojo o discurso de regionalização amparado nas tradições de inspiração modernista que procurava encontrar o

¹¹⁵ RIBEIRO, De Campos. “O José do “Chic”. *O Estado do Pará*. Belém, 05 jan. 1950, p. 05 (grifo meu).

¹¹⁶ Os intelectuais citados eram em sua grande maioria, literatos, jornalistas e personalidades poéticas pertencentes a Academia Paraense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Sobre esse assunto ver: CORRÊA. Ângela Tereza de Oliveira, 2010, p.171-182; FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Os vândalos do apocalipse e outras histórias**. Arte e literatura no Pará dos Anos 20. Belém: IAP, 2012.

¹¹⁷ A Revista *Belém Nova* foi uma revista paraense que circulou na cidade de Belém entre 15 de setembro de 1923 a 15 de abril de 1929, foi dirigida pelo poeta Bruno de Menezes e contou com a colaboração da jovem intelectualidade modernista paraense dos anos vinte. Sobre esse assunto ver: CORRÊA. 2010, p.171; FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos Modernos: Uma história social da arte e da literatura na Amazônia 1908 a 1929**. Tese (Doutorado em História Social) Campinas-SP, Universidade de Campinas, 2001. Sobre a Revista *A Semana* foi fundada em 1918 e teve em seu plantel grandes nomes das letras no Pará, destacando-se Inácio Moura, Eustáquio de Azevedo, Antônio Tavernar, dentre outros. Esses militantes homens de ciências e de artes buscavam as razões da identidade nacional e amazônica. Foi uma grande referência no modernismo na Amazônia. Sobre esse assunto ver: COIMBRA, Adriana. **Belém Moderna: As visões sobre o povo, a modernidade e a nação nas páginas da revista A Semana – 1922/1923**; Monografia (Graduação em História) – Faculdade de História, Universidade federal do Pará. Belém, 2010; FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. “Os novos e o Centenário: arte, literatura e efeméride no Pará dos anos 20”. **Revista de Estudos Amazônicos**, vol. III, nº 2, 2008. p.116.

lugar da identidade regional nos hábitos e costumes amazônidas, bem propalados pela elite intelectual e literária da região.

Nos anos cinquenta, O *Terrace* do *Grande Hotel* (fig.11) prevalecia como ponto de encontro e de referência na área central da cidade onde quase sempre seus frequentadores se apresentavam bem trajados, as mulheres usando vestidos finos e os homens quase sempre usando ternos brancos. Nele, as reuniões eram dosadas a base de diversos *drinks*, no pavimento térreo que contava também com uma sorveteria que fornecia, no *Terrace*, o tradicional sorvete *charlotine*, consumido preferencialmente por turistas e pelos frequentadores do *Cinema Olympia*, após as sessões vespertinas e noturnas.

Figura 11: Vista do *Terrace* do Grande Hotel, provavelmente no final dos anos quarenta.



Fonte: Disponível em: <http://blogflanar.blogspot.com.br/2012/10/garimpando-belem-de-outrora.html>

O *Terrace* recebia também, com certa frequência, a presença provavelmente indesejada das mulheres do meretrício, moradoras das vizinhanças que iam a esses lugares

para ter momentos de conversas e para fazer companhia a hospedes do hotel, ou a personalidades políticas e intelectuais que constantemente marcavam seus encontros nesse local¹¹⁸. Ficaram famosas também as passagens de grandes personalidades políticas e culturais que se hospedaram no hotel como, por exemplo, os presidentes Getúlio Vargas e Euríco Gaspar Dutra, bem como o literato modernista Mário de Andrade que narrou sua passagem por Belém e pelo *Terrace* em suas cartas de “Turista Aprendiz”. As impressões de Mário de Andrade estão expressas em uma carta enviada a Manoel Bandeira em 1927 no período de excursão de Mário pela Amazônia. Nesta, o literato modernista declarou:

“Manu, estamos numa paradinha pra cortar canarana da margem pros bois de nossos jantares. Amanhã se chega em Manaus e não sei mais que coisas bonitas enxergarei por esse mundo de águas. Porém me conquistar mesmo ao ponto de ficar doente no desejo, só Belém me conquistou assim. Meu único ideal de agora em diante é passar uns meses morando no Grande Hotel de Belém. O direito de sentar naquela terrace em frente das mangueiras tapando o Teatro da Paz, sentar sem mais nada, chupitando um sorvete de cupuaçu, de açaí. Você que conhece mundo, conhece coisa melhor do que isso, Manu? [...]”¹¹⁹.

Além do *Terrace* e da vista que ele proporcionava que encantou Mário de Andrade, no interior do *Grande Hotel*, outro espaço de referência era o *Cine Palace Teatre*, composto por grande salão com frisas e camarotes destinados a eventos sociais. Neste espaço foram realizados vários espetáculos exposições, bailes de debutantes, festas de clubes sociais, sessões cinematográficas dominicais de cinema mudo que tinha como atração a orquestra que ficava escondida no fosso entre o palco e a plateia. Na década de cinquenta, vários bailes de gala foram realizados em suas dependências, destacando-se o “Baile das Flores” e o concurso de “Miss Bangu”, ambos realizados pela *Assembleia Paraense*¹²⁰.

Construído em 1913, no final do ciclo da borracha na Amazônia, o *Grande Hotel* pertenceu ao empresário de hotelaria e entretenimento Teixeira Martins, dono também do *Cinema Olympia*. Foi o maior estabelecimento do ramo na região Norte, destinado aos serviços de hotelaria de luxo atendendo também as funções de espaço de entretenimento e centro de convenções para os eventos e cerimônias que dinamizavam a vida cultural de Belém na primeira metade do século XX, transformando-se, assim, em um dos maiores centros culturais da cidade. O *Grande Hotel* oferecia todos os equipamentos e materiais que haviam de mais modernos à época de sua fundação, tendo como referência uma arquitetura de

¹¹⁸ Trataremos desse tema mais adiante.

¹¹⁹ Por esse mundo de águas, junho 1927. ANDRADE, Mario. **Cartas a Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1958, p.139.

¹²⁰ TEIXEIRA, Mário. AP Memórias 1915-1992. Belém: Ed. A.P, 1992, p. 113.

características ecléticas. Em 1948, sofreu algumas alterações para adaptá-lo aos padrões de conforto e eficiência exigidos pela *Inter Continental Hotels Corporation* – rede hoteleira norte americana que comprou o imóvel. No início dos anos setenta foi novamente vendido para rede hoteleira Hilton, sendo demolido em 1975, após inúmeras polêmicas judiciais, para dar lugar ao novo prédio do Hilton Hotel inaugurado em 1984¹²¹.

As propagandas disponíveis sobre *O Grande Hotel* mostram que este foi utilizado como referência de *marketing* para atrair turistas para a região através de parcerias com companhias aéreas em anúncios postos em etiquetas e rótulos de malas.

Figura 12: Rótulos antigos do Grande Hotel.



Fonte: <http://blogflamar.blogspot.com.br/2012/10/garimpando-belem-de-outrora.html>.

Durante os anos cinquenta e sessenta, as dependências do hotel também contaram com a presença da *boate Studium*, local que se especializou nas diversas atrações caribenhas e nos serviços que anunciavam aquele espaço como possuidor da “melhor música, a melhor comida, o melhor ambiente, o melhor drink, o melhor *night-club* da cidade¹²²”. É importante notar que a partir do final dos anos quarenta, quando o hotel foi comprado pela rede hoteleira

¹²¹ Sobre o *Grande Hotel* ver: “Grande Hotel, apenas hospedes da memória” **O Diário do Pará**. Belém, 30 de janeiro de 2011, p.12, Col. Diário Documento.

¹²² **Folha do Norte**. Belém, 19 ago. 1962. p.5

supracitada, já havia certo interesse internacional pela Amazônia, provavelmente como ponto turístico e de lazer por causa da proximidade da região com o circuito dos países turísticos do Caribe, é o que podemos inferir das propagandas cheias de colorido e de imagens relacionadas a pontos turísticos com praia, mar e coqueiros como se vê nas imagens anteriores.

Ao lado do *Grande Hotel*, o *Cinema Olympia* (fig. 13), o mais antigo da cidade, também continuava atraindo grande público. Seu salão com palco teatral moderno e arejado servia como ponto de encontro entre pessoas ilustres da cidade, assim como de estudantes, intelectuais e casais de enamorados que se reuniam nas sessões de cinema e depois seguiam para o *Terrace* do *Grande Hotel* para desfrutar dos sorvetes com sabores regionais ali vendidos¹²³.

Figura 13: Imagem do Cinema Olympia à esquerda e o Grande Hotel à direita



Fonte: Disponível em: http://cabanodatabauera.blogspot.com.br/2012_07_01_archive.html.

Construído em 1912, o *Cinema Olympia* também representa o resultado dos grandes investimentos em entretenimento surgidos com o *boom* da economia da borracha na Amazônia. Suas sessões vespertinas e noturnas, bem como as matinais de domingo, atraíam boa parte da sociedade paraense para assistir os filmes que eram exibidos em sua sala. Composto por um grande salão de exibição com quatrocentos lugares, dez ventiladores, seis

¹²³ Pedro Veriano oferece excelente descrição de como eram as sessões vespertinas e noturnas nos sábados e domingos no Cinema Olímpia. Ver VERIANO. 1999, p. 18-19.

portas, quatorze janelas e mais uma sala de espera onde ficavam piano e espaço para orquestra, o *Cinema Olympia* chegou à metade do século com o mesmo sucesso que fez no momento de sua inauguração. Como já visto anteriormente, até a década de 1950, a cidade de Belém tinha nos cinemas uma das diversões mais baratas e preferidas da população, considerando os lazeres não gratuitos que atraíam público de todos os segmentos sociais.

Outra característica importante acerca do *Cinema Olympia* diz respeito a sua localização: ele era contíguo à famosa zona do meretrício da Campina e por isso foi, juntamente com o *Grande Hotel*, frequentado pelas prostitutas do denominado “quadrilátero do amor”. A presença dessas mulheres que transgrediam as convenções nesses espaços, assim como o comportamento vislumbrado por parte dos frequentadores do hotel. Assim é narrado por Pedro Veriano:

Para ir ao Olympia era preciso usar boa roupa. Homem de paletó e gravata, mulher de vestido longo e chapéu [...]. A exigência da elegância dava em contrastes cômicos. Espectadores que se julgavam “modernos”, ou menos dispostos a esconder as suas aventuras de alcova, afirmavam que as “polacas” apareciam, muitas vezes, mais “charmosas” do que as senhoras e senhoritas de “boa família”. O diabo é que elas acabavam por exagerar no tom¹²⁴.

A narrativa sobre o movimento e o público frequentador do *Olympia* mostra que as fronteiras entre espaços ditos das elites ou espaços denominados de populares, ou mesmo os espaços destinados à boemia e ao meretrício, confundiam-se tanto na Belém do início do século como na Belém que se transformava a partir dos anos cinquenta, uma vez que as pequenas distâncias entre centro, subúrbio e as permeáveis fronteiras, que a todo o momento eram transpostas, mostram que a cidade oferecia espaços de entretenimento, lazer e boemia, razoavelmente compartilhados, mesmo que a contra gosto de uma parcela da sociedade.

Em frente ao *Grande Hotel*, harmonizado pelo vasto gramado, coretos, quiosques e monumentos da *Praça da República*, estavam o imponente *Teatro da Paz* e o *Bar do Parque*, lugares que também tinham seu papel de destaque na vida cultural de Belém. O *Teatro da Paz*, construído na parte central da Praça da República, representava a herança da imponência dos tempos da borracha, assim como o teatro de ópera que foi construído em estilo Neoclássico. Na virada dos anos quarenta para os cinquenta, o teatro passou por um período de dificuldades com suas instalações funcionando de forma bastante precária e precisando de reparos de toda ordem, fato que rendeu muitas críticas por parte da imprensa que anunciava a manchete em letras grandes o destaque dizendo que “era só o que faltava, a nossa principal

¹²⁴ VERIANO. 1999, p. 18.

casa de espetáculos está jogada no abandono¹²⁵”. Sua condição de precariedade perdurou até meados dos anos setenta quando o prédio passou por uma restauração voltando a receber espetáculos regularmente. No entanto, a situação crítica dos anos cinquenta e sessenta não ofuscaram sua imponência e as programações nele apresentadas, mesmo com todas as dificuldades vivenciadas à época. O *Teatro da Paz* representou o grande teatro de óperas da Amazônia, posteriormente adaptado para várias outras modalidades de espetáculos artísticos¹²⁶.

Completando o complexo paisagístico e de lazer da Avenida 15 de Agosto estava o *Bar do Parque*, construído nos tempos do período de “fausto nortista” como quiosque de madeira onde eram vendidos secos e molhados, pensado para vender produtos para a elite financeira. Em 1925, o engenheiro Francisco Bolonha transformou este quiosque em um quiosque de concreto armado, maior e mais pomposo¹²⁷. Como bar, passou a funcionar em 1945 com o nome que tem até os dias atuais, acolhendo indivíduos de diversos estratos sociais¹²⁸. Nas primeiras décadas de existência, ele disputou fregueses com o *Grande Hotel*. Nele se reuniam, e ainda reúnem-se, estudantes universitários, músicos, meretrizes e demais boêmios e intelectuais que pela cidade circularam desde os anos cinquenta. Composto por um quiosque e uma laje suspensa, circundada com gradil ornamentado, o bar do parque atravessou as décadas como ponto de encontro obrigatório, ocupando ainda nos dias atuais, sendo assim lugar privilegiado na vida boemia de Belém. Por esse espaço, também, circularam grandes personalidades da vida cultural de Belém nas décadas de sessenta e setenta como Ruy Barata, Paulo André Barata, Haroldo Maranhão, dentre outras personalidades. Esses intelectuais elegeram as dependências do bar como espaço de criação musical, poética, bem como espaço de discussão política¹²⁹. Tony Leão da Costa sintetiza o ambiente vivido no Bar do Parque, a partir dos anos sessenta, como espaço de encontro de estudantes e militantes de esquerda nas suas elucubrações boemias e políticas. O autor referenda que durante o período mais radical da ditadura militar, no início dos anos setenta, o espaço era diuturnamente vigiado por militares disfarçados que procuravam se infiltrar para delatar os militantes considerados “subversivos” ao sistema. Dos espaços de boemia narrados aqui, o bar

¹²⁵ “Demolir o Teatro da Paz para construir um campo de futebol?... É só o que faltava!” **O Estado do Pará**. Belém, 07 janeiro de 1950, p. 3.

¹²⁶ Sobre o Teatro da Paz é interessante ver: SILVEIRA, Rose. **Histórias Invisíveis do Teatro da Paz: Da construção à primeira reforma**. Belém do Grão Pará (1869-1890). Belém: Paka-Tatu, 2010.

¹²⁷ COIMBRA. 2014, p. 146.

¹²⁸ “Bar do Parque o canto boêmio de Belém”. **A Província do Pará**. Belém, 16 abril 1979, p. 5.

¹²⁹ COSTA, Tony Leão da. **Música do Norte: Intelectuais, artistas populares, tradição e modernidade na formação da “MPB” no Pará (1960-1970)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia – PPHIST. Universidade federal do Pará. Belém, 2008. p. 27-82.

do parque simboliza o afrouxamento de todas as fronteiras, frequentado por todos os extratos sociais. No bar do parque, a vida boêmia parece florescer com plenitude. Evidentemente não falo de democracia social, mas de um espaço compartilhado, mesmo que cada indivíduo saiba a qual grupo social pertence, no ambiente do bar do parque a “tolerância social” se faz como que por encanto¹³⁰.

A descrição do início do tópico, feita por Fernando Pessoa, aponta o *Bar do Parque* como um dos três bares que fez parte do circuito denominado por ele como “triângulo dos bares”, dos quais também faziam parte os bares *Primavera* e o *Bar Biriba* (ou *Bar Universal*, seu nome original), ambos na Carlos Gomes. A proximidade de todos esses circuitos boêmios, tanto os das elites como os da zona do meretrício, colaboraram para o caráter diversificado e eclético do público que frequentava o bar do parque. As questões de sociabilidade desenvolvidas no ambiente no *Bar do Parque* serão discutidas mais detidamente no terceiro capítulo desta tese.

Figura 14: Imagem frontal do quiosque do Bar do Parque.



Fonte: **A Província do Pará**, Belém, 19 mar. 1976, 2º cad. p.1.

¹³⁰ COSTA, Tony. p. 56-66.

Os dois outros bares do denominado “triângulo dos bares” também faziam parte de um circuito boêmio frequentado por diversos setores de classe média do centro. Segundo o jornal *Diário do Pará*, o *Bar Biriba* ou *Bar Universal* foi fundado em 1948, por Raimundo Martins de Souza, proprietário que ficou conhecido pelos frequentadores com o apelido de *Biriba*, nome também atribuído ao estabelecimento, permanecendo o mesmo à frente dos negócios até 1986 quando faleceu¹³¹. Localizado bem próximo ao *Bar do Parque* e ao *Grande Hotel*, quase no epicentro da zona do Meretrício, na Campina, “durante muito tempo o *Biriba* foi reduto de jornalistas, intelectuais e artistas que tinham no bar o seu ponto certo de encontro e confraternizações¹³²”. Como ponto de reunião entre intelectuais, esse espaço se destacava no cenário boêmio por oferecer bom tira-gosto e uma variedade de batidas e licores, sendo também um dos locais preferidos por boêmios que gostavam de ficar “bebendo e jogando palitos¹³³”.

As memórias produzidas por boêmios que frequentaram estes lugares, lembradas aqui por sujeitos sociais que gravitaram tanto nos espaços centrais como nos espaços suburbanos, mostram que havia no cenário lúdico do centro da cidade de Belém representações que reproduziam várias visões romantizadas, repletas de nostalgias, onde os boêmios considerados de “boa índole” intelectuais e pessoas da dita “boa sociedade” que se faziam presentes nos espaços supracitados com a finalidade de desfrutarem dos bons serviços, assim como de sociabilizarem e serem vistos por seus pares de roda boêmia. A exigência de posturas discretas, trajes a rigor e certas regras de etiqueta definiam o tipo de boêmio e o comportamento desejado no interior de determinados estabelecimentos. Teatros, hotéis, cinemas, clubes e cafés eram espaços simbólicos da cidade que correspondiam aos anseios de uma elite social que fazia questão de se mostrar moderna e atualizada aos “bons gostos”.

Como marcos de cultura, esses locais se tornaram referências nas programações pensadas para os segmentos mais abastados da cidade. Ainda assim, a suposta inviolabilidade classista exigida em alguns desses lugares considerados chiques foi quebrada em alguns momentos, como afirmei acima ao me reportar aos casos relacionados à presença de mulheres do meretrício nas sessões do *Olympia* ou no *Terrace* do *Grande Hotel*. As regras de conduta e vestimentas eram burladas, havendo indivíduos que compartilhavam experiências nesses espaços considerados finos, mesmo não pertencendo aos segmentos sociais abastados.

¹³¹ “biriba 40 anos: Templo e retrospectiva de uma sagrada boemia”. **Diário do Pará**, Belém, 01 dez. 1988. Cad. 3, p. 1

¹³² A Boemia Quarentona da Velha Campina. **O Liberal**, Belém 01 dez. 1988 cad. 2 p. 1.

¹³³ **O Liberal**, Belém 01 dez. 1988.

É importante ressaltar também que a região central da cidade foi palco para as festas de rua durante os dias de carnaval, tendo sempre a presença de cordões, blocos e ranchos carnavalescos que se dirigiam dos subúrbios para desfilarem na Praça da República nos dias de carnaval. Durante os cinco dias de folia, os desfiles se concentravam em quatro pontos específicos: no Largo de São Braz, em frente ao Mercado Municipal; na Praça Princesa Izabel, no bairro da Condor; na Praça Brasil; e na Praça da República, onde se convergiam todos os cordões e ranchos carnavalescos. Os jornais da cidade nos anos cinquenta e sessenta davam uma cobertura detalhada acerca da programação e dos cortejos carnavalescos promovidos por esses cordões. As lembranças desses cortejos estão presentes também na memória de pessoas que vivenciaram essas manifestações que perduraram até meados da década de 1970. Herivelton Martins, funcionário público, que nas horas vagas assume a investitura de carnavalesco e Presidente de uma Escola de Samba em Belém, mais conhecido no mundo do samba como “Vetinho”, recorda de que maneira se realizavam os cordões carnavalescos que se dirigiam para a Praça da República no final dos anos setenta:

Nesse tempo o carnaval era grande, era bonito, o carnaval era lá na Praça da República, então os blocos se juntavam ali pelo Guamá, e, de tudo quanto era lado de Belém. A fila ficava ali em São Braz, para passar lá na Praça da República, a fila já vinha com bloco desde São Braz, de tudo quanto era jeito nas cordas. O pessoal botava cordas e ia dentro, batucada com tudo, ia tudo dentro das cordas¹³⁴.

Aqui retorno a discussão das fronteiras fluidas para reforçar a tese de que havia uma interseção entre centro e subúrbio que a todo o momento era exposta nas relações de sociabilidade e através das interconexões dos grupos sociais que saíam da periferia para o centro, e vice-versa, como, por exemplo, o caso das manifestações carnavalescas. No entanto, o que parece, quando se analisam as fontes, é que as classes sociais mais abastadas preferiam reunir-se no interior dos clubes sociais nos dias de festas carnavalescas. Esses lugares eram espaços atrativos para as elites e para aqueles sujeitos sociais. São inúmeros os exemplos nos jornais que mostram a programação carnavalesca realizada no interior dos clubes, como se vê na matéria abaixo que anuncia o baile dos médicos da cidade realizado no *Palace Teatro*:

A Sociedade Médico-Cirúrgica realizará hoje no Palace o seu anual baile carnavalesco. A nota primordial desta noite foliônica, será a eleição de sua rainha, para isso, os salões do Palace receberam uma magnífica ornamentação, sendo transformados no reinado dos profissionais da Medicina e a orquestra de Maçaneta

¹³⁴ Depoimento de Herivelton Martins, o “Vetinho”, Belém, 18 set. 2008. Entrevista realizada por José E. S. Dias Jr.

contratada para esta festa, desfolhará o seu suplemento musical carnavalesco, não dando tempo para que os foliões possam descansar. Sem dúvida alguma, a festa de hoje no “Reinado do Esculápio” será dos maiores êxitos. Dominó Negro recebeu convite para esta magnífica noite carnavalesca dos médicos¹³⁵.

Como se pode perceber, havia um investimento em bailes fechados com a locação de espaços chiques, bandas e anúncio na imprensa, o que demonstra que para essas categorias profissionais a possibilidade de não se misturar com outros segmentos da sociedade era forte. Na Assembleia Paraense, que também ficava localizada na Praça da República, a programação de todos os bailes era anunciada juntamente com as diversas recomendações dos critérios estabelecidos para o direito de participar desta festa reservada a “gente elegante” da cidade:

A Diretoria da ASSEMBLÉIA PARAENSE, por meu intermédio, honra-se sobremodo em convidar os distintos consócios e suas Exmas família, para abrihantarem com suas presenças as FESTAS DE CARNAVAL de 1951.

Dia 25 de janeiro de 1951 – Festa juvenil, com início às 23,30 horas oficiais. Traje de passeio ou fantasia condigna.

Dia 5 de fevereiro de 1951 – Baile de carnaval (segunda-feira gorda), com início às 20,30 horas oficiais. Traje de rigor ou fantasia condigna.

Dia 6 de fevereiro de 1951 – Festa infantil (terça-feira gorda), com início às 18 horas oficiais. Traje de passeio ou fantasia condigna.

Observações – Serão rigorosamente observadas as prescrições estatutária, no que concerne á família do sócio. Os blocos carnavalescos de associados devem entrar desde já, em entendimento com a Diretoria, dentro das horas de expedientes, das 17 às 20 h. Não é permitido o uso de macacões, blusas, camisas de meias slacks, mangas de camisa e semelhantes. Para as duas primeiras festas, reservam-se mesas na secretaria, dando-se atendimento de acordo com [sic] em virtude de poucas já restarem. O cobrador do clube, conforme resolveu a Diretoria, está a disposição dos Srs. consócios, a partir do dia 28 de janeiro, na sede social, das 17 às 21 horas oficiais.

Pela Diretoria:

MAURICO CORDOVIL PINTO

Presidente¹³⁶

Percebe-se aqui, mais uma vez, a distinção de classe posta nos critérios estabelecidos pelo referido clube quanto às exigências postas aos seus associados, o que denota certa seleção classista, sempre associada a regras e comportamentos considerados desejados pelos sócios da entidade. Os clubes e sedes sociais existentes no centro de Belém procuravam seguir condutas similares quanto ao padrão de comportamento, o público desejado como sócio e as condições financeiras adequadas para se fazer parte das referidas associações. Uma expressão

¹³⁵ “No Centro: Hoje no ‘Reino do Esculápio’”. **O Liberal**, Belém, 30 jan. 1951, p. 2.

¹³⁶ “Festa de carnaval”. **O Liberal**, Belém, 23 jan. 1951, p. 3.

das condições postas para a cidade em seu processo de modernização de meados dos anos cinquenta.

Outro espaço digno de nota é a feira do Ver-o-Peso, considerada por muitos boêmios como um lugar emblemático que serviu para muitas experiências boêmias. Localizada também no centro histórico, este complexo comercial representava um dos espaços mais importantes da cidade onde centenas de pessoas se misturavam nos dois mercados e na área de feira livre em suas compras e vendas diárias de frutas, víveres, plantas, peneiros, farinha, carvão e diversos outros produtos vindos do interior para serem comercializados nesta praça¹³⁷. Nas barracas de ervas da Amazônia, o comércio de remédios e loções, bem como das mandingas e simpatias, eram vendidas por mulheres de origem mestiça, negra e índia que, para além da venda, ainda consultavam e aconselhavam seus fregueses, garantindo, assim, “a prosperidade, a boa sorte no amor, o bom desempenho sexual, o fim do mal olhado, do quebranto, da ‘mundiação’, do agouro, dos passamentos e outras simpatias¹³⁸”.

Nas baiucas e quiosques da feira, o consumo da cachaça, acompanhada do peixe frito ou de frutos cítricos para se “tirar o gosto”, transformavam o local em um espaço de boemia alternativa entre boêmios de vários estratos sociais que para aquele lugar se dirigiam. O cotidiano da feira garantia inclusive os inconvenientes realizados por homens que incomodavam a ordem pública nos seus atos de vadiagem, “mexendo” com as mulheres em trânsito pelo local por meio de assovios e abordagens menos sutis. Volto a me ancorar na literatura de Dalcídio Jurandir para narrar uma descrição de sua personagem Libânia, “cabocla de feições libidinosas”, que ao ir ao Ver-o-Peso na companhia de Alfredo, garoto recém-chegado do interior, sofria vários tipos de assédios realizados por feirantes e estivadores presentes naquele lugar, como mostra o excerto extraído da obra:

Libânia passava, como se trouxesse consigo as embarcações, o cesto das bilhas, as fazendas da loja, os violões do botequim, os desejos dos homens. Passava como uma proa no alto da onda, e dizia ao menino:
 - São uns confiados. Mas eu te ligo?
 - Ligando... acrescentou Alfredo, fazendo uma cara inocente cobiçando o gergelim do canoeiro.
 - Sai!

¹³⁷ Penteado oferece uma detalhada descrição do movimento na feira: “o Ver-o-Peso, tão característico de Belém, mercado ‘estabelecido ao ar livre, junto a uma espécie de pequeno cais, onde atracam embarcações a vela (vigilengas)’; sua extensão para o norte formava o chamado Mercado da Praia, no qual se esparramavam ‘pelo chão’, em um enorme caos, mercadorias dos mais variados tipos e procedências. Verduras, frutas (bananas), cuias, moringas, paneiros de carvão, paneiros de farinha, chapéus de palha, panelas e outros utensílios de latão...”; também nos despertaram a atenção os ‘tabuleiros pertencentes a vendedores de água de cheiro, roupas, pães, sapatos, quinquilharia, etc. Enfim, tudo ali é comercio só comércio’”. Ver: PENTEADO. 1968 p. 181.

¹³⁸ “Ver-o-Peso das ervas”. **A província do Pará**, Belém, 08 de out. 1974, p.2.

Um barco, por infeliz manobra, não entrava na doca. Os canoeiros vaiavam. As velas, as cordagens, a mastreação com as roupas e peixes secos pendurados pareciam vaiar também o piloto infeliz. Alfredo, com os seus espantos, tinha os olhos no rio, no barco que errava a manobra. Libânia lhe parecia por cima da doca, o rosto de bilha, o Ver-o-Peso aos seus pés. Nunca tão de perto vira homens assim em torno de uma mulher. E em Libânia descobria, sim, uma mulher. Carregados de latas d'águas, trazidas da torneira do Largo do Palácio, tripulantes paravam para soltar uma graça no ouvido da rainha. Um deles meteu o dedo na lata e se benzeu como em pia de igreja. Foi então que Libânia deu um salto, deu as costas, se enrolou em si mesma, abrindo-se num riso. E o caboclo carregando a lata, gritava: “A senhora é, sim, merecedente, disto, sim, querendo que eu me benza, é só mandar, me benzo”. Aí Libânia engoliu o riso, apanhou a mão de Alfredo, escureceu o rosto e caminhou¹³⁹.

Essa descrição de Dalcídio Jurandir revela traços muito aproximados das relações de sociabilidades cotidianas vivenciadas na feira do Ver-o-Peso como espaço de múltiplas circulações, comércio, boemia e assédios sexuais realizados, principalmente, por homens às mulheres que frequentavam a feira. A literatura apresenta um tipo de comportamento de masculinidade muito comum nas relações de gênero vivido por homens e mulheres que por ali circulavam. A narrativa do autor mostra uma referência feminina específica – a garota de feições caboclas, sendo esse um tipo social muito comum na cidade de Belém. Um belenense reconhece de pronto esse comportamento inconveniente como parte do cotidiano da feira do Ver-o-Peso, uma prática recorrente. É possível também que as descrições do autor tenham se espelhado em suas próprias vivências no cotidiano da feira, uma vez que ele também foi frequentador assíduo do lugar, como mostrarei adiante.

Como *historiador testemunho*¹⁴⁰, cidadão de Belém que já teve por diversas vezes a oportunidade de vivenciar o cotidiano da feira, percebo e reconheço o nível de aproximação das descrições feitas por Dalcídio Jurandir com as sociabilidades existentes no Ver-o-Peso, uma vez que a circulação de pessoas, seus burburinhos e suas *paisagens sonoras* estão a todo o momento presentes nesse ambiente social, renovando-se e se manifestando em múltiplas expressões de contato físico, de comércio, de conflitos e de harmonias, marcando relações sociais diversas, ecléticas e fluidas do ponto de vista cultural. Em outro trecho da obra, Dalcídio Jurandir mostra as artimanhas boêmias e os constantes conflitos que ocorriam no local, uma prática recorrente na feira do Ver-o-Peso:

De repente, defronte do botequim, um violão atirado na cara do guarda civil, o rabo de arraia do marinheiro no engraxate, a prisão do “atravessador”. Bêbados, saindo do botequim que a maré tentava invadir, imitavam o balanço das canoas na doca [...] Também aos domingos ia ao Ver-o-Peso, ainda madrugada, para trazer às costas o

¹³⁹ JURANDIR. 2004, p. 137.

¹⁴⁰ Sobre historia testemunho é importante ver: HARTOG, François. **Os antigos, o passado e o presente**. Brasília: UnB, 2003; TUCÍDIDES. **História da guerra do Peloponeso**. Brasília: Ed. UnB, 1986.

saco de açaí comprado pelo seu Alcântara na beira da praia junto ao Mercado de Ferro¹⁴¹.

A síntese do autor mostra a constante presença de boêmios que se espalhavam pela região causando conflitos de diferentes naturezas. É importante destacar que a literatura de Dalcídio Jurandir serve aqui como subsídio para as feições sociais da população belenense, apreendida na obra como objeto de informações captadas pela percepção das condições sociais e suas interseções com o universo da cidade, mensuradas por noções de tempo e espaço que servem como balizadoras da narrativa literária. A obra expressa o status de verossimilhança e harmonia com a realidade histórica. É importante lembrar que o referido romance foi escrito na década de cinquenta, porém, ambientado no universo social da cidade dos anos vinte, o que denota a necessidade do autor em fazer constantes digressões temporais subsidiando o enredo na sua relação com o contexto histórico¹⁴².

Os incômodos de bêbados no Ver-O-Peso não estão expressos apenas na literatura, os jornais da cidade, vez por outra, apresentaram matérias falando sobre conflitos entre o poder público e pessoas que consumiam bebidas e drogas naquele local. As notícias, sempre que possível, falavam de “falta de ordem pública” na feira, um problema que, segundo a imprensa e as autoridades oficiais, era recorrente, contribuindo para visões disciplinadoras em relação ao espaço social do referido complexo comercial. O Ver-o-Peso aparecia tanto na literatura como nas notícias de jornal como um campo de tensões constantes entre o poder público e feirantes, boêmios, meretrizes e demais frequentadores da área. Os conflitos na região, não raro, estimularam medidas coercitivas e de posturas públicas por parte da Prefeitura, retirando as barracas e baiucas onde se vendiam bebidas alcoólicas, ponto de concentração de sujeitos

¹⁴¹ JURANDIR. 2004, p. 137-138.

¹⁴² Adriana Coimbra afirma que: “Mesmo sendo a obra de Dalcídio Jurandir de cunho literário, nela Clio e Calíope mantêm proximidade. Este autor mistura literatura e história em sua narrativa, utilizando-se de alguns acontecimentos que remetem [...] a uma memória sobre a urbanização da cidade que se manteve acessível a diversas gerações”. Ver: COIMBRA. 2014, p. 43; Sobre a noção de tempo é importante ver como Maligo compreende a representação do universo social Amazônico na obra de Dalcídio Jurandir referendando que: “Um dos principais eixos que orienta a representação da Amazônia em Jurandir é o tempo. Se, para fins de análise, divide-se tal eixo em tempo material e tempo idealizado, subdividindo-se cada qual em passado e presente, nota-se que tais unidades mantêm uma relação assimétrica, de vez que o elemento correspondente ao passado idealizado recebe pouca atenção. Uma vez que o assunto principal de Jurandir é a vida entre as camadas sociais mais pobres, o tempo material presente é o tempo da narração dos eventos ou descrição de estados associados com uma realidade econômica difícil”. MALIGO, Pedro. **Ruínas idílicas**: a realidade amazônica de Dalcídio Jurandir. In: *Revista USP*. Vol 13. São Paulo: EDUSP, 1992. p. 50. *Apud*: Coimbra. 2014. p.41; Sobre Dalcídio Jurandir é importante ver também: NUNES, Paulo Jorge Martins. **Útero de Areia**: um estudo do romance ‘Belém do Grão Pará’ de Dalcídio Jurandir. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; área de concentração: Literaturas de Língua Portuguesa. 2007, p. 154-155; ORNELA, Paulo. **Tempo e espaço em Belém do Grão Pará, de Dalcídio Jurandir**. Dissertação defendida na Universidade Federal do Pará. Belém: 2003.

considerados indesejados por uma parcela dos frequentadores da feira, como nos mostra matéria abaixo:

Uma das medidas louváveis da administração municipal foi retirar às proximidades do galpão Mosqueiro e Soure, o elevado número de barracas ali localizadas, que vendiam comidas e bebidas alcoólicas. Medida que de há muito era desejada por todos os que vivem em Belém, por que as aludidas barracas não só enfejavam a cidade como também impediam que qualquer família passasse naquelas imediações, devido ser ponto permanente de maconheiros e desordeiros, viera dar término, segundo todos supunham, aos abusos que campeavam. No entanto, passados meses e sem qualquer autorização da Prefeitura de Belém, os barraqueiros voltaram a se localizar naquela artéria, instalando clandestinamente suas “baiucas”. Esse abuso deverá ter da Prefeitura de Belém a mais pronta repulsa. A Secretaria de Obras deverá agir com energia para que os barraqueiros não mais voltem aquele lugar. Se não for tomada nenhuma providência dentro de dias o Jardim da Boulevard voltará a ter o mesmo aspecto e o mesmo ambiente carregado de alguns anos. A Prefeitura de Belém também deve voltar a sua vista para as barracas existentes na Doca do Ver-O-Peso. Ponto terminal de quase todos os ônibus, ali se vende peixe-frito, cachaça e outras coisas, servindo igualmente de ponto de encontro de desordeiros contumazes. Já diversos crimes foram perpetrados naquele lugar¹⁴³.

O Galpão Mosqueiro e Soure era a área da feira reservada para o terminal fluvial de embarque e desembarque de pessoas que vinham de vários lugares pelo rio, localizado ao lado do complexo do mercado. Como se pode perceber na reportagem, as fraturas sociais e a disputa pelo espaço da cidade ficam mais evidentes do que nos pontos culturais da Avenida 15 de Agosto citados anteriormente. Aqui literatura e realidade se aproximam como narrativas similares, testemunhas dos burburinhos tensões e sociabilidades existentes na feira.

Percebe-se na construção do discurso da imprensa, uma sintonia com aquilo que provavelmente era pensado pelos poderes públicos, haja vista o viés elogioso às ações da Prefeitura, no que diz respeito à retirada de populares daquela área da feira. A reportagem em questão deixa entender que havia a valorização de uma estética elitista usada como forma de aparelhamento do espaço urbano do centro. A produção deste discurso privilegiava normas e condutas identificadas com modelos de paisagismo e de ocupação espacial que não incluíam os sujeitos de extratos sociais inferiores, isto se dava ou porque estes sujeitos não estavam de acordo com a “ordem” estabelecida como modelo de comportamento desejado para esses espaços, ou porque não acatavam as normas exigidas pelo padrão de urbanidade imposto, sendo esta uma prática recorrente durante todo o século XX.

A matéria apresenta indícios de que havia, em Belém dos anos sessenta, ranços muito fortes de uma mentalidade hegemônica que se perpetuou na formação social brasileira. Essa

¹⁴³ “Barracas Restaurantes” novamente no centro da cidade: Prefeitura agirá. **A Província do Pará**, Belém, 26 mar. 1963, p.3.

mentalidade contribuiu para a formação de espaços sociais de exclusão, principalmente com o fim da escravidão, manifestando-se na Primeira República com as políticas civilizadoras, higienistas e de urbanização dos grandes centros, permanecendo durante o Governo Vargas e no momento da Ditadura Civil e Militar, o que demonstra haver uma *mentalidade de longa duração* nas posturas públicas, algo que se torna inteligível quando se analisa as normas e condutas desejadas por um modelo de sociedade capitalista que impõe um padrão comportamental determinado e que discrimina quem desvia ou transgride.

Os “maconheiros” e “desordeiros” mencionados na reportagem, outras vezes citados como “vadios”, “vagabundos” e “desocupados”, representaram para a imprensa, nas diferentes épocas, indivíduos pertencentes às *classes perigosas*, aqueles que colocavam em cheque a forma estética da cidade, pois estes não estavam em consonância com as normas estabelecidas para disciplinar o espaço e as ações dos indivíduos. Os bêbados, meliantes e consumidores de drogas ilícitas que se espalhavam pela feira do Ver-o-Peso e várias outras regiões do centro transgrediam não só as regras disciplinares impostas e pensadas para aqueles espaços, como também subvertiam a lógica de produção do sistema capitalista que privilegia a obtenção de indivíduos produtivos, inseridos no mercado de trabalho e, portanto, sem disponibilidade para o ócio. A sociedade capitalista vive em função das suas condições materiais de produção, contribuindo para gerar as contradições sociais e de classe que se realizam a partir da distribuição desigual e combinada dos bens e valores gerados ou produzidos pelo sistema. “Vagabundo”, aos olhos do estado e da própria imprensa, seria aquele que não se enquadrava ao modelo de sociedade vislumbrado, estando alheio às instruções, equipamentos e formas estéticas pré-estabelecidas nos projetos civilizadores e urbanos.

Local frequentado por todos os estratos sociais, que durante a noite e grande parte do dia abrigava boêmios de diversas procedências, o Ver-o-Peso se constituiu como local de diversidade, com múltiplas expressões culturais. É importante assinalar que, na visão de boêmios como Janjão Mamede, o Ver-o-Peso não era lugar de boemia, era apenas um espaço para onde convergiam boêmios de todos os cantos da cidade para desfrutarem de um recreio extra na feira, como mostra seu depoimento:

Até um tempo desses, uns dez anos atrás, eu tomei conta de uma casa de jogo lá. Eu continuava no Ver-o-Peso desta forma. O Ver-o-Peso na verdade tomou outro rumo. Hoje a gente até diz: “vamos tomar uma no Ver-o-Peso”, levar a família pra comer um peixe-frito. Antigamente era uma marginalidade lá, um morto por dia [...] Era perigoso, mesmo ostentando a fama de que é a maior área de turismo... Que era a maior feira livre da América Latina. Agora é outro caso. Eu trabalhava numa casa de

jogo, e ficava naquelas baiucas, nunca me aconteceu nada [...] Na verdade, a boemia nunca esteve no Ver-o-Peso. A boemia de prostitutas e não sei mais o que, nunca foi para o lado do Ver-o-Peso [...] podia até se dar uma “emendada” [...]. A boemia existia no Ver-o-Peso? Existia! Porque boemia existe em qualquer parte. Mas não no caráter de prostituição, dessa leva toda. Por que além da zona do meretrício que existia ali no centro da cidade, na Riachuelo e na 1ª de Março, aqui na Caripunas também tinha uma zona. Era ali que se concentrava a boemia, dia e noite. [...] o poeta Bruno de Menezes amanhecia lá tomando cachaça. E geralmente naqueles ‘motores’ que tem aquelas coisas que chamavam de “Tabuado do Ver-o-Peso”, que era uma venda de caranguejo, ia lá tomar uma cachacinha azul de Abaeté¹⁴⁴.

A visão sobre o espaço boêmio, apresentada por Janjão Mamede, distingue os espaços considerados por ele como de boemia, daqueles onde existe um movimento boêmio, porém, sem ganhar o *status* de espaço de boemia. Percebe-se que, no seu ponto de vista, o Ver-o-Peso era, no máximo, um local onde determinados boêmios se reuniam para tomar cachaça e ver o movimento da feira, mas não era um espaço de boemia que, na definição do entrevistado, eram lugares de zona de meretrício e espaços de concentração de cabarés e boates. No depoimento de Janjão, o boêmio e o “lugar de boemia” se distinguem pela ação em determinados espaços lúdicos e festivos. Logo, a presença do boêmio em determinado espaço não o tornava automaticamente em um lugar de boemia, apesar de reconhecer que a atividade boêmia pode se desenvolver de diferentes formas.

Mamede também apresenta uma visão do Ver-o-Peso como lugar perigoso onde se produzia “um morto por dia”, sendo esta uma visão estereotipada e, talvez, carregada de exageros, construída pelo imaginário social acerca do espaço, presente inclusive na construção da narrativa da imprensa, como tive oportunidade de demonstrar acima. A feira é representada, novamente, com o estigma das *classes perigosas* que ocupam o espaço subvertendo as leis, o sossego e a ordem pública: uma leitura que ganhou adeptos nos diferentes segmentos da sociedade. O imaginário presente no depoimento de Mamede mostra que a construção da visão de “comportamento desordeiro” reverberou nas próprias classes populares que frequentavam o local, algo fácil de compreender quando utilizamos como parâmetro de análise as influências dos discursos dominantes na orientação dos valores presentes em indivíduos de extratos sociais menores. Não digo que não havia violência no cotidiano da feira, mas a visão de Mamede não relativiza as dinâmicas da sociabilidade que são produzidas de diferentes formas, dependendo do espaço e dos indivíduos que a produzem. Sua visão parece ser parte de uma leitura social sobre este espaço ligada a construção de comportamentos sociais aceitáveis, relacionada a sentidos, valores e ideologias

¹⁴⁴ Depoimento de Janjão Mamede. MAMEDE, Inácio Jamil de Moraes. Belém, 12 out. 2012. Entrevista realizada no Bar Castanheira por Tony Leão da Costa & José E. S. Dias Jr.

comportamentais coercitivas, ideários impregnados na sociedade através de seus diferentes mecanismos de difusão.

Ao que parece, como o próprio Janjão admite, ele era um elemento estranho ao ambiente, inserido no espaço como observador e como tal, estranhava o local, sentindo-se exógeno a ele por possuir valores e concepções de mundo diferente dos sujeitos que vivenciavam o Ver-o-Peso, cotidianamente, de forma ruidosa, lasciva, e por que não dizer “embrutecida”, quando julgavam necessário? Isso significa admitir que Janjão não criara uma identidade com o espaço que ele frequentava esporadicamente como boêmio, produzindo juízo de valores ao analisá-lo, talvez, por não conseguir visualizar no cotidiano do Ver-o-Peso o tipo de espaço que ele reconhecia como espaço boêmio, quem sabe por não haver no local os elementos coercitivos da violência como os seguranças das boates e prostíbulos, sendo estes elementos que produziam a sensação de segurança física aos frequentadores do local.

Quanto ao hábito de ir a feira tomar cachaça, Mamede fala que alguns boêmios ilustres se aventuravam nas baiucas e barracas do local para contemplar o movimento, era o caso dos escritores Bruno de Menezes, citado pelo entrevistado, e Dalcídio Jurandir, autor da obra referendada páginas acima. Havia no Ver-o-Peso a frequência constante de boêmios, poetas e músicos que frequentavam também os ambientes chiques da Avenida 15 de Agosto e da zona do meretrício. Não raro, esses boêmios se dirigiam também aos subúrbios – como falado acima – quando iam ao *Bar da Condor* ou aos cabarés e gafieiras dos demais bairros da cidade, estabelecendo um movimento de trânsito boêmio por diversos espaços e circuitos da cidade de Belém. Ficaram famosas as reuniões dos poetas e literatos que se congregavam na denominada “Academia do Peixe Frito”. Essas reuniões lúdicas ocorriam no Ver-o-Peso, bem como em outros espaços da cidade. É interessante assinalar que havia a distinção entre os integrantes da “Academia do Peixe Frito” que procuravam se diferenciar em propostas ideológicas e literárias, consideradas de caráter mais popular do que a do grupo denominado de “Academia ao Ar Livre” que se reunia no centro da cidade, mais precisamente no Grande Hotel ou no Café Chic¹⁴⁵.

¹⁴⁵ Aldrin Figueiredo afirma que: “Um primeiro, mais conhecido, se formou em encontros no *Largo da Polvora*, e logo foi apelidado de *Academia ao Ar Livre*. [...] Enquanto isso, outro grupo, mais boêmio que aquele, reunia-se ‘pelos botecos do Ver-o-Peso’. Ficou conhecido como *Academia do Peixe Frito*, pela origem modesta dos poetas e também tira-gosto que acompanhava as discussões literárias. Alonso Rocha, relembando as memórias de seu pai, Rocha Júnior, participante dessa geração, informa que os rapazes compravam peixe frito em ‘postas de 200 réis, farinha d’água de 10 tostões e cachaça de 500 réis a dose’. Ai se juntavam Paulo de Oliveira, De Campus Ribeiro, Ernani Vieira, Muniz Barreto, Arlindo Ribeiro de Castro, Lindolfo Mesquita, Sandoval Lage e Rodrigo Pinagé”. Ver FIGUEIREDO. 2012 p. 47; ver também CORRÊA, 2010. p. 85-114.

Esse legado literário e boêmio se estendeu a outras gerações incluindo Bruno de Menezes e Dalcídio Jurandir, portanto, a feira também era lugar de boemia e de reflexões da intelectualidade local. Contudo, quando a imprensa se empenhava em combater a boemia e os hábitos culturais presentes no Ver-o-Peso, ela centrava a sua crítica aos menos favorecidos financeiramente. A estética e os hábitos da população pobre foram sempre combatidos, porém, sem lograr sucesso. Este espaço ainda pertence aos boêmios que a sociedade considerava perigosos, numa reinvenção cotidiana da sociabilidade, ora violenta, ora festiva. A variedade de sujeitos sociais e de tensões presentes no dia a dia da Feira do Ver-O-Peso indicia que este espaço se constituiu, para além de um simples ponto comercial, em um centro de convergência de culturas de várias regiões da Amazônia e de outros lugares que se intermediavam cotidianamente em relações harmônicas e conflituosas, externando a diversidade étnica e cultural nessa região da cidade.

Outros espaços da cidade também apresentaram expressões boêmias com intensidades menores, mas não menos importantes. No centro expandido da cidade, seguindo pela Avenida Nazaré, existia outro lugar que sazonalmente era incorporado ao circuito lúdico da cidade – o Largo de Nazaré. Nesse local existia um *clipper* que funcionava como ponto de ônibus, nele existia um pequeno ponto comercial que servia como lugar de venda de bebidas e outros produtos; no largo se encontravam também dois cinemas muito concorridos na cidade: os já mencionados *Moderno* e *Iracema*, para onde convergiam centenas de jovens moradores de bairros vizinhos dando movimento constante àquela região da cidade. Mas foi com outra manifestação que esse local se destacou na vida cultural e lúdica de Belém – O Círio de Nazaré que é a festa da igreja católica que se estende por 15 dias durante o mês de outubro. Apesar de ser uma festa de caráter religioso, ela apresenta o seu lado laico, pois promove um movimento festivo que envolve toda a cidade de Belém e municípios vizinhos. Ao lado da Basílica de Nazaré, onde se realizam as missas e orações, era montado um grande parque – O Arraial de Nazaré. Nele várias barracas de venda de doces, bebidas, jogos de azar e outras brincadeiras eram montadas. Acompanhando as barracas, também era montado um pequeno parque com roda gigante, carrossel e outras brincadeiras que enchiam o largo. Esse arraial atraía pessoas de todas as partes da cidade, bem como do interior, pessoas que vinham à cidade de Belém exclusivamente para participar das festividades nazarenas, como mostra a descrição abaixo:

Realizar-se-á, no próximo domingo, dia 14, a maior festa católica do povo paraense, que é o Círio de Nazaré. Há mais de trezentos anos a população paraense presta esse

culto de veneração e fé à sua milagrosa Padroeira, cada vez com mais entusiasmo e vibração.

No dia da grande e imponente procissão a alma da população católica do Pará se enfeita, agita-se o delira para acompanhar em triunfo a imagem da Santa Padroeira pelas ruas da cidade. De todos os pontos do Estado e também de outras unidades da Federação os fiéis convergem para Belém, a fim de prostrar-se aos pés da Virgem de Nazaré, elevando suas preces ardentes pelas graças recebidas por sua intercessão. Esse mesmo entusiasmo já se nota em nossa capital, com a chegada de numerosos forasteiros que vêm compartilhar com o povo da capital dos mesmos sentimentos e gratidão e fé. A imponente festa católica do povo paraense está sendo aguardada com entusiasmo e ansiedade indizíveis, estando à ornamentação da Basílica e do arraial quase concluída para esses dias memoráveis que se aproximam¹⁴⁶.

As festas denominadas de “profanas” que ocorriam durante a quadra nazarena se faziam sentir em vários lugares da cidade como, por exemplo, no “Imperial” que era anunciado nas páginas de *O Liberal*: “Como sempre acontece, o Imperial E. Clube abrirá os seus amplos salões sábado próximo, véspera do Círio, para dedicar a seus associados e romeiros, uma elegante ‘soirée’ dançante, ao som do afamado ‘Internacional’¹⁴⁷”. A festa em homenagem a santa dedicava espaço para as atividades lúdicas em outros ambientes.

No Arraial de Nazaré, várias atrações eram oferecidas tanto para a população local, assim como para os fiéis que vinham à cidade para este evento. O trecho abaixo oferece um breve panorama das brincadeiras e culinárias oferecidas naquele local:

Recebemos pela manhã de hoje, em nossa redação a visita de uma comissão das Bandeirantes do Brasil (Região Pará), composta das senhorinhas Eulália Duarte, Joseliza Côrtes e Valda Caldas, que vieram convidar O LIBERAL para a noite de 14 do corrente, na Barraca Santa Joana D’ARC, no arraial de Nazaré, onde, em benefício das bandeirantes de nosso Estado, apresentarão, todas as noites, variado cardápio, no qual figurarão os mais saborosos e higiênicos pratos regionais, como sejam: pato no tucupi, casquinhas de caranguejos e muçúas, galinha assada, franguinho na manteiga, filets saborosos, maioneses, etc., não faltando o gostoso tacacá, como também as mais geladinas bebidas nacionais e estrangeiras.

Como nos anos anteriores, as bandeirantes farão eleger a “Miss Nazaré”, eleição essa, que será feita por meio de votos que poderão ser adquiridos na mesma barraca, todas as noites e depositados nas urnas que serão localizadas nos pontos de maior movimento de nosso arraial¹⁴⁸.

As práticas festivas presentes no arraial estavam vinculadas a outras lógicas menos boemias de lazer, no entanto, elas estavam vinculadas aos eventos recreativos e de diversão da cidade integradas à festa religiosa, envolvendo grande parte da população em uma sociabilidade religiosa e laica, de brincadeiras, de culinária que incluía os atrativos boêmios com o consumo e venda de bebidas alcoólicas no entorno daquele arraial. Não é difícil de

¹⁴⁶ “Círio de Nazaré”. *O Liberal*, Belém, 06 de out. 1951, p. 2.

¹⁴⁷ “As festas dos romeiros sábado, no Imperial”. *O Liberal*, Belém, 10 de out. 1951, p. 3.

¹⁴⁸ “Miss Nazaré 1951”. *O Liberal*, Belém, 09 de out. 1951, p. 2.

imaginar que toda essa movimentação da festa atraía, uma vez que a festa do Círio, ainda hoje, funciona como um vetor de movimentação econômica e festiva para toda a cidade nos quinze dias do mês de outubro. Dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) estimaram que em 2013, cerca de 2,1 milhões de romeiros acompanharam a procissão do Círio de Nazaré¹⁴⁹.

Ainda no centro de Belém, outros lugares serviram como atrativo para boêmios, meretrizes, turistas e outros sujeitos sociais que compartilharam múltiplas experiências nos espaços de lazer, dando vida ao bairro da Campina e sustentando a decadente área central de Belém. Volto aqui a destacar que bem próximo da Avenida 15 de Agosto, no seu outro extremo, estava à famosa zona do meretrício, fazendo fronteira com os diversos “pontos chiques da cidade”, assim como a feira do Ver-o-Peso, sua localização funcionava como um “permeabilizador” das fronteiras e, apesar de estar na mesma área de influência dos espaços supracitados, apresentava uma diversidade de opções de entretenimento e boemia. Para melhor situá-la na cidade, optei por analisá-la a parte. No próximo tópico localizarei a zona do meretrício no circuito lúdico do centro da cidade, mostrando a variedade de estabelecimentos e a circularidade cultural nela vivida.

1.3. Zona do Meretrício, a vizinhança indesejada.

A questão do fechamento definitivo da zona do meretrício no dia 31 do corrente foi objeto de violento discurso proferido pelo vereador Jader Barbalho, vice-líder da bancada do Movimento Democrático Brasileiro. O representante oposicionista declarou inicialmente que fazia questão de deixar bem claro a posição do MDB com respeito ao palpitante assunto. Reconhecia que o governo tinha tentado encontrar uma fórmula para solucionar o problema, mas o método que iria empregar era uma solução injusta, uma medida até mesmo arbitrária. Depois de louvar a ação dos clubes de serviço, como o Rotary e a Câmara Jr., o vereador Jader Barbalho declarou que “o problema não é da polícia, que deseja uma solução pela força e pela humilhação”. Mais adiante, declarou que “o Governo antes da adoção da medida que visa o extermínio da zona boemia da cidade e se deseja realmente a solução definitiva do problema da prostituição deveria atentar para a infância desamparada. Essa é que é a causa da prostituição em nosso Estado, principalmente em Belém, acentuou. Menores abandonados vivem perambulando pelas ruas da cidade sem que até hoje fosse tomada uma providência. Serão eles os futuros criminosos e prostitutas”. Continuando declarou que considerava o fechamento definitivo da zona como uma solução paliativa, pois as mulheres deixariam seu “habitat” para perambular pelas ruas da cidade, vendendo sua carne para poderem subsistir¹⁵⁰.

¹⁴⁹Informações disponíveis no portal G1 (<http://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2013/noticia/2013/10/cirio-de-nazare-2013-reune-numero-recorde-de-fieis-aponta-dieese.html>). Acesso dia 20 jun. 2014.

¹⁵⁰ “Vereador denuncia a violência policial no caso do meretrício”. **Folha do Norte**, Belém, 24 mar. 1970 p 04.

A notícia publicada no jornal o *Folha do Norte* sobre o discurso proferido pelo então Vereador Jader Barbalho¹⁵¹, a respeito do fechamento da zona do meretrício, ajuda a desvendar uma série de questões concernentes à permanência desse espaço circunscrito da cidade, destinado à prostituição e à boemia na região central de Belém. Analisando o conteúdo da matéria, é possível perceber que havia uma polêmica em torno da tentativa de desativação de centenas de casas destinadas ao lazer considerado “de baixo meretrício” naquele local. O debate veio à pauta em uma plenária da Câmara Municipal de Belém, onde o vereador deixa claro que não havia consenso daquela casa parlamentar, em relação à decisão que seria tomada pelo Governo do Estado do Pará, em 31 de março de 1970, alguns dias depois da publicação da supracitada matéria.

A crítica do parlamentar em relação à medida do governo, ao que parece, bradava coros políticos da oposição mais progressista do MDB em tempos de Ditadura Civil e Militar que provavelmente soava como uma provocação aos espasmos moralistas, disciplinadores e de fins econômico do Governo do Estado, comandado à época pelo então Governador Alacid Nunes¹⁵², representante da ARENA¹⁵³, que pretendia retirar daquela área central um grupo

¹⁵¹ Jader Fontenelle Barbalho nasceu em Belém em 27 de outubro de 1944, é um dos principais personagens da história política regional contemporânea, ingressou muito cedo na vida pública militando como líder estudantil atuando na Juventude Estudantil Católica, quando estudava no tradicional Colégio Paes de Carvalho, em Belém, onde foi duas vezes Presidente do Grêmio Estudantil. Formado em Direito pouco atuou como advogado, priorizando a vida política. Sua carreira política teve início em 1966 como Vereador pelo MDB, partido de oposição ao Partido da ARENA, legendas partidárias existentes durante a Ditadura Civil Militar. Em 1970 foi eleito Deputado Estadual, e Deputado Federal em 1974 e 1978. Foi Governador do Estado do Pará por duas vezes em 1982, pelo PMDB. Após cumprir o primeiro mandato foi nomeado Ministro da Reforma Agrária na presidência de José Sarney e a seguir Ministro da Previdência Social. Em 1990 conquistou seu segundo mandato de governador do Pará, em 1994 abriu mão do mandato em favor do Vice Governador e empresário Carlos Santos, meses antes de ser eleito Senador. Assumiu o cargo no Senado em 1º de fevereiro de 1995, tornando-se líder do PMDB. Em 1998, tentou voltar pela terceira vez ao governador do Pará, mas foi derrotado na disputa em segundo turno por Almir Gabriel, que foi reeleito governador pelo PSDB, no mesmo ano, foi eleito presidente nacional do PMDB. Em 2001 assumiu a presidência do senado, mas renunciou logo após acusações e envolvimento em escândalos políticos. Mesmo com várias acusações voltou à legislatura como Deputado Federal em 2002, sendo reeleito em 2006. Em 2010, ganhou eleição no Senado, mas não pode assumir de imediato, devido o seu nome ser considerado “fica suja” pela recém-criada “Lei da Ficha Limpa”, no entanto, uma decisão judicial que interpretou que a mesma não valeria para as eleições de 2010, fez Jader Barbalho voltar ao Senado em dezembro de 2011. Sobre Jader Barbalho ver: MAIA, Cecilia. “O Homem que calou ACM” **Isto é Gente**: Disponível em: http://www.terra.com.br/istoegente/40/reportagem/rep_jader.htm; ver também: **Biografia**: Disponível em: <http://www.jaderbarbalho.com/site/>.

¹⁵² Alacid da Silva Nunes nasceu em Belém em 25 de novembro de 1924. Inicialmente fez carreira militar ocupando vários cargos de alta patente dentro do Exército Brasileiro. Foi um dos protagonistas das articulações militares que efetivaram o “Golpe Militar” no Estado do Pará em 1964. Nomeado pelos militares assumiu a Prefeitura de Belém de 1964 a 1965; foi por duas vezes Governador do Estado (1966 a 1971) e (1979 a 1983); sendo também Deputado Federal por duas vezes (1975-1979) e (1991-1995). Alacid Nunes foi um dos principais políticos da ARENA no Estado do Pará. Assumindo uma postura bastante rígida, principalmente no seu primeiro mandato como Governador foi um dos principais responsáveis pela repressão feita as zonas de meretrício da cidade no início dos anos setenta. Vamos falar mais detidamente de duas ações repressoras e de seu governo no terceiro capítulo.

¹⁵³ ARENA foi o partido político fundado em 1966, após o Ato Institucional nº 2. Tinha como integrantes ex-integrantes da UDN, do PTN e do PSD. Ele tinha como objetivo, dar sustentação política aos Governos

social considerado indesejado, grupo este que há muito tempo vinha sendo objeto das ações disciplinadoras do Estado, uma vez que sua permanência naquele lugar não agradava determinados setores das elites que frequentavam os ambientes considerados chiques localizados nas proximidades do meretrício, como vimos anteriormente.

É importante enfatizar, que a fala do parlamentar partia de um lugar de conforto, uma cadeira no legislativo, bem como a posição de vice-liderança da oposição consentida ao governo, em tempos de censura política e de atos institucionais que restringiam direitos políticos e opiniões contrárias às ações tomadas pelos governos militares. A estratégia de desenvolver a crítica em uma plenária da Câmara Municipal deixa indícios de que o posicionamento político do parlamentar, assim como de sua bancada de apoio, não ia totalmente de encontro às decisões tomadas pelo governo. O parlamentar fazia questão de frisar que o questionamento dizia respeito à maneira como o poder executivo aplicava a medida e não necessariamente as ações de controle.

A matéria mostra que na avaliação do vereador os métodos utilizados pelo governo para solucionar o problema eram violentos e de pouca eficácia, uma vez que utilizava a força coercitiva, a repressão e a exclusão espacial. Ações que, segundo o parlamentar, não solucionavam por definitivo os problemas ligados à prostituição, à concentração de meretrizes, aos cafetões e a outros sujeitos sociais indesejados naquela área da cidade. Jader Barbalho enfatizava que os executores da operação não consideravam o impacto social e os efeitos nefastos que a transferência da zona proporcionaria para as meretrizes e demais sujeitos sociais que dependiam daquela área da cidade para sobreviver. Acrescentava ainda que a mudança acarretaria em outro problema: a presença de centenas de mulheres a “perambular pelas ruas da cidade, vendendo sua carne para poder subsistir”.

A posição do parlamentar em defesa das meretrizes dizia respeito, portanto, mais à forma de execução da operação, não era exatamente um clamor de inspiração solidária às mulheres que viviam naquela região. Constata-se tal assertiva quando se localiza na fala do vereador elogios a algumas ações do governo, reconhecendo que “o governo tinha tentado encontrar uma fórmula para solucionar o problema”, tecendo inclusive elogios às entidades beneficentes “Câmara Júnior” e “Rotary Club” que ficaram responsáveis pelo processo de acolhimento e assistência das meretrizes após o fechamento da zona.

Militares, exercendo uma postura conservadora de privação das liberdades políticas. Como meta de ação, brigou com a oposição do MDB pela defesa do bipartidarismo. Sobre a ARENA é importante ler: SCHMITT, Rogério. **Partidos políticos no Brasil (1945-2000)**. Rio de Janeiro: Zahar Editora. 2000.

No discurso do parlamentar, há uma definição a respeito da prostituição, entendida por ele como “um problema social”, visão essa que trazia de forma implícita outras questões ligadas às opiniões que defendiam a permanência do meretrício naquele local. Ao considerar o fechamento da zona boêmia como “medida paliativa”, o vereador questionava a eficiência da operação, apontando que as causas da prostituição estavam no abandono de menores e que, portanto, não se tratava unicamente de uma questão de espaço e disciplina, mas de falta de políticas públicas de assistência a menores e aos demais problemas sociais considerados por ele as verdadeiras causas da prostituição e da criminalidade. A prostituição, portanto, seria a consequência e não a causa dos problemas sociais vividos por centenas de mulheres no centro da cidade. Apesar da opinião enfática do parlamentar acerca das questões sociais, seu discurso deixa latente outro ponto de vista de caráter aparentemente mais conservador, que aparece de forma muito sutil em sua fala, corroborando com a ideia de controle também defendida pelas autoridades executoras da ação.

O uso do termo “*habitat*” para fazer referência ao lugar de atuação e vivência das trabalhadoras do sexo deixa pistas acerca da visão que o vereador tinha a respeito da concentração de meretrizes no centro. Expressão muito usual nos estudos de ecologia, “*habitat*” se relaciona ao ambiente espacial e ao ecossistema de determinados seres vivos que convivem e se desenvolvem dentro de uma determinada comunidade e que, portanto, têm naquele lugar o seu espaço natural. O centro da cidade era entendido por Jader barbalho como o lugar natural das meretrizes, boêmios e outros sujeitos sociais marginalizados, portanto, o restante da cidade deveria conviver com aquela área, tolerando e, em certa medida, aceitando as permissividades estabelecidas no local. Ao definir a zona do meretrício como espaço natural das prostitutas, o parlamentar deixa subentendido que era melhor para a cidade conviver com “aquele mal”, a tentar dizimá-lo e dispersar o “problema” por vários pontos da cidade.

Assim como Jader Barbalho, outros sujeitos sociais defendiam a permanência do meretrício no centro, por considerarem o espaço adequado para o sexo comercializado, sendo este um posicionamento ambíguo, pois, ao mesmo tempo em que defendia o direito das prostitutas ocuparem um espaço da cidade, deixava-se claro a intenção de controlar esta atividade, já que é muito mais fácil o controle de algo que se sabe exatamente onde está localizado. Esse ponto de vista, expresso também em matérias publicadas pela imprensa, escondia preconceitos que, em certa medida, relacionavam-se às visões da zona como espaço de práticas devassas que traziam muitos riscos à população da cidade. Essas práticas eram referendadas como as principais responsáveis pela propagação de doenças e outros “males”,

atribuídos ao seu lugar de realização: a zona do meretrício. As prostitutas apareciam nos discursos institucionais não apenas como vítimas das desigualdades sociais, mas também como agentes propagadoras das enfermidades relacionadas ao mundo da prostituição. Visões que ora se manifestavam pela “vitimização”, ora pela “culpabilização”.

Luis Saraiva aponta dois pontos de vistas muito correntes inclusive nos debates acadêmicos que analisam o mundo da prostituição “em tempos de HIV/Sida”. De um lado se desenvolve todo um debate “culpabilizante” que se consagrou, nos meios médicos, sociológicos, jurídico e jornalístico desde a primeira metade do século XIX e se manteve nas justificativas oficiais para explicar e atribuir às prostitutas a responsabilidade por doenças sexualmente transmissíveis como a Sífilis. De outro lado, há uma visão “vitimizante”, atribuída aos vários fatores de exploração, violência e noções patriarcais presentes na sociedade, seja pela relação de dependência das prostitutas a rufiões, policiais e clientes, seja pelo estigma de ser considerada inferior na sociedade, tanto por ser mulher, como por ser meretriz¹⁵⁴. Portanto, as prostitutas faziam parte de um grupo social marginalizado.

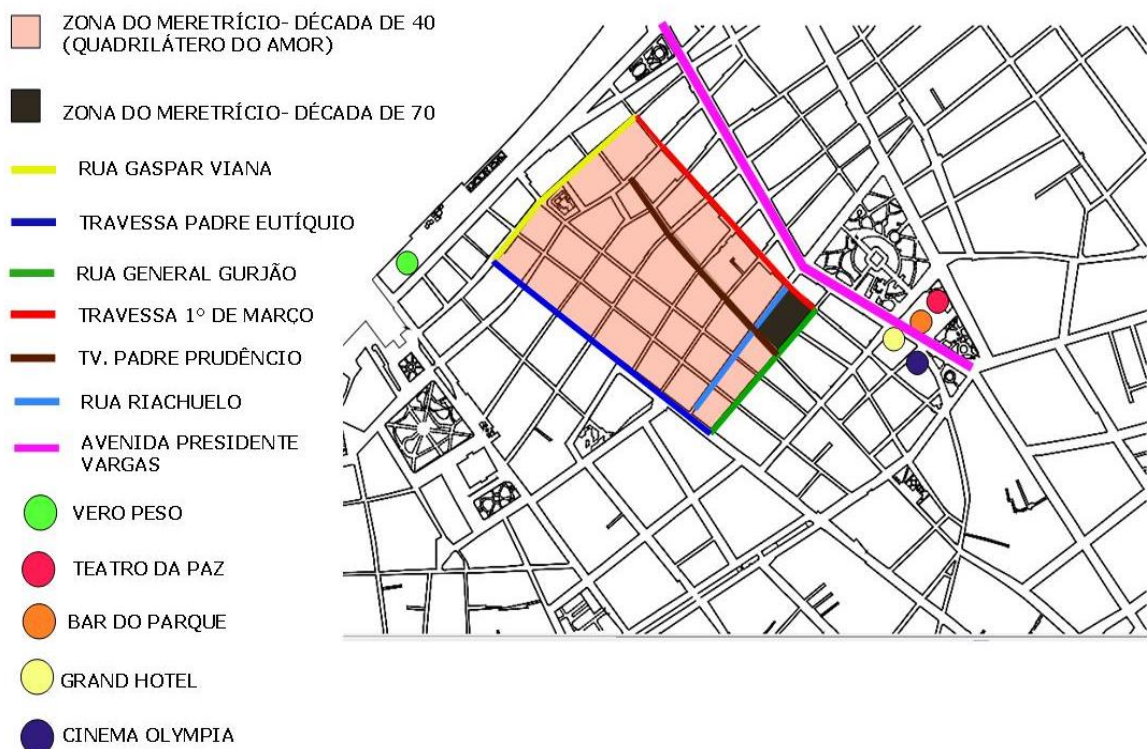
Além disso, os setores hegemônicos relacionavam as definições de espaço aos modelos de modernidade presentes nas grandes cidades brasileiras desde finais do século XIX, perpetuando uma mentalidade relacionada às noções de urbanização que não incluíam os grupos menos favorecidos economicamente. Termos como “sanear” e “contágio” continuavam, na década de setenta, presentes ou latentes nos discursos utilizados para circunscrever à prática da prostituição a determinado lugar da cidade. A noção de “zona” alusiva a local de pecados e de propagação de doenças esteve ligado aos padrões políticos e de segregação espacial que se desenharam nas grandes cidades brasileiras desde o início da Primeira República. Uma mentalidade de *longa duração* que se perpetuava, estigmatizando os lugares de meretrício e responsabilizando as prostitutas, consideradas as principais difusoras de doenças e outros males. Uma marginalização política e social presente tanto em discursos mais inflamados, como em discursos sutis iguais aos do vereador supracitado. Mostrarei posteriormente que as motivações para o incomodo que a presença da zona do meretrício no centro da cidade provocava nos setores políticos hegemônicos, não estava relacionado apenas às questões de moralidade. Esta área foi alvo da especulação imobiliária desde o final do século XIX, assinalando que a questão é muito mais complexa do que possa parecer aos olhos dos menos atentos.

¹⁵⁴ Sobre esse tema ver: SARAIVA, Luis Junior Costa. **O Renascer de Venus: Prostituição, Trabalho e Saúde em Tempos de Sida**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2013, p. 41-56.

A descrição acima mostra que quase todas as ruas principais do bairro da Campina fariam parte da denominada “zona do amor”. O croqui de 1921 ainda apresentava a Rua Manoel Barata com o nome de “Paes de Carvalho” e a Rua Ó de Almeida com o nome de Lauro Sodré, tendo as ruas 1º de Março, Carlos Gomes e Campos Sales como logradouros limites que completavam os quarteirões dedicados ao meretrício. O mapa sugere que na década de vinte havia, pelo menos, um total de quinze quadras do bairro da Campina dedicadas à “zona”. Na extensão dessas quadras existiam casas de pensão espalhadas por todo o perímetro se misturando às casas residenciais e comerciais.

Não aparecem no mapa as ruas limites São Mateus (atual Padre Eutíquio) e Avenida 15 de Agosto (atual Presidente Vargas) paralelas, respectivamente, às ruas Campos Sales e 1º de Março. Vimos anteriormente que a Avenida 15 de Agosto abrigava os principais restaurantes e hotéis onde, não raro, eram encontradas meretrizes com hospedes e boêmios.

Mapa 6: Dimensões da Zona do Meretrício em Belém.



Fonte: Intervenção feita a partir das fontes coletadas em mapa atual da cidade.

É importante observar que esta avenida, paralela a rua 1º de Março e contígua à “zona”, não abrigava casas de pensão, nem cabarés, pois era frequentada por uma elite financeira e “familiar” que não gostava de se identificar com o meretrício próximo, apesar das

constantes investidas das denominadas “mariposas” em cafés e cinemas daquela avenida. Mas é importante ressaltar que a fronteira daquele espaço se tornava permeável, somente quando as meretrizes estavam acompanhadas dos frequentadores do local. Lugares como o Grande Hotel e o Cinema Olympia serviram de cenário constante das visitas indesejadas para as famílias que frequentavam esses locais.

Apesar de todas as polêmicas e críticas, havia certo consentimento e até mesmo a demarcação semioficial do espaço geográfico reservado para o meretrício, afim de que este não se propagasse, expandindo tal “contágio” por inúmeras partes da cidade. Clóvis Meira ao se referir ao ‘Cine Paris’, sala de cinema que existiu no início do século XX, localizado na Avenida 15 de Agosto com a Rua General Gurjão, afirma que:

Esse cinema tinha uma particularidade especial, o de ser frequentado pelas mariposas, as mulheres do meretrício de então que ocupavam todo o perímetro, até à Rua de São Matheus - hoje Padre Eutíquio, que se escrevia com ch - da Manoel Barata ao Largo da Trindade. Era um local excelente, próximo do comércio, mas interdito às famílias. Com o correr dos tempos, pouco a pouco, uma casa aqui, outra acolá, com uma placa na porta, em letras graúdas, indicava ‘Família’, a grande circulação de carros de aluguel, foi sendo ocupado definitivamente, restando apenas um pequeno resíduo de ‘horizontais’¹⁵⁵.

A circunscrição da zona ao bairro da Campina, numa região que foi nominada pela imprensa como “quadrilátero do amor” ou “zona alegre da cidade”, revela que o processo de formação desta área específica do centro, destinada somente a prostituição, tem a ver com várias outros processos de repressão ocorridos em tempos mais remotos. Os diversos registros existentes sobre “casas alegres”, no centro, indicam que, desde meados do século XIX, aquela área foi se desenhando como espaço destinado ao meretrício. A crise da economia da borracha, no final da primeira década do século XX, também colaborou para intensificar o surgimento de “pensões alegres” e cabarés pela área. Somado a isso, houve também a desvalorização de vários imóveis e a consequente expansão urbana com a construção de chalés, vivendas e grandes sobrados nas imediações da Estrada de Nazaré. É provável que essas mudanças tenham colaborado para a criação das condições necessárias para a transformação de parte da Campina em zona boêmia e de prostituição¹⁵⁶.

¹⁵⁵ MEIRA, Clóvis. **O Silêncio do tempo**. Belém: Editora, 1988.

¹⁵⁶ Tony Leão fala desta desvalorização imobiliária da Campina e a consequente vinculação do bairro às práticas boêmias afirmando que: “A região central de Belém – principalmente a Rua Riachuelo e adjacências, no bairro da Campina, e partes do bairro do Reduto, um pouco mais adiante – desde muitas décadas era ponto de aglomeração de muitos bares e de casas de pensão, prostíbulos e similares. A Campina foi até o final do século XIX, um dos bairros habitados pela elite local, assim como por comerciantes e pessoas ligadas às atividades portuárias. Só a partir das mudanças urbanísticas da era da borracha que aquele bairro acabou entrando em uma espécie de decadência e marginalidade, pelo que concerne ao *status* social, sendo visto como uma área imprópria

Ao que tudo indica, as ações repressivas do Estado, embora não tenham dado conta de extinguir o meretrício, surtiram algum efeito, pois foram paulatinamente reduzindo o espaço de permanência dos estabelecimentos destinados ao comércio do sexo, assim como os espaços de circulação das prostitutas. Em 1921, o Estado organizou uma ação conjunta com a Polícia Civil para o controle de doenças na cidade. O decreto número 3. 817 de 29 de março deste ano, entre outras coisas, autorizou a fiscalização do meretrício, dos hotéis, dos restaurantes e a criação de uma colônia correcional. Dia 28 de junho começou a funcionar o *Instituto de Prophylaxia de Doenças Venéreas*, na Rua João Diogo. O prédio possuía um consultório para homens, um para senhoras, um para crianças e dois para meretrizes. Pela manhã, atendiam-se homens, mulheres e crianças e as tardes eram reservadas para o atendimento das prostitutas.

O Instituto foi organizado aos moldes de Montevideu. Ao encargo do desembargador Júlio Costa, chefe de Polícia do estado à época, ficou a responsabilidade de fazer o recenseamento e identificação de todas as meretrizes da capital do estado¹⁵⁷. A elas seria dada uma caderneta de identidade com a qual se apresentariam no Instituto uma vez por semana para serem examinadas. A detecção de doenças acarretaria na interdição da meretriz para o trabalho¹⁵⁸. A frequência de pacientes atendidos e de detecção de doenças venéreas são as expressas nas tabelas 3 e 4, respectivamente.

para as elites, que passaram a construir seus casarões e palacetes um pouco mais adiante, em Nazaré. Essa condição mais ou menos marginal do bairro, mesmo estando no centro da cidade, somada ao atributo de estar próximo ao cais do porto, talvez explique o fato de que lá tenha surgido a primeira ‘zona’ de prostituição de Belém”. Ver: COSTA, Tony Leão da. **“Música de subúrbio”**: Cultura Popular e música popular na hiperimagem de Belém do Pará. Tese de (Doutorado em História) Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2013.

¹⁵⁷ Essa política de controle de meretrizes com emissão de carteiras de saúde pública não foi uma exclusividade da cidade de Belém. Juçara Leite faz um estudo acerca da emissão de carteirinhas pelo estado do Rio de Janeiro, para prostitutas que atuavam na “República do Mangue”, elas tinham como finalidade estabelecer o controle policial e de saúde pública naquela área. Sobre esse tema ver: LEITE, 2005, p. 21-48; Magali Angel também fala das políticas de controle e das justificativas pautadas no saber médico na cidade do Rio de Janeiro no século XIX, ver: ENGEL, 2004, p. 103-135; Michel Foucault também aponta que desde a antiguidade o saber médico procurava relacionar as questões da sexualidade de forma ambígua ou ambivalente, entendendo-a ora de forma patológica ora de forma fisiológica. Sobre isso Foucault afirma que: “Também se encontra em Galeno o modelo tradicional do processo paroxístico de excreção que atravessa o corpo, agita-o e o esgota. Entretanto a análise que ele faz desse processo, nos termos de sua fisiologia, merece ser considerada. Ela possui o duplo efeito de vincular de modo bem estrito, os mecanismos do ato sexual com o conjunto do organismo; e ao mesmo tempo, de fazer dele um processo em que se encontram engajadas a saúde do indivíduo e, no final das contas, sua própria vida. Ao mesmo tempo em que o insere numa trama fisiológica contínua e densa, ela lhe atribui uma elevada potencialidade de perigo”. Ver. FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985, p.112.

¹⁵⁸ Relatório de 1921. Governador Antônio Emiliano de Sousa Castro. p. 46 a 67.

Tabela 3: Frequência de pacientes.

Frequência Diária de Paciente atendidos em 1921		
Gênero	Número de pacientes	Total de pacientes
Homens	663	1.039
Mulheres	193	
Crianças	183	

Fonte: construída a partir do Relatório de Governo de 1921.

Tabela 4: Quantidade de infectados por doenças venéreas.

Ano	Doença	Homem	Criança	Mulher	Total
1921	Sífilis	147	4	28	179
	Gonorreia	184	0	34	218
	Cancro venéreo	17	0	4	021
					418

Fonte: construída a partir do Relatório de Governo de 1921.

Em julho do referido ano, das 525 meretrizes que receberam cadernetas, apenas 302 foram examinadas, segundo o relatório do governador, isto se deu por causa do atraso na distribuição das cadernetas. A classificação destas meretrizes foi assim definida:

Tabela 5: Classificação de meretrizes por nacionalidade, cor e estado civil.

Nacionalidade	Quantidade	Branças	Mestiças	Pretas	Casadas	Solteiras	Viúvas
Brasileira	282	70	178	34	53	214	15
Estrangeira	20	20	0	0			

Fonte: construída a partir do Relatório de Governo de 1921.

Quanto à naturalidade, essas mulheres tinham procedências de diversos estados da federação, conforme a tabela 6:

Tabela 6: Classificação por naturalidade.

Estado	Quantidade
Pará	91
Amazonas	15
Maranhão	27
Piauí	14
Ceará	64
Rio Grande do Norte	15
Paraíba	25
Pernambuco	20
Alagoas	4
Sergipe	1
Bahia	5
Rio de Janeiro	1
São Paulo	1

Fonte: construída a partir do Relatório de Governo de 1921.

Pelos números apresentados, é perceptível que a maioria dos infectados são homens, possíveis frequentadores da “zona”. Evidentemente que as prostitutas não eram as únicas fontes de proliferação de doenças. Das mulheres infectadas, 53 eram casadas, o que sugere infecção por contato sexual com o marido. Outro dado importante é que, pelo recenseamento estatal, havia na cidade prostitutas de 13 estados da federação, apontando trânsito destas profissionais no interior do país, ou o ingresso no ofício por causa da migração, após enfrentar dificuldades no seu estado de origem. Destas mulheres, apenas 96 eram alfabetizadas, 186 eram analfabetas¹⁵⁹. É importante percebermos que a minoria destas meretrizes era estrangeira, o que retifica a crença posta na literatura local de que havia um grande número das ditas “polacas” na cidade, pelo menos para a década de 1920. Este imaginário pode ser contestado.

Esta ação do Estado pretendia confinar o meretrício em um único perímetro da cidade, conforme o mapa acima (Mapa 6). E como vimos, Clóvis Meira ratificou, em *Silêncio do tempo*, a retração do espaço de atuação das prostitutas na cidade. Por volta da década de setenta, a zona do meretrício da Campina já existia há aproximadamente setenta anos naquele

¹⁵⁹ Relatório de 1921. Governador Antônio Emiliano de Sousa Castro. p. 61.

local e após a redução do espaço geográfico de atuação das prostitutas, ao longo do tempo, surgiu uma convenção social, em certa medida, marcada pela tolerância das autoridades em relação a sua permanência no centro. Essa aparente tolerância conviveu concomitantemente com noções de repulsa, abalizadas pela repressão e pelo controle à área. Indesejada por uns e vista como necessária por outros, ao mesmo tempo em que se desenvolviam visões críticas e até mesmo pejorativas a respeito da existência do meretrício, havia uma fração social que se posicionava com opinião aparentemente contrária, afirmando que a atividade ali desenvolvida era uma espécie de “mal necessário”, como foi visto no documento do início do tópico.

No meretrício se encontrava desde os ambientes mais sofisticados que continham bar-teatro, piano, suítes, shows de *strip-tease*; até os mais humildes, apenas com o bar, vitrola e quartos de cômodos. A Rua 1º de Março, logradouro paralelo à Avenida Presidente Vargas, juntamente com a Rua Carlos Gomes, abrigavam, segundo os depoimentos de Lourdes Barreto, as melhores e mais luxuosas casas de pensão da região nos anos cinquenta e sessenta, como a “Pensão de Madame Mimi” e outras pensões, onde o *trottoir* era negociado pelas “madames” ou por “rufiões” que tutelavam as “moças solteiras” disponíveis nas casas¹⁶⁰. Os cassinos e casas de jogos também contribuíam para o movimento nas Ruas Carlos Gomes, 1º de Março e General Gurjão.

Na Rua Riachuelo e na Rua Padre Prudêncio, a concentração de casas de pensão mais modestas era bastante frequente, nelas continham apenas pequenos bares e diversos quartos. Esses espaços ficavam sob a administração de “madames” proprietárias das casas, ou cafetões que extraíam lucro com as porcentagens recebidas das meretrizes após os “michês”. Eram comuns também, nesse perímetro, os “michês de rua”, aqueles nos quais “as meretrizes ficavam à porta das casas de pensão esperando pelo freguês”. Neste caso, a abordagem e o convite eram feitos direto aos homens que passavam pelo local que, de forma aleatória ou proposital, escolhiam aquelas ruas para transitar¹⁶¹.

A rua se tornava, portanto, o cenário das transações vividas no interior da boemia, constituindo-se como um campo de lutas e articulações cotidianas que movimentavam o tenso universo da prostituição naquela área da cidade, seu uso provocava diferentes manifestações – de aceitação ou repulsa – que podiam ser demarcadas pelo estabelecimento de fronteiras, construídas a partir de espacialidades classistas na cidade. As clássicas divisões estabelecidas no interior do meretrício também indicam que havia certa hierarquização espacial em todos os

¹⁶⁰ Depoimento de Lourdes Barreto. BARRETO, Lourdes. Belém, 27 dez. 2012. Entrevista realizada na sede do GEMPAC, por José E. S. Dias Jr.

¹⁶¹ BARRETO, 27 dez. 2012.

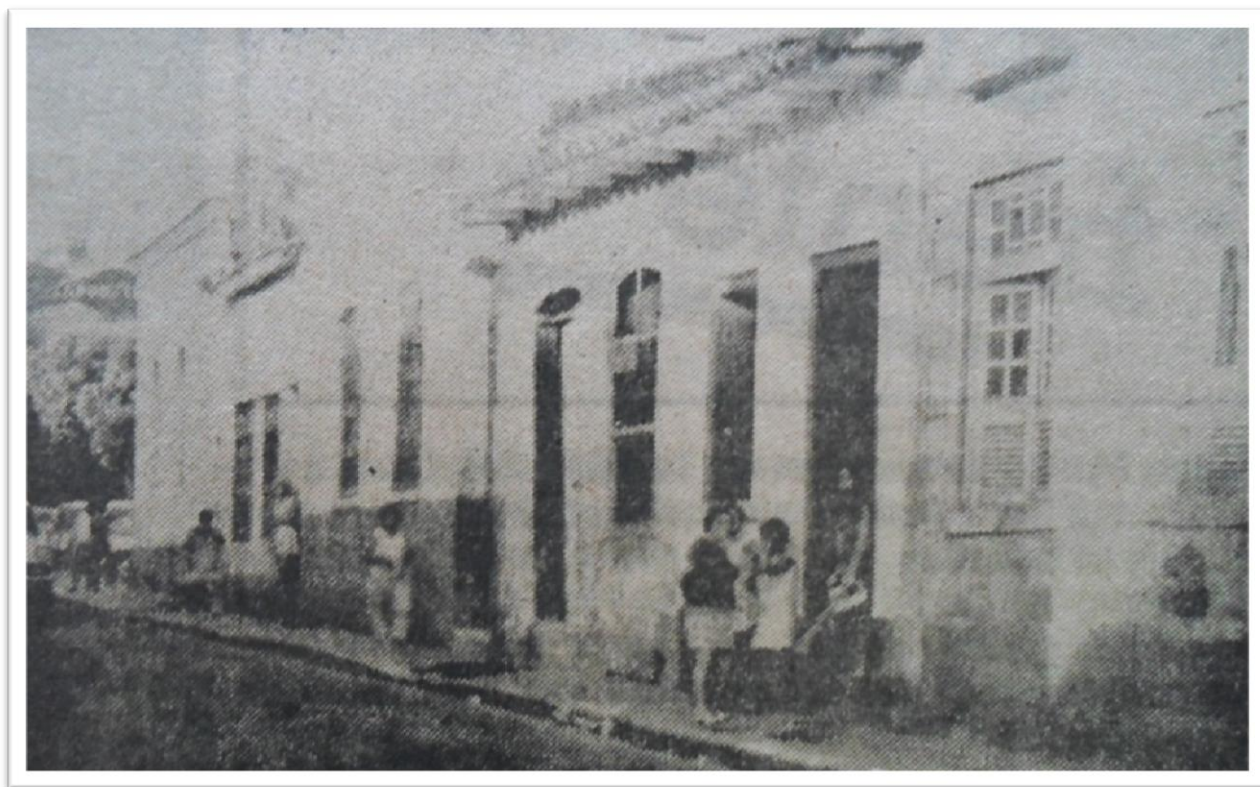
logradouros do “quadrilátero”, dividindo o meretrício entre áreas compostas por casas mais refinadas e áreas mais decadentes, fator que também ajustava o tipo de público que frequentava cada rua¹⁶². Havia distinção inclusive no tipo de meretriz encontrada nas casas de luxo e aquelas que faziam os “michês de rua”, concentradas principalmente nas ruas Riachuelo e Padre Prudêncio.

Na Rua Riachuelo, a concentração de mulheres na porta das casas de pensão indicava que aquela zona da cidade era destinada ao sexo, bem como a toda a sorte de tensões entre meretrizes, boêmios, rufiões e demais sujeitos sociais que por lá transitavam. A frequência de ocorrências policiais relacionadas a brigas no local ajudaram na construção de um imaginário social muito presente na cidade até os dias atuais que relaciona a área a lugar de perigo. O “michê de rua” acontecia principalmente durante o dia, momento de maior movimento de pessoas que circulavam pelo centro comercial. Talvez a proximidade do comércio e sua movimentação diurna e as questões relacionadas à segurança tenham contribuído para que as meretrizes optassem por fazer seus “programas” durante o dia.

A foto abaixo (fig. 15), extraída de uma reportagem que tratava da prostituição de rua e da repressão empreendida pelo governo do estado no início da década de setenta, mostra meretrizes reunidas em frente a casas de pensão localizadas na Rua Riachuelo. Esse movimento diário deixa pistas no que diz respeito às relações sociais vividas no espaço da rua, atentando para o fato de que aquela região recebia, preferencialmente, pessoas que iam intencionalmente ao meretrício, sendo rara a presença de transeuntes desavisados no local, pois havia uma “faixa livre” que compreendia o “quadrilátero” das ruas Riachuelo, 1º de Março, Padre Prudêncio e General Gurjão, na qual “pessoas de família” não podiam transitar. Aquela área da cidade era demarcada para a circulação de meretrizes, boêmios e homens com claras intenções de adentrar na zona do meretrício afim de estabelecer relações sexuais. Alguns turistas e marinheiros de navios ancorados no porto de Belém se incluem nessa lógica.

¹⁶² Roberto Da Matta afirma que: “O espaço é demarcado quando alguém estabelece fronteiras, separando um pedaço de chão do outro. Mas nada pode ser tão simples assim, porque é preciso explicar de que modo as separações são feitas e como são legitimadas e aceitas pela comunidade da propriedade privada e suas origens, tópico que faria o deleite dos evolucionistas antigos e contemporâneos, mas posso dizer que tanto o tempo (ou atemporal idade) quanto o espaço são invenções sociais”. DaMatta, Roberto. **A casa e a Rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997, p. 32.

Figura 15: Meretrizes nas portas de Casas de Pensão da Rua Riachuelo.



Fonte: **A Província do Pará**, Belém, 01 abr. 1970, p.2

A imagem acima mostra mulheres reunidas nas estreitas calçadas da Riachuelo, provavelmente disputando os clientes que passavam pelo local. Percebe-se também que as casas de pensão eram, em sua maioria, sobrados antigos, geminados e modestos, conhecidos na região central como “casas de cômodos”, sendo a maioria composta por quartos escuros, sem banheiro e com pouca ventilação¹⁶³. As condições físicas de alguns estabelecimentos reforçavam os estigmas acerca da região, considerada a mais decadente e violenta da zona do meretrício.

A construção do imaginário de violência atribuída à Riachuelo era potencializada pela quantidade excessiva de registros policiais relacionados com crimes, brigas e arruaças publicados na imprensa, sendo isso o reflexo das diversas instabilidades vividas no interior e no “submundo” das relações de poder travadas no universo da prostituição. Era o *mundo da rua* negado e execrado pelo *mundo da ordem*, sustentado por noções de civilidade que expunham padrões de comportamento desejados nos setores mais conservadores da

¹⁶³ BARRETO, 27 dez. 2012.

sociedade¹⁶⁴, visão construída a partir da concepção classista passada pela imprensa que reproduzia o sentimento das elites e procurava estabelecer como parâmetro de bom comportamento, valores ligados à ordem a disciplina e a família, antagonizando-se com os comportamentos considerados devassos e perigosos atribuídos aos sujeitos sociais marginalizados que transitavam pela “zona”.

O movimento das ruas, não raro, possibilitava muitos conflitos e tensões devido à presença de outros sujeitos sociais avessos ao mundo boêmio ali existente. Como mencionei acima, os estabelecimentos de boemia e lazer da zona do meretrício se misturavam às casas comerciais e residenciais, dando ao bairro características híbridas na sua paisagem urbana, provocando rotineiros conflitos entre moradores e boêmios que circulavam pela Campina. As brigas, quase sempre, findavam na delegacia de polícia, onde era comum a apresentação de reclamação formal por parte dos moradores. As denúncias eram, quase sempre, encaminhadas às redações dos jornais contendo abaixo assinado e registro de ocorrências contra boêmios e meretrizes que circulavam pela área, exemplo se vê em nota publicada no jornal *O Estado do Pará*, anunciando que:

Os moradores do trecho compreendido entre a travessa Padre Eutíquio e a Ó de Almeida, enviaram ao dr. Chefe de Polícia um abaixo-assinado contra o procedimento arruaceiro de Júlia Oliveira, mais conhecida por “Júlia Taperebá”, que reside na Padre Prudêncio, 108 entre Ó de Almeida e Manuel Barata. No abaixo-assinado os moradores dizem que a referida mulher, não respeitando as famílias que ali residem, só vive a fazer escândalo, pronunciando pornografias de toda espécie. A chefia de polícia tomando conhecimento da queixa, entregou o caso à terceira Delegacia, que tomará as providências necessárias para acabar com os maus modos de “Júlia Taperebá”¹⁶⁵.

Pela denuncia sobre o “mau comportamento” de “Júlia Taperebá” – que pelo endereço descrito, apelido e posturas, provavelmente era uma meretriz que circulava pelo perímetro do “quadrilátero do amor” – é possível perceber que havia insatisfação da parte dos moradores da Campina com a presença inconveniente de meretrizes, bêbados e boêmios naquela área. É importante reafirmar que, com bastante frequência, a zona do meretrício de Belém aparecia nos jornais de forma pejorativa. A imprensa se posicionava como porta-voz da moralidade e dos “bons costumes”.

¹⁶⁴ Ilmar de Mattos faz uma distinção de classe em relação aos “mundos” existentes no Brasil Imperial. Para esse autor havia uma diferença de *status* e na forma de ser, de pensar e de comportamento das elites brasileiras, que de forma subentendida ou explícita estabeleciam as divisões hierárquicas da sociedade em três mundos: “o mundo da casa”, “o mundo do trabalho”, ambos relacionados ao “mundo da ordem”; e “o mundo da rua”, identificado com o “mundo da desordem”, dos comportamentos incivilizados, da vadiagem e demais formas de marginalização propagados pelas classes populares e pela “vil canalha aspirante”. Ver: MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema*. 5ª Edição, São Paulo: Editora Hucitec, 2004. p. 134-135.

¹⁶⁵ “As arruaças da ‘Júlia Taperebá’”. *O Estado do Pará*. Belém, 8 Jan. 1950, p. 2.

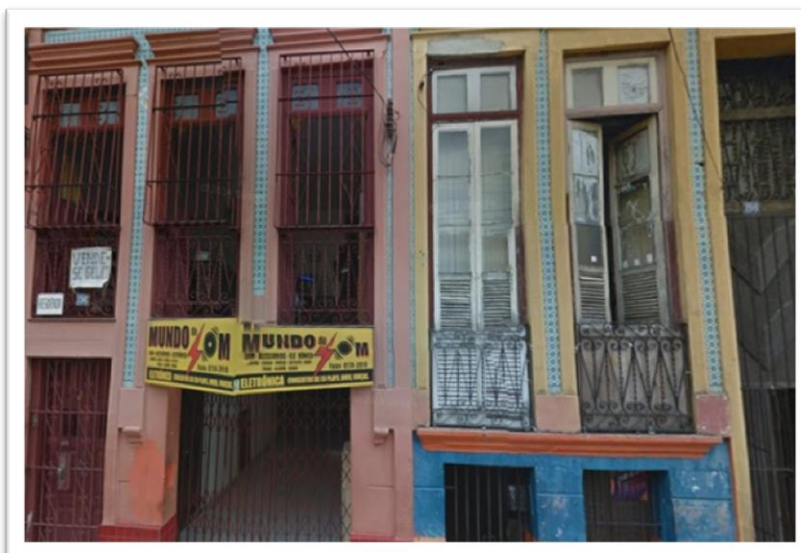
A fonte supracitada deixa indícios de que havia duas identidades em confronto na região central de Belém. Apesar desta sempre ser referenciada nos jornais como *locus* do meretrício na cidade, nela moravam também dezenas de famílias que procuravam transmitir outra imagem do bairro, externando, sempre que possível, sua insatisfação diante das brigas, arruaças e desordens promovidas por meretrizes e boêmios que circulavam pela área. A tentativa de mostrar outro panorama da zona pode ser verificada nas reclamações às autoridades, cobrando destas, maior rigor nas ações de controle aos excessos cometidos pelos frequentadores do local, essa, talvez, tenha sido uma tentativa de externar para a opinião pública através da imprensa que naquele lugar da cidade não havia apenas meretrizes, bêbados e desordeiros, mas pessoas “de família” que primavam por um comportamento ordeiro e disciplinado.

A mistura entre casas residenciais e casas de pensão no perímetro do meretrício levou alguns moradores da área a utilizarem em suas residências placas que identificavam as casas residenciais como de “família” ou de “residência” (figura 16, 17 e 18). Após o processo de perseguição ao meretrício empreendido pelo Governo do Estado no início da década de 1970, houve a intensificação do número de casas com placas na porta¹⁶⁶. Atualmente, ainda é possível ver nas ruas da Campina algumas casas com placas indicando as residências que não são usadas como pensão, sendo essa uma medida preventiva tomada pelos moradores para preservarem o sossego, bem como para diferenciarem-se dos frequentadores e das prostitutas do meretrício.

Este subterfúgio criado por muitos moradores, visando construir uma identidade contrária ao estigma do meretrício, buscava transmitir a mensagem de que naquele lugar havia pessoas que não estavam ligadas ao meretrício, sinalizando certa disputa de identidades no interior deste espaço socialmente estigmatizado, inclusive por muitos moradores da região. Outra motivação que levou ao uso de placas na porta das residências é apresentada por Lourdes Barreto que muito circulou pelas várias casas de pensão do meretrício. Lourdes afirma que esse tipo de identificação surgiu após os anos de repressão ao meretrício na década de setenta quando as casas de pensão foram fechadas, ficando o exercício do meretrício proibido na área. Lourdes assegura que alguns donos de casas de pensão se apropriando desta estratégia dos moradores, identificavam seus estabelecimentos com a placa “residência” ou “família” para burlar a fiscalização, evitando a repressão e restringindo o acesso de pessoas indesejadas aos ambientes de prostituição.

¹⁶⁶ BARRETO, 27 dez. 2012.

Figuras: 16, 17 e 18: Placas nas portas das casas



Fonte: http://belenambulo.blogspot.com.br/2010_05_01_archive.html.

A dificuldade de convivência entre boêmios e moradores se devia principalmente a efervescente movimentação no bairro, proporcionada por um estilo de vida mais despojado por parte dos frequentadores da “zona” que não hesitavam em chamar palavrões, falar alto ao sair dos bares e boates, praticar “desordens” em via pública e outros delitos que incomodavam

alguns moradores. Várias matérias jornalísticas registraram as desordens ocorridas no meretrício, revelando tensões sociais entre os diferentes moradores da área como as que falavam de “Dulcinéa Alves da Costa, paraense, solteira, de 24 anos de idade, residente à Rua Riachuelo, 144”. A matéria informava que “foi recolhida ao pátio da Central de Polícia, por ter quando alcoolizada perturbado a ordem desrespeitando a Polícia¹⁶⁷”. Ou no caso de “Zenaide Rodrigues dos Santos, de 18 anos, Constância Gomes dos Santos, de 27 anos e Joventina Dias Pantoja, de 21 anos, residentes à Rua Riachuelo, 284”, todas anunciadas nos “Fatos Policiais” que informava a opinião pública que estas “foram recolhidas ao pátio da Central, pois que alcoolizadas perturbavam a ordem pública¹⁶⁸”. Algumas vezes o meretrício aparecia nos jornais por causa de ocorrências de violência gerada no interior das casas de pensão:

O Investigador Aluísio Moura, à tarde de ontem, em estado de embriaguez, resolveu praticar “tiro ao alvo” em uma pensão na zona do meretrício. O policial, entretanto, em virtude do seu estado, errou a pontaria, atingindo uma das mundanas que foi medicada no “Socorro Urgente”.

Aluísio declarou à reportagem, que desde as últimas horas da manhã se encontrava na casa da mulher Maria Lucidéia Nascimento (Riachuelo, 296), bebendo em companhia de várias mundanas. À tarde, resolveu praticar “tiro ao alvo”. Sacou de sua arma, um revólver de calibre 22 (7 balas) e acionou o gatilho, porém, na ocasião surgiu na trajetória do projétil a meretriz que retornava do interior da casa para o salão. Ela recebeu o tiro na mão direita. Ao ver que havia ferido essa desviada, tratou de lhe prestar os primeiros socorros, posteriormente levando-a ao “Socorro Urgente”, onde foi medicada. Em seguida, apresentou-se à Permanência da Central, onde ficou de ser autuado em flagrante. A meretriz atingida, cujo nome é Tereza dos Santos Paixão, após medicar-se, retirou-se para sua residência. Estava bastante embriagada, o mesmo ocorrendo com a dona do bordel, que se feriu no pé com um caco de garrafa e também foi medicada no Pronto Socorro.

O policial foi recolhido ao Pátio da Central, devendo ser afastado da Polícia. É reincidente, pois há alguns anos matou a facadas um marinheiro alemão no meretrício¹⁶⁹.

Investigadores de serviço na zona do meretrício prenderam e apresentaram ao plantão do MC, a meretriz Lucimar Rodrigues (General Gurjão, 175), acusada de furto. Os policiais naquele local foram procurados pelo Sr. Carlos Alberto Arulay (Apinagés, 441), o qual disse que dormira em companhia da citada mulher no meretrício e ao acordar dera por falta da importância de 38 mil cruzeiros. Lucimar fora recolhida ao xadrez¹⁷⁰.

¹⁶⁷ Fatos Policiais **A Província do Pará**. Belém, 2 Ago. 1960, p. 3

¹⁶⁸ Fatos Policiais. **A Província do Pará**. Belém, 6 Set. 1962, p. 3

¹⁶⁹ Investigador praticava tiro ao alvo e baleou meretriz. **Folha do Norte**. Belém, 29 Fev. 1964, p. 3

¹⁷⁰ Dormiu na casa da meretriz e acabou roubado. **Folha do Norte**. Belém, 16 Fev. 1965, p. 3

Aos primeiros minutos de ontem no meretrício, registrou-se uma cena de sangue no interior de uma das pensões alegres ali existentes quando, transformado pelo álcool e pela maconha, um indivíduo, um dos muitos marginais que perambulam livremente no “bast-fond”, armado de canivete feriu sua “julieta”. A vítima chama-se Maria Madalena Paz (Padre Prudêncio, 361), e recebeu ferimentos no rosto e braço direito, sendo mandada para o “Mario Pinotti” onde recebeu curativos. O acusado é conhecido pelo vulgo de “Baratão”, logo depois fugiu tomando rumo desconhecido. Os policiais de serviço na zona boêmia receberam ordens para prender o criminoso a qualquer preço, pois o mesmo será processado criminalmente¹⁷¹.

A zona do meretrício aparecia com bastante frequência nos jornais como cenário de crimes atribuídos a estivadores, mecânicos, policiais, meretrizes e outros sujeitos marginalizados socialmente. Em uma das notícias acima, palavras como “*bast-fond*” e “julieta” indicam certa ironia na narrativa jornalística que parecia esta preocupada em reforçar a imagem pejorativa do lugar, enfatizando que o criminoso em questão era apenas mais um dentre os “muitos marginais que perambulam livremente” no local. Nos noticiário havia um número excessivo de atos de violência contra as mulheres do meretrício, em sua grande maioria, praticados por homens envolvidos com o consumo de álcool e narcóticos. O cotidiano de violência é narrado, quase sempre, de forma tendenciosa apresentando as meretrizes como vilãs dos incidentes ocorridos no local. É perceptível que apesar dos excessos cometidos pelos clientes, as meretrizes envolvidas nas ocorrências não eram poupadas. No caso da meretriz Maria Lucidéia, a notícia faz questão de mostrá-la como “embriagada”, utilizando expressões pejorativas ao se referir a ela como “mundana” ou “desviada”, estabelecendo juízo de valor moral, provavelmente pelo fato de a vítima pertencer àquele mundo considerado desviante.

Roubos, furtos, agressões, bebedeiras e consumo de drogas estavam sempre presentes nas notícias policiais, práticas atribuídas pela imprensa às *classes perigosas*, aquelas consideradas mais propensas a se envolver em situações de risco. Contudo, o ambiente de tensões era promovido por indivíduos de diferentes classes sociais. Não raro, os delitos e desordens eram praticados por agentes públicos encontrados nas “pensões alegres” e por sujeitos sociais de segmentos mais abastados que se inseriam nos “inferninhos” da zona provocando arruaças e crimes não menos graves do que aqueles cometidos por meretrizes, meliantes e outros sujeitos classificados de marginais, como mostrou alguns casos narrados nas “Notícias Policiais”.

Clélio Palheta, boêmio e morador do bairro, ratifica a imagem passada pela imprensa de que a zona boêmia era muito agitada, tanto durante o dia, quanto a noite. Segundo Clélio,

¹⁷¹ Sangue. **Folha do Norte**. Belém, 12 Mai. 1965, p. 3

nessa região ocorriam, com bastante frequência, várias brigas e desentendimentos que deixavam o bairro em alerta constante. Palheta afirma que:

Até 1956, nos morávamos na Cidade Velha. Depois nos mudamos para a Campina, para uma casa que ficava na Rua Padre Prudência, entre Carlos Gomes e General Gurjão. Era um período, me parece, bastante efervescente da boemia paraense, isso em 1957, 1958. Lembro muito bem de 1958, eu tinha 10 anos de idade, agente acompanhando o jogo da seleção na copa do mundo, Brasil e Suécia, quando o Brasil ganhou, isso aqui [Bar do Parque], virou uma festa total, uma loucura mesmo, era no rádio, a copa do mundo inteira agente acompanhava no rádio. Dai para diante eu lembro muito bem dessa memória, principalmente relacionada a essa questão da boemia, porque agente não conseguia fugir disso, mesmo moleque, mas morando na Rua Padre Prudência entre a Carlos Gomes e General Gurjão, tu acompanhavas os processos, até mesmo os de violência. Tinha uma ‘porrada’ na zona, virava um ‘pandemônio’ a rua, quer dizer, era aquele corre-corre, era uma confusão violenta¹⁷².

A memória remota de Palheta, para além de suas lembranças de garoto e da movimentação no Bar do Parque e na Praça da República, revela que o cotidiano das dezenas de famílias que moravam pelas redondezas não passava incólume à vida boêmia do bairro. A vida da “zona” era, em certa medida, muito presente no dia a dia dos moradores que não tinham outra opção a não ser conviver com bares, boates e pensões do bairro. Aqui, mais uma vez, percebe-se a fluidez das fronteiras urbanas, pois, apesar da zona boêmia já estar circunscrita a um “quadrilátero”, ela se estendia para outras ruas, assim como se confundia com as casas residenciais existentes no perímetro, como afirmei acima. É possível que toda a representação de agitação boêmia e violência mostrada nos jornais, bem como a propagação dos boatos e da “fama” que a zona boemia criou no imaginário popular, tenham influenciado na representação de meretrício adquirida por moradores da área como Palheta, identificado por ele como lugar de muitas manifestações festivas e, ao mesmo tempo, violentas. Palheta reitera que havia muitas advertências para os jovens em relação aos “perigos” existentes na zona. Sobre essas advertências, Palheta afirma que:

Não tinha como não circular, mesmo porque nós tínhamos as nossas advertências, eu estudava no Floriano Peixoto e depois fui estudar CEPC, então para ir para o CEPC, tinha que passar pela zona do meretrício, não tinha jeito, eu ia a pé, então tinham as advertências: “Cuidado com isso!” E não tinha como não acompanhar esse processo¹⁷³.

O depoimento de Palheta mostra que, mesmo garoto, havia a consciência de que aquele local era um meretrício, criada pelos membros mais velhos da sua família e que havia

¹⁷² Depoimento de Clélio Palheta. FERREIRA, Clélio Palheta. Belém, 17 nov. 2012. Entrevista realizada no Bar do Parque com Tony Leão da Costa e José E. S. Dias Jr.

¹⁷³ FERREIRA, 17 nov. 2012.

uma visão marginal sobre o local. Mesmo ele sendo homem, recebia inúmeras advertências e restrições relacionadas à circulação na área. Talvez essas advertências fossem mais rigorosas no caso de mulheres moradoras da região.

O incomodo com o local extrapolava as questões de ordem moral, ele se manifestava, também, quanto aos gestos de desrespeito às posturas públicas e ao sossego da vizinhança do meretrício que reclamava nos periódicos. Inúmeras foram as tentativas de “sanear” a área da presença de prostitutas, bêbados, indigentes e outros tipos marginalizados que por lá circulavam. As ações oficiais constantemente previam a remoção, extradição ou mesmo a expulsão das mulheres da “zona” para outras áreas. Esse tema, demasiado antigo nas redações dos jornais, bem como nos gabinetes oficiais, tirava o sossego dos diretores dos órgãos de segurança pública, pois não era marcado por consenso de ideias nas propostas de soluções para o problema. Para uns, a simples remoção do meretrício não ajudava a solucionar a questão, para outros, fazia-se necessário medidas que adequassem a dinâmica de vida da prostituição ao conjunto da sociedade. Os órgãos de segurança pública e as demais entidades que se preocupavam com o assunto procuraram pensar medidas que pelo menos minimizassem a prostituição em Belém do Pará, como terei oportunidade de demonstrar no terceiro capítulo.

A circulação de boêmios pelo meretrício provocava também outros conflitos nas relações de convivência naquela área por causa da proximidade dos lugares considerados chiques e refinados frequentados pela dita “boa sociedade”. A divisão espacial entre o meretrício e os pontos turísticos e culturais localizados na Avenida 15 de Agosto era muito fluida, pois a Avenida 1º de Março era paralela a esta – imediatamente atrás desses espaços, proximidade esta que tornava a convivência e o compartilhamento de experiências bastante frequente. Como já dito anteriormente, os frequentadores do *Grande Hotel* e do *Cinema Olympia*, mesmo que a contragosto, algumas vezes tinham que dividir lugar com as “mulheres solteiras” do meretrício que constantemente iam a esses estabelecimentos. A preferência das prostitutas pelo *Cinema Olympia* se dava pela proximidade da “zona” localizada logo atrás do cinema, como mencionei acima. As polêmicas acerca das frequentadoras indesejadas no cinema são narradas por Pedro Veriano:

E a mesma nota dava as características técnicas da sala [...] e fazia votos para que as “cintas” (filmes) exibidas não viessem ferir suscetibilidades, “ao ponto de fazer corar mocinhas”. Hilariante proposição a começar pela proximidade do meretrício, elegendo o *Olympia* um cineminha preferido das prostitutas, especialmente das

chamadas “polacas”, as cortesãs amazônicas que também traduziam a riqueza dos seringalistas¹⁷⁴.

A presença de prostitutas nos lugares considerados chiques da Avenida 15 de Agosto pareceu ser bastante frequente desde o início do século XX. É provável que a vestimenta, os hábitos e comportamentos mais extravagantes, assim como a própria presença de mulheres desacompanhadas nesses lugares colaborassem para identificá-las diante dos outros frequentadores, uma vez que não era comum até finais da década de setenta a presença de mulheres consideradas de “boa família” desacompanhadas nas ruas e nos espaços públicos. A violação a essas normas comportamentais poderia render às mulheres que ousassem sair sozinhas advertências e punições por parte de familiares, assim como chamava a atenção de curiosos. Havia uma convenção social que perdurou até mais ou menos os anos setenta no qual as mulheres tinham que obedecer a uma cartilha disciplinar relacionada à circulação pelos lugares públicos, principalmente do centro da cidade, onde moravam as famílias tradicionais consideradas da “boa sociedade”. “Moças de Família” não poderiam circular nem serem vistas desacompanhadas nas ruas próximas à zona, pois corriam o risco de serem confundidas com as “messalinas” que “faturavam” pelas estreitas ruas do bairro da Campina.

A interseção entre fronteiras espaciais na cidade de Belém não foi comum apenas no centro da cidade, ela se espalhou por várias partes do subúrbio numa movimentação de vai e vem que possibilitou um maior contato entre moradores do centro e do subúrbio em diferentes situações, compartilhando experiências que extrapolavam as delimitações colocadas por certas convenções sociais. No próximo tópico mostrarei um pouco da dinâmica boêmia presente nos subúrbios da cidade.

1.4. Subúrbios, olhares e representações.

O velho Palácio dos Bares, antes tradicional e concorridíssimo, ponto turístico de Belém, cuja abertura se perde nas historietas dos anos 30, já não é mais o mesmo. Castigado pela localização – no fundo da Alcindo Cacela -, ou bombardeado pelas dezenas de pocilgas que pontilham aquela área, o bar Palácio dos Bares – nome que à época, expressava sua grandeza – acabou sendo chamado simplesmente Condor, “onde o sexo é explorado as vistas claras, os bandidos criam seu refúgio e a algazarra impera” – conforme sentença, saudosos, um velho frequentador. A realidade não está muito distante. E talvez por isso, o Palácio dos Bares deixou de ser frequentado pela sociedade da terra, governadores e generais, ministros e tradicionais famílias¹⁷⁵.

¹⁷⁴ VERIANO, 1999. p. 18

¹⁷⁵ DUTRA, Olavo. “A Condor, Ontem”. **A Província do Pará**, Belém 17 abr. 1979, p. 12.

A imagem apresentada pelo *A Província do Pará*, acerca do *Palácio dos Bares*, reflete um pouco da compreensão da imprensa a respeito dos subúrbios de Belém no final dos anos setenta. A reportagem acima é apenas uma dentre várias que estabelecem a reprodução do discurso de preconceito para com as classes populares, seus lugares de habitação e suas atividades lúdicas. Nos tópicos acima tive oportunidade de demonstrar que a produção desse discurso esteve, quase sempre, revestida de representações pejorativas de locais, afazeres e práticas boêmias realizadas por pessoas pertencentes a estratos sociais menos favorecidos ou marginalizados socialmente. Esse fenômeno não foi diferente quando se tratava do subúrbio e seus lugares de lazer como veremos aqui.

O *Palácio dos Bares*, usado como exemplo na matéria, foi inicialmente identificado como lugar de luxo, agregador de “tradicionais famílias”, “políticos” e “governantes” que frequentaram o estabelecimento nas décadas de trinta, quarenta e cinquenta, e que, a partir de então, passou a viver mudanças na sua composição social, recebendo a presença, cada vez mais frequente, de pessoas das mais variadas estirpes. Presença essa que, segundo o jornal, ajudava a tirar o “brilho” da antiga casa de shows, obrigada a conviver com frequentadores “perigosos”. Utilizando termos como “pocilgas”, “bandidos” e “algazarra”, a imprensa potencializava a imagem, já mencionada, de *classes perigosas*, bem como a noção de “mau gosto” dos novos ocupantes do espaço boêmio, sendo esta um “castigo” para o tradicional bar e para as elites que antes gostavam de se dirigir àquele lugar.

A localização suburbana do *Palácio dos Bares* – “no fundo da Alcindo Cacela” – e o consequente processo de crescimento da criminalidade também eram mostrados como fatores que contribuíram para a evasão de determinados setores da elite do local. O jornal expunha para a opinião pública leitora um pouco do pensamento das elites a respeito do processo de crescimento dos bairros populares que proliferaram nas proximidades da região central, principalmente após a segunda metade do século XX, quando aquela região da cidade passou por processos de transformação urbana e crescimento populacional que foram iniciados nos anos trinta¹⁷⁶.

O bairro da Condor, a partir da década de sessenta, passou a concentrar maior número de cabarés e baiucas instalados ao longo da Avenida Alcindo Cacela ou construídos em barracões de madeira em cima do canal da Avenida Estrada Nova (atual Bernardo Sayão), próximo à Praça Princesa Isabel. Essas instalações deixavam o poder público em estado de

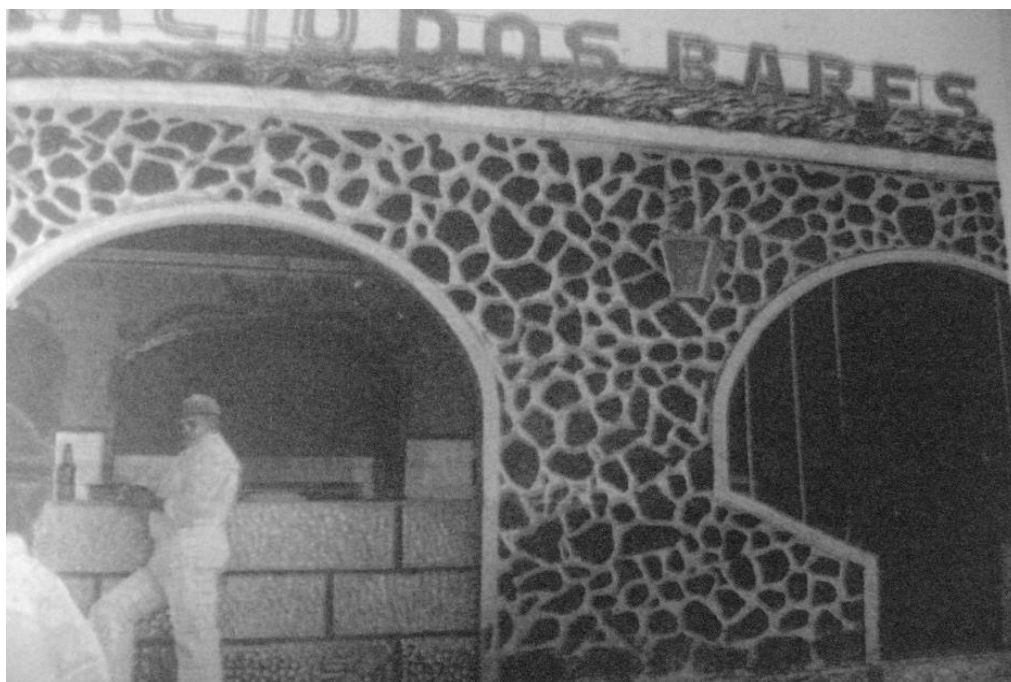
¹⁷⁶ Sobre o crescimento desordenado de Belém ver: FERREIRA, 1995; TRINDADE.1997. p. 35-37.

atenção, provocando o controle constante dos organismos de segurança e saúde pública do Estado que divulgavam na imprensa as ações coercitivas.

A “Operação Condor”, em sua primeira fase, consistirá no fechamento de bares e boates que não estiverem legalmente habilitados para funcionar. Na manhã de ontem o delegado Luiz Augusto Paes mostrou um croqui da operação que abrangerá toda a Praça Princesa Isabel, Avenida Alcindo Cacela até a travessa Padre Eutíquio onde o “desfile” de mulheres traz graves consequências não somente para as famílias ali residentes como para a Polícia. As “baiucas” localizadas pela avenida Alcindo Cacela, a partir da Padre Eutíquio serão interditadas pela Secretaria de Saúde, conforme os casos, evitando assim a larga venda de bebidas alcoólicas e em outras haverá rigoroso policiamento para se fazer cumprir a “lei seca”¹⁷⁷.

Como se vê, o controle e o mapeamento das áreas de maior movimentação boêmia estiveram nas prioridades das secretarias de segurança. A licença e a obediência às normas estabelecidas pelos organismos fiscalizadores eram usadas como mecanismos de “disciplinarização” – que nem sempre surtiavam o efeito esperado. A partir da década de setenta, uma série de medidas contendoras do mundo boêmio se espalharam pela cidade através de inúmeras operações, como terei oportunidade de demonstrar no terceiro capítulo. Havia forte preocupação das autoridades com a proliferação desse tipo de estabelecimento pelos subúrbios, estimulando a prostituição e as demais práticas boêmias.

Figura 19: Palácio dos Bares – área externa.



Fonte: **A Província do Pará**. 17 dez. 1979. p. 5.

¹⁷⁷ “Cavalaria e Saúde Pública em Operação”. **A Província do Pará**, Belém, 12 dez. 1970, 1º cad. p. 8.

A imagem de bairro perigoso, atribuída a Condor, “riscada dos mapas turísticos da cidade¹⁷⁸”, mostra estigmas que permaneciam vivos no final dos anos setenta, mesmo após diversas transformações comportamentais vivenciadas a partir da segunda metade do século XX. Como afirmado no tópico anterior, a carga de preconceito, muito comum na imprensa brasileira desde o advento da Primeira República, fez parte de uma tradição elitista que, em várias esferas, preocupou-se em produzir discursos deterministas pautados em orientações moralistas, higienizadoras e classistas, quase sempre privilegiando um modelo de sociedade desejado pelas e para as elites, incompatível com os costumes das classes populares. A localização do bar em questão parece ter sido imprescindível para o posicionamento do jornal em relação ao bairro e a seus moradores.

Situado às margens do Rio Guamá, numa região de subúrbio, o bairro da Condor ganhou da imprensa e do imaginário social a conotação pejorativa de “A Condor” – lugar alusivo à prostituição e violência. Apesar de ter servido às elites da cidade nos anos trinta e quarenta, com a concorrida casa de show e restaurante *Bar da Condor* e de ter abrigado o porto da companhia aérea alemã *Condor* – que funcionava como local de embarque e desembarque dos hidroaviões que pousavam e decolavam no Rio Guamá, nos tempos em que a cidade ainda não dispunha de aeroporto –, o bairro, a partir dos anos sessenta, começou a contar com um número significativo de gafieiras, de cabarés, de baiucas e de pequenos prostíbulos que se proliferaram na área, recebendo inclusive nomes que faziam referências à região boêmia da Lapa no Rio de Janeiro¹⁷⁹. Seu circuito boêmio se concentrava principalmente no entorno da Praça Princesa Isabel e no triângulo que compreendia as Avenidas Alcindo Cacela, Padre Eutíquio e Estrada Nova (Atual Bernardo Sayão) onde grande parte dos pequenos estabelecimentos foi se fixando. Muitas dessas casas de festa eram construções simples feitas em madeira e cobertas com palha (fig. 20). Antônio Rocha Penteado chama a atenção para o processo de crescimento demográfico na região e a consequente concentração de pessoas de baixo poder aquisitivo naquela área¹⁸⁰. Nas baiucas e

¹⁷⁸ DUTRA, Olavo. “A Condor quer voltar ao passado”. **A Província do Pará**. Belém, 17 de abril de 1979, 1º cad. p. 2

¹⁷⁹ O aspecto de semelhança com o Rio de Janeiro era feito por muitos empresários da região, inclusive com a obtenção do nome de casas, como é o caso da casa de shows O Lapinha, pertencente a José de Alencar. O Soberano da Noite. **O Liberal**. Belém, 14 ago. 1996, cartaz, p. 8.

¹⁸⁰ Sobre a descrição do bairro da Condor e demais bairros da zona sul de Belém, Antônio Rocha Penteado afirma que: “Jurunas e Condor são tipicamente dois bairros de várzea [...] Em virtude de tais fatos, todo o litoral do Guamá era sujeito às enchentes anuais, então a população numerosa e bastante pobres dos três bairros se via a braços com tais problemas [...] Uma excursão pelos referidos bairros, onde predominam as ‘barracas’ e são raros os prédios de alvenaria com dois ou mais andares, confirmam os fatos acima apontados, porque, pelas suas ruas, ou por impossibilidade dos pais ou por falta de escolas, é extremamente numerosa a quantidade de crianças a

casas de cômodos da Condor foram acolhidas dezenas de mulheres adultas e jovens provenientes do interior do estado ou de outras regiões que chegavam a capital do Pará para se prostituir¹⁸¹.

Figura 20: Casas e barracas comerciais localizadas na Condor.



Fonte: PENTEADO. 1968. p. 311.

Nessas casas, vendia-se a cachaça em doses ou em “meiotas” que eram consumidas por trabalhadores das adjacências, assim como pelos curiosos frequentadores do centro da cidade que para aquela área se dirigiam. O grande movimento de festas e prostituição nas baiucas, cabarés e gafieiras da região faziam do bairro da Condor, juntamente com a zona do meretrício, os dois pontos mais frequentados por boêmios na cidade entre os anos cinquenta e

brincar, a transportar água ou simplesmente, a perambular, atestando a juventude da população desses bairros junto ao Guamá”. Ver PENTEADO, 1968. 299-312.

¹⁸¹ Tratarei mais detidamente desse tema no terceiro capítulo.

oitenta. A quantidade de casas destinadas ao entretenimento foi tão grande no local que podia assemelhar-se a região boêmia existente no bairro da Lapa na cidade do Rio de Janeiro, pois a boemia se espalhava pelas ruas, saindo do espaço interno dos bares, cabarés e baiucas, ganhando as esquinas e a própria praça, onde se concentravam vendedores ambulantes, taxistas e boêmios. Várias “sensoriedades, sensibilidades e sonoridades” se faziam sentir a partir das experiências dos sujeitos sociais que compartilhavam múltiplas sociabilidades no local¹⁸².

Dentre as casas de shows mais conhecidas e mais lembradas na memória de boêmios que frequentaram o Bairro da Condor estavam o *Bar da Condor* (depois denominado *Palácio dos Bares*), *Mangal do Patesco*, *Aldeia*, *The Pink Panther*, *Bar São Jorge*, *Cabaré da Tia Maria*, *Royal*, *O Lapinha*, *Bartira*, *Recinto Oriental*, *Bar da Cotinha*¹⁸³ dentre outros cabarés e gafieiras dispersos nas ruas e passagens do bairro. O Mapa 7 dá a dimensão do perímetro que compreendia a área boêmia da Condor mostrando a localização de alguns dos lugares supracitados que se fixavam no entorno da Praça Princesa Izabel.

Alguns se mantiveram em atividade por uma ou duas décadas, outros resistiram às transformações ocorridas na cidade permanecendo em atividade. A maior parte dessas casas foi fechada no decorrer dos anos oitenta e noventa, devido, principalmente, a diminuição da movimentação boêmia no bairro, bem como, pelo processo de deslocamento das atividades festeiras de Belém para diversos outros pontos da cidade. Uma das poucas casas remanescentes no bairro da Condor, que ainda se mantem em atividade no local é o *Palácio dos Bares*, que apesar das várias crises, conseguiu sobreviver mantendo suas funções como casa de show e entretenimento.

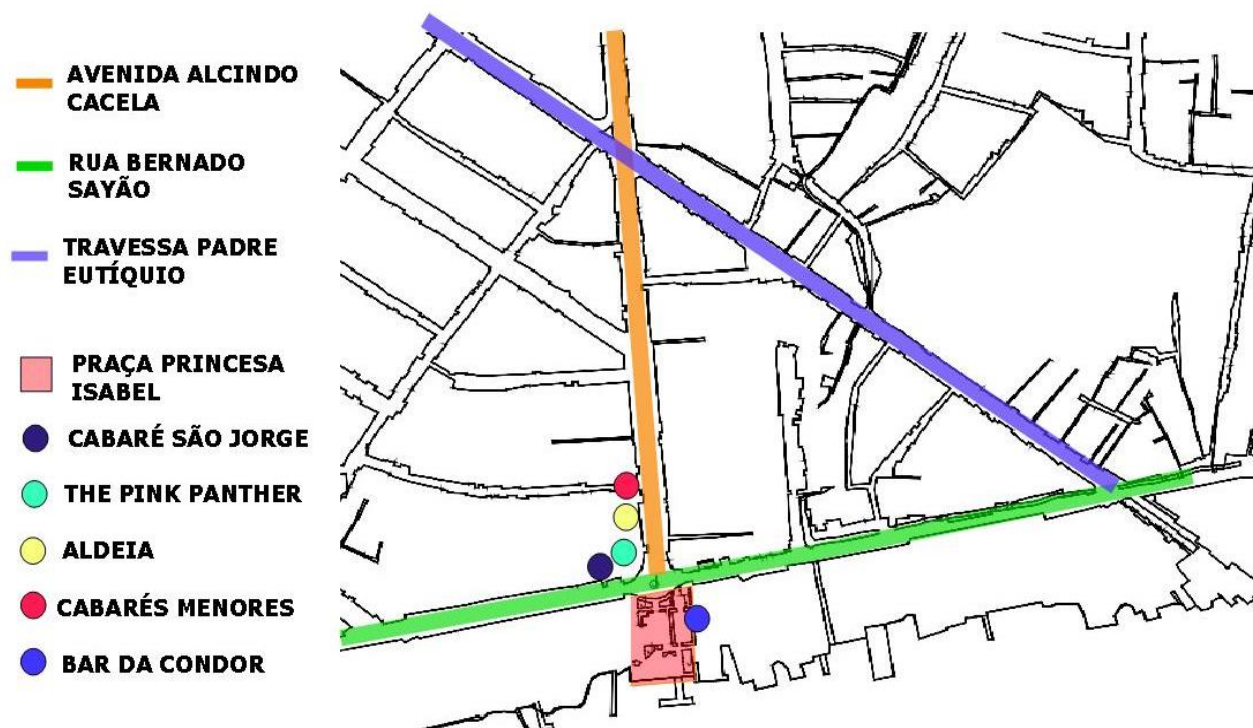
A partir dos anos oitenta, outras boates e casas de luxo foram surgindo em lugares distintos do centro e dos bairros de subúrbio como Pedreira, Guamá, Umarizal, Entroncamento, Cremação, dentre outros, disputando a preferência da população boêmia de Belém. Outro fator que colaborou sobremaneira para o processo de esvaziamento boêmio da Condor foi o novo formato de festas populares, as festas de aparelhagens – modalidade de festas móveis realizadas em sedes sociais, clubes, balneários, terreiros juninos, gafieiras e “ruas de lazer”. Chamo esse modelo de festa de móveis, porque elas podiam acontecer em

¹⁸² Maria Izilda afirma que: “No cotidiano das cidades, as experiências são múltiplas e variadas, constituindo-se num amplo espectro de trocas culturais entre sujeitos históricos com hábitos, idiomas, modas, sensibilidades, ou seja, um conjunto complexo de referências culturais, cabendo observar as cidades como territórios que condicionam múltiplas experiências sensoriais, pessoais e coletivas: odores, sons, sabores, imagens/visões e experiências táteis, constituindo uma trama de memórias do passado, contendo lembranças visuais, sonoras, olfativas, gustativas, táteis e envoltas em sensibilidades”. Ver: MATOS, 2007 p. 36.

¹⁸³ LAREDO. 2003. p. 146.

vários pontos da cidade, sempre levando o nome das aparelhagens sonoras realizadora dos eventos. Essas aparelhagens, quase sempre, eram gigantescos aparelhos sonoros que anunciavam seus eventos em propagandas de rádios de bairro, em cartazes ou em carros-sons, informando data e local do evento. Modalidade festiva ainda muito comum nas periferias de Belém, conhecidas popularmente como festas de brega, tecnobrega, *melody* ou baile da saudade¹⁸⁴.

Mapa 7: Região que compreendia a zona boêmia da Condor.



Fonte: Intervenção feita a partir das fontes coletadas em mapa atual da cidade.

Certamente o bar e casa de espetáculos mais famoso do bairro da Condor, sempre presente na memória de antigos boêmios, bem como nos registros deixados em jornais, livros e outros documentos, é o *Bar da Condor* ou *Palácio dos Bares*¹⁸⁵. Sua história se confunde com a do próprio bairro, pois os primeiros registros de sua existência datam de 1939, quando João de Barros, primeiro proprietário do estabelecimento, montou uma pequena baiuca ao lado do porto que servia a empresa de aviação Condor. Neste período, Belém ainda não possuía aeroporto, os aviões que chegavam à cidade aterrissavam no Rio Guamá, usando o porto da Condor para o embarque e desembarque de passageiros. Talvez o trânsito de turistas

¹⁸⁴ COSTA, Antônio Maurício. **Festa na cidade:** O Circuito Bregueiro de Belém do Pará. Belém: Eduepa, 2009.

¹⁸⁵ Utilizarei ambos os nomes de acordo com a conveniência e o momento histórico citado.

e viajantes na área tenha contribuído para o movimento de pessoas naquela região, o que provavelmente estimulou João de Barros a criar um espaço de entretenimento às margens do rio para que seus fregueses pudessem apreciar os pousos e decolagens, bem como a paisagem do local¹⁸⁶.

João de Barros Filho, herdeiro do fundador do bar, conta que, em 1940, foi inaugurado o *Bar Soberano*, em frente ao local onde seu pai montou a baiuca. Segundo o entrevistado, esse foi o momento que iniciou o processo de exploração boêmia na área, pois o referido bar viria atender as pessoas de passagem pelo local. Anos depois, o *Bar Soberano* mudou de proprietário e de nome por duas vezes, passando a ser chamado respectivamente de *Bar da Condor* e *Bar Marajoara*, voltando a ser denominado de *Bar da Condor* em meados da década de quarenta, quando passou a ser administrado por João de Barros, “tornando-se um dos mais ilustres lugares da cidade, frequentado por políticos, artistas e demais membros da elite paraense¹⁸⁷”.

O *Bar da Condor* como grande casa de shows de Belém, entre os anos quarenta e sessenta, recebeu vários espetáculos nacionais e internacionais como os de grupos de dançarinas provenientes dos países caribenhos próximos ao Brasil; shows de artistas famosos do cenário musical nacional como Dick Farney, Nelson Gonçalves, Ângela Maria, Dalva de Oliveira, Orlando Silva, Dercy Gonsalves, Jamelão, Chico Buarque, Gilberto Gil e outros, além de vários shows de teatro de revista, organizados pelas rádios locais; constantemente o bar também recebia a visita de empresários e políticos da cidade, como por exemplo, os ex-governadores do Estado Magalhães Barata, Aurélio do Carmo e Zacarias de Assumpção.

Como espaço de referência na cidade, o *Bar da Condor* acabou ganhando a alcunha de *Palácio dos Bares* no final dos anos sessenta. Após a morte de seu primeiro proprietário João de Barros em 1966, o *Palácio* começou a perder a referência do público elitizado que frequentava o local nas décadas anteriores. No entanto, a partir dos anos setenta, o espaço passou a ser frequentado por estudantes universitários que semanalmente organizavam as “discotecas” e “forrós” realizados por centros acadêmicos naquele local¹⁸⁸, alternativa que serviu para garantir movimento à casa após a morte de seu primeiro proprietário. É provável que a preferência dos estudantes universitários pelo local tenha se dado por causa da proximidade do Campus Universitário, distante apenas um quilometro da Praça Princesa Izabel. Na década de oitenta, esses forrós foram transferidos para o interior do campus da

¹⁸⁶ LAREDO, 2003, p. 148-152.

¹⁸⁷ LAREDO, 2003, p. 195-197.

¹⁸⁸ PALHETA, 17 nov. 2012.

Universidade Federal do Pará, obrigando os diretores do espaço a realizarem promoções e eventos de diversos tipos para manter o estabelecimento aberto. Nos anos noventa, o *Palácio* passou por nova reforma, voltando a receber espetáculos de artistas locais e nacionais.

Figura 21: Final dos anos “70”. Discoteca no Palácio dos Bares – Área interna.



Fonte: A **Província do Pará**. Belém, 17 dez. 1979. p. 4

No final da década de setenta, o bar foi utilizado como espaço de locação para um vídeo clipe da cantora Fafá de Belém e para a gravação de tomadas do filme “Bye, Bye, Brasil”. Durante as gravações deste filme, o *Palácio dos Bares* sofreu um incêndio em suas instalações após um curto-circuito nos equipamentos de gravação, fazendo com que o espaço fosse desativado por quase um ano, voltando a funcionar em 1979, após indenização paga pela equipe de gravação do filme¹⁸⁹. Este episódio rendeu reportagens que anunciaram o incidente como um “balde de água fria” nas pretensões de seus proprietários que pretendiam recuperar o antigo prestígio do bar na cidade, bem como usar o filme como *marketing* para

¹⁸⁹ A Condor quer voltar ao passado. A **Província do Para**. Belém, 17 dez. 1979, p.3

gerar mais movimento no local. O incêndio que frustrou os proprietários, além dos prejuízos causados, proporcionou cenas inusitadas ocorridas com os presentes na gravação, como no caso do ator José Wilker, que se jogou no rio ao perceber o incêndio. O Jornal *A Província do Pará* assim narrou o fato:

Cacá Diegues dá as últimas orientações, os atores posicionam-se e – o local totalmente iluminado – as câmeras entram em ação. As atenções se concentram em Betty Faria, por parte da equipe de produção. O cinegrafista está de olho grudado na câmera. De repente, porém, um pedaço de fibra usado na confecção do cenário cai, projeta-se, espalha-se por todo o cenário armado, destruindo e pondo em pânico a equipe de produção, atores e espectadores. José Wilker, um dos atores não tem o providencial aviso de “Russo”, mas salta, desesperadamente [...] as chamas refletem-se nas águas e o ator espera pelo salvamento agarrado às vigas de sustentação do bar – sob as águas¹⁹⁰.

Atualmente o *Palácio dos Bares* tem suas instalações utilizadas principalmente por festas populares de aparelhagens sonoras com shows de tecnobrega, bailes da saudade e *melody*, sendo essas novas modalidades festivas que se intensificaram em Belém a partir dos anos dois mil, momento em que o bar e a Praça Princesa Izabel ganham outros significados na cidade, menos boêmios, menos concentração de estabelecimentos, porém, ainda ativo e com outras sociabilidades, com espaços de festas populares e pequenos comércios de bebidas. No que diz respeito à infraestrutura, o bairro da Condor passou por melhorias, mas ainda apresenta aspectos de favelização muito semelhantes aos das décadas mais movimentadas de boemia no local, principalmente nas proximidades do *Palácio dos Bares*, onde ainda existem várias palafitas erguidas em cima do canal da Avenida Bernardo Sayão, esta sendo localização de pequenos bares e baiucas frequentadas por populares.

O processo de dispersão das atividades boêmias, espalhando-se por outros lugares da cidade, somadas à proliferação de pequenas baiucas e barracas populares pela área, talvez tenham contribuído para afastar a boemia mais exigente que ia àquela região da cidade em busca da diversão. No entanto, é importante frisar que a versão colocada nos jornais, atribuindo a responsabilidade de decadência da boemia existente na Condor à chegada das classes populares, deve ser contextualizada historicamente, bem como deve-se considerar o panorama sócio-político e econômico das décadas que antecederam as transformações no local.

É importante atentar que, entre as décadas de trinta até meados de cinquenta, aquela parte da cidade era habitada por pouquíssimas famílias, a maioria residindo às margens do Rio

¹⁹⁰ *A Província do Pará*, Belém, 17 abr. 1979, 1 cad. p.12.

Guamá, o que fazia da área uma região tranquila, bucólica e cercada de florestas, condição esta que provavelmente deixava o *Bar da Condor* propício a encontros agradáveis. Somente com a construção do dique da Avenida Estrada Nova (atual Bernardo Sayão), em 1946, que o processo de ocupação e o conseqüente crescimento demográfico aceleram na área. É na década de cinquenta que também se inicia o processo de crescimento desordenado das periferias da cidade, incentivado, em grande parte, pelas campanhas do governo federal, como terei oportunidade de mostrar adiante.

Outra consideração importante está relacionada aos momentos considerados mais glamorosos do *Palácio dos Bares*, entre o final dos anos trinta e meados dos anos cinquenta, ilustrados nos jornais e nas memórias boêmias, coincidindo, portanto, com momentos tumultuados da história nacional e internacional. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o continente americano serviu como base militar e de armazenamento de mantimentos, armamentos, porta aviões, navios e aviões. Foi o caso do Brasil e de Belém que, a partir de 1942, se transformou em base militar das forças aéreas e navais dos E.U.A., tendo seu porto tomado por navios e aviões militares norte-americanos que aportavam na baía do Guajará e no rio Guamá. Como frisei anteriormente, era no bairro da Condor que se fazia o embarque e desembarque de passageiros em trânsito pela cidade, fato que possibilitou uma grande frequência de estrangeiros e turistas pela área, aumentando as possibilidades de sucesso nos empreendimentos ligados ao lazer e ao entretenimento, haja vista a localização privilegiada do local, as margens do rio.

Durante quase toda a década de quarenta, a presença estrangeira foi intensa no local, coincidindo com o momento de construção do aeroporto da cidade iniciado em 1943. Somado a isso, houve uma série de investimentos econômicos na Amazônia a partir dos anos cinquenta, contribuindo para o processo de crescimento demográfico (Tab. 1), bem como para o processo de proletarianização nas periferias da cidade. Este contexto tornava aquela área bastante movimentada, contribuindo para a construção de memórias que “glamourizavam” aquele período da história da boêmia naquele local nas décadas de quarenta e cinquenta. A análise da imprensa do final dos anos setenta é superficial. Ao atribuir à suposta “decadência da Condor” simplesmente ao flagelo da ocupação do espaço por classes populares, ignora todo o processo inicial de ocupação daquele espaço e toda a movimentação provocada naquela área naquele período, que propiciou a atração de um público específico para o local.

As mudanças na forma de ocupação e uso do espaço proporcionam transformações culturais dinâmicas, capazes de refazer o significado simbólico de determinados lugares no contexto histórico, paisagístico, social e de representação urbana de uma cidade. O que se

evidenciou no bairro da Condor foi uma gradativa transformação sócio-espacial, capaz de mexer com aspectos da simbologia de homens e mulheres que frequentavam o local, fazendo com que estes cristalizassem em suas memórias “os tempos bons do *Bar da Condor*”, “o lugar elegante de Belém”.

No entorno da Praça Princesa Izabel, próximo ao *Bar da Condor*, outras casas de festas fizeram o movimento da região. Dentre elas, destacaram-se: O *Mangal do Patesko*, bar e restaurante popular muito requisitado por boêmios que iam a Condor. Esse estabelecimento pertenceu ao cozinheiro Manoel Miranda da Silva, mais conhecido pelos frequentadores do bar como Patesko. Seu estabelecimento foi um clássico espaço de boemia e degustação, especializado na venda de pratos feitos à base de mariscos e frutos do mar, em especial caranguejo, tendo como prato principal o tradicional “caranguejo ao toc-toc”, muito apreciado pelos boêmios que iam a Condor. Requisitado pelas aptidões culinárias, o *Mangal do Patesko* também se destacou como casa de shows na qual muitos artistas famosos passaram. Segundo depoimentos de sua esposa, Manoel Miranda decidiu colocar o bar e restaurante na Condor, após vasta experiência acumulada como cozinheiro em importantes restaurantes da cidade¹⁹¹.

Contígua ao *Mangal do Patesko* estava a casa de shows *Aldeia*, também localizada na Praça Princesa Izabel (mapa 7), bem próximo ao *Bar da Condor*. É provável que esta casa tenha surgido na década de 1960 junto a várias outras baiucas e pequenos prostíbulos que foram construídos na área. Esta casa funcionava como cabaré e gafieira de “fim de noite” para onde se dirigiam os boêmios que saíam do *Bar da Condor*. O *Aldeia* recebia um público eclético, tanto de segmentos sociais menos favorecidos, como de boêmios oriundos de estratos sociais mais abastados, ganhando a fama de “inferninho” preferido, depois que as outras opções da região encerravam suas atividades diárias. Ao lado do *Aldeia* estava a boate *The Pink Panther*, provavelmente uma boate também frequentada por sujeitos sociais de condições econômicas menos favorecidas. O caráter popular somado ao grande movimento nos bares e a consequente frequência de brigas e tensões presentes, tanto no entorno como no interior desses estabelecimentos, colaboraram para a efetivação de medidas controladoras do Estado, publicadas na imprensa, reproduzindo a imagem, já citada acima, de lugar perigoso e cheio de marginais.

A foto abaixo, exemplifica e sintetiza a visão da imprensa acerca dos bares que ficavam no entorno da Praça Princesa Izabel, imagem muito diferente daquelas passadas sobre o *Bar da Condor*.

¹⁹¹ LAREDO, 2003, p. 157-158.

Figura 22: Alguns estabelecimentos localizados no entorno da Praça Princesa Isabel.



Fonte: **A Província do Pará**, Belém, 12 dez. 1970, p.9.

O texto que acompanha a fotografia (fig. 22) se refere à “Operação Condor”, dirigida pelo delegado Luiz Augusto Paes da Delegacia de Costumes que tinha como objetivo fechar as pensões que funcionavam na Alcindo Cacela. Segundo a matéria no jornal, os estabelecimentos alvos eram aqueles onde houvesse “promiscuidade exagerada”, objetivando limitar o “trottoir” de mulheres na Praça Princesa Isabel. Além disso, dizia que “na mesma operação serão atingidas as baiucas que vendem bebida na Alcindo Cacela, a partir da Pe. Euitiquio. Para reforçar a operação será convocada a cavalaria e efetivo da Policia Militar”¹⁹².

A fotografia publicada no jornal enquadra apenas os bares de caráter mais popular mencionados nos parágrafos acima. O *Palácio dos Bares*, por exemplo, ficava situado na mesma área, no entanto, não era mencionado de forma negativa pelos veículos de imprensa, apesar de também ter funcionado como lugar de prostituição de luxo. Percebe-se que havia, quase sempre, a criação de uma memória nostálgica sobre o *Palácio* e a construção de uma narrativa discriminatória acerca dos bares do entorno, vistos como perigosos aos olhos da imprensa. O texto colocado sob a manchete e a imagem expostas acima mostram que havia

¹⁹² **A Província do Pará**, Belém, 12 dez. 1970, p.9.

certo empenho nas campanhas oficiais de combate a denominada “boemia de baixo calão”, sempre buscando justificativas que relacionassem aqueles lugares com a insegurança e o perigo, como exposto na mesma matéria:

Também sobre a Condor, que é o assunto: o terminal da linha de ônibus “Condor” que é na Praça Princesa Isabel vai sair de lá dentro de dias, afirma o Delegado Ramiro Nobre, que a praça está se tornando um centro de marginais perigosos, para reforçar suas palavras, ontem de madrugada, um policial conhecido como “gibi”, esfaqueara um estudante e um professor que tentavam entrar de bermuda numa festa. Diz o policial que revidou a agressão¹⁹³.

Quando se tratava da boemia naquele local, a imagem negativada se desdobrou por quase toda a década de setenta nos jornais da cidade, uma visão capaz de reforçar os estigmas de periculosidade. Uma tentativa de justificar o seu discurso era a de mostrando os casos de crimes ocorridos na área, quase sempre envolvendo boêmios, meretrizes, marginais e até mesmo policiais.

Outro ponto de referência na Praça Princesa Isabel foi o *Bar São Jorge* localizado na Estrada Nova (Avenida Bernardo Sayão), em frente à Praça Princesa Isabel. Funcionando em um velho casarão de madeira, suspenso sobre o canal que margeava a avenida. Ele também ficou famoso no imaginário social boêmio por ser o bar de gafieira mais *underground* do circuito da Condor nos anos setenta e oitenta. Nele funcionavam, também, alguns “quartos de pensão”, ocupados por meretrizes que atuavam no local. Seus principais frequentadores eram carregadores e estivadores dos portos próximos, tripulantes das embarcações e demais populares moradores dos bairros vizinhos. Sua condição de grande gafieira e cabaré popular não foi poupada pela imprensa que sempre que possível procurava também manchar a imagem dessa casa no imaginário popular da cidade de forma bastante negativa.

É possível que as informações apresentadas nos jornais a respeito dos estabelecimentos da Condor pudessem surtir efeito negativo em vários segmentos de leitores, influenciando na frequência de pessoas no local. Porém, é importante lembrar que mesmo com toda a difamação posta nos jornais, a Condor continuou sendo muito frequentada por boêmios de diversos estratos sociais até meados da década de noventa, quando houve um processo significativo de desvalorização daquela área como espaço de boemia da cidade. Visto pejorativamente pela imprensa, o *Bar São Jorge* também carregou os estigmas negativos atribuídos à boemia popular na Condor. A matéria abaixo ilustra claramente a contradição existente no jornal *A Província do Pará*, estabelecendo “dois pesos e duas

¹⁹³ “Polícia anuncia que vai limpar Condor”. **A Província do Pará**, Belém, 12 dez. 1970, p.9.

medidas” em relação à visão sobre o bairro da Condor e as distintas casas de shows ali existentes:

Mas com as transformações naturais, como o crescimento urbano, o Palácio dos Bares se confundiu como nome do próprio bairro – onde, por via das consequências, floresceram pequenos bares tentando explorar todo tipo de comércio. A experiência não foi das mais felizes porque além de levar a má fama ao bairro, os bares passaram a explorar o sexo desenfreadamente. Com isso, então, o banditismo encontrou abrigo, e ainda hoje, “andar para aquelas bandas” é sempre desaconselhável.

- Pior – como diz a direção do Palácio dos Bares – hoje, é que tudo existe de ruim no bairro normalmente é transferido para as dependências do bar.

A verdade é que agora, em vez de Dercy Gonçalves, Chateaubriand, generais e famílias, o Palácio dos Bares é frequentado por “garotas” que depois de se divertirem saem com seus homens para terminar, da melhor maneira possível, uma noite iniciada quase sempre às 20 horas. Mas na Praça não existe apenas o Palácio dos Bares. O Bar São Jorge, por exemplo – é a polícia quem diz, é frequentado por gente de baixo calão; embriagados que a qualquer momento levantam uma arruaça de proporções às vezes fatais¹⁹⁴.

A forma como as notícias chegavam aos leitores apresentava um maniqueísmo definidor das condições atribuídas aos moradores pobres e boêmios que circulavam naquela região como “pessoas de baixo calão”. Imagem que, por conseguinte, significava o contrário das “boas famílias” que antes iam ao bairro, uma segregação discursiva que visava deixar claro para o leitor que aquele espaço da cidade não pertencia mais às elites belenenses.

O perfil do tipo de frequentador dos bares *São Jorge*, *Aldeia*, *The Pink Panther*, *Cotinha*, *Cabaré da Tia Maria*, *Royal*, dentre outros bares e cabarés populares da Condor, era quase sempre o de gente considerada pobre e perigosa, segundo os jornais, estes eram os principais responsáveis pelo fim da quebra da boa tradição no local. A construção do imaginário de periculosidade ocorreu paulatinamente ao longo das três décadas de recrudescimento da ocupação na área. Porém, é importante reiterar que essa construção teve algum respaldo nos boletins policiais e ocorrências criminais na área, publicados com certa frequência. Os veículos de comunicação locais não perdiam a oportunidade de demonstrar que de fato havia violência na Condor, como nos mostra outra matéria:

A falta de um policiamento mais eficaz na Praça Princesa Isabel foi a principal causa da cena de sangue, quando o Professor de Educação Física Oscar Veiga Videira, solteiro, 29 anos (travessa 1º de Março, 22) e o estudante Celso Jovino Coelho da Silva tentaram, trajando bermuda, ingressar em uma boate ali situada. Professor e estudante foram agredidos pelo policial “Giba” havendo troca de insultos entre os três, Oscar e Celso Jovino se retiraram dali voltando momentos depois acompanhados de outros elementos não identificados. Novas trocas de insultos se registraram, gerando então uma desordem naquela praça, pois o policial e seus amigos lutavam contra o professor e seus companheiros.

¹⁹⁴ DUTRA, Olavo. “A Condor, Hoje”. **A Província do Pará**, Belém 17 abr. 1979, p. 13.

No final Oscar Veiga e Celso Jovino, com ferimentos a faca pelo corpo foram levados para a Policlínica Lauro Magalhães onde, se acham internados em observação médica. Na confusão diversas outras pessoas saíram feridas, tendo algumas testemunhas dito que ouviram disparos de arma de fogo.

“Giba” foi preso em flagrante e acusado na forma da lei na DP da Cremação¹⁹⁵.

A campanha da imprensa de combate aos maus modos de boêmios, trabalhadores e meretrizes que circulavam pela Condor lograva incentivar uma ação por parte do poder público de assepsia social na área, afim de disciplinar o ambiente e combater os inconvenientes na Praça Princesa Isabel. Exemplo pode ser dado com a matéria que fala da retirada do terminal de uma linha de ônibus localizada naquele local:

“O terminal da linha de ônibus da Condor, na Praça Princesa Isabel, será retirada dentro de mais alguns dias daquele local pela Delegacia Estadual de Trânsito”. A declaração foi feita ontem à reportagem pelo engenheiro Ramiro Nobre e Silva, titular daquela especializada, acrescentando que a retirada dos coletivos será para evitar uma maior aglomeração de pessoas naquele logradouro que já se vem tornando um antro de marginais perigosos.

A revelação do Delegado de Transito foi feita logo após aquela autoridade ter conhecimento da “Operação Condor” que será iniciada segunda feira pela Secretaria de Segurança Pública, Secretaria de Saúde, Polícia Militar e Delegacia de Menores. O engenheiro Ramiro Nobre e Silva frisou que é necessário que o terminal de ônibus da linha Condor seja retirado dali, evitando assim a aglomeração de “motoristas, cobradores e mulheres de vida fácil” sem mencionar os marginais que infestam aquele local¹⁹⁶.

A identificação do local com pessoas tachadas de má índole e de costumes indesejados transformaram o discurso jornalístico em um verdadeiro crivo social, capaz de definir quem deveria e quem não deveria circular pelo local. O jornal procurou mostrar os boêmios, prostitutas e demais cidadãos que transitavam na praça como escórias da sociedade, que na avaliação do colunista que escreveu a matéria exposta acima, “infestavam” o local, ou seja, sujavam o ambiente com seus vícios considerados torpes. Visão classista disfarçada pelo apelo moralista de apologia aos bons modos e costumes civilizados.

Espaço de aglomeração boêmia, o bairro da Condor e a Praça Princesa Isabel tornavam as noites no local sempre muito movimentada, com dezenas de pessoas perambulando pelos bares e baiucas existentes no local. Fora do entorno da praça, porém próximo, existiam outros bares e cabarés que ajudaram a movimentar a região. Dentre eles ficaram destacados o *Cabaré da Tia Maria* localizado na Rua 9 de Janeiro atrás da igreja de São Judas Tadeu, tratava-se esta de uma casa que funcionava como boate e ponto de

¹⁹⁵ “O crime do agente policial”. **A Província do Pará**, Belém 12 dez. 1970, 1º caderno, p. 8.

¹⁹⁶ “Terminal Condor vai sair da Praça”. **A Província do Pará**, Belém 12 dez. 1970, 1º caderno, p. 8.

prostituição. O *Royal* era uma gafieira localizada na Avenida Alcindo Cacela que tinha como função principal ser casa de dança de merengue, brega e bolero. O *Lapinha*, localizado na Avenida Padre Eutíquio, era considerado por segmentos da sociedade belenense como a gafieira mais chique da cidade. Nele aconteciam shows diversos, *performances*, *striptease* e apresentações com artistas nacionais. Em alguns dias da semana funcionava também como espaço de jogatinas. O bar Bartira era uma pequena gafieira de dança de brega e merengue situada na Avenida Bernardo Sayão, já nos limites do bairro do Guamá.

Em se tratando de subúrbios boêmios da cidade, é bom deixar claro que outros bairros também se destacaram como espaços de boemia. Ao longo da década de setenta, pontos de boemia foram se espalhando pela cidade de Belém, havendo referências nos bairros da Pedreira, Marambaia, Icoaraci, Entroncamento, Guamá, Cremação, Jurunas dentre outros (mapa 2). No entanto, foi na Condor que a concentração boêmia suburbana se tornou mais dinâmica, o que justifica minha ênfase a esse bairro. Nos bairros vizinhos à Condor, um número significativo de sedes, bares, boates, gafieiras, cabarés e casas de pensão também fizeram parte do circuito boêmio, eram casas frequentadas diariamente por diversos agentes sociais. No bairro do Guamá, por exemplo, destacaram-se as sedes da boate *Onze Bandeirinhas*, *Estrela do Norte*, *Ambulante*, *Cabaré dos Bandidos*, *Carroceiros*, *Pingo de Ouro*, *Milionário*, *Grajaú*, *Corinthians* e *Pouca Telha*¹⁹⁷. No bairro do Jurunas, destacaram-se tradicionais sedes sociais como o *São Domingos*, *Imperial*, *Florentina*, *A Sede dos Peixeiros*, *Ilariê* e *Pompilho*¹⁹⁸. Na Cremação, o destaque se dava para *O Benzinho*, *o Pagode Chinês* e o *Norte Brasileiro*. Os bairros da Cremação, Jurunas e Guamá faziam fronteira com o bairro da Condor e, em certa medida, representaram uma extensão da Condor em termos de boêmia por ser algumas das sedes acima citadas localizadas no caminho da Condor. Na zona norte da cidade, as referências boêmias estavam principalmente no bairro da Pedreira, seguido por Sacramenta e Telégrafo, bairros que concentraram sedes de clubes, cabarés e algumas gafieiras que realizavam bailes e festas populares.

Além das práticas festivas em gafieiras, cabarés, baiucas e sedes suburbanas, os bairros populares de Belém desenvolveram, ao longo do século XX, diversas manifestações populares identificadas com práticas lúdicas e de festa que atraíam predominantemente seus

¹⁹⁷ Em meu trabalho anterior, fiz um levantamento dos vários cabarés e gafieiras existentes no bairro do Guamá. DIAS JR, José do E. S. *Cultura Popular no Guamá: Um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém*. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2009.

¹⁹⁸ Sobre o bairro do Jurunas interessante trabalho foi feito por Carmem Izabel Rodrigues, nele a autora mostra um panorama da sociabilidade festiva no bairro. RODRIGUES, Carmem Izabel. *Vem do bairro do Jurunas: Sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano*. Belém: Editora do NAEA/UFPA, 2008.

moradores. Dentre as mais frequentes estavam aquelas identificadas com os folguedos juninos – que eram danças de quadrilha –, pássaros juninos e boi bumbá, sendo essas práticas antigas nos espaços suburbanos de Belém¹⁹⁹, geralmente associada à capoeiras e descendentes de escravos que habitaram bairros de concentração de populações negras na cidade²⁰⁰. Bairros como Jurunas, Guamá e Umarizal se destacaram nessas práticas, havendo todo um dispêndio por parte dos brincantes que agendavam suas brincadeiras de acordo com o calendário festivo presente no mês de junho.

No bairro da Condor, essa expressão folclórica também esteve presente, pois houve também atividades culturais que eram promovidas pelo empresário Manoel Rodrigues, conhecido no mundo cultural e da noite como “Nequinha”, que organizava todos os anos no mês de junho o boi bumbá “Estrela Branca” que saía do curral montado em seu bar e restaurante *Recinto Oriental* para percorrer as ruas do bairro até a Praça Princesa Isabel onde se encontrava com outros folguedos juninos. Essas festas são lembradas por João de Barros Filho afirmando que:

Além do Carnaval, na praça havia espetáculos dos pássaros, como “Tem-tem”, “Rouxinol”, “Macaco” e “Periquito, concursos de quadrilhas e de boi. O “Tira-Fama” o “Seu Setenta” concorria com os igualmente tradicionais “Pingo de Ouro”, “Malhadinho” e “Estrela Branca”, da própria Condor e pertencente ao já falecido folclorista “Nequinha”²⁰¹.

As atividades carnavalescas também foram muito frequentes nos bairros suburbanos que assistiam todos os anos os desfiles de ranchos carnavalescos e blocos de rua dos bairros, fazendo as suas batalhas de confete e cordões em direção ao centro da cidade. No bairro da Condor, outra concentração se dava com desfiles de “Rei Momo” e de diversos cordões que recebiam o apoio de João de Barros, empresário proprietário do *Bar da Condor*, assim como de Nequinha. Estes desfiles, juntamente com a quadra junina, representavam os momentos de grande movimentação no bairro, como afirma Laredo acerca das batalhas de confete durante o carnaval:

¹⁹⁹ Em minha dissertação de mestrado desenvolvi apurado trabalho acerca das festas populares nos subúrbios de Belém durante o século XX. Sobre esse assunto ver: DIAS JR. 2009, p. 95-107; Ver também interessantes trabalhos de: CRUZ, Ernesto. “Costumes e tradições – Festas de São João”. In: **Belém: aspectos geo-sociais do Município**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944; MENESES, Bruno. **Boi Bumba: Auto popular**. Belém. Editora H. Barra, 1972. SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará: ou, apresentação do teatro de época**. Belém: UFPA, 1994. Tomo II; **O Negro na Formação da Sociedade Paraense**. Belém: Paka-Tatu, 2004.

²⁰⁰ Sobre Esse assunto ver: LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **A Política da Capoeiragem: a história social da capoeira e do boi bumbá no Pará republicano (1888-1906)**. Salvador: EDUFBA, 2008.

²⁰¹ “João de Barros – Memória. Tudo começou com 5 grades”. **O Liberal**, Caderno Atualidades. Belém, 28 jul. 1998, p.1

Na Praça Princesa Isabel apresentavam-se para numeroso público, notadamente formado pelas famílias das adjacências, os seguintes: Rancho Carnavalesco Não Posso me amofinar, Tomara que Chova, Boêmios da Campina, Usinense, Bate Prego Piratas da Cremação e muitos outros²⁰².

Todo esse ambiente de festas e boemia não conseguiam esconder diversos problemas sociais intensificados a partir dos anos cinquenta com a política desenvolvimentista implantada pelo Governo Federal na região. Grande parte dos cabarés e gafieiras surgidos nas periferias de Belém atendia uma demanda da população, em sua maioria, de baixo poder aquisitivo, que chegava à cidade todos os dias pelos portos próximos ao bairro da Condor. Nesses lugares, grande parte das mulheres que sustentaram a prática do “sexo venal” ingressaram no mundo da prostituição e da boemia, principalmente, por conta das condições sociais de desajuste econômico, causado pelo êxodo rural, pela falta de oportunidades em seus lugares de origem e pelo baixíssimo índice de escolaridade e de qualidade de vida.

Veremos agora de que maneira a cidade de Belém absorveu as representações de modernidade, tomando como campo de análise os discursos desenvolvidos pelos agentes do Governo Federal.

²⁰² LARÊDO, Salomão. **Palácio dos Bares**. Op. Cit. p. 149.

CAPÍTULO II

Desenvolvimentismo e tensões sociais

Ao longo das primeiras décadas do século XX foram produzidos no Brasil vários discursos no intuito de divulgar os processos de desenvolvimento e progressos pelos quais o país passou, visando sua efetiva ocupação e integração nacional. No entanto foi somente a partir do final da década de 1940 que o projeto de “Integração Nacional” começou a tomar forma como ação arrojada de incentivo ao desenvolvimento da região amazônica, ainda no governo de Gaspar Dutra. Depois disso ocorreu sua completa aceleração durante os governos de Juscelino Kubitschek e nos Governos Militares. As propagandas influenciaram sobremaneira no deslocamento de dezenas de famílias de diferentes partes do país para o território amazônico. Eram os projetos de desenvolvimento do Brasil que surgiam na tentativa de “integrar” o país dentro de suas dimensões territoriais, trazendo em seu bojo as campanhas de aproximação das identidades nacionais e culturais, sendo também uma tentativa de criação da infraestrutura básica para os empreendimentos desenvolvidos na região.

Os contrastes presentes na ocupação da Amazônia durante o período militar (1964-1985) moldaram o tipo de progresso vivenciado na região com fraturas e limitações percebidas principalmente nas formas de sobrevivência e nos conflitos sociais e morais que se evidenciaram na sociedade a partir de então. A pobreza, a violência no campo, o trabalho escravo e a prostituição foram fenômenos sociais que marcaram o crescimento demográfico da Amazônia nos anos de propagação dos “Grandes Projetos”, fazendo do discurso oficial um veículo ideológico de chegada ao progresso, porém, sem efetivar métodos por meio dos quais prometiam inserir a população nativa nesse processo.

Neste capítulo tratarei dos discursos desenvolvidos a partir dos anos cinquenta pelos sucessivos governos federais acerca do processo de desenvolvimento da Amazônia, atentando para o apelo desenvolvimentista e para o discurso de progresso na região. Analiso também as consequências vividas por conta de problemas sociais graves, tomando como foco de reflexão os altos índices da prostituição em Belém. Para a análise do contra discurso desenvolvimentista, abordarei o processo de produção do vídeo documentário *Iracema: Uma Transa Amazônica*, gravado em 1974 na cidade de Belém às margens da rodovia homônima. Entro nesse universo para entendermos posteriormente a relação dessas questões com a boemia desenvolvida em Belém na segunda metade do século XX.

2.1. A Amazônia a caminho do progresso

Aqui estou em visita a esta imensa região do Brasil, a Amazônia, que merece não só o atencioso desvelo e a solicitude dos governos, mas a aplicação de toda a energia de que dispomos e de toda a técnica que conseguirmos obter, para a solução do maior dos problemas que nos preocupam, que é o de encontrar uma interpretação adequada, uma compreensão justa, um modo de agir, a fim de que se possa mover, num longo ritmo criador, o mundo que é esta grande região de nosso país. [...] Estamos diante do drama da terra enigmática à espera da energia humana que a subjogue, discipline e dela faça um fator de enriquecimento do país e da consolidação de sua independência econômica. [...] Aqui estive por diversas vezes, candidato à presidência da República, e fiz promessas concretas. Volto presidente, no pleno exercício do meu cargo, para dizer-vos que não é em vão que aqui estou, que não pouparei nenhum esforço para responder ao velho e jamais atendido apelo desta região, que quer deixar de ser matéria para lamentações e gritos assustados dos que procuram escapar ao tédio e à monotonia da vida. [...] A Amazônia, como sabeis melhor do que ninguém é uma área-problema de transcendente significação sentimental. Possui condições peculiares que exigem soluções próprias e novas, e a sua recuperação econômica não pode ser retardada.

A solução dos problemas da Amazônia é em grande parte facilitada pela existência de uma rede hidrográfica de extensão sem paralelo, constituída de rios volumosos e de curso desimpedido, o que permite o transporte e escoamento de sua produção. Com recursos minerais ainda mal conhecidos, mas que as pesquisas já realizadas revelam ser consideráveis é a Amazônia, das terras atualmente desabitadas e inexploradas do globo, aquela de recuperação e desenvolvimento mais fáceis. Dessa forma a sua valorização pode ser definida como um esforço nacional para assegurar a sua colonização em um sentido brasileiro, para constituir nesta região uma sociedade economicamente estável e progressista. [...] Que Deus permita que esta região se transforme e desenvolva. É o destino do Brasil e não apenas o vosso que o exige²⁰³.

O discurso do então presidente da República Juscelino Kubitschek (1956-1960), no momento do anúncio de incentivos e financiamentos de projetos para a região Amazônica através da criação da Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia (SPEVEA), é carregado de otimismo em relação ao destino do vale amazônico. A constatação de que a região vivia um isolamento do centro administrativo do país e que estava à margem do processo de desenvolvimento capitalista, expressa a sua justificativa para a aplicação de projetos desenvolvimentistas, uma suposta política de reparação dos históricos atrasos econômicos vividos pela “sofrida” população da Amazônia.

O incentivo institucional para a ocupação dos “rincões” existentes na Região Norte foi outra justificativa utilizada como base de apoio ao discurso de governista. O então Presidente afirmava que a ligação entre norte e sul do país representava “o esforço épico do povo brasileiro” para estimular na “Hileia Amazônica, um surto de atividades destinadas a tornar efetiva a posse daquela imensa faixa do território pátrio.” Assim, uma gama de investimentos

²⁰³ Discurso Proferido por Juscelino Kubitschek no Clube Ideal, sobre o lançamento do Plano de Valorização da Amazônia e a criação da respectiva Superintendência, realizado em Manaus em 18 de abril de 1956. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/jk/discursos-1/1956/13.pdf/view>.

e estímulos para a ocupação das denominadas “terras devolutas” favoreceu o surgimento de vários empreendimentos dirigidos por setores do capital internacional e nacional, bem como por representantes da elite local e de outros estados. A representação oficial da Região Amazônica como um “vazio demográfico” foi ratificada pelos militares no final da década de 1960 para implantar os Planos de Integração Nacional (PIN’s) com os lemas: “Terras sem homens, para homens sem terras” e “integrar para não entregar”.

Demonstrando com dados demográficos o vazio de gente na planície e o potencial de energia e de riquezas minerais nela presentes, o presidente procurava justificar o processo de exploração dos lugares ermos da região assinalando a necessidade de inclusão de novos habitantes para potencializar o processo de crescimento regional. É importante enfatizar que o discurso feito por Juscelino Kubitschek, bem como por outros agentes do governo sustentando a ideologia de “terras sem gente”, ignorava totalmente a presença maciça e preponderante de centenas de comunidades indígenas existentes no território amazônico. A ideia do “vazio demográfico” também assegurou ao Governo Federal a possibilidade de incentivar a ocupação desta área através de políticas de subvenção responsáveis por alavancar o processo de migração de empresas e colonos à região.

A Amazônia aparecia no discurso do presidente representada como “área-problema”, mas que apresentava grande potencial para colaborar com o desenvolvimento do país, já que era uma espécie de “eldorado”, “com recursos minerais ainda mal conhecidos, mas [que] as pesquisas já realizadas revela[vam] ser consideráveis”. Alvo do interesse do poder central, a Região Amazônica era vista como a saída para a produção de energia que seria destinada para as indústrias planejadas para impulsionar o Brasil rumo ao capitalismo industrial.

As ações das diversas administrações públicas federais na viabilização do projeto de colonização foram responsáveis por gerar um modelo de propaganda que reverberou país afora levando sempre a mensagem de positividade do projeto desenvolvimentista. As estradas e as cidades que surgiram na região se tornaram símbolos do discurso de crescimento do país. As pás mecânicas, tratores, motosserras e machados que singraram a floresta rasgando os novos elos entre norte e sul, leste e oeste do país foram usadas pela propaganda oficial como elementos simbólicos de caminho ao progresso e ao fim do marasmo econômico naquela parte do Brasil. A base argumentativa do discurso oficial se pautava nas dificuldades de comunicação existentes na Amazônia. As difíceis condições de acesso às precárias redes de telefonia e de comunicação rodoviária embasaram os laudos técnicos e os argumentos de governantes e de empresários para pregar o ideal progressista, sendo esta uma das justificativas para a exploração desta região.

A construção de Brasília (1956-1960) marca o momento de intensificação da inserção do capitalismo na Amazônia, com ela se abrindo as primeiras rodovias de acesso à Região Norte numa tentativa de integração nacional que legitimava o discurso do “progresso” como meio de modernizar as arcaicas relações econômicas tradicionais²⁰⁴. Assim, um grande fluxo migratório se deslocou para as terras de pouca densidade populacional da Amazônia Oriental, formando áreas de colonização agrícola, principalmente nas margens das rodovias Belém-Brasília (BR-010), Transamazônica (BR-230), Santarém Cuiabá (BR-163) e outras rodovias estaduais e suas vicinais.

Essa ocupação feita, também por grandes grupos empresariais e elites locais, representantes do capital nacional e internacional – que se apropriaram das terras através da grilagem ou de incentivos governamentais – contribuiu para o surgimento de inúmeras tensões sociais e conflitos, agravados pelas disputas pela posse da terra entre pequenos agricultores, ribeirinhos, empresários e grandes grupos empresariais. Conflitos esses que marcaram o controle da exploração extrativista de pequenos agricultores e, conseqüentemente, o êxodo rural. O resultado dessas tensões gerou um ambiente crônico de violência no campo, assim como de pobreza e mazelas sociais, principalmente nas margens dessas rodovias recém-criadas. Grandes cidades da região, como Marabá, Altamira, Santarém e Belém, acabaram sofrendo a influência direta desses conflitos, recebendo um fluxo migratório constante a partir de meados dos anos sessenta. Nelas foram acolhidos os inúmeros migrantes vindos de diversas partes do Brasil.

O empenho do Governo Federal na tentativa de desenvolver a região amazônica camuflava o interesse latente no aproveitamento do potencial mineral e energético da região. O discurso oficial era permeado da noção de valor desenvolvimentista que legitimava a lógica da ocupação capitalista como a “tábua de salvação” dos atrasos históricos que distanciavam a região do resto do país. As formas de apropriação do capital e os novos interesses econômicos e militares desferidos pelo Estado estimularam uma corrida empreendedora que tinha como prioridade subsumir as velhas relações sociais e econômicas presentes nessa “última fronteira” do capitalismo tropical. Fernando Henrique Cardoso considera que se tratava de uma questão de adaptar aquelas paragens aos cânones de uma nova modalidade econômica mais interessante ao capital nacional e internacional, mesmo que para essa adaptação a região precisasse passar por um processo de modernização. Cardoso afirma que:

²⁰⁴ CARDOSO, Fernando Henrique & MÜLLER, G.. *Amazônia: Expansão do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1977, p. 7-16.

A Amazônia significara pouco, até então, para o conjunto da burguesia no país e suas funções na absorção dos excedentes da acumulação capitalista e na criação de canais para investimentos novos eram desprezíveis. Estes componentes ganharão vida e expressão política e econômica somente a partir de 1967/70. A Amazônia será, então, zona preferencial para a aplicação de recursos gerados graças à política econômica e fiscal do governo central. Por outro lado, interesses estratégicos e militares passaram a motivar mais consistentemente algumas políticas de ocupação da área²⁰⁵.

A visão defendida por Fernando Henrique Cardoso representou uma das justificativas para o incremento de capitais na região sob a égide do Estado. Porém, outros olhares amalgamaram as visões desenvolvimentistas postas por setores privados e públicos criticando o modelo de desenvolvimentismo capitalista pensado para a Amazônia. Lúcio Flávio Pinto, por exemplo, aponta esse pensamento como o mote ideológico de muitos intelectuais, políticos, empresários e economistas do período que se apropriaram desse discurso para justificar a exploração da região entendida como o “último sertão” a ser desbravado pelas elites “quatrocentonas” do centro econômico do Brasil²⁰⁶. Implantou-se, então, uma forma de ocupação que não levou em conta as especificidades dos *modus vivendis* dos amazônidas, em sua maioria homens e mulheres das matas, ribeirinhos que viviam da coleta, da extração e da pequena agricultura. O destino desses povos da floresta foram as grandes cidades da região que absorveram boa parte desse contingente populacional, uma vez que muitos desses moradores nativos foram extirpados de seus lugares de origem para habitar as favelas e áreas baixas de centros urbanos como Belém e Manaus. Produzia-se neste momento, literalmente, um grande contingente de verdadeiros homens sem terra. O êxodo rural e o consequente crescimento urbano transformaram não apenas a paisagem dessas cidades, mas a sua organização estrutural, pois muitas delas, como Belém, por exemplo, não estavam preparadas para receber grande contingente de moradores.

As transformações ocorridas na Amazônia a partir da década de 1950, ocasionadas pelo processo de modernização capitalista, trouxeram uma série de problemas sociais modificadores, não apenas da paisagem, costumes e hábitos tradicionais, mas da própria organização social, econômica e urbana das grandes cidades da região. Essas mudanças impactaram principalmente o crescimento populacional que num espaço de tempo de duas décadas praticamente duplicou²⁰⁷.

²⁰⁵ CARDOSO, 1977, p. 14

²⁰⁶ PINTO, Lucio Flávio. **FHC e a Amazônia: O último sertão**. In: D’INCAO, Maria Ângela e MARTINS, Hermínio. **Democracia, crise e reforma: estudos sobre a era Fernando Henrique Cardoso**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010, p. 299-311.

²⁰⁷ Pere Petit nos aponta que a história econômica da Amazônia da segunda metade do século XX sofreu mudanças bastante emblemáticas se comparadas com as fases anteriores apontando esse momento como um

No caso da cidade de Belém, boa parte dos novos moradores que chegaram a partir da década de 1950 se fixou nos bairros de periferia em áreas baixas da cidade. As pesquisas de Antônio Rocha Penteado mostram que a cidade cresceu de forma acelerada entre 1950 a 1964, saltando da cifra de 225.218 para 359.988 habitantes, somente na área urbana, ocupando assim a posição de cidade com maior número de habitantes da região²⁰⁸ (ver tabela 1). Esses números são alargados se levarmos em consideração a Região Metropolitana que em 1960 chegava à cifra de 422.648 habitantes, sendo que 288.000 desses habitantes eram moradores dos bairros mais pobres das zonas sul e norte, às margens do Rio Guamá e Baía do Guajará, compreendendo boa parte de um contingente de novos moradores ingressos na cidade a partir dos anos cinquenta²⁰⁹.

O crescimento populacional e as condições postas à Amazônia com o “desenvolvimentismo” favoreceram no crescimento de diversos problemas de ordem social, dentre eles à proliferação da prostituição e consequentemente no surgimento de cabarés e prostíbulos na região, tanto na capital do Pará como nas recém-criadas rodovias federais. Esta realidade, na cidade de Belém, saiu do controle das autoridades, propagando-se pela zona do meretrício e pelas periferias da cidade em pontos de prostituição que, apesar de combatidos pela polícia, multiplicaram-se deixando marcas visíveis dos efeitos deletérios das políticas desenvolvimentistas implantadas na Amazônia.

O processo de investimentos de capitais na Amazônia, em grande parte favorecidos pelos incentivos governamentais destinados à criação de polos de produção industrial, agrícola e extrativista, alteraram a dinâmica de vivência das populações locais, pois contribuiu para o aumento da pobreza e dos conflitos envolvendo nativos, retirantes, grileiros e grandes grupos empresariais que se estabeleceram na região.

No próximo tópico apresento algumas consequências do desenvolvimentismo na região, mostrando os efeitos contrários da política de “Integração Nacional” do Governo Federal, dando ênfase aos problemas sociais surgidos na Amazônia, em especial à prostituição, presente nos principais circuitos boêmios de Belém durante toda a segunda metade do século XX.

divisor de águas no modo de vida de muitos habitantes da região, o mesmo adverte que “Com o fim do Ciclo da Borracha (1850-1912), a Amazônia entrou em uma fase de declínio econômico, social e demográfico, seguido de uma fase de crescimento moderado (1912-1966), que possibilitou um maior ajustamento da região ao capital internacional, através das políticas de integração e desenvolvimento”. PETIT, Pere. **Chão de Promessas**. Belém: Paka-Tatu, 2003, p. 59-64.

²⁰⁸ PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: 1968: 193-213

²⁰⁹ PENTEADO, 1968: 193-213.

2.2. Efeitos do desenvolvimentismo: Prostituição, um problema social ou de moralidade?

Teria a prostituição qualquer relação com os problemas sociais, econômicos, psicológicos, religiosos ou de escolaridade? A primeira vista, ela pode ser apontada como consequência desses problemas, entretanto ela individualmente tem uma diminuta participação na questão. [...] Nunca se pode apontar o Governo como o responsável direto pelo problema – ele sempre foi o eterno culpado de tudo que existe de mal no País. O subdesenvolvimento e as estruturas são, também, denunciadas e servem de “bode expiatório”. Tudo isso, entretanto, pode ser sanado dentro do lar. A promoção do homem é uma tarefa que cabe ao Governo, mas a comunidade não pode esperar que isso aconteça, pois, num País tão grande, existem objetivos imediatos para se alcançar e que não podem ser adiados. Mas a comunidade sempre se omitiu²¹⁰.

Era dessa forma que o jornal *Folha do Norte* encerrava uma matéria que tratava sobre os problemas causadores dos números elevados da prostituição no estado do Pará e, em especial, na cidade de Belém no início da década de setenta. A reportagem trazia para a reflexão do leitor o questionamento acerca das principais razões que levaram centenas de mulheres a ingressarem neste mundo e, consequentemente, na boemia dos baixos meretrícios existentes na cidade, tanto no centro como nos subúrbios. Percebe-se na matéria que a inclinação em amenizar a responsabilidade do Estado pelas más condições sociais na qual essas mulheres viviam dava a tônica da reportagem, embora houvesse o reconhecimento claro por parte da imprensa de que as questões de ordem social eram responsabilidade do poder público. Entretanto, a conclusão da matéria jornalística soava como um atenuante na tentativa de isentar o Estado pela responsabilidade em relação ao número excessivo de mulheres que ingressavam na prostituição e que, em alguma medida, entraram nesse tipo de ocupação devido à falta de assistência social e de políticas públicas que garantissem os direitos à dignidade humana, principalmente às mulheres pobres provenientes das zonas rurais.

Ao defenderem que por maiores que fossem os problemas sociais, seus impactos poderiam ser neutralizados se as famílias tivessem competência para isso, os jornalistas Walmir Botelho e José Menezes, autores do artigo publicado no *Folha do Norte*, transferiam as responsabilidades do Estado para o cidadão, minimizando com este argumento a obrigação do governo de garantir os quesitos básicos para a obtenção da cidadania. A lógica argumentativa dos autores se fundamentava na extensão do território e na resolução de problemas considerados prioritários. Para eles, dispondo de um território continental e uma população de noventa milhões de habitantes à época da reportagem, o governo não poderia dar conta de todas as mazelas sociais existentes no país, sendo necessária a divisão de

²¹⁰ BOTELHO, Walmir e MENEZES, José. Meretrício II: São muitos os caminhos da vida fácil. **Folha do Norte**, Belém, 22 fev. 1970, 1º Cad. p. 8

responsabilidades. As prioridades administrativas, militares e de soberania existentes naquele momento deveriam ficar sobre a responsabilidade do governo, já que as famílias não davam a importância devida para questões de soberania que só ao Estado interessava garantir. Os ajustes morais, religiosos, psicológicos e educacionais de seus filhos teriam que ficar a cargo das famílias. Logo, o que se queria dizer era que cada um cuide do seu interesse imediato.

Os autores não entram nos pormenores das ingerências econômicas e político-administrativas dos governos militares, nem mencionam a incapacidade ou desinteresse de controlarem o acelerado processo de pauperização gerado pelo desenvolvimentismo corrente naquele momento no país. Ao invés disso, escamoteavam o papel do Estado forçando explicações relacionadas aos desajustes familiares, ao comportamento provinciano, a ingenuidade de meninas interioranas e ao caráter supostamente pervertido existente em certas famílias, como mostra o trecho abaixo:

A Polícia cabe prevenir – evitar o aumento dos índices, bastante alto, de mocinhas desprotegidas que são levadas a enveredar pelos caminhos sinuosos da vida, que a sociedade não quer entender. O amor é a causa, também – esse amor que tantas já tentaram explicar, através de teorias sub e objetivas, mas que se encerra, sempre, numa “tese de clarividência”.

Enquanto não houver disciplina na vida rural brasileira, enquanto não se mostrar ou contar a verdade sobre o sexo, e não diminuir o índice de analfabetos ou os lares deixarem de ser uma máquina de transformação de mocinhas interioranas, (empregadas), em ‘prostitutas domesticas’, sempre mais jovens ultrapassarão as fronteiras da vida decente. Não são levadas somente pela falta de dinheiro, pela fome, pela miséria, pelo desejo de aventura ou pela ignorância, mas pela má formação no lar. Isso – o lar – parece sintetizar todos esses problemas; o segundo é a ‘zona’ ou ‘pensões alegres’²¹¹.

Os autores enveredam do campo social para as explicações “sub objetivas”, preterem a análise das questões políticas e econômicas, priorizando as questões comportamentais, culturais e de caráter social brasileiro, caráter esse que apresentaria na sua natureza as condições propícias para o desregramento desmedido de meninas que descobriam os caminhos da sexualidade devido à falta de informações e de diálogo no lar, ou mesmo, pela via mais dolorosa: o abuso sexual.

Outra vez era atribuído o ingresso de centenas de mulheres no mundo da prostituição a falta de educação, em seu sentido amplo, elegendo-se esta carência como um dos motivadores para os problemas sociais existentes na Amazônia e, de forma mais circunscrita, em Belém. Apontam, ainda, que a exploração sexual se dava pelos caminhos da cultura recorrente na

²¹¹ BOTELHO, Walmir e MENEZES, José. Meretrício II: São muitos os caminhos da vida fácil. **Folha do Norte**, Belém, 22 fev. 1970, 1º Cad. p. 8

região: a violência sexual, enfatizando que a origem do problema estaria na “má formação do lar”, visto que, na visão do jornal, era no interior das famílias que se reproduziam ranços autoritários e abuso sexual, principalmente de meninas, grande parte destas procedentes de cidades interioranas que iam morar nas grandes cidades na condição de empregadas domésticas. Nessa condição acabavam violentadas por seus tutores, tendo, a partir desse momento, um caminho de acesso fácil ao universo da prostituição.

Elegendo a violência sexual como um dentre os vários motivos para o alto índice de prostituição em Belém, o jornal ratificava a tese de que a exploração e o abuso de meninas jovens apresentavam características ligadas a um modelo de relações sociais autoritárias que violavam intimidades e se perpetuavam através do poder econômico e da força física, muito comuns na Amazônia há bastante tempo.

Para referendar a questão da violência sexual aplicada a menores, utilizo como exemplo o caso de Eunice Conceição da Silva, uma das mulheres entrevistadas nesta pesquisa, conhecida como “Cinderela” no mundo da prostituição²¹². Em entrevista, contou que chegou a capital do Pará proveniente da cidade de Codó no estado do Maranhão, aos oito anos de idade, para morar na casa de uma família, provavelmente de classe média, onde tinha como obrigação diária tomar conta de outras crianças menores. Fazendo um relato de como ingressou na prostituição em Belém do Pará, Cinderela conta que ainda muito jovem, com apenas dez anos de idade, foi violentada sexualmente por seu tutor em Belém, dando detalhes da violência sofrida:

Saí de lá com dez anos de idade. Comecei a ficar bonitinha, a engrossar e tal, e o desgramado mexeu²¹³ comigo. A mulher dele foi ter neném no hospital e eu fiquei sozinha com ele e as crianças. Sabe essas casas de marinha, de base aérea? Eles moravam nesses conjuntos né! [...] Numa bela noite este homem foi lá no quarto. Como no quarto não tinha chave, era tudo muito doido, eu encostei uma cadeira na porta, ele entrou, afastou a cadeira e tapou minha boca, não ouvi zoadá nem nada. Quando vi, ele já estava em cima de mim. Quase me mata enforcada. Eu estava de short. Ele rasgou o short e me buliu, mexeu comigo. Ele disse: Se tu contar, eu te mato! Eu vesti outro short em cima do short rasgado, tomei um banho, isso tudo de madrugada. Quando foi de manhã umas nove horas, o carro dele veio chegando por um lado e eu saindo por outro. Abaixei-me pelo jardinzinho e fugi. Tinha dez anos de idade, não conhecia o mundo, não conhecia a cidade, não conhecia onde eu estava²¹⁴.

²¹² Para melhor entendimento no corpo do texto, optei por usar sempre a alcunha de “Cinderela”, ao me referir a Eunice Silva. Alcinha na qual a mesma é conhecida nas rodas boêmias e no GEMPAC.

²¹³ Na linguagem popular amazônica, “mexer” significa desvirginar uma mulher.

²¹⁴ Depoimento de Eunice Conceição da Silva. SILVA, Eunice Conceição da. Belém, 26 abr. 2013. Entrevista realizada na sede do GEMPAC, por José E. S. Dias Jr.

O dramático testemunho de Cinderela ratifica o que foi colocado na matéria acerca das questões de violência sexual, sem essa uma das razões, apontadas pelo jornal, como responsáveis pelo crescimento dos problemas sociais em Belém. É importante atentar que, no momento da entrevista, Cinderela estava com 53 anos de idade, o que possibilita sugerir que a época do ocorrido tratava-se do início da década de setenta, provavelmente 1973. Pelo cruzamento do depoimento de “Cinderela” com os dados da matéria jornalística, há proximidade de data entre os fatos vividos pela entrevistada e os argumentos do jornal, dando credibilidade ao exposto pelos articulistas em relação a essa modalidade de violência doméstica muito recorrente na cidade de Belém do período.

Pela descrição feita por Cinderela, presume-se que seu agressor era um militar das forças armadas que, provavelmente, prevalecendo-se da carreira militar, da sua condição social confortável e, da quase certeza da impunidade, não mediu consequências para cometer o ato de violência sexual, somada à ausência da esposa, momento em que a vítima estava vulnerável e as condições para tal ato foram propícias. O caso de Cinderela não é uma exceção. Na cidade de Belém, este tipo caso é quase uma regra sigilosa e obscura que nem sempre vem a público, ficando escondida atrás de relações autoritárias de poder e do próprio medo sentido pelas vítimas desse tipo de violência.

O tema da violência sexual é bastante recorrente na Amazônia durante os diferentes períodos de desenvolvimento da região, perpassando por todo o seu processo de colonização e formação social. Terei oportunidade de demonstrar com outros exemplos adiante ao falar dos números da prostituição e da crítica feita ao desenvolvimentismo, bem como dos pormenores da prostituição no próximo capítulo.

A recorrência de casos ligados a esse tipo de violência é bastante contemporânea na Amazônia. O Relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Assembleia Legislativa do Estado do Pará (ALEPA), elaborado em fevereiro de 2010, mostra com números bastante expressivos que esse tipo de violação dos direitos à dignidade humana é comum no estado, envolvendo inclusive políticos e pessoas públicas de renome social que, não raro, utilizam suas influências de poder político e econômico como estratégia para se proteger ou proteger pessoas com influência social ou imunidade parlamentar de acusações relacionadas a abusos sexuais. Ainda segundo este relatório, são vários os fatores que colaboram para o número excessivo de violência sexual a menores em todo o estado. Pelo que é exposto no texto da Comissão, o aspecto histórico e as condições de vulnerabilidade econômica se tornam facilitadores da violência sexual, como se vê a seguir:

Enquanto no Brasil o Índice de Desenvolvimento Humano para o ano de 2005 é de 0,800, para o ano de 2009 é de 0,813. No Pará é de 0,755, estando abaixo da média nacional, segundo Relatório do PNUD para o ano de 2005. [...] o baixo Índice de Desenvolvimento Humano é um fator que contribui sobremaneira, para que centenas de crianças e adolescentes se constituam como grupos vulneráveis, à exploração sexual comercial e outros tipos de violência, pois representam a ausência de políticas públicas efetivadas, seja de âmbito Federal, Estadual e/ou Municipal. Assim, a pobreza, a falta de políticas sociais, a violência doméstica, e a exclusão social, possibilitam que crianças e adolescentes dos centros urbanos e de municípios do interior sejam consideradas em situação de vulnerabilidade social, e sejam potenciais vítimas de violência e exploração sexual. É inegável que a pobreza vem não só criando espaços apropriados à exploração sexual, comercial e à exploração do trabalho infantil, assim como propiciando a violência em suas múltiplas facetas, embora o público alvo da exploração sexual e comercial não esteja restrito somente aos segmentos empobrecidos²¹⁵.

Percebe-se que os argumentos acerca das motivações para a existência da prostituição são coincidentes em diferentes décadas. A fragilidade social de famílias pobres na Amazônia teria sido um elemento facilitador para os diferentes casos de violência ocorridos no Estado. As estatísticas apontadas pelo relatório mostram ainda que os baixíssimos índices de desenvolvimento humano na região seriam os responsáveis pela histórica situação de violência no estado há décadas²¹⁶. Vale ressaltar que as atividades boêmias ocorridas, tanto em Belém como no interior, facilitaram a grande rede de exploração sexual que se estende desde, pelo menos, os tempos da Ditadura Civil e Militar, ou quem sabe, desde períodos mais remotos de nossa história. O documento acima comprova que esse problema ainda é muito recorrente nos dias atuais. Uma rápida visita às boates e “inferninhos” de Belém confirmaria essa assertiva.

Os casos de exploração sexual apresentados pela CPI da ALEPA e os dados aqui apresentados acerca deste mesmo problema nas décadas de sessenta e setenta mostram que há um potencial cultural na Amazônia muito propenso a esse tipo de violação dos direitos humanos, demonstrando que no aspecto comportamental ligado às relações de poder e à sexualidade, a região ainda passa por mudanças de mentalidade de *longa duração*, permanecendo com práticas tradicionais paternalistas capazes de se manter de forma autoritária nas décadas mais recentes, mesmo com todo o avanço das políticas afirmativas

²¹⁵ ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ: Comissão Parlamentar de Inquérito: “Intitulada para apurar a prática de violência e abuso sexual contra crianças e adolescentes no estado do Pará e especialmente na região do Marajó nos últimos cinco anos”. **Relatório**. Belém, 2010, p. 98-99

²¹⁶ “... os municípios paraenses estão distantes dessa meta e, em geral, abaixo da média nacional. Os mais bem posicionados são Belém (0,81), Ananindeua (0,78), Curuçá (0,78), Barcarena (0,77), Tucuruí (0,76), Novo Progresso (0,76), Almeirim (0,75), Santarém (0,75), Castanhal (0,75), Tucumã (0,75), Altamira (0,74), Xinguara (0,74), Parauapebas (0,74), Redenção (0,74), Salinópolis (0,74), Capanema (0,73) e Sapucaia (0,73). A maioria dos municípios com piores IDH encontram-se na Ilha do Marajó, quais sejam: Melgaço (0,53), Chaves (0,58), Anajás (0,60) e Afuá (0,61)” **Relatório**, ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ. 2010. p. 99.

ligadas a garantia dos direitos humanos. Uma herança trágica que, pelo que apontam os relatórios mais recentes, ainda não se transformaram por completo, guardando vestígios de comportamentos de um passado não muito distante e ainda presentes na Amazônia do século XXI.

Ainda no mesmo artigo sobre “os caminhos da vida fácil”, os articulistas procuravam no saber científico, nos fóruns de debate e nos estudos mais atuais sobre o problema uma explicação plausível para a questão, não deixando de expor seus pensamentos a respeito das motivações morais e econômicas para tal “flagelo”. Para abonar a reportagem, o jornal apresentava várias discussões que estavam em debates em todo o país. Demonstrando com exemplos, o jornal expunha em suas páginas que:

O Centro de Observação Feminina do Juizado de Menores do estado de São Paulo, em estudo e pesquisas realizados no ano de 1967, resolveu que entre as causas da prostituição da mulher a mais séria encerra-se em descender ela quase sempre, de uma família analfabeta ou semianalfabeta, desorganizada, cheia de conflitos, e de baixíssimo nível econômico²¹⁷.

Novamente os supostos desajustes familiares são apresentados como os causadores da prostituição. Neste momento da análise, os autores colocam a falta de educação e a carência econômica como algo inerente a estas famílias, como se não existissem causas destes problemas exógenas a elas. Complementando seus exemplos, o periódico também expôs as opiniões e debates realizados no “Seminário Regional de Estudos sobre Prostituição”, organizado pelo Instituto Latino Americano de Criminologia. Neste seminário, os resultados apontavam o desenvolvimentismo, a pobreza e o êxodo rural como os principais motivadores da prostituição, como se lê no trecho abaixo:

A prostituição, assim como os demais problemas sociais, decorre da organização sócio-econômica vigente e do estágio de subdesenvolvimento do país. Assim a prostituição tem como causa a rápida urbanização em descompasso com a industrialização, que, levando para os grandes centros as populações rurais, não lhes oferece possibilidade de pleno emprego²¹⁸.

Apesar de o jornal apresentar argumentos e dados de estudos realizados na Região Sudeste, procurava aplicar seus resultados para explicar as fraturas sociais existentes na Região Norte. A partir deste ponto da análise, os autores admitiam que havia causas promotoras da prostituição que eram exógenas as famílias como a falta de oportunidades para

²¹⁷ BOTELHO, Walmir e MENEZES, José. Meretrício II: São muitos os caminhos da vida fácil. **Folha do Norte**, Belém, 22 fev. 1970, 1º Cad. p. 8.

²¹⁸ “Meretrício II”. **Folha do Norte**. Belém, 22 Fev. 1970, 1º cad. p. 4.

a inserção de mulheres no mercado de trabalho nas grandes cidades e o rápido avanço do crescimento urbano. Estes fenômenos eram diretamente relacionados com o processo de modernização econômico e industrial vivido no país após a Segunda Guerra Mundial. Há aqui, ao que parece, uma tentativa do jornal de relacionar as causas da prostituição aos desajustes socioeconômicos vividos no país após as políticas desenvolvimentistas em âmbito nacional. Havia uma crítica discreta exposta no texto dos articulistas que identifica nas questões econômicas de responsabilidade do Estado a causa para os problemas sociais vividos em grandes cidades como Belém. Neste caso, o êxodo rural era apontado como o grande vilão da pauperização da sociedade.

O jornal apresentava o problema de forma discreta, não se aprofundando nos motivos que levaram os grandes centros urbanos a tal crescimento ou mesmo às causas da rápida migração do campo para a cidade. Apontou o descompasso entre a urbanização e a industrialização, mas ocultou as discussões a respeito dos efeitos que as propagandas do governo causavam ao conjunto da sociedade, facilitando no convencimento de centenas de famílias a migrarem para os principais centros urbanos em busca de novas oportunidades. Omitiu-se também a violência sofrida pelos moradores das áreas rurais, forçados a retirar-se de seus lugares de origem devido à pressão fundiária muito forte na região. Os argumentos se limitavam, de forma generalista e superficial, ao “subdesenvolvimento” e aos problemas de ordem “socioeconômicos”, sem problematizar a natureza desses fenômenos.

Ancorando-se nos depoimentos especializados, o *Folha do Norte* procurou também buscar as razões regionais para tal problema privilegiando o discurso técnico e científico para responder a questão, afirmando que “um fenômeno tem sua causa eficiente. Os fatos têm seus processos lentos e precisam ser investigados demoradamente, através de amplos estudos, trabalhos de campo, inquéritos positivos e eficientes”. Desta maneira, os articulistas chamavam a atenção para a necessidade de se fazer uma análise cautelosa sobre os motivos para o grande índice de prostituição que assolava a população paraense naquele momento. Apresentando a opinião do sociólogo André Vidal de Araújo – que expunha algumas alternativas possíveis para se explicar a prostituição na Amazônia naquela década –, o jornal argumentava que os motivos estariam ligados a vários aspectos do caráter cultural dos amazônidas, como se lê abaixo:

A prostituição na região é um fenômeno social ligado às condições humanas do povo amazônida. Destacando como causas desse fenômeno: 1) – A pobreza. 2) As más companhias. 3) A falta de educação sexual adequada. 4) Os maus exemplos. 5)

As tendências para a satisfação de instintos baixos. 6) A promiscuidade e 7) Os ambientes nocivos²¹⁹.

Pelo que é colocado no depoimento do sociólogo – e por extensão no discurso do jornal –, as causas da prostituição estariam relacionadas a “fenômenos sociais” ligados a certas limitações da “condição humana do povo amazônida”. Nota-se que o especialista incorporou certa carga de determinismo ao se referir ao comportamento do povo local que, no seu ponto de vista, já apresentava fragilidades no campo moral e econômico, isto criava as condições propícias para o ingresso de mulheres jovens na prostituição. Mesmo elencando a pobreza como a primeira causa, o especialista não se limitou a entender os fatores da prostituição apenas pelo viés econômico. “As más companhias”, “a falta de educação sexual”, “os maus exemplos”, “os instintos baixos”, “a promiscuidade” e os “ambientes nocivos” eram interpretados como fortes motivadores da grande incidência de mulheres no meretrício. Ao pensar desta forma, o autor, avalizado pelo editorial do jornal e, provavelmente, pelo próprio pensamento dos articulistas que assinavam a matéria, determinou supostas falhas morais e desvios de conduta presentes no seio da população amazônica. A interpretação de que a população local vivia imersa em um processo de carências morais e éticas substanciava a visão de que a má formação educacional, nos parâmetros pensados para a sociedade ocidental, gerava o agravo de certos distúrbios como a prostituição, por exemplo.

A reflexão do sociólogo apresentava os “fenômenos” supracitados como algo inerente à cultura amazônica, sua explicação considerava que a região ainda não havia se adequado plenamente aos quesitos culturais básicos de civilidade desejados naquele momento. Sua análise parecia estar atrelada aos valores morais entendidos como corretos e aceitos pelo conjunto da sociedade, ligados também a uma educação sexual cristã, casta e discreta: adequação considerada necessária para o processo de enquadramento da população – entenda-se das mulheres – às normas de convivência exigidas naquele momento.

A noção de atraso cultural e econômico ficava evidente no discurso da imprensa a partir da apresentação dos números da prostituição e dos motivos que levaram tantas mulheres a essa atividade. As análises acima corroboram com a tese de que a Amazônia representava um espaço de múltiplas potencialidades para a implantação de políticas desenvolvimentistas, do ponto de vista do capitalismo industrial e financeiro, capazes de atualizar a região ao que se entendia como moderno naquele momento.

²¹⁹ Causas regionais. **Folha do Norte**. Belém, 22 Fev. 1970. 1º cad. p. 4.

Os argumentos do sociólogo Vidal de Araújo transmitem a mensagem sub-reptícia de que grande parte das mulheres que escolheram o caminho da prostituição o fez devido à inclinação aos “vícios” relacionados à “falta de caráter” e de “moral”. As meretrizes eram vistas de forma estigmatizada como receptoras e transmissoras dos males da sociedade.

Os sete motivos elencados pelo articulista do *Folha do Norte*, que em sua avaliação conduziam as mulheres à prostituição, parecem ser uma extensão, ou permanência, de um pensamento moralista e discriminador que ganhou força no Brasil no final do século XIX²²⁰. A valorização dos saberes científico e a remodelação que a sociedade passou, após a Proclamação da República, levaram as elites brasileiras a buscarem soluções para os problemas nacionais. Neste processo, entendeu-se que as mazelas causadas pela condição de pobreza em que o povo brasileiro vivia eram as grandes culpadas por muitos problemas existentes no país. Para que estes problemas sociais fossem extirpados, seria necessário controlar as *classes perigosas*²²¹. “As tendências para a satisfação de instintos baixos”, seriam, portanto, o indício de que estas mulheres eram vistas como um perigo para a moralidade vigente.

Para fundamentar seus argumentos, o jornal *Folha do Norte* apresentou, em outra matéria, os números da prostituição em Belém, detalhando pormenores das estatísticas de crescimento e, principalmente, as razões que levaram determinadas mulheres a entrar no universo do comércio sexual. O jornal procurava a todo o momento explicar que as informações levadas ao público eram provenientes de fontes confiáveis. Era assim, falando das origens da fonte, que o jornal iniciava seu demonstrativo numérico, tecendo elogios ao empenho do Delegado lotado na Polícia de Costumes, Luiz Augusto Paes, em conseguir os registros das mulheres fichadas como meretrizes naquela repartição, facilitando a compreensão do universo feminino presente nos lugares de boemia de Belém do Pará no final da década de sessenta.

²²⁰ Alan Corbin já apontava em *Saberes e Odores* que prostitutas, mendigos, loucos, detentos, homossexuais já eram alvo das políticas repressivas e discriminatórias apresentadas nas justificativas de médicos e higienistas no século XVIII. CORBIN, Alan. **Saberes e Odores**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.189; Magali Angel também aponta o saber médico do Rio de Janeiro no século XIX, ancorado em concepções cristãs que faziam do “corpo, do sexo, do prazer, e do desejo temas melindrosos, estigmatizados pela ideia de pecado”. ENGEL, 2004, p.55.

²²¹ “No início do século XX, a partir dos ideais eugênicos, muitas dessas teorias ganham peso no Brasil, e cresce no imaginário social a crença nas “classes perigosas”, termo utilizado já em 1857, por Morel, em seu trabalho “Tratado das Degenerescências”, para designar aqueles que não possuiriam “nem a inteligência do dever, nem o sentimento da moralidade dos atos, e cujo espírito não é suscetível de ser esclarecido ou mesmo consolado por qualquer ideia de ordem religiosa.” COIMBRA, C.M.B. Operação Rio: o mito das classes perigosas. Rio de Janeiro: Oficina do Autor/Intertexto, 2001. P.88.

Estavam registradas na Delegacia de Costumes de Belém (DC), em 1970, 2.232 mulheres que foram fichadas para o controle daquela repartição, que atuava colhendo registros após levantamento e pesquisa feita junto às “madames” donas de “pensões alegres” que forneciam o nome, procedência e, quando possível, a maneira como determinadas meretrizes chegaram até elas. O cadastro consistia em uma ficha simples com informações básicas de identidade, naturalidade e motivos pelos quais ingressou na prostituição. As meretrizes recebiam uma carteira de identificação para o controle da polícia no momento de averiguações e diligências às zonas de meretrício.

Vale ressaltar que a campanha feita pela polícia visava ter o controle das atividades de meretrício no município de Belém. No entanto, os números dos registros na DC não representavam a totalidade do universo de prostitutas existentes na cidade naquele momento. Segundo o delegado Augusto Paes, a quantidade de meretrizes atuando na cidade poderia chegar ao dobro do número apresentado para a imprensa, visto que as mulheres não eram mais obrigadas em 1969 a irem à delegacia informar que exerciam tal atividade, fornecendo seus dados pessoais. Os números da prostituição eram coletados, como mencionado acima, pelas “madames” que entregavam à polícia a relação das mulheres que faziam programas em suas casas. É importante frisar que as “madames” eram obrigadas a entregar a relação com nomes e endereços, sob pena de ter seus estabelecimentos fechados. Esta era uma ameaça que evidencia a prevalência do autoritarismo policial como elemento controlador das ações no meretrício.

Aquelas mulheres que exerciam a atividade do meretrício sem a tutela das “madames”, trabalhando a sós ou nas ruas, e que residiam fora das casas de pensão ou, ainda, aquelas que omitiam essa atividade de seus familiares, quase não procuravam a DC para se identificar e fazer o cadastro como meretrizes. Segundo o delegado, a maioria preferia viver no anonimato, sem registro e a margem das ações de controle policial estabelecido pelo Estado, dificultando, dessa forma, a demonstração da estatística policial com números mais precisos. É importante referendar que a decisão da meretriz de não possuir registro na DC poderia também estar relacionada ao medo de represálias de policiais, muito comuns naquele momento.

O levantamento apresentado à imprensa era referente aos registros feitos somente na cidade de Belém, entre os anos de 1963 e 1969. O registro contemplava principalmente aquelas mulheres identificadas dentro das casas de pensão da zona do meretrício, dos Bairros da Condor, Guamá, Cremação, São Braz, Pedreira e Entroncamento. Esse mapeamento feito dos lugares onde havia prostituição demonstra que apesar das ações repressivas do estado terem circunscrito o espaço geográfico da prostituição do centro da cidade ao “quadrilátero do

amor”, este controle não logrou sucesso na periferia. Além disso, a presença do meretrício nestes pontos indica, também, os lugares onde havia certa concentração boêmia associada à prostituição na cidade. Os números referentes à quantidade de meretrizes que havia na cidade nos anos 1963 a 1969 são os que constam na tabela 7.

Tabela 7: Registro de Meretrizes.

Ano /período jan. a dez.	Registros de meretrizes na DC
1963	664
1965	690
1966	430
1967	227
1968	44
1969	177
Total	2.232

Fonte: Boletim da Delegacia de Costumes. Apud.
Folha do Norte, Belém, 01 mar. 1970, 1º cad. p. 14.

Das 2.232 meretrizes registradas, 300 atuavam no centro, o restante atuava em outros pontos da cidade. Conforme o boletim apresentado no jornal, os levantamentos acerca dos números da prostituição eram feitos a partir do cadastro das meretrizes, neles podia se identificar a frequência com que faziam o controle médico exigido pela Secretaria de Saúde Pública. Algumas curiosidades chamam atenção nos números apresentados pela polícia: percebe-se pela tabela 7, que o ano de 1964 é omitido do boletim. Não foi possível perceber se neste ano específico o cadastro foi suspenso ou se outros fatores políticos de troca de cargos de chefia na segurança pública do Estado, bem como de outras autarquias da administração pública, tenham interferido no processo de registro e controle das meretrizes por parte da DC, já que este ano ocorreu a tomada do poder pelos militares, através de um golpe de Estado, fato este que provocou diversas mudanças políticas e administrativas no estado do Pará, assim como no restante do país. A fonte não deixou pistas a esse respeito.

Outro dado curioso é a diminuição significativa no número de inscrições de novos registros de meretrizes, à medida que os anos iam se passando. Em relação a este dado, o jornal deixa evidências de que em virtude do endurecimento da coerção contra as prostitutas, deixou-se de fazer o registro mais detalhado da atuação destas na profissão. Imediatamente

após o início da Ditadura Civil e Militar, o empenho policial foi no sentido de reprimir duramente a prostituição, eliminando-a por completo do centro da cidade. Portanto, a partir de meados da década de sessenta, as autoridades policiais deixaram de se interessar pelo controle policial rigoroso do número de meretrizes existentes na cidade, passando a seguir uma linha mais coercitiva. Em contra partida, esta coerção mais dura colaborou para a diminuição dos registros, o que esclarece o decréscimo nos números da prostituição. A esse respeito, o jornal afirmava que:

Eles não foram trazidos pelo vento, mas conseguidos graças à compreensão de um Delegado de Costumes que se chama Luiz Augusto Paes. Chegam à tona pela primeira vez, não significando uma predileção daquela autoridade pela nossa pessoa. Mas devido à oportunidade em que eles foram solicitados. Em épocas passadas eles foram negados à publicidade, pois poderiam ser interpretados como o certificado de oficialização da prostituição. Hoje, em virtude da repressão encetada pela Polícia já se pode vê-los por outro prisma.

Mas nem por este motivo os dados estatísticos que vamos exibir despem-se do conteúdo abominável para os olhos da sociedade. Quem diria que nesta Santa Maria de Belém existem 2.232 prostitutas relacionadas nos registros da Delegacia de Costumes? Anteriormente, era obrigatório o cadastramento de todas as mulheres que exerciam essa profissão. Atualmente, um simples registro é feito. Apenas os seus nomes, idade e endereço são conhecidos pela Polícia. Esses nomes são colhidos por intermédio das donas de pensão que são obrigadas a fornecê-los à Delegacia de Costumes. Já não pode mais a presença das mulheres naquela Repartição. São esses registros que, muitas vezes, permitem a identificação de uma prostituta que falece por qualquer motivo. Muitas delas não portam qualquer documento de identidade. Em casos de morte, esses registros levam a identificação da vítima²²².

Para o jornal, o número de meretrizes existentes na cidade era muito maior do que o registrado na DC, afirmando isto categoricamente:

É evidente que o número que exibimos acima não expressa o número real de prostitutas que existem em Belém. Não seria exagero, se chegássemos a supor que eles exprimem talvez a metade do total. Nem todas as “mulheres de vida fácil” habitam as pensões ou casas de tolerância através das quais a repartição competente passa a conhecer seus nomes. E nenhuma das que vivem em suas casas, em seus quartos ou mesmo na residência de parentes ou amigos procuram espontaneamente a Delegacia de Costumes ou outra repartição para clarificá-las de sua condição ou profissão²²³.

À medida que o Regime endureceu, a coerção contra as prostitutas se intensificou, tornando-se, portanto, menos interessante às autoridades continuar o controle por meio dos registros. Como vimos, estes ficaram restritos às meretrizes que atuavam no interior dos prostíbulos. Pelo que é exposto no jornal, pode-se compreender que, à medida que a Ditadura

²²² Os números da prostituição em Belém. **Folha do Norte**, Belém, 01 mar. 1970 1º cad. p. 14.

²²³ **Folha do Norte**, 01 mar. 1970, p. 14.

Civil e Militar foi aumentando a repressão a diversos setores da sociedade no final dos anos sessenta, o combate ao mundo da prostituição, bem como das zonas boêmias da cidade, foram se tornando mais rigorosos e efetivos, fato que colaborou para levar a Secretaria de Segurança do Estado a decretar o fechamento das zonas boêmias de Belém, como terei oportunidade de demonstrar no próximo capítulo.

Na estatística apresentada pela polícia, das 2.055 meretrizes, 1.580 eram mulheres solteiras e 475 eram casadas ou viúvas. Ao fazer o registro, a polícia fazia, também, o controle das circunstâncias do ingresso destas mulheres na prostituição, concluindo que as causas poderiam estar relacionadas às mais adversas situações, tendo várias explicações possíveis que não eram necessariamente relacionadas apenas com o resultado das questões sociais. As razões comportamentais, psíquicas e de foro íntimo também apareciam nas motivações, como se vê na tabela abaixo:

Tabela 8: Estatística do ingresso de mulheres solteiras na prostituição.

Motivações apontadas para o ingresso na prostituição	Nº de mulheres solteiras
Má estrutura social	445
Induzidas por meretrizes mais velhas	305
Seduzidas por namorados ou outros	345
Repudio após defloração	205
Soma dos fatores acima	280
Total	1.580

Fonte: Boletim da Delegacia de Costumes. *Apud*.
Folha do Norte, Belém, 01 mar. 1970, 1º cad. p. 14

Apesar das variantes existentes nos dados da polícia, os números apresentados acerca da prostituição apontam que as questões econômicas e sociais eram as principais causas motivadoras do ingresso de tantas mulheres no mundo do meretrício. Segundo o boletim apresentado pelo jornal, das 1.580 mulheres solteiras registradas, 445 ingressaram na prostituição devido à “má estrutura econômica” ou por falta de oportunidades de trabalho. Esta motivação apontada como principal estava presente em pelo menos mais dois motivos apontados, mesmo que de forma secundária. A falta

de acesso ao mercado de trabalho e as grandes dificuldades financeiras eram lembradas pelo jornal que, ao cobrir matéria sobre o tema, enfatizava:

Isto viria a reforçar a teoria dos que afirmam ser uma má estrutura econômica a responsável pela degradação que arrasta muitas jovens a desregrada vida sexual. É uma tendência natural às mocinhas dar vasão à sua vaidade pessoal. Não encontrando suporte econômico suficiente no seio de suas famílias, cujos chefes lutam para dar apenas uma condição de sobrevivência à sua prole, uma filha não se conforma com esse estado de coisas e procura de qualquer maneira proporcionar-lhe aquilo que seus pais não lhe podem oferecer²²⁴.

Como se vê exposto no boletim, a explicação encontrada para justificar os 445 casos de mulheres solteiras se relacionava às más condições econômicas das jovens, em sua grande maioria, meninas provenientes do interior ou que viviam nos subúrbios da cidade. Privadas do acesso a determinados bens materiais, estas jovens procuravam, segundo os dados fornecidos pela polícia ao jornal, reparar a falta material e, conseqüentemente, a capacidade de consumo, enveredando para a prostituição como alternativa de geração de renda.

É possível fazer a relação desse problema social com os discursos desenvolvimentistas aplicados pela propaganda do Estado “nos anos de chumbo” do período militar. O acelerado processo de pauperização vivido por parte significativa da população da cidade de Belém entre as décadas de cinquenta e setenta, demonstrado, pela imprensa, neste caso, com os dados da prostituição, incompatibilizava-se com aquilo que era propalado nos programas governamentais a respeito do “suposto” desenvolvimento vivido na região amazônica após a implantação dos “Grandes Projetos” de inserção industrial e dinamização do sistema capitalista no norte do país.

O que se evidencia é justamente o contrário, há, a partir dos anos sessenta, o aumento da vulnerabilidade social, atingindo principalmente as mulheres pobres procedentes de cidades do interior, por causa da dificuldade de adaptação de parte dessas mulheres ao padrão de qualificação profissional exigido pelo aperfeiçoamento do sistema capitalista na região. O analfabetismo ou o semianalfabetismo, não só de mulheres, mas de grande parte da população local, dificultava o acesso aos empregos oferecidos por grandes empresas que iniciaram atividades econômicas e industriais na região, privilegiando mão-de-obra qualificada, geralmente encontrada em outras partes do país²²⁵. Esta conjuntura era mais difícil para as

²²⁴ **Folha do Norte**, 01 mar. 1970, p. 14.

²²⁵ Sobre o desenvolvimentismo na Amazônia é importante ver: CASTRO Edna & ACEVEDO MARIN, Rosa. “Estado e Poder Local: Dinâmica das transformações na Amazônia brasileira”. **Pará Desenvolvimento** (A Face Social dos Grandes Projetos), nº 20-21, Belém, Idesp. 1986/87, p. 9-14; CASTRO Edna & ACEVEDO MARIN, Rosa (Orgs.). **Amazônia em tempos de transição**. Belém: OEA-UFPA, 1989. COSTA, Francisco de Assis.

mulheres que ainda disputavam em condições muito desiguais o mercado de trabalho com os homens.

Os números expostos, assim como os relatos colocados na matéria do *Folha do Norte* sobre a prostituição, permitem dizer que havia uma *hegemonia de consenso*²²⁶ presente na sociedade amazônica do período, seduzida pelos novos atrativos e, principalmente, pelo vislumbre de querer consumir produtos e estilos de vida apresentados nas propagandas oficiais, bem como nos anúncios de produtos e serviços estampados em *outdoors*, revistas e jornais, como mencionado no primeiro capítulo.

A luta pelo sustento parece ter sido um fator definidor da opção pelo meretrício, principalmente entre aquelas com pouquíssima ou nenhuma instrução escolar, fato que dificultava ainda mais as possibilidades de acesso ao mercado de trabalho. Grande parte dessas meretrizes eram migrantes oriundas de outros lugares e não possuíam alfabetização. Esse fenômeno não foi uma exclusividade das meretrizes existentes em Belém, ele foi corrente em diversas cidades do Brasil como apontam os estudos sobre prostituição. Dados semelhantes são apresentados por Juçara Leite que, ao desenvolver estudos sobre a prostituição no Rio de Janeiro, analisou as fichas cadastrais das meretrizes que atuavam naquele lugar conseguindo perceber o número excessivo de mulheres que eram migrantes, com nenhuma instrução escolar, ou com pouquíssima instrução, portanto, as taxas de vulnerabilidade social não devem ser analisadas somente pelas carências de classe social, devem-se considerar as questões de gênero²²⁷.

Outros motivos apareciam nos dados apresentados pela DC ao jornal, apontando que questões de ordem cultural também eram balizadas como motivadoras dos casos de ingresso de centenas de mulheres na prostituição. Cabe aqui descrever cada um dos motivos elencados no boletim policial, enfatizando que, por traz da rede que envolvia a prostituição em Belém do Pará, havia muitas de motivações que podem ser apontadas como extensões das questões de ordem social e econômica, uma vez que suas causas não estão totalmente desconectadas das

“Amazônia: Modelos econômicos, ideologia e história”. In: CASTRO Edna & MOURA, Edila A. F. & MAIA, Maria Lúcia Sá (Orgs.). **Industrialização e Grandes Projetos: Desorganização e Reorganização do Espaço**. Belém: UFPA, 1995, p. 345-360; COSTA, José Macelino Monteiro da. (coord.) **Os Grandes Projetos na Amazônia: Impactos e Perspectivas**. Belém: UFPA, 1987.

²²⁶ Trata-se de um conceito desenvolvido por Gramsci para descrever a dominação ideológica de uma classe social por outra, atentando para os valores impostos pelos grupos dominantes a sociedade, balizando os padrões culturais e de consumo pelo consenso entre as classes. Neste sentido, as classes subalternas vislumbram os mesmos valores culturais e materiais daqueles impostos pelos grupos hegemônicos, num consenso de ideias e modos de vida. Sobre esse tema ver: GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

²²⁷ LEITE, 2005, p. 69-70

fraturas sociais. Os números no jornal revelam que 305 mulheres solteiras declararam em seus depoimentos a polícia que ingressaram na prostituição induzidas por outras meretrizes:

“Se todos os conselhos fossem bons, não se davam, vendiam-se”, diz o dito popular. Essa filosofia encerra muita verdade que se fosse analisada deixaria de arrastar consigo para a margem da vida social às 305 ingênuas serviçais, que são induzidas à “vida fácil” por meretrizes já acostumadas nela, entre 1.580 prostitutas solteiras²²⁸.

Normalmente essa prática era feita pelo convite de mulheres mais velhas na vida do meretrício que aliciavam e convenciam meninas mais novas a ingressarem na prostituição. A indução se dava também através do acolhimento de meninas oriundas de outras cidades que eram recebidas por “madames” ou prostitutas mais velhas nas casas de pensão ou cabarés. Nestas casas, as jovens recebiam os proventos necessários para o início da vida no meretrício, tendo posteriormente que pagar as despesas geradas no ato da chegada. Neste caso, há também uma ligação econômica e de vulnerabilidade social, marcada pelas más condições financeiras, a ingenuidade de meninas com pouca instrução, a baixa escolaridade e o analfabetismo. Evidentemente que é possível a existência de casos em que a indução se desse apenas como um incentivo para jovens que ingressavam de forma convicta na prostituição.

Para explicar por que a indução à prostituição muitas vezes dava-se através do convencimento, recorria-se novamente a um suposto caráter degenerado das mulheres que se deixavam levar vislumbrando as vantagens daquela vida, que era uma alusão aos supostos “instintos fracos” das jovens:

“A ilusão ofusca-lhe a mente ao se ver diante de certas facilidades no início desse caminho tortuoso e incerto. Basta que alguém faça ver as “vantagens” dessa vida para que sua vontade seja dominada pela insinuação. Dai em diante geralmente segue o caminho sozinha²²⁹”.

Pelos números apresentados (tab. 8), o aliciamento de meninas para o mundo da prostituição era uma prática bastante comum na década de 1970. Esta prática era enquadrada pelo código penal brasileiro no crime de lenocínio, mas dentro da prostituição, poderia funcionar como uma fuga das condições de miséria vividas por determinadas mulheres, apesar de o ingresso no meretrício não representar necessariamente a saída da situação de vulnerabilidade social, já que a exploração do trabalho também foi corrente no mundo do meretrício.

²²⁸ **Folha do Norte**. Belém, 01 mar. 1970, p. 14.

²²⁹ **Folha do Norte**. Belém, 01 mar. 1970, p.14.

Vale ressaltar que a intensificação da prostituição esteve ligada, na década de sessenta, ao aumento das migrações e do êxodo rural para a cidade de Belém, o que ajuda a explicar a grande frequência de mulheres jovens originárias do interior nas ruas do centro da cidade, em especial na zona do meretrício. Essa grande movimentação de mulheres (em sua ampla maioria de origem pobre, classificadas pelos periódicos como vítimas das relações econômicas desfavoráveis, bem como da forte carga moralista e conservadora vivida em certas famílias) colaborou para as sucessivas campanhas moralizadoras aplicadas pelos órgãos públicos aos espaços de meretrício da cidade onde os alvos centrais das autoridades eram as jovens meninas que quando pegas eram encaminhadas de volta para suas famílias ou, caso já fossem maiores de idade, eram fichadas na DC como meretrizes.

Para Margareth Rago, o espaço da rua foi o grande catalizador das relações sombrias que estavam por trás do mundo da prostituição. Nesse espaço, devolveram-se as condições propícias para o aliciamento e para o tráfico de pessoas, uma vez que era justamente nesse lugar que estavam disponíveis as válvulas de escape para situações sociais de extrema pobreza, apesar de que a rua não era necessariamente um lugar tranquilo, estando sempre vigiada pelas autoridades policiais, médicas e jurídicas que procuravam com bastante frequência discipliná-la e moralizá-la. As ruas do meretrício eram parte dos “porões da cidade” que ajudavam a dinamizar “relações perigosas” mantidas normalmente dentro de redes de sociabilidade obscuras²³⁰.

Por um lado, o ingresso de jovens para o mundo do meretrício causava um problema social, colocando-as em situação de fragilidade. Por outro lado, havia sociabilidades internas dentro da prostituição entre as mulheres que viviam nesta área da cidade. Apesar da concorrência interna pelos fregueses, as meretrizes costumavam construir redes de solidariedade nas quais se protegiam mutuamente nos casos de perigos, bem como nas questões de classe como terei oportunidade de expor no quarto capítulo. A estatística apresentada pela polícia em relação ao número de mulheres levadas à prostituição pode ser cotejada com outras fontes que mostram a existência desta sociabilidade vivida no interior da prostituição. As histórias de Lourdes Barreto e Cinderela ilustram bem esta rede de

²³⁰ Ao mencionar o crescimento populacional da cidade de São Paulo no início do século XX, Margareth Rago assim se refere às consequências desse processo: “O impacto da modernização, o rápido crescimento socioeconômico da cidade e a expansão demográfica [...] eram dramatizados nos discursos ansiosos dos chefes de polícia e de outras autoridades públicas: prostituição, lenocínio, aumento da criminalidade, vagabundagem, jogo e infância abandonada figuravam como as principais questões, ao lado da invasão dos imigrantes e das lutas sociais. A rua, nesse registro, tornava-se o palco para onde afluíam os nômades e “resíduos” de outros países, deixando de ser um ponto tranquilo de encontro e interação social”. Ver: RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 2º ed. 2008, p.128.

sociabilidade existente entre as meretrizes. Cinderela, por exemplo, conta em sua entrevista que, quando estava desamparada nas ruas do centro de Belém, foi levada e acolhida por Lourdes Barreto que lhe deu abrigo em sua casa por algum tempo. Lourdes também conta como foi recebida ao chegar à Belém, vinda da Paraíba, sua terra natal:

Na época que cheguei fui para a casa da “Madame Moza”, que era no Guamá, fui chegando lá, mas não me acostumei muito com o clima. Era uma casa muito bonita, muito alinhada, mas tinha uns requisitos que naquela época não era muito normal uma mulher fazer. [...] Essa casa era ali por trás do cemitério, era muito antiga. Um dia fui para o cinema Olympia, inclusive foi até numa quinta-feira, eu me lembro, assistir um filme, e lá eu encontrei uma prostituta amiga minha chamada Izildinha, que tinha morado comigo em Fortaleza e que estava na casa de “Madame Biby”, aqui na General Gurjão. Eu disse: Ah, eu estou na casa da Moza, mas estou devendo a passagem! - - eu tinha só três dias lá e eu ainda não tinha ganhado o suficiente para pagar as despesas, por que ela cobrava o dobrado, né?! - - ela pegou e disse: “Não, vamos fazer o seguinte: se tu quiseres vir para a casa da Bibi, eu vou contigo!” - - nem terminamos o filme, a sessão - - levantamos e fomos. Ela me apresentou à Biby que gostou muito de mim e disse: “Você vai agora pegar suas coisas, nós vamos pagar suas despesas!” Ela mandou a gerente junto comigo e a Izildinha para buscar minhas malas²³¹.

O depoimento de Lourdes retrata bem as relações sociais estabelecidas no mundo da prostituição. Mesmo que por trás das práticas de acolhimento e colaboração entre as meretrizes houvesse também a exploração econômica por parte das “madames” que cobravam as despesas geradas no ato da chegada em seus estabelecimentos, a recíproca proteção estabelecida entre as meretrizes foi muito comum. Sempre que necessário, elas se uniam, amparando-se mutuamente diante de qualquer adversidade vivida no mundo da prostituição. Tratarei dessa questão de forma mais detalhada no quarto capítulo.

Os casos de sedução também foram apontados nos registros da DC. Foram 345 casos de jovens seduzidas por namorados, por homens mais velhos ou por cafetões que se valiam da ingenuidade, da paixão e da ignorância de determinadas meninas para conquistá-las e depois abandoná-las no universo da prostituição. Neste caso, as maiores vítimas também eram meninas jovens vindas do interior, na maioria das vezes seduzidas e depois abandonadas por namorados e pela própria família, encontrando amparo na zona do meretrício. Esta motivação, o jornal apresentava da seguinte maneira:

Os sedutores são responsáveis pela perda de 345 jovens, especialmente nas localidades interioranas. É um “amor à primeira vista” que empana completamente o sentimento de uma alma que vive sequiosa de amor, mas que mais cedo ou mais tarde deixa cair o pano, ficando à mostra nada mais do que resquícios de uma ilusão. A braços com sua desilusão, ainda tenta a mocinha salvaguardar o que lhes resta da decência, procurando uma união que dificilmente chegaria a ser duradoura. Então,

²³¹ BARRETO, 27 dez. 2012.

tudo vai por águas abaixo e para salvar-se do naufrágio, aporta na “ilha da perdição”²³².

O jornal apresenta uma visão fatalista que simplifica a explicação, apontando como motivo de sedução apenas a ilusão de um amor romântico vivido por meninas ingênuas que se deslumbravam pelo sonho de ter um matrimônio garantido como norteador de suas vidas e da própria felicidade. Temos aqui um caso de forte determinismo patriarcal apresentado pelos articulistas do jornal que viam nas instituições tradicionais como o casamento, por exemplo, uma “tábua de salvação” para meninas do interior da Amazônia. Essa causa de ingresso na prostituição apresenta uma íntima relação com aquelas motivadas pelo repúdio familiar após o defloramento. Pelos dados estatísticos apresentados, parece que casos como esses foram muito comum nas famílias de inclinações mais conservadoras. O boletim da DC apresentava 205 ocorrências de meninas que foram expulsas de casa após serem defloradas. Mais uma vez as pesquisas apontavam a prevalência desses casos em cidades interioranas, onde o sexo era visto como um “tabu intransponível”. O *Folha do Norte* expunha a questão enfatizando novamente a falta de informação e a pouca instrução como elementos facilitadores da sedução e do defloramento, como se vê abaixo;

Sexo é uma palavra que a frequência sonora é até agradável aos ouvidos, não o era, porém, para nossos ancestrais, assim como não é ainda, para muitos radicais educadores. Para estes, a palavra sexo e a tudo o que a ele se relaciona tem que ser pronunciado em voz baixa ou não ser pronunciado a fim de se impedir a quebra de um tabu. Graças a Deus, já são poucos os pais que cercam o sexo de tanto mistério e por isso decresce o número de jovens que são expulsas de casa por se expandirem por esse assunto, ou mesmo por irem ao extremo de se deixarem deflorar. [...] a maioria dos pais que expulsam suas filhas de casa por terem cometido esse grande agravo à sua família, são os responsáveis por esse estado de coisas. Ao assim agirem estão incorrendo em um segundo erro, se não em um terceiro.

Não lhes dão e não permitem que suas filhas se inteirem das coisas relacionadas com o sexo. Até uma simples palestra entre sua filha e um rapaz é reprimida como se fosse um ato que contrarie todos os princípios morais. A companhia do pai ou da mãe é condição “*sine qua non*” para a adolescente frequentar qualquer tipo de reunião social. Um namoro é escandalosamente reprimido. A mocinha vê nascer dentro de si uma natural reação que muitas vezes culmina naquele ato extremo, com o objetivo único e exclusivo de “punir” seus pais. Ai acontece o inevitável, a moça é expurgada do seio da família para que o resto não se contamine²³³.

Vê-se que as questões morais ainda estavam muito atreladas à ideia de honra associada à virgindade e a definição do papel da mulher como receptora passiva das determinações institucionais estabelecidas. Esse comportamento era entendido como necessário para o encaminhamento natural do seu futuro.

²³² **Folha do Norte**. Belém, 01 mar. 1970, p. 14.

²³³ **Folha do Norte**. Belém, 01 mar. 1970, p. 14.

Apesar de registrar certo avanço quando defendem a necessidade da quebra do tabu relacionado ao repasse de informações sobre sexo no interior das famílias, a visão do jornal cristalizava o argumento de que só havia duas vidas possíveis para a mulher deste período: a segurança do casamento ou a infelicidade da prostituição, entendendo esta última como algo “sujo”, capaz de “contaminar” meninas indefesas e ignorantes. A solução apontada pelos autores para o problema era a quebra da barreira conservadora criada por parte de pais que, além de negarem uma educação sexual às suas filhas, dificultavam maiores contatos das moças com os rapazes, atitudes que no entendimento do articulista gerava moças desinformadas, excessivamente românticas e, conseqüentemente, fáceis de serem seduzidas.

A noção de que o sexo está relacionado com perversão e com as degenerescências habituais da humanidade é um ranço da herança cristã passada pela igreja católica desde os tempos medievais, incluindo nas relações pessoais ligadas ao sexo, à noção de pecado e de prática proibida, só consentida com certas reservas dentro do casamento avalizado pela própria igreja. A quebra dessa convenção social poderia acarretar para o sexo feminino o abandono afetivo, a punição e, conseqüentemente, o caminho da “perdição”, uma visão conservadora e patriarcal que justificava inclusive a maneira como a sociedade compreendia a prostituição.

O jornal apontava a existência de uma mentalidade social ligada às noções cristãs e de moral associadas à castidade, ao recalque sexual, assim como ao comportamento de sujeição da mulher ao marido e ao pai. Michel Foucault ratifica que os “medos” associados ao “sexo” são construções morais ligadas ao cristianismo, responsáveis por transmitir sentimentos de instabilidade moral e fragilidade espiritual. Para Foucault, estas construções mentais possibilitaram o surgimento da noção de “pecado” e “restrição sexual”, permitindo e legitimando o sexo apenas dentro de relações monogâmicas e no matrimônio, também legitimados pela Igreja Católica²³⁴.

Completando os motivos para o ingresso na prostituição estava aquele definido como a soma de todos os outros motivos. Nesta estatística estavam inseridas 280 mulheres que teriam respondido que os motivos de terem ingressado na vida da prostituição foram a pobreza, a miséria social, a corrupção, a estupidez, a falta de força de vontade e a sensualidade. Percebe-

²³⁴ Sobre isto Foucault afirma: “O valor do próprio ato sexual: o cristianismo o teria associado ao mal, ao pecado, à queda, à morte, ao passo que a Antiguidade o teria dotado de significações positivas. A delimitação do parceiro legítimo: o cristianismo, diferentemente do que se passava nas sociedades gregas ou romanas, só o teria aceito no casamento monogâmico e, no interior dessa conjugalidade, lhe teria imposto o princípio de uma finalidade exclusivamente procriadora. [...] o alto valor moral e espiritual que o cristianismo, diferentemente da moral pagã, teria atribuído a abstinência rigorosa, à castidade permanente e à virgindade”. FOUCAULT, 1985. p. 21-22.

se que, apesar de os números apresentados pela DC discriminarem as causas da prostituição em diferentes razões, todas convergem, em certa medida, à questão de vulnerabilidade social e econômica da população amazônica vivida durante os tempos de Ditadura Civil e Militar e de propaganda dos Grandes Projetos na região.

A estatística policial feita a partir do registro de meretrizes junto a Delegacia de Costumes, também continha mulheres casadas e viúvas. A relação da DC que contemplava essa modalidade apresentava números bastante esclarecedores acerca da prostituição. Até dezembro de 1968, foram arroladas nos registros policiais 475 meretrizes casadas ou viúvas de um total de 2.055. Assim como as mulheres solteiras, as casadas ou viúvas também justificaram naquela delegacia as razões pelas quais ingressaram no meretrício. A tabela abaixo apresenta esses números.

Tabela 9: Estatística do ingresso de mulheres casadas ou viúvas na prostituição.

Motivações apontadas para o ingresso na prostituição	Nº de mulheres casadas ou viúvas
Separação por incompatibilidade	224
Necessidades Financeiras	137
Maus tratos	69
Desquite	23
Adultério	2
Somatória dos fatores acima	20
Total	475

Fonte: Boletim da Delegacia de Costumes. Apud.
Folha do Norte, Belém, 01 mar. 1970, 1º cad. p. 14

Os números que identificam a separação conjugal como a causa principal de entrada de mulheres casadas no meretrício reforçavam a compreensão de que para muitas mulheres o fim do casamento era uma condenação à prostituição. Dentre as justificativas para a separação, aparecem 224 casos relacionados à incompatibilidade de gênios, quando o casal esgotava todos os canais de conciliação após alguma desavença conjugal. Este número é bastante razoável se adentrarmos no universo das relações matrimoniais da década de sessenta, quando a sociedade ainda não havia passado por transformações radicais no sentido

da emancipação feminina que ocorreu de forma mais acelerada somente a partir da década seguinte.

Mary Del Priori aponta o final dos anos sessenta e os anos setenta como extremamente importantes para se entender as transformações nas relações sexuais, na vida matrimonial, bem como no comportamento da sociedade antes mais conservadora e, a partir deste momento, mais disposta a enfrentar questões de foro íntimo como a liberação sexual feminina, por exemplo, livre das amarras autoritárias e machistas de pais e maridos. As mulheres passaram a se posicionar nas relações íntimas e conjugais de forma mais livresca e com mais autonomia²³⁵.

Enfatizando o número elevado de mulheres que, provavelmente, exerceram a sua autonomia para não seguirem em uma relação desgastada, o jornal citava um caso relatado pelo Delegado Luiz Augusto Paes sobre uma mulher procedente do estado do Maranhão. Esta mulher, após largar o matrimônio, deixou a cidade de São Luiz se dirigindo a Belém onde, ao chegar, não encontrou parentes para lhe acolher. Sem dinheiro, acabou entrando na prostituição para apurar a quantia necessária para retornar a sua cidade natal. O ex-marido desta mulher, ao receber informações de que ela se encontrava no meretrício de Belém, enviou uma carta ao supracitado delegado de costumes solicitando que averiguasse e identificasse sua ex-mulher na atividade da prostituição para, a partir da identificação, solicitar uma certidão emitida pela DC, objetivando entrar com uma representação litigiosa contra a ex-esposa no pedido de separação. Após a solicitação, a Delegacia de Costumes conseguiu identificar a mulher, mas não pode emitir a documentação ao ex-marido, pois não havia provas que a enquadrasse, uma vez que ela não era cadastrada como meretriz naquela delegacia e que apesar de ter declarado que fez alguns “programas” na cidade de Belém, não precisava mais ficar no meretrício, pois já havia conseguido a quantia necessária para retornar a São Luiz, fugindo do enquadramento daquela divisão policial²³⁶.

Nota-se pelo exemplo citado que o caráter paternalista nas relações conjugais começava a perder força no final dos anos sessenta, abrindo caminho para novas relações conjugais que passaram a se manifestar nas décadas seguintes. É importante perceber que a

²³⁵ Sobre a questão da liberação feminina nos anos sessenta Mary Del Priori enfatiza: “Elas começavam a poder escolher entre desobedecer às normas sociais, parentais e familiares. Ficava longe o tempo em que os maridos davam ordens às esposas, como se fossem seus donos. Um marido violento não era mais o dono de ninguém, mas apenas um homem bruto. Uma vez acabado o amor, muitos casais buscavam a separação. Outros faziam o mais fácil: tinham um ‘caso’. E, desse ponto de vista, o adultério feminino era uma saída possível para quem não ousasse romper a aliança”. Ver: DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas: Sexualidade e erotismo no Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011, p. 177.

²³⁶ **Folha do Norte**. Belém, 01 mar. 1970, p. 14.

questão financeira sempre permeava as relações matrimoniais, mesmo que de forma tangencial.

Os outros motivos apresentados como justificativa para a separação conjugal são os casos de maus-tratos com 69 casos, desquite com 23 casos e adultério com 2 casos. É importante referendar que, na década de sessenta, ainda se vivia sob a forte influência da igreja regulando os matrimônios, bem como a existência da chancela do Estado nos casos de casamentos realizados no civil, ambos fundamentados por uma relação paternalista de caráter indissolúvel. O divórcio ainda não havia sido homologado como complementação das leis que versavam sobre as relações matrimoniais, isso só aconteceria em 1977. No entanto, percebe-se, no final da década de sessenta, uma mudança nas relações conjugais que começam a ser menos pautadas nas relações de superioridade do chefe da família, ganhando uma conotação mais plural.

No que diz respeito aos casos de maus-tratos, o boletim explicita essa questão de forma superficial e generalista, não dando destaque aos casos, sendo isto um indício de que a violência contra a mulher ainda não causava estranhamento para a sociedade. É importante perceber nas estatísticas a quantidade de ocorrências e de que forma esses maus-tratos podem ser compreendidos. Estes maus-tratos podiam estar relacionados ao abandono do cônjuge, carências financeiras ou violência doméstica. Todos esses motivos são passíveis de averiguação e podem esclarecer muito sobre a prostituição em Belém. No boletim da DC, o ingresso na prostituição por dificuldades financeiras representava 137 casos, esta parcela das meretrizes casadas ou viúvas declararam que estavam na prostituição para poder sustentar a família, normalmente com muitos filhos, é o que aponta também a fala dos articulistas na matéria do jornal:

Aqui surge uma causa sócio-econômica motivando o descaminho para o “mercado do amor”, 137 meretrizes declaram ter encontrado ali a única solução para sustentar seus filhos, geralmente constituindo prole numerosa, depois que perderam seus companheiros legais. Uma estrutura social mais avançada impediria que houvesse o registro desses casos. Mas uma estrutura social avançada só pode se equilibrar em cima de um alicerce econômico firme²³⁷.

Mesmo que tenham sido levadas por necessidades financeiras – apesar dos estigmas presentes no mundo da prostituição – e a forte relação que esta ocupação apresentava com as questões ligadas à vulnerabilidade social, as meretrizes registradas nos anos sessenta formavam um grupo social que transgrediu os tabus e os pressupostos tradicionais e

²³⁷ **Folha do Norte**, 01 mar. 1970, p. 14.

conservadores da sociedade, sendo pioneiras nas mudanças de comportamento. A repressão vivida nos anos setenta e as sociabilidades internas existentes no meretrício levaram essas mulheres a se organizarem na luta pela sobrevivência e pela aquisição de direitos, resistindo à dura repressão dos governos militares e criando redes de solidariedade para lutar contra a exploração excessiva de donas e donos de bordéis e casas de pensão. Esta conjuntura favoreceu a criação de uma entidade representativa no início dos anos noventa, como veremos no último capítulo.

A segunda metade do século XX, sem dúvida, inaugurou tempos de transformação na vida material dos amazônidas, pois exigiu destes o exercício de adaptação a nova realidade urbana que se apresentava em cidades de médio e grande porte como Belém. Muitos dos imigrantes que vinham da zona rural para Belém trouxeram consigo hábitos e culturas que se ressignificaram na vida urbana, estabelecendo o contraponto entre mundos diferentes e, ao mesmo tempo, próximos, socializando uma miríade de costumes. Este encontro de culturas na Belém dos anos sessenta e setenta se conjugou, também, nas manifestações boêmias e nos problemas sociais surgidos como consequências dessas políticas oficiais.

Outros julgamentos aos projetos desenvolvimentistas do Governo Federal foram apresentados por críticos ao sistema que procuraram mostrar os contrastes existentes nas realidades vivenciadas na Amazônia durante a Ditadura Civil e Militar. As condições de pobreza e prostituição na sociedade amazônica do período foram retratadas pelo cinema. O filme documentário *Iracema: Uma Transa Amazônica* aborda os temas do êxodo rural, da prostituição, do tráfico de seres humanos, das queimadas e da grilagem de terras. Vejamos de que maneira as críticas feitas à política desenvolvimentista do Governo Federal foram apresentadas neste filme documentário e sua repercussão nos agentes receptores desse produto cultural.

2.3- Uma Transa Amazônica: Prostituição e desenvolvimentismo nas telas do cinema

Realidade ou ficção (?). Eis o debate que permeia o filme que analisarei neste tópico. Gravado na Amazônia em 1974, ele é uma importante documentação imagética acerca das fraturas sociais existentes na região. O filme documentário *Iracema: Uma Transa Amazônica*²³⁸, dirigido por Jorge Bodanzky e Orlando Senna, foi veiculado, principalmente,

²³⁸ Trata-se de uma produção teuto-franco-brasileira de 1976, do gênero drama documental ou documentário ficcional, veiculado em vários países. Foi ganhador dos prêmios de: Melhor filme, melhor atriz (Edna Cássia), melhor atriz coadjuvante (Conceição Sena) e melhor edição (Eva Grundman e Jorge Bodanzky), no Festival de

no circuito internacional de cinema e no círculo de filmes proibidos pelo Regime Civil e Militar em Cineclubes espalhados pelo país²³⁹ durante os anos setenta e em poucas salas de cinema do Brasil, no decorrer dos anos oitenta.

Esta obra oferece aos espectadores da sétima arte a possibilidade de reflexão acerca das limitações do projeto do desenvolvimentismo, operado pelos militares na Região Amazônica. As lentes dos cineastas apresentavam um pouco do cenário periférico de algumas cidades da Amazônia no período, mostrando as fraturas sociais presentes nesses lugares, com suas zonas de prostituição, palafitas e casebres de madeira, numa tentativa de levar ao público “o retrato do Brasil real”, omitido pelos discursos desenvolvimentistas comprometidos em transmitir a imagem do progresso incorporado ao espaço amazônico.

A obra de Jorge Bodanzky e Orlando Senna apresenta como proposta narrativa e imagética mostrar como as propagandas de “integração nacional” e “desenvolvimentismo”, divulgadas pelo Governo Federal, não contemplavam os anseios e as necessidades de grande parte da população da Amazônia. A narrativa do filme contém forte teor de crítica social exposta na fala dos personagens principais e nos depoimentos das pessoas que participaram

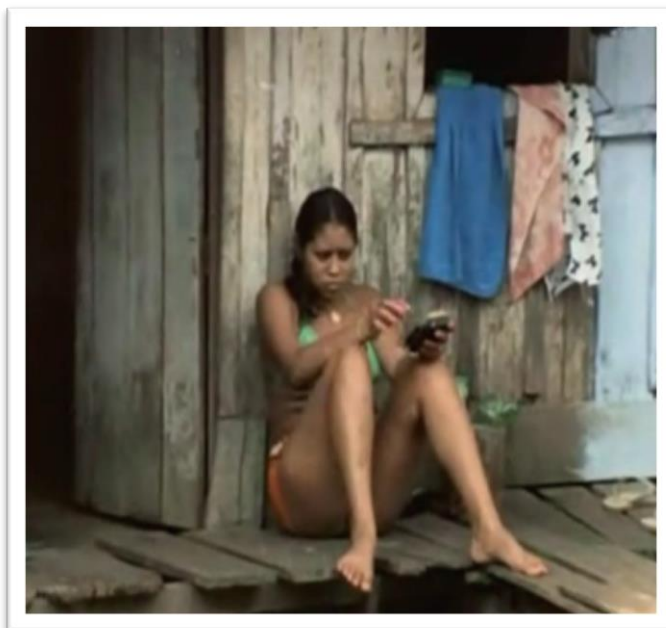
Brasília em 1980; Melhor filme do ano, na mostra de filmes proibidos, na Associação de Críticos Cinematográficos de Minas Gerais em 1978; Ganhou o prêmio *Prix George Sadoul* (Paris), o *Adolf Grimme Preis* (Alemanha); o *Encomio Toamina* (Itália); e o 12º *Reencontre Film et Jeunesse* (Prêmio Especial – Festival de Cannes, melhor filme 78 – ACCMG). Alguns trabalhos a respeito do filme já foram realizados ver: BRUZZO, Cristina. *Iracema...* De Bodanzky e Senna: Uma ficção pouco comportada. **Revista de Educação Social**, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 295-299, jan./abr. 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>; COIMBRA, Marcos da Silva & COUTINHO Eduardo de Faria. Do livro ao filme: uma trajetória de *Iracema*. **IPOTESI**, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 89 - 101, jan./jul. 2009; MIRA, David Moedas. **Das Sombras de Platão ao Realismo de Iracema: A Representação do Real no Cinema**. Lisboa: Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação do Departamento de Ciência da Comunicação da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova Lisboa). Lisboa, 2012;

²³⁹ Os Cineclubes surgiram no Brasil no ano de 1928, com a fundação do Chaplin Clube, no Rio de Janeiro. “Ao mesmo tempo em que propunha uma forma superior de recepção, o cineclube reconhecia a condição coletiva do espetáculo cinematográfico ao tomar a forma associativa como modelo de agrupamento. Considerando seus elevados ideais, os cineclubes serão, invariavelmente, criados pelas elites intelectuais, desejosas de constituir um espaço de recepção diferenciada”. LUNARDELLI, Fatimarlei. **Quando éramos jovens: História do Clube de Cinema de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora Universidade, 2000. p. 28; “No entanto, a partir do golpe militar de 1964, esta voz do intelectual foi silenciada gradativamente com a instauração da censura e do AI-5, em 1968. Se no Brasil, em 1968, havia aproximadamente 300 cineclubes e seis federações regionais, no ano seguinte quase todos os cineclubes e federações desapareceram, inclusive o Conselho Nacional de Cineclubes. [...] Em 1970, os cineclubes e movimentos sociais reorganizaram-se e voltaram com mais força, adotando uma postura de atuação mais politicamente engajada, do que anteriormente - o enfrentamento agora constante com a ditadura. Em 1972, deu-se a criação, no Rio, do Cineclube Glauber Rocha e a reorganização da Federação de Cineclubes do Rio de Janeiro - esta passou a articular informações e orientar os cineclubes, incentivou sessões, debates e auxiliou no contato com convidados para as mostras. Em 1973, houve a reestruturação do CNC, e em 1974 ocorreu um dos mais importantes eventos para o cineclubismo brasileiro: a VII Jornada de Cineclubes, que resultou na Carta de Curitiba. Este documento continha medidas para a ação dos cineclubes até a volta da democracia”. CAMPOS, Marina Costa. **A trajetória do Cineclube Antônio das Mortes no contexto cineclubista brasileiro**. Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Audiovisual e Visual, integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013. p. 6-7; Ver, também: MATELA, Rose Clair. **Cineclubismo: Memórias dos anos de Chumbo**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2009; VERIANO, Pedro. **Fazendo Fitas: Memórias do Cinema Paraense**. Belém, Edufpa, 2006. p. 75-76.

das filmagens. O tom crítico do filme está relacionado ao contexto sócio-político-ideológico da época, momento final do período de maior radicalização da Ditadura Civil e Militar no Brasil, entre 1969 e 1973²⁴⁰, período de intensificação dos projetos desenvolvimentistas para a Amazônia.

Temas como êxodo rural, prostituição, tráfico de seres humanos, grilagem de terra, desmatamento desordenado, miséria e pobreza estão presentes nos *takes* do filme que apresenta atores representando personagens fictícios, mas havia também “personagens reais”, participando, opinando e denunciando as injustiças vividas no dia a dia. Entre as pessoas recrutadas para participar do filme, aparecendo como figurantes em cenas gravadas nos espaços locados, estavam prostitutas, comerciantes, madeireiros, posseiros, caminhoneiros, pequenos agricultores, retirantes escravizados, garçons e índios, todos apresentando, nas palavras dos diretores, “outra realidade do Brasil” desconhecida dos moradores dos grandes centros, mostrando um país que não estava inserido nas propostas de “progresso” e “desenvolvimento” presentes no discurso oficial.

Figuras 23: Meretriz sentada em frente a um quarto de cômodos localizado no bairro da Condor.



Fonte: BODANZKY, 1976, 91min.

²⁴⁰ Este é o período do Governo do General Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), foi marcado pela vigência do Ato Institucional nº 5, momento de maior radicalismo do Período Militar. Sobre o assunto ver: GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. MACARINI, José Pedro. **A Política Econômica da Ditadura Militar no Limiar do “Milagre” Brasileiro**: 1967/69. Campinas - SP: IE/UNICAMP, set. 2000; NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. Em especial o capítulo “**A Primavera nos dentes**”: A vida Cultural sob o AI-5. p. 173-204.

Figura 24: As lentes dos cineastas captaram momentos de surpresa e curiosidade das meretrizes com a excepcionalidade das gravações em seu espaço de vivência e trabalho.



Fonte: BODANZKY, 1976, 91min.



Fonte: BODANZKY, 1976, 91min.

Figura 26: Corredor de uma casa de cômodos na Condor. A casa usada como locação no filme era uma arquitetura comum na região, normalmente casas de madeira com vários cômodos e banheiro na área externa.



Fonte: BODANZKY, 1976, 91min.

Como podemos ver na página anterior, as locações de *Iracema: Uma Transa Amazônica* oferecem registros de fotografias que mostram as distorções sociais vividas pela população amazônica no período. As cenas apresentadas, tanto na cidade de Belém como às margens da Rodovia Transamazônica, mostram ao telespectador imagens de palafitas, casebres de madeira, cabarés suburbanos, barracões improvisados às margens da Rodovia, prostitutas a espera de “programas”, enfim, uma série de imagens que evidenciam o pouco desenvolvimento econômico da região (Figuras 23, 24, 25 e 26).

A inspiração para a realização de *Iracema* veio, segundo Bodanzky, da realidade que encontrou ao visitar a região no final dos anos sessenta. Ao fotografar para a revista “Realidade”, Bodanzky se deparou com as carências econômicas e sociais da região, por isso, resolveu fazer a denúncia através do filme documentário²⁴¹. O filme não pôde vir a público no Brasil em 1976, ano de seu lançamento, pois foi considerado pela censura como filme proibido e de caráter subversivo. A justificativa dada pelo órgão censor para embargá-lo nos festivais nacionais de cinema era de que se tratava de uma produção estrangeira e, por isso, não poderia concorrer com os filmes produzidos no país. Mas esta censura foi burlada quando o filme passou a ser exibido no circuito de festivais internacionais de cinema e nos círculos de filmes proibidos pela censura em cineclubes espalhados pelo país durante a segunda metade dos anos setenta. No circuito comercial, o filme foi exibido somente em 1981 em uma sala de cinema da Cinelândia, no Rio de Janeiro, mas por apenas cinco dias, fato que fez da obra uma produção rara que só chegou ao conhecimento de um público mais amplo no ano de 2005 quando foi reeditado em DVD, tendo o seu nome original complementado pela frase: *Uma Transa Amazônica*²⁴².

No momento de sua reedição, os roteiristas inseriram um pequeno texto na abertura que objetiva mostrar a intenção dos autores com a obra, explicitando que o filme:

Retratar a Transamazônica, de maneira realista, em 1974, representou um grande risco. As consequências foram anos de censura e de luta incessante para fazer o filme chegar ao público a que sempre se destinara.

IRACEMA mostra, hoje, uma realidade que permanece tão urgente, senão mais, quanto o era na época, quando a estrada ainda simbolizava um sonho do “Brasil grande”²⁴³.

²⁴¹ Depoimento de Jorge Bodanzky. Entrevista realizada por Ana Paula Conde, **Revista Trópico - Cinema**. 2012. Disponível em: <http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/1688,1.shl>. Acesso: 29/08/2012.

²⁴² “O Cinema na Amazônia” **Jornal Diário do Pará**, Belém, 14 dez. 2005, Caderno Cultura, p. 3

²⁴³ BODANZKY, Jorge e SENNA, Orlando. **Iracema: Uma Transa Amazônica**, São Paulo, STOPFILM, 1976, 91 min.

O texto ratifica o caráter da obra e por que ela foi proibida à época de seu lançamento. Mas o que ela apresentava de incomum para ser classificada como “subversiva”? Essa resposta pode ser obtida na análise da produção que foi dividida em duas partes. A primeira parte foi gravada na cidade de Belém e a segunda nas margens da rodovia Transamazônica. Ambas mostravam as condições de vida de homens e mulheres que desbravaram a Amazônia no período militar.

Na época, ser flagrado produzindo um filme sobre a região, sem a devida licença ou autorização, poderia render horas de depoimentos na Polícia Federal para explicação das intenções e da finalidade dos autores com a obra. É justamente nesse contexto de tensões, de censura e repressão que a equipe da STOPFILM, empresa paulistana, contratada pela TV alemã para gravar e produzir a película desembarcou na cidade de Belém, na tarde do dia 28 de setembro de 1974, duas semanas antes das festividades religiosas do Círio de Nazaré. A intenção da produção era aproveitar todos os eventos festivos e religiosos que antecedem a procissão do Círio para registrar o ambiente de fé e profanação presentes na festa que serviria como cenário para a gravação, uma vez que a trama da história contada no roteiro previa que se falasse de uma jovem que veio do interior do estado para participar do Círio de Nazaré e que acabou ficando em Belém para prostituir-se²⁴⁴.

Com poucos recursos orçamentários, a equipe de filmagem, interessada em produzir documentários que retratassem as fragilidades do sistema capitalista na América Latina, chegou a Belém composta pelo diretor Jorge Bodanzky, o roteirista Orlando Senna, os técnicos Wolf Gauer, Ahim Tappen e Hots Windman, as produtoras Malú Alencar e Maria Conceição Senna, o ator Paulo Cezar Pereio e a atriz Elma Martins. Um grupo, que completo, coube em uma Kombi²⁴⁵.

A equipe fez as gravações em apenas vinte dias, somando mais uma semana de visitas para a divulgação na imprensa local e para a escolha das locações, bem como para a procura e escolha de uma protagonista para o filme. O processo todo de execução das filmagens não chegou há um mês. Esta pressa tinha uma explicação: era necessário rodar o filme rapidamente para driblar a rigorosa vigilância que a Polícia Federal, o Exército e a Aeronáutica faziam na região, uma vez que a Amazônia por essa época já era considerada Área de Segurança Nacional em virtude dos acontecimentos e conflitos envolvendo militantes

²⁴⁴ Rádio Marajoara é escolhida como a melhor para TV alemã **A Província do Pará**. Belém, 02 out. 1974, 1º Caderno, p. 4

²⁴⁵ Equipe da STOPFILM chega a Belém para gravar romance na Amazônia **A Província do Pará**. Belém, 30 set. 1974, 1º Caderno, p. 3.

e estudantes universitários ligados ao movimento de guerrilha do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) na região do Araguaia²⁴⁶.

A gravação foi marcada por um clima tenso em alguns momentos, já que a população local, principalmente aquela localizada às margens da Rodovia Transamazônica, guardava certas desconfianças em relação aos “alienígenas” que por suas paragens pousavam. Quando a equipe do filme chegou aos assentamentos e barracões construídos às margens da Rodovia, um clima de dúvidas, incertezas e desconfianças foram captados pelas lentes dos cineastas²⁴⁷.

Para vencer este obstáculo, a estratégia do grupo era divulgar o lançamento das gravações nas rádios e jornais da cidade. A intenção da equipe não ficou explícita de início, pelo menos é o que se percebe na leitura das reportagens veiculadas nos jornais locais quando a STOPFILM chegou a Belém. A informação dada nos veículos de comunicação da cidade era a de que a equipe rodaria um filme que mostraria o desenvolvimento da região após o início dos “Grandes Projetos”. Diziam ainda que o fio condutor da trama seria o romance entre um caminhoneiro do sul e uma nativa da Amazônia. Os diretores omitiram qualquer teor crítico no conteúdo que seria exibido na película, alternativa utilizada, talvez, para facilitar a realização do trabalho em tempo hábil e não provocar nenhum tipo de desconfiança por parte de seus colaboradores, bem como da rigorosa vigilância dos militares²⁴⁸. Sobre a censura ao filme, Jorge Bodanzky deu a seguinte declaração:

Não tivemos nenhum problema, pois fomos cuidadosos tínhamos uma equipe mínima e, oficialmente, estávamos rodando um filme sobre o romance de um chofer de caminhão com uma prostituta. E agimos muito rapidamente. O filme foi rodado em 20 dias, fazíamos uma cena e íamos embora. Naquela época, a Transamazônica era Área de Segurança Nacional, havia várias barreiras do Exército pelo caminho, mas demos sorte e conseguimos passar por todas elas²⁴⁹.

Como a equipe do filme era diminuta e os recursos parcos, os diretores optaram por construir um roteiro que abordasse dois problemas sociais sérios na região: as tensões

²⁴⁶ Sobre o tema da Guerrilha é recomendável ver: FONTELLES, Paulo. **A Guerrilha Redescoberta**. Belém: Grafisson, 1990; GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas; a Esquerda Brasileira**: das Ilusões Perdida à Luta Armada. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1990; MIR, Luís. **A Revolução Impossível**; a Esquerda e a Luta Armada no Brasil. São Paulo: Editora Best-Seller, 1994; NASCIMENTO, Durbens Martins. **Guerrilha do Araguaia (1967-1975)**: “Paulistas” e Militares na Amazônia. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós – Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico – Úmido/PDTU. Belém: NAEA/UFPa, 2000; POMAR, Vladimir. **Araguaia**: o Partido e a Guerrilha. São Paulo: Editora do Brasil Debates, 1980; PORTELA, Fernando. **Guerra de Guerrilhas no Brasil**. São Paulo: Editora Global, 1979.

²⁴⁷ Depoimento de Jorge Bodanzky em make off do filme. In: **Iracema Uma Transa Amazônica**, 1976, 91 min.

²⁴⁸ **A Província do Pará**. Belém, 30 set. 1974, 1º Caderno, p. 3.

²⁴⁹ “Jorge Bodanzky é diretor do cultuado ‘Iracema, Uma Transa Amazônica’, um dos 16 da carreira do diretor, é pioneiro no casamento da ficção com o documentário”. Disponível em: <http://oscurtosfilmes.blogspot.com/2009/05>.

surgidas no campo com o processo da recente colonização da Amazônia; e a prostituição presente em Belém e nas margens das rodovias da região. O roteiro do filme envolveu a discussão da prostituição de jovens, uma realidade recorrente tanto na cidade de Belém como nas margens da Transamazônica.

A protagonista do filme que iria atuar ao lado de Paulo Cezar Pereio foi selecionada em Belém. O pré-requisito determinado pela produção era que a atriz escolhida apresentasse características indígenas. Como a equipe do filme não encontrou nenhuma atriz local que se enquadrasse no perfil exigido, buscou meninas com este fenótipo em programas nas rádios locais. Foi assim que a jovem Edna de Cássia, uma menina pobre da periferia de Belém, menor de idade à época, foi escolhida para compor a equipe. Edna não era atriz e foi descoberta pela produção do filme no auditório de um programa da Rádio Marajoara, sendo escolhida, convidada e rapidamente preparada com noções de artes cênicas e representação, ficando, razoavelmente, apta para interpretar o papel de Iracema na trama.

A contratação da jovem atriz enfrentou muita resistência por parte dos seus pais que não aceitaram de início que a filha participasse do filme. Houve todo um processo de convencimento por parte do diretor para que os pais aceitassem a proposta da equipe. A jovem representava o “tipo ideal” da garota amazônica com feições indígenas. A recusa dos pais geraria um obstáculo muito forte a realização do documentário, pois o tempo para a gravação também era escasso. É provável que a moralidade²⁵⁰ existente à época, aliada à temática do filme, que colocava como protagonista uma menina prostituta e a própria associação que à época se fazia acerca do cinema, com as profissões discriminadas pela sociedade, tenham colaborado para que os pais de Edna desenvolvessem certa resistência em aceitar a sua participação no filme.

O comportamento dos pais de Edna apresentava forte relação com a maneira tradicional de compreensão da prostituição para a sociedade cristã, assim como representa todo o recalque social acerca da visão sobre a sexualidade. Apesar de a prostituição ser vista como uma profissão fadada ao fracasso, à miséria e à falta de perspectiva, ela se alinhava, também, com os elementos de esperança e expectativa de dias melhores. Na representação posta no filme, a personagem sente o desejo e a esperança de “ganhar o mundo” e ir conhecer os grandes centros urbanos.

²⁵⁰ Foucault afirma que o plano moral nada mais é do que o “comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos” através de condutas que valorizam a aceitação ou a interrupção de determinadas manifestações culturais. Por meio da conduta moral o indivíduo transfere a carga de subjetividade cultural posta em suas inclinações mais iminentes. FOUCAULT, 1984, pp.33-34.

Participar do filme interferiu de forma direta nas perspectivas de futuro da jovem Edna de Cássia. Ela tentou seguir a carreira de atriz, indo para o Rio de Janeiro, mas não obteve sucesso em suas tentativas de trabalhar no cinema. Retornou a Belém, onde continuou vivendo uma vida modesta na periferia da cidade²⁵¹. “A arte imita a vida”. A história de Edna de Cássia, atriz escolhida para o papel principal, com exceção da vida na prostituição, não se diferenciou muito de sua personagem, assim como não se diferenciou muito das histórias de vida de centenas de mulheres jovens que viveram na pobreza e na prostituição, como Lourdes Barreto, prostituta profissional (sobre a qual falarei bastante neste trabalho) que teve uma trajetória de vida semelhante a da personagem de Edna, Iracema.

Algumas questões são interessantes de se referendar ao se analisar a obra de Bodanzky. Como modalidade documental, o filme se desconecta de sua característica original que é o registro imagético da vida com uma inclinação ficcional para o fantasioso e para o imaginário. Ele entra no mundo dos registros documentais como um “fenômeno mais novo” que se manifesta interferindo no cotidiano, registrando fragmentos do tempo histórico. Segundo Marc Ferro, ele é “a instrumentalização do vídeo para finalidades de documentário, isto é, para escrever a História de nosso tempo” nas “enquetes fílmicas que lançam mão da memória e do testemunho oral²⁵²”, adaptando-se aos quesitos metodológicos das tendências historiográficas surgidas com a Nova História que compreende em diferentes tipos de aportes documentais e novas possibilidades de compreensão histórica. O filme *Iracema: Uma Transa Amazônica* estaria desta forma mergulhado no registro do cotidiano e em fragmentos de vida das pessoas comuns que participaram de sua feitura.

Durante a gravação do documentário, Paulo Cezar Pereio, ator selecionado para protagonizá-lo, através de seu personagem “Tião Brasil Grande”, interagiu a todo o momento com diversos sujeitos sociais que participaram das filmagens de forma voluntária ou involuntária, estabelecendo as interlocuções necessárias para se extrair, na edição final do filme, depoimentos valorosos acerca das condições de vida de grande parte da população da região. Opiniões distintas foram captadas pelas lentes dos cineastas, elas registraram, por exemplo, a fala de um micro empresário madeireiro em uma estância localizada na periferia de Belém²⁵³. Este comerciante se instrumentalizou do discurso patriótico que alegorizava a nação como mãe, promotora do progresso e da riqueza de seus filhos. Dizia ele que “o Brasil

²⁵¹ “O Cinema na Amazônia” **Jornal Diário do Pará**, Belém, 14 dez. 2005.

²⁵² FERRO, Marc. *Cinema e História*. São Paulo: Paz e Terra, 2010, pp. 10-11.

²⁵³ No Norte do Brasil, estância é um estabelecimento comercial que vende materiais para construção, tendo como especialidade o comércio de madeira. Em Belém elas se localizaram, principalmente, na Avenida Estrada Nova (Bernardo Sayão), às margens do Rio Guamá. Ver: RODRIGUES, 2008, p. 67-108.

é uma terra rica, cheia de tudo quanto!”. Afirmava, ainda, que “a natureza é mãe, cria todo mundo. A mãe não é só aquela mãe que a gente nasce, nós temos as outras, a maior mãe nossa é a nação que está crescendo, está progredindo!”. Este ponto de vista reproduz o conhecido relato de Caminha a D. Manuel I, rei de Portugal: “querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo”²⁵⁴, frase que se transformou ao longo do tempo em: “no Brasil, se plantando, tudo dá!”. Enquanto o comerciante fala, o filme mostra imagens de homens descarregando madeira de um barco, enquanto recebem ordens de “atenção” e “pressa” no descarrego da mercadoria. O contraste da situação mostra a posição de poder do micro empresário que legitima o discurso oficial ao falar em prol de um desenvolvimento na região e sinaliza a intenção dos roteiristas do filme de mostrar que por trás do discurso de progresso está à realidade do trabalho duro de homens explorados excessivamente em sua atividade braçal cotidiana. O projeto do nacional desenvolvimentismo encontrava eco através de micro relações de poder estabelecidas no interior da Amazônia²⁵⁵.

Outro exemplo bastante significativo no documentário é registrado às margens da Rodovia Transamazônica. Na cena, um grupo de trabalhadores, no interior de uma barraca de venda de bebidas alcóolicas, aproveita a presença da equipe do filme para se manifestar em relação às condições de vida naquela região. Um jovem retirante, responde a pergunta provocativa do ator Paulo Cezar Pereio sobre como está a situação na região amazônica:

Acontece que aqui a dificuldade é muita. Chega um fraco e compra um pedacinho de terra. Os ricos chegam e tomam, né? Os ricos invadem e tomam da pobreza [...]. Muitos invadem dizendo que são donos, e sabe como é o rico contra o fraco? O fraco não vale nada, né? Os ricos chegam com esses títulos falsos, chegam e tomam. O INCRA veio aqui, depois que eu cheguei. Tem oito meses que eu cheguei aqui e eu vi, a polícia do INCRA veio aqui para tomar terras da pobreza e entregar para um tubarão que tem aí. Ainda pegou um cara aqui e levou para assinar “a pulso” para não ter direito nem de vender, nem de queimar a roça nem nada, nem fazer lavoura nenhuma. Tá tudo proibido aqui²⁵⁶.

A intervenção da equipe do filme no cotidiano da região – com a chegada inesperada – os questionamentos e falas de esclarecimento do personagem “Tião” transformaram o documentário em um dossiê das penúrias passadas pela população que migrou para as margens da rodovia federal. É importante frisar que a fala do retirante no filme coincide com

²⁵⁴ “Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados (...) Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem”. Trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha, uma espécie de relato de viagem ao rei de Portugal D. Manuel I, em 1500.

²⁵⁵ Michel Foucault fala sobre os “micropoderes” (família, Igreja, etc), elementos detentores de grande influência nas atitudes humanas, tornando os homens aptos para o controle dentro do Estado. FOULCALT, Michel. **Microfísica do Poder**. [Organização e tradução de Robert Machado]. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

²⁵⁶ BODANZKY, 1976, 91 min.

as práticas repressivas do exército na região no momento de combate a Guerrilha do Araguaia quando foi feita forte repressão às práticas de plantio e feitura de roças para inviabilizar o abastecimento de alimentos aos guerrilheiros escondidos no interior na mata. O retirante também narra uma antiga prática na Amazônia: a grilagem que consistia na falsificação de título de terra²⁵⁷.

A propaganda oficial foi utilizada pelo Governo Militar como estratégia para ocultar as constantes tensões existentes durante o regime ao mesmo tempo em que aplicava, de forma violenta, forte repressão aos movimentos de resistência, perseguindo os denominados “subversivos políticos” através da força policial com prisões e torturas aos opositores do regime sob a justificativa que aquelas eram pessoas “inimigas da nação”. Movimentos de guerrilha e resistência ao Regime grassaram por todo o país, tanto nos centros urbanos como nas zonas rurais, manifestando uma reação clandestina e perigosa para os oposicionistas do governo, incluindo, principalmente, setores da classe média descontentes com as ações antidemocráticas do Governo Civil e Militar.

Slogans como “O Brasil é o país do futuro”, “Pra frente Brasil”, “Brasil ame-o ou deixe-o” demarcavam bem o terreno das disputas simbólicas e ideológicas postas durante a Ditadura Civil e Militar, trazendo para a cena política a produção de diversos discursos-manifestos pró e contra o Regime. A construção do combate ao discurso oficial ficou a cargo de setores políticos de oposição composto principalmente por indivíduos da sociedade civil. Eram estudantes universitários e secundaristas, artistas e intelectuais que em geral representavam uma classe média descontente que assumiu a linha de frente no combate ao Regime, inclusive participando dos movimentos de guerrilha armada.

Nos setores ligados às artes estavam músicos, diretores de teatro e cinema, atores e atrizes que transformaram suas artes em canal de combate ao autoritarismo dos governos militares. Com peças teatrais, músicas de protesto e filmes de grande teor de crítica social, esses indivíduos protagonizaram um modelo de “arte engajada” que, não raro, foi retida pela censura da Ditadura Civil e Militar²⁵⁸. É no contexto das tensões políticas deste período que a

²⁵⁷ Grilagem consiste em uma prática muito comum em locais com grandes tensões e conflitos pela posse da terra na Amazônia, na qual pessoas com poder político e econômico falsificam títulos de terras devolutas expulsando colonos e moradores nativos que vivem de atividades econômicas tradicionais. Sobre esse tema ver: TRECCANI, G. D. **Violência e grilagem**: Instrumentos de aquisição da propriedade da terra no Pará. Belém: UFPA, ITERPA, 2001.

²⁵⁸ Sobre arte engajada é interessante ver: BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975; RAUEN, Margarida G. **Do problema social à performance**. In: DIAB MALUF, Sheila & DE AQUINO, Ricardo Bigi. **Reflexões sobre a cena**. Maceió/Salvador: EDUFAL/EDUFBA, 2005, p. 233-45. GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema**: trajetória no subdesenvolvimento.

produção do filme denominado inicialmente apenas como *Iracema* se insere. A realidade amazônica dos tempos de Ditadura Civil e Militar vinha à tona com temas espinhosos para serem tratados naquele momento de fortes censuras e repressão estatal.

O cenário de prostituição e pobreza que registra prostitutas em seus quatinhos de pensão (fig. 23), em cabarés e barracões às margens da empoeirada Transamazônica. A filmagem de seus lugares de lazer e trabalho dava a ideia de que os autores tinham a intenção de explorar a sensibilidade dos expectadores, apresentando um texto que fala, ao mesmo tempo, dos sonhos e esperanças de um povo sofrido, bem como das dificuldades de sobrevivência e da falta de utopia de homens e mulheres da Amazônia.

O drama documental de 91 minutos segue o roteiro planejado com algumas alterações. Como mencionei antes, retratou-se a história de uma garota amazônica, Iracema, ribeirinha pobre que morava nas proximidades de Belém e vai à cidade para participar das festividades do Círio de Nazaré. Lá chegando, depara-se com o universo de bares e cabarés, sendo seduzida por outras mulheres a entrar na prostituição. Iracema começou a fazer “programas” para sobreviver, conhecendo paulatinamente as estratégias de sobrevivência na prostituição, aprende a fumar e a beber, sai com as meretrizes mais velhas para comprar roupas chamativas para os seus “encontros”. Em um desses “michês”, em um cabaré da cidade, encontra Tião Brasil Grande, interpretado por Paulo César Pereio, um caminhoneiro gaúcho que em suas viagens pelo Brasil afora propala o discurso do progresso para o país, falando sobre a importância das estradas para o desenvolvimento econômico nacional. Na companhia de Tião, Iracema sai em busca de aventuras e vai parar na rodovia Transamazônica onde é abandonada pelo caminhoneiro. Abandonada à própria sorte, Iracema continuará sua vida na prostituição, transitando pelas margens da Rodovia Transamazônica, perambulando pelos cabarés e prostíbulos, fazendo programas com fazendeiros e peões, conhecendo outras realidades e passando necessidades. A trama do filme se encerra com o reencontro entre Tião e Iracema, porém, esse reencontro rápido, sem final feliz, em um cabaré às margens da Rodovia, mostra Tião partindo para o Acre em um novo caminhão e em busca de novas aventuras, e Iracema, maltrapilha, abandonada à própria sorte na miséria e na prostituição, pedindo dinheiro às margens da rodovia.

A ideia subjacente que o filme passa de que a prostituição é uma profissão decadente e, por sua vez, fadada ao fracasso, serve como fio condutor a crítica dos diretores ao tão propalado desenvolvimento. Chamar atenção para esses problemas sociais, produzindo uma

obra de ficção que se mistura com a realidade era algo que para os autores, serviria como um dossiê do abandono vivido em um Brasil longe dos grandes centros.

As lamúrias e dramas pessoais das meretrizes que frequentavam os cabarés, onde foram rodadas algumas cenas do filme, são mostrados pelas lentes do cineasta que faz questão de usar como locação algumas palafitas e casebres de madeira em cima de estivas como forma de denúncia das condições de higiene e habitação dessas mulheres. A ausência de texto pronto no filme é uma interessante estratégia do cineasta. Usando a fala das pessoas que participaram das gravações, ele dá voz aos “excluídos da história”, mostrando seus pontos de vista, mexendo com o discurso oficial que pretendia homogeneizar o Brasil, instrumentalizando-se da ideia de progresso e integração nacional. Usar falas reais individualizou pontos de vista sobre a Amazônia, mostrando que a região tem uma dinâmica própria, por isso obedece a outro ritmo de desenvolvimento.

A cena final, rodada em um casebre as margens da Rodovia Transamazônica, exemplifica bem a intenção dos diretores em mostrar os aspectos negativos do desenvolvimentismo, registrando a imagem de um grupo de meretrizes bebendo cachaça e interagindo com os protagonistas do filme no momento da gravação.

Figura 27: Paulo Cezar Pereio tomando cachaça na companhia de meretrizes e de Edna.



Fonte: BODANZKY, 1976, 91. Mn.

As provocações e críticas ao governo eram ditadas nas narrativas e imagens que evidenciavam as incoerências e rompantes discursivos dos militares, os produtores se preocuparam em focar o *zoom* de suas câmeras para os aspectos mais sórdidos da realidade local, passando para o espectador o ambiente de pobreza, sujeira, falta de higiene e carência de assistência de toda ordem, transformando o longa-metragem em um documento-denúncia das consequências de uma propaganda de “progresso” que não atingiu a maioria dos brasileiros da região, algo imoral, como o nome do filme sugere.

As mazelas sociais, captadas nas fotografias do filme, constituem-se em documentos substanciais de análise das condições de vida, moradia e trabalho das meretrizes das “zonas do amor” de Belém e do interior do estado. A escolha dos “cabarés de beira de estrada”, que não eram difíceis de encontrar, e do bairro da Condor, tradicional reduto de boemia e prostituição de Belém, com suas boates, palafitas e quartinhos de pensão, abrem possibilidades de análise da realidade do Brasil dos tempos de Ditadura Civil e Militar, uma imagem que corroborava com as críticas à política governamental na região.

O fato de *Iracema: Uma Transa Amazônica* não ter sido gravado em um cenário pronto e arranjado, utilizando-se de locações em espaços boêmios populares da cidade, possibilitou que revelassem aspectos da prostituição e da boemia nos cabarés da periferia de Belém no período que esta tese se propõe a analisar. A preparação técnica e o improviso em determinados *takes* feitos no interior de um cabaré colaboraram para registrar cenas que mostram meretrizes de pé encostadas em uma viga de madeira assistindo aos protagonistas dançarem a música “você é doida demais” de Lindomar Castilho (fig. 28 a 34). Nelas se percebe o olhar curioso para os dançarinos externando, talvez, ar de surpresa pela excepcionalidade da gravação do filme em seu espaço de trabalho e também diversão.

A tentativa de aproximar realidade e ficção faz do filme uma representação do real que, apesar de ser marcado por forte carga ideológica, tenta passar alguns aspectos das tensões existentes na Amazônia durante período Militar, mesmo que de forma circunscrita e cristalizada, aproximando a linguagem de verossimilhança do cinema da realidade vivida pela população da região. O documentário pretende ser assim um protótipo da vida.

É interessante perceber a aproximação ao real que o enredo do filme apresenta quando comparado com outras histórias de vida presentes no universo da prostituição. Tomo como exemplo Lourdes Barreto, prostituta profissional que chegou ainda jovem à cidade de Belém no final dos anos cinquenta. Filha de pai Gaúcho e Mãe paraibana, Lourdes saiu de Catolé do Rocha, na Paraíba, sua cidade natal, aos 17 anos de idade, após ser violentada sexualmente por um tio, ingressando a partir de então na prostituição. Depois de passar por Recife, João

Pessoa e Fortaleza, Lourdes chegou à cidade de Belém em 1958, após apaixonar-se por um caminhoneiro de nome Idalécio, com quem teve um rápido romance. Na capital do Pará, Lourdes viveu várias experiências no mundo da prostituição, transitando por várias casas da zona do meretrício, vivendo momentos denominados por ela de glamorosos e enfrentando outros difíceis. Após várias lutas contra a repressão da Ditadura Civil e Militar ao meretrício de Belém, no início dos anos setenta, Lourdes se tornou uma liderança no movimento de luta de mulheres prostitutas a frente do GEMPAC, como terei oportunidade de mostrar no último capítulo. A ênfase na história de vida de Lourdes Barreto se comparada com os personagens do filme de Jorge Bodanzky, mostrando o quão próximo esteve à história de vida de personagens reais com a ficção, representada por Iracema, ou mesmo pela própria história de vida de Edna de Cássia, a protagonista, que salvo a prostituição, em quase tudo se assemelha com as outras histórias protagonizadas nesse filme documentário elucidador de “histórias vistas de baixo”. Histórias que são centrais nas análises desta tese.



Figura 28: Cenas no interior de um cabaré localizado na Condor. A única atriz na cena é a mulher vestida de preto à esquerda.

Fonte: BODANZKY, 1976, 91 min.

Figura 29: Paulo César Pereio e Edna de Cássia dançando a música “Você é doida demais”, sob o olhar curioso das meretrizes.

Fonte: BODANZKY, 1976, 91 min.



Figura 30: Policiais no interior do Cabaré.



Fonte: BODANZKY, 1976, 91 min.

Figura 31: Público de jovens boêmios.



Fonte: BODANZKY, 1976, 91 min.

Figura 32: Garotas dançam ao som do brega.



Fonte: BODANZKY, 1976, 91 min.

Figura 33: O registro da curiosidade.



Fonte: BODANZKY, 1976, 91 min.



Figura 34: O caminhoneiro que participou das gravações dança com a atriz Elma Martins.

Fonte: BODANZKY, 1976, 91 min.

A crítica aos governos militares não foi exclusividade do cinema. Quando o assunto estava relacionado à pobreza ou à prostituição, por exemplo. Outros meios de expressão social e canais de comunicação externaram as falas de sujeitos sociais que percebiam incompatibilidades no discurso de “avanço”, “progresso” e “desenvolvimento” apresentado pelo Estado. O jornal *Folha do Norte* empreendeu uma ferrenha campanha contra a medida autoritária do Governo do Estado do Pará ao levar a cabo o processo de expulsão das meretrizes de Belém do centro histórico da cidade, tornando-se um dos grandes veículos de luta pela sua manutenção.

No próximo capítulo vamos adentrar nas discussões que circundaram esse ambiente de tensões e de problemas sociais ligados à prostituição e à boemia na cidade de Belém.

CAPÍTULO III

Moralidade e repressão aos espaços boêmios em Belém no Período Militar.

É de muito tempo que a imprensa brasileira vem afinada com as discussões relacionadas à sexualidade e, concomitantemente, com suas investidas e censuras no que concerne o plano moral²⁵⁹. Nela o debate acerca das questões do corpo, da moral feminina e da prostituição fez valer opiniões e depoimentos que, não raro, foram ajuizados por repressões e mecanismos de delação, corroborando com o “espírito conservador” presente tanto no Império como na República. No que diz respeito às trabalhadoras do sexo em Belém, o jornal, como meio de comunicação, desempenhou importante papel de reação às campanhas repressoras desenvolvidas pelos governos militares, assim como oscilou suas opiniões acerca da rigidez moral bastante propalada pela imprensa em meados dos anos “60” que reproduzia atitudes de delação aos comportamentos considerados “desviantes” ou “subversivos”, garantindo assim os mecanismos de manutenção do *status quo* de uma imprensa a serviço dos grupos hegemônicos²⁶⁰.

Este capítulo trata especificamente das zonas de meretrício de Belém da segunda metade do século XX. Nele analiso as condições postas às prostitutas e à prostituição em Belém do Pará, tomando por base os discursos colocados nos jornais da cidade e a política repressora da Ditadura Civil e Militar aos bares e cabarés das zonas de meretrício de Belém. As ações de controle, de censura, de higienização, de normatização, de criminalização e de aspirações moralizadoras serão analisadas considerando-se o conjunto de medidas coercitivas empregadas pelo Governo do Estado no início dos anos setenta. Para tratar desta questão, farei uso de diversas fontes jornalísticas sobre o meretrício, analisando os múltiplos discursos produzidos nos periódicos acerca das opiniões e posicionamentos de diversos segmentos da sociedade que de alguma forma participaram dos debates opinando sobre as medidas repressoras impostas pelo poder público a partir dos anos setenta. No cerne destes debates estavam as meretrizes que eram o alvo principal das políticas repressoras e das diversas contendas entre técnicos e agentes do governo que eram, além de debatedores do tema, os

²⁵⁹ Tomo aqui como exemplo o artigo. COSTA, Waldir. Sexo Lacrado: O Controle Político no Jornalismo Erótico (1964-82). **Revista Projeto História** 35. São Paulo, nº 35, p. 243-254, dez. 2007.

²⁶⁰ Sobre o papel da imprensa de delação durante o período militar é importante ver: KUSHNIR, Beatriz. Pelo Viés da Colaboração: A Imprensa no Pós-1964 Sob Outro Prisma. **Revista Projeto História** 35. São Paulo, nº 35, p. 27-38, dez. 2007.

mais interessados em efetivar as operações de controle e coerção às denominadas zonas de meretrício da cidade.

3.1 O Meretrício nas páginas dos jornais

Nos ditos populares, as prostitutas foram alcunhadas como “mulheres de vida fácil”, mas as fontes pesquisadas revelam que não tão fácil assim foi a vida das meretrizes que circulavam pelas ruas dos bairros da Campina e da Condor, principais pontos de concentração de cabarés, gafieiras, boates e casas de pensão da cidade de Belém entre os anos cinquenta a oitenta do século XX. Estes locais serviram de ponto de encontro e reunião entre boêmios, prostitutas, marinheiros, estivadores, músicos, executivos, estudantes universitários etc., sendo estes sujeitos sociais que gravitavam nesses espaços de permissividade da sexualidade e da boemia, espaços nos quais as meretrizes, em certa medida, protagonizavam a cena. Os “*michês*” praticados por essas trabalhadoras do sexo²⁶¹, realizados nas supracitadas casas, passaram a ser severamente controlados no início dos anos setenta devido, principalmente, a um conjunto de medidas disciplinadoras, realizadas sob a égide do Estado, de combate à boemia e ao meretrício existente nesses locais. Medidas essas que culminaram no fechamento da zona do meretrício do centro da cidade no dia 1º de abril de 1970, bem como do bairro da Condor em 14 de dezembro do mesmo ano.

É importante lembrar que as ações de controle aos costumes e as políticas repressivas de fechamento do meretrício iniciadas pelos órgãos de segurança pública do Pará, em meados de 1969, coincidiram com o momento de maior radicalização e rigor repressivo da Ditadura Civil e Militar no Brasil (1964-1985),²⁶² momento em que diversas tensões de ordem política

²⁶¹ A palavra “*michê*” significa, *grosso modo*, a prática da prostituição, bem como a realização de um programa feito por uma meretriz. Perlongher atribui dois significados básicos ao termo: o primeiro que fala “do ato mesmo de se prostituir”, independentemente das condições de realização desse ato, ou seja, esta relacionada ao contratante e ao contratado, independente do sexo ou da modalidade de prostituição; e o segundo significado relacionado ao universo homossexual masculino nos quais “varões jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente”. Seus significados etimológicos são muitos e variados, mas tem suas origens provavelmente no francês *michê* que significa no seu sentido coloquial de gíria “pagar amor”. Ver: PERLONGHER, Nestor. **O Negócio do Michê: A Prostituição Viril em São Paulo**. São Paulo: Editora Fundação Percecu Abramo, 2008, p. 43-50.

²⁶² Trata-se do Regime de característica antidemocrática comandado pela alta cúpula militar das forças armadas brasileiras, que vigorou no Brasil de 31 de março de 1964 a 15 de março de 1985. Também conhecido como Ditadura Civil e Militar esse período foi marcado pela chegada dos militares ao poder através de um golpe de Estado que retirou do poder o então Presidente João Goulart. Existe uma vasta bibliografia sobre o tema. Dentre elas podemos ver, por exemplo: ARAÚJO, Maria Paula. CASTRO, Celso. QUADRAT, Samanta Viz (Orgs.). **1964-2004: 40 anos do Golpe: Ditadura Militar e Resistência no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004; FILHO, João Roberto Martins (Org.). **O Golpe de 1964 e o Regime Militar: Novas Perspectivas**. São Carlos: EdUFSCar, 2006; D’ARAÚJO, Maria Celina. SOARES, Gláucio Ary Dillon e CASTRO, Celso (Orgs.). **Visões do Golpe: A memória militar de 1964**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994; D’ARAÚJO, Maria Celina.

e ideológica interferiram no conjunto da sociedade, tendo reflexos nas manifestações cotidianas. Este foi também o período de início de vigência do Ato Institucional número 5.

Sob os auspícios do AI-5, homologado no final de 1968, o Brasil viveu uma série de restrições, censuras e controle do Governo Militar que interferiram de forma direta em diversas manifestações de cunho artístico, acadêmico, político, ideológico e comportamental de diversos segmentos sociais, acarretando uma série de restrições traduzidas na privação das liberdades democráticas, individuais, de expressão e de reuniões políticas²⁶³. Esse conjunto de medidas repressivas se fizeram presentes em todo o país e chegaram à cidade de Belém, enviesando em seus debates questões de ordem política e social, bem como questões de ordem moral e comportamental²⁶⁴.

Os jornais da cidade registraram de forma discreta as ações de controle, prisões e políticas repressivas aos denominados “subversivos” que reagiram contra a Ditadura. Nestes jornais eram apresentadas reportagens que versavam acerca dos acontecimentos nacionais de presos e perseguidos políticos e as opiniões de colunistas pró-regime militar, chamando a atenção para os perigos dos conspiradores da pátria para a nação²⁶⁵. Nesses jornais também foi possível encontrar matérias relacionadas ao comportamento e a moralidade. Sobre este tema, as páginas da imprensa paraense não foram reticentes. A cobertura dos antecedentes das operações disciplinadoras de repressão aos cabarés, aparentemente sem nenhuma relação com os acontecimentos políticos nacionais, foi publicada com bastante frequência pela imprensa, trazendo para a ordem do dia todo o debate a respeito do intento das autoridades locais em acabar com a zona do meretrício, este sendo ambiente no qual o Estado defendia ser uma má influência para a sociedade. A dedicação a este tema foi tamanha que os periódicos estamparam em suas páginas matinais um longo debate a respeito da prostituição no estado do Pará e da polêmica medida de fechamento da zona do meretrício do centro de Belém.

Aparentemente, a discussão provocada pela imprensa acerca do fechamento do meretrício parecia apenas um tema de recorte regional e que estava vinculado a um debate de

SOARES, Gláucio Ary Dillon e CASTRO, Celso (Orgs.). **Os anos de chumbo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

²⁶³ O AI-5 é o quinto Decreto emitido pelos Militares após o Golpe de 1964. Instituído em 5 de dezembro de 1968, ele consistiu na alteração da Constituição de 1967 dando plenos poderes ao Presidente da República inclusive de fechar o Congresso. Sobre esse tema ver: CONTREIRAS, Hélio. **AI-5**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

²⁶⁴ Sobre a Ditadura Civil Militar em Belém ver: PETIT, Pere; VELARDE, Jaime Cuéllar. **O golpe de 1964 e a instauração da Ditadura Civil-Militar no Pará: apoios e resistências**. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v. 25, p. 169-189, 2012; PETIT, Pere. **A política dos governos militares no Pará: 1964-1985**. In. FONTES, Edilza (org.). **Contando a História do Pará**. Vol. II: Os conflitos e os grandes projetos na Amazônia contemporânea (séc. XX). Belém: E-Motion. 2002. p. 71-100.

²⁶⁵ Sobre esse assunto volto a referir o artigo de “Pelo Viés da Colaboração: A Imprensa no Pós-1964 Sob Outro Prisma”. Beatriz de Kushnir. *Revista Projeto História* 35. 2007, p. 27-38.

cunho social sem maiores apelos, porém, à medida que adentramos nas fontes e aprofundamos o debate, percebemos que a imprensa apresentava uma visão ambígua, mas, ainda assim, afinada com o que pensavam os agentes do Estado que viam na boemia das zonas de Belém uma ameaça à ordem estabelecida e aos princípios de moralidade e disciplina passados pela doutrina militar.

O fechamento das zonas boêmias de Belém ocorreu envolto em polêmicas relacionadas com questões econômicas, imobiliárias, sociais e de ordem moral, de higienização, de exploração de menores, de pobreza e de posturas públicas. Todas essas questões vieram à tona quando a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Pará iniciou uma campanha para a desativação definitiva do “quadrilátero” do meretrício que funcionava nas ruas Riachuelo, 1º de Março, Padre Prudêncio e General Gurjão, estendendo-se também às ruas próximas e adjacências, incluindo as ruas Carlos Gomes, Aristides Lobo, Rua da Bailique (atual Ferreira Cantão), Gaspar Viana, Manoel Barata, Ó de Almeida, Frutuoso Guimarães e Campus Salles – todas no centro histórico da cidade (mapas 8). Paulatinamente essas ações repressoras se estenderam também às “casas de tolerância” dos subúrbios, principalmente, para o bairro boêmio da Condor, atingindo também vários outros locais dispersos pelas periferias.

Mapa 8: Zona que compreendia o “Quadrilátero do Amor”.



Fonte: Intervenção feita a partir das fontes coletadas em mapa atual da cidade.

No início, o alvo central da política coercitiva da polícia era a zona do meretrício do centro da cidade no bairro da Campina. Há anos esta área era vista como espaço problemático para as autoridades por atrair inúmeras pessoas consideradas marginais aos olhos dos homens

de imprensa, de juristas, de médicos, da polícia e demais segmentos da sociedade. A área denominada pela imprensa de “Zona Alegre” representava “os porões da cidade²⁶⁶”, território demarcado e discriminado por setores conservadores da sociedade belenense do final dos anos sessenta, mas era frequentado por grande parte dos cidadãos do gênero masculino.

Na avaliação desses sujeitos sociais, os prostíbulos presentes nessa área da cidade precisavam ser retirados rapidamente para que esta área pudesse passar por uma reforma urbana e um saneamento social, medida essa pensada e executada pelos poderes públicos e por setores organizados da sociedade no intuito de livrar os demais moradores do bairro do contato com as mulheres que lá viviam. O projeto de reforma urbana para a cidade de Belém, no início da década de 1970, tinha como objetivo a verticalização dos principais corredores da cidade como a Avenida Presidente Vargas, por exemplo. Essa reforma financiada pelos governos militares por meio da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e o Banco Nacional de Habitação (BNH) visava transformar a paisagem do centro através de um novo processo de modernização responsável por excluir dos espaços centrais pessoas com poder aquisitivo baixo que estavam fadadas a ocupar as áreas baixas da cidade, acelerando a favelização das periferias. O chamado “quadrilátero” da zona do meretrício foi incluído no final da década de sessenta aos planos de reestruturação urbana que previa, além da remoção das meretrizes dessa área, a desocupação de antigos sobrados que eram usados como casas de cômodos ou casas de pensão²⁶⁷.

A campanha repressiva do Estado foi acompanhada de perto por alguns veículos de comunicação da imprensa local, é o caso, por exemplo, do jornal *Folha do Norte* que assumiu a responsabilidade de registrar os fatos. Indo além da simples cobertura jornalística, este jornal mostrou as discussões econômicas, técnicas, morais e sociais que envolviam a remoção das meretrizes do centro apresentando para os leitores, de forma posicionada, os motivos e as discussões que antecederam o fechamento da zona do meretrício.

Os debates expressos no *Folha do Norte* apresentavam ideias contraditórias, ora apresentando um discurso favorável às prostitutas, ora associados a um discurso impregnado de ideias influenciadas pelo determinismo social. No cerne da discussão estavam elas – as mulheres do meretrício –, em sua grande maioria mulheres pobres oriundas de outras regiões do estado e do país com histórias de vida das mais adversas, encarnando dores e dramas

²⁶⁶ RAGO, 2008, p. 127-128

²⁶⁷ Sobre esse assunto ver: CHAVES, Túlio Augusto Pinheiro de Vasconcelos. **Isto não é Para nós?** Um estudo sobre a verticalização e modernidade em Belém entre as décadas de 1940 e 1950. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia, Universidade federal do Pará. Belém, 2011.

peçoais que naquele momento vieram à tona para o conhecimento público mostrando as dificuldades vividas no mundo da prostituição, escamoteadas durante muito tempo e que, naquele momento, provocavam diversas opiniões relatadas nas páginas desses periódicos.

Ao apresentar a temática para o público leitor, *Folha do Norte* buscou respaldo coletando diversos pontos de vista junto a pesquisadores, políticos, juristas, policiais, cafetinas, médicos e assistentes sociais. Com esses depoimentos procurava destacar o caráter higienista e moralizante da ação oficial, construindo narrativas que explicavam as razões práticas da medida coercitiva. Embora não deixasse de registrar os excessos empregados pelas autoridades no que diz respeito a privação de direitos às prostitutas, abrindo assim o debate para a sociedade acerca das razões que motivaram o Estado a tomar determinadas medidas.

Várias reportagens foram publicadas no jornal *Folha do Norte*, entre os meses de dezembro de 1969 a dezembro de 1970, trazendo para a ordem do dia os diversos temas relacionados ao “caso meretrício”. Nos meses que antecederam o fechamento do meretrício, este jornal publicou uma série composta por cinco artigos intitulados de “Meretrício”. Neles o jornal expôs as várias questões relacionadas ao fechamento da zona boêmia, baseando-se para isso em estudos minuciosos a respeito das razões motivadoras ao que o jornal denominava de “vida fácil”. Seus articulistas discorreram sobre os vários motivos que levaram tantas mulheres a ingressarem no mundo da prostituição, sempre indagando sobre o futuro destas após o fechamento da “zona do amor”.

Chamadas de “messalinas”, “meretrizes”, “prostitutas”, “mulheres da vida”, “mulheres de vida fácil”, “mulheres solteiras”, “quengas”, entre outras alcunhas de conotações pejorativas, aquelas mulheres foram tratadas pela imprensa de diversas formas, ora como objeto de desejo sexual, suscetíveis aos olhares masculinos que viam nelas repositórios do prazer, ora como vítimas das grandes tensões sociais existentes na Amazônia, ora como um problema social irresolúvel. Elas receberam toda a carga de preconceitos presentes na sociedade, sendo expostas nas páginas do jornal que não hesitava em narrar o triste destino delas, ressaltando que eram “acometidas de um mal” que assolava milhares de mulheres em todo o país. Neste contexto, as prostitutas foram definidas como:

Uns robôs de carne e osso, criadas pelo homem; objetos pagos e exaltados, quando necessárias e esquecidas quando necessitam. Serviram, amaram, sonharam – foram longe demais – viveram, fizeram e deixaram viver. Foram fator de equilíbrio conjugal e causa de um número considerável de divórcios²⁶⁸.

²⁶⁸BOTELHO, Walmir e MENEZES, José. “Causas Regionais”. **Folha do Norte** Belém, 22Fev.1º cad. p.15

As visões da imprensa apresentavam imagens de “corpos sexuados”²⁶⁹ responsáveis por regular as instabilidades conjugais e traumas sociais latentes no conjunto da sociedade, imagens que estabeleciam o lugar das meretrizes numa escala social discriminatória e definidora dos padrões normativos de conduta e liberdade sexual, elas eram vistas ainda sob o estigma da inferioridade.

Os fatores motivadores do ingresso na prostituição ocupavam o cerne da análise na série. Considerado um assunto de responsabilidade pública, buscavam-se nas estatísticas os vários motivos para a existência do grande número de mulheres jovens se prostituindo. Segundo as reportagens, várias eram as causas. Os dados do “Seminário Regional de Estudos sobre a Prostituição”, realizado em Ribeirão Preto em agosto de 1967, foram utilizados para fundamentar as análises apresentadas. Dentre as motivações destacadas estavam:

- 1) A falta de educação integral, inclusive a sexual. Mostra o estudo do SREP que, se a mulher soubesse os perigos a que está exposta na vida prostituída, a ela não se atirava com tanta facilidade.
- 2) – Corrupção de costumes na administração pública, impedindo a aplicação das leis que reprimem o lenocínio e o tráfico de mulheres.
- 3) – A falta de legislação social para a categoria das empregadas domesticas²⁷⁰.

Sob a justificativa de estarem buscando explicações aprofundadas a respeito das causas que conduziam tantas mulheres ao meretrício, os jornalistas se utilizavam de conclusões de terceiros, apontando quais eram as reponsabilidades do Estado na questão. A estratégia de utilizar dados de estudiosos do tema talvez tenha sido um subterfugio para não se comprometerem naquele momento de repressão social. Como vimos no segundo capítulo desta tese, as questões morais estavam muito presentes na primeira matéria da “Série Meretrício”, contudo, ao considerarem o baixo nível de instrução na Região Norte, as falhas no serviço público e as questões trabalhistas, os articulistas transpunham o viés da moralidade nas análises sobre “o caso meretrício”.

Os problemas que afetavam o sexo feminino, ainda muito estigmatizado à época, apontados no “Seminário Regional de Estudos sobre a Prostituição”, destacavam a falha do Executivo na aplicação das leis de combate ao Lenocínio. Ao que parece, os articulistas atentavam para a inadaptabilidade do Estado quanto à inserção da mulher no mercado de trabalho. O início da década de 1970 era um momento de transição, por foi quando a mulher

²⁶⁹ SOHN, Anne-Marie. **O Corpo Sexuado**. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs). **História do Corpo: As Mutações do Olhar: O Século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 109-154.

²⁷⁰ BOTELHO, Walmir e MENEZES, José. “São Muitos Os Caminhos Da ‘Vida Fácil’”. **Folha do Norte** Belém, 22 fev.1970. 1º cad. p. 18.

começou a conquistar novos espaços na sociedade, mas o Estado ainda não havia rearranjado, na prática, os lugares e os direitos sociais que cabiam a elas. Não foi à toa que Margareth Rago classificou a década de 1970 como um momento de “experimentações” para as mulheres no Brasil. Em suas palavras, muitas mulheres desta década, antes mesmo que o Movimento Feminista ganhasse força do Brasil, abriram mão de “destinos traçados de antemão e de modelos identitários socialmente aprovados”. Estas mulheres tiveram que enfrentar diversos conflitos sociais, familiares, morais e políticos na busca de direitos, inclusive o direito de serem “outras”, traçando os seus próprios destinos, a revelia do desejo de pais e maridos ou de qualquer outro homem que anteriormente as tutelaram sem maiores conflitos²⁷¹.

Apesar de transcender o fator moral como um dos determinantes do ingresso na prostituição, o *Folha do Norte* apresentava um forte viés conservador nas suas matérias. Os estigmas presentes nas análises deste jornal refletiam, além da visão moralizadora, o anseio sanitarista presente na sociedade acerca da prostituição. Para fundamentar seus pontos de vista, o jornal acrescentava a opinião de um sociólogo estudioso do assunto chamado André Araújo que completava o raciocínio sugerido pelo periódico de forma bastante determinista, apontando como motivos da prostituição:

- 1) – O total desamparo ao menor abandonado. Conclui que todo filho de uma prostituta automaticamente segue o caminho do vício, à margem da sociedade. Consequentemente, também toda a filha de uma prostituta será prostituta mais tarde.
- 2) – A falta de assistência social, item este que pode muito bem ser incorporado ao primeiro²⁷².

As opiniões deterministas do colunista misturavam questões de ordem social com questões de caráter moral e comportamental, não considerando como critério de análise o debate ideológico sobre a posição de superioridade masculina na sociedade e a consequente discriminação às mulheres ainda muito fortes naquele momento. Mas, mesmo com ambiguidade, a imprensa também polemizava chamando a atenção das autoridades para a responsabilidade do Estado em relação a essas mulheres, esclarecendo que parte delas teria entrado na prostituição por motivações de cunho social, relacionadas à pobreza e à falta de um conjunto de necessidades básicas.

O texto inicial da “Série Meretrício” mostra um pouco da dimensão das ideias passadas por seus redatores e de como se tentava influenciar o público leitor:

²⁷¹ RAGO, Margareth. **A Aventura de contar-se**: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. p. 61-62.

²⁷² **Folha do Norte**. Belém, 22 fev.1970.p. 18.

Os anúncios luminosos da Avenida Presidente Vargas ofuscam rostos sombrios de mulheres meretrizes. Pelas calçadas, ou cruzando a frente de veículos num movimento incessante, elas descem para as vielas alegres do meretrício, para as aventuras do cotidiano. Estão deformadas fisicamente e suas faces estão cobertas de uma substância cremosa para esconder a marca dura e inexorável do tempo. A vida começou cedo para elas – enganadas pelos namorados, incompreendidas pela família, angustiadas pela vida moderna, tentando melhorar as condições de vida que levavam ou, simplesmente, como dizem, “em busca de fazer amor”.

Vieram de longe, trazidas pelo êxodo rural, pela força brutal de pais ignorantes, pela fome, pela miséria, ou pela simples vontade de “ter sempre um vestido novo e andar de carro”. Viviam em orfanatos, em casa de família trabalhando como domésticas ou o que ninguém ainda consegue explicar – a vinculação – estudavam em internatos religiosos e colégios noturnos. Hoje, vivem enjauladas num quadrilátero da cidade; se saem, fazem o que a crônica policial denominou de “trottoir”, e são presas.

Já passearam de carro, mudaram o colorido das roupas, viveram aventuras, ou como quiserem, “fizeram amor”. Agora são ágeis, ingênuas, traiçoeiras; têm um vestido apenas, velho e descorado, estão no último estágio da prostituição – a “zona do meretrício” – e a um passe da tuberculose²⁷³.

Percebe-se que o jornal se preocupou em construir a imagem da meretriz como uma mulher sem perspectiva, jogada à própria sorte em um mundo que lhe foi oferecido a revelia de suas vontades, um mundo representado como desprezível e corruptor da moral e dos “bons costumes da sociedade” e que a conduzia a um universo de calamidades, envolto num criadouro de doenças infecciosas e outros males sentidos com o tempo. Esta era uma representação que no dizer de Margareth Rago era a “imagem negativa de uma alteridade assustadora²⁷⁴” de perspectivas discretas e predestinadas a um final triste e melancólico.

Apesar de citarmos uma fonte produzida na década de 1970 – momento em que novas ideias fluíam na sociedade, anunciando mudança de posturas de paradigmas e modelos teóricos inspirados em bases modernas, democráticas, de classe e de gênero –, os autores do texto estavam ainda muito influenciados por um discurso ligado à teoria do “determinismo social²⁷⁵”. É bastante sintomática a ideia posta na narrativa de que “o homem é produto do

²⁷³ “Meretrício I: Confinamento Sempre Causou Problemas”. **Folha do Norte**, Belém, 15 de Fevereiro, 1970, 1º cad. p.17.

²⁷⁴ RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar-Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p.61.

²⁷⁵ Entenda-se por determinismo *toda* ação cultural *particularista* expressa pelas ações humanas, nas suas variantes biológicas e culturais, aprimoradas pela capacidade de não relativizar variações de costumes, hábitos e expressões sentimentais. SPIRO, Melford. Algumas reflexões Sobre o Determinismo e o Relativismo Culturais com Especial Referência à Emoção e a Razão. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto.nº 9, 1998, p. 197-230; Lilian Schwarcz referenda que no Brasil o determinismo chegou no século XIX com as teorias do darwinismo social, influenciando principalmente o meio intelectual, que preocupava-se em explicar a “mestiçagem” e o “caráter social brasileiro”, estabelecendo um “ideário positivo-evolucionista” usado como justificativa para explicar as carências de desenvolvimento no Brasil. Segundo a referida autora este pensamento moldou parte do pensamento intelectual do século XIX e XX. Ver: SCHWARCZ, Lilian. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil, 1870-1930**. p. 11-22.

meio” ou, numa linguagem mais apropriada para o texto, as mulheres do meretrício seriam as produtoras de novos transgressores das leis e da moral vigente quando o texto afirma que “todo filho de uma prostituta automaticamente segue o caminho do vício”, assim como “toda a filha de uma prostituta será prostituta mais tarde”. Não podemos afirmar o que estes intelectuais liam na época, mas o ranço conservador posto em suas falas demonstra que a imprensa paraense ainda se assentava em ideologias e valores que começavam a ser combatidos. Na ambiguidade dos argumentos, ora os articulistas responsabilizavam o Estado pela produção da prostituição, ora responsabilizavam as próprias meretrizes. Talvez este posicionamento ambíguo também fosse fruto das transformações de mentalidade do período que comportava novas ideias como o movimento emancipacionista da mulher que começava a tomar fôlego na sociedade da década de “70” ao mesmo tempo em que a mentalidade conservadora sobre o papel da mulher se mantinha.

A tentativa de passar a imagem do meretrício como espaço de pobreza e miséria é o primeiro passo dado pelos jornalistas José Menezes e Walmir Botelho para adentrarem no espinhoso território de discussão da remoção da zona boemia do centro da cidade. A partir dos elementos “pobreza” e “miséria”, mostravam para o público leitor que por trás das aventuras no mundo da prostituição e do aparente *glamour* da boemia, escondiam-se todos os sofrimentos, as explorações, as inseguranças, os contágios e, principalmente, a solidão lá existente, uma vez que a alternativa dada a essas mulheres lhes obrigava a viverem segregadas socialmente.

As posturas conservadoras e patriarcais presentes no jornal, no que se refere ao tema da prostituição, foram bastante frequentes na imprensa brasileira desde a sua constituição²⁷⁶. Apesar de ter ocorrido uma mudança significativa de mentalidade na sociedade brasileira do início dos anos setenta, elas não foram hegemônicas, nem imperaram nos órgãos de imprensa. O que os articulistas do *Folha do Norte* descreveram acerca da suposta falsa felicidade das meretrizes no mundo da boemia faz parte de um universo mental que corrobora com a ideia de que a figura feminina possuía um lugar definido na sociedade e, fora dele, não poderia encontrar a felicidade, pior ainda se o caminho escolhido fosse o da prostituição.

O discurso da imprensa não era totalmente equivocado, certamente retratava um lado da dinâmica social da prostituição que tem sua origem nas mais adversas situações. No entanto, este discurso englobava uma visão determinista de sucesso ou fracasso para o gênero feminino que ficava, nas perspectivas do jornal, dividido por polaridades bem definidas entre

²⁷⁶ RAGO, 2008, p. 127-150.

aquelas mulheres que tiveram a sorte de viver uma vida feliz ao lado da família, absorvendo valores morais transmitidos pela família, pelos internatos religiosos, pelas escolas e pelo casamento – conceitos e padrões morais que ajudariam na assimilação da ideia de garantia de uma suposta felicidade através do matrimônio e de uma vida reservada – e seguindo normas bastante rígidas ligadas às questões comportamentais. No outro polo estariam aquelas mulheres que tiveram a infeliz sorte de seguir o destino da prostituição. Mulheres que não teriam tido a chance de desfrutar das oportunidades oferecidas por um padrão de comportamento social considerado adequado a vida em sociedade. A essas mulheres teria restado apenas a vida incerta e degradante dentro dos meretrícios.

A imagem passada pela imprensa sobre os prostíbulos como espaços de contágio de doenças era uma dentre as diversas conotações preconceituosas postas nos periódicos e reproduzidas pela opinião pública. A proliferação de doenças como a tuberculose, e outras doenças sexualmente transmissíveis, colaborava para uma visão higienizadora de profilaxia sanitária e limpeza social recorrente no debate relacionado à prostituição desde o início do século XX, presente no discurso da imprensa, bem como no discurso médico²⁷⁷. A crença de que as prostitutas eram repositório de doenças sexualmente transmissíveis influenciou inclusive no controle e na criação de “dispensários antivenéreos” e de “ligas de combates à prostituição”. Luis Saraiva fala que em Belém do Pará da virada do século XIX para o XX, o Hospital São Sebastião foi referência no tratamento de meretrizes. Nominado pela imprensa como o “Hospital das Madalenas”, nele eram internadas aquelas meretrizes que haviam contraído algum tipo de moléstia, sendo, inclusive, controladas pelo “Serviço de Profilaxia Rural”, chefiado à época pelo renomado Dr. Souza Araújo que era defensor de ideias de regulação da prostituição que previam o estabelecimento de matrícula das meretrizes para exames periódicos naquela repartição. A ação sanitária do médico recebeu o apoio da imprensa local que divulgou cotidianamente campanhas discriminatórias e de reclusão das “mariposas” que residiam no bairro da Campina²⁷⁸.

Além das discussões que associavam à prostituição as diversas mazelas sociais, havia também a polêmica questão do confinamento no meretrício. O controle estabelecido pela Polícia de Costumes e as convenções sociais criadas a respeito da imaginária “faixa livre” que

²⁷⁷ Magali Engel analisa os múltiplos discursos produzidos pelo saber médico no século XIX na cidade de Janeiro, enfatizando a forma como os estes utilizavam tais discursos, justificados por um olhar cientificista, que referendavam ou refutavam a imagem da prostituição relacionada com determinados tipos de males sociais. Ver: ENGEL, Magali. 2004. p. 17-52; ver também: CARRARA, Sergio. **Tributo à Venus: A Luta Contra a Sífilis no Brasil, da Passagem do Século aos Anos 40**. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 1996.

²⁷⁸ SARAIVA, Luis Junior Costa. **O Renascer de Vénus**. Prostituição, Trabalho e Saúde em Tempos de Sida. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2013, p. 69-75.

delimitava a circulação das meretrizes somente no perímetro do “quadrilátero do amor”, impedindo, portanto, que circulassem para além dos limites estabelecidos pelos órgãos de segurança, foram utilizados pela imprensa para fazer alusão a uma “falsa liberdade” vivida pelas prostitutas naquela área.

Na visão dos articulistas do *Folha*, as prostitutas eram livres para as práticas do amor e da sexualidade quase sem limites com todos os tipos de homens possíveis, mas eram presas dentro do meretrício, não podendo se mostrar para além dos limites geográficos do “quadrilátero”. Além disso, não tinham liberdade para viver um “relacionamento sério” que lhes garantisse estabilidade emocional e social. Estavam elas, como dizia a matéria, “enjauladas num quadrilátero da cidade”²⁷⁹. Esse discurso tentava cristalizar a ideia de que as mulheres pagavam um preço alto demais pelo direito de exercer suas liberdades longe da tutela dos homens.

Em outra matéria, o jornalista Carlos Mendonça repetia o argumento antagônico de “liberdade” e “prisão” ao descrever as meretrizes como aquelas que estavam à margem, vivendo toda sorte de infortúnios por serem as “filhas putativas da cidade”, por serem aquelas que se aventuravam na arte do amor, livres nas formas de exprimir seus carinhos, porém, presas dentro do meretrício e das relações por ele impostas. A leitura do texto permite fazer outras reflexões acerca da visão que se tinha sobre a dinâmica de vida dessas mulheres:

Filhas putativas são aquelas filhas de Eva que a cidade tolera ou consente tacitamente que vivam como mulheres públicas. Por serem mulheres públicas são apontadas e condenadas à execração da pudicícia comum da sociedade – ao contrário dos homens públicos, - enaltecidos e homenageados. Já nessa diferença semântica a sorte lhe é adversa. A desventura é maior ainda e mais dura de suportar quando são confinadas ao distrito urbano que lhes serve de asilo e ganha-pão, demarcado pela ironia do destino com a reputação de “zona alegre”. Pobres mulheres! Até de suas mesquinhas alegrias se escarnece, como se elas pudessem viver e matar a fome estampando nas faces a tristeza da melancolia interior²⁸⁰.

A liberdade feminina é pensada dentro de limitações preestabelecidas. Caberia à mulher a condição de prisioneira das normas sociais vigentes ou a opção de viverem as mazelas da denominada “vida mundana”. O discurso da imprensa não oferece alternativas de liberdade afetiva e profissional para o gênero feminino. Apropriando-se da alegoria de “Eva”

²⁷⁹Foucault trata dessa questão chamando a atenção para o fato de que todos os “sistemas disciplinares” funcionam como “sanções normalizadoras” que procuram penalizar e disciplinar certos atos considerados infringentes a ordem ou a determinados padrões legais e/ou comportamentais. Ver: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: O nascimento da Prisão*. Petrópolis RJ. Vozes, 1987, p.202

²⁸⁰MENDONÇA, Carlos A. de. As filhas Putativas da Cidade. **Folha do Norte**. Belém 6 jan. 1970, p. 4.

– conotação bíblica que expressa à crença judaico-cristã de que a mulher seria inferior ao homem por tê-lo induzido ao pecado –, o jornal reforçava que estas mulheres eram as filhas do pecado e herdeiras dos males do mundo.

Os autores deixam transparecer a clara diferenciação de gêneros presente na sociedade pautada pela misoginia coletiva que via naturalidade em certos comportamentos reproduzidos pelos homens, mas que eram execrados se reproduzidos pelas mulheres. Esta demarcação rígida de lugares de gêneros estimulou a misoginia da sociedade ocidental que tenta neutralizar o debate sobre o machismo na sociedade contemporânea. Os estudos de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* mostram que apesar das vozes de naturalidade postas nos discursos dos “antifeministas”, as barreiras quanto à neutralidade dos valores e ideologias concernentes ao ser humano ainda se colocam de forma predominantemente pautadas pela masculinidade e pouco sensíveis às subjetividades que demarcam dois gêneros de conotações anatômicas e culturais totalmente distintas²⁸¹.

As “filhas putativas” eram aquelas que a sociedade não queria ver, representavam as filhas bastardas da cidade, amarradas apenas a um tipo de convenção possível: a convenção do meretrício. Se fossem pegas expostas em outras áreas do centro, eram levadas pela polícia e fichadas na Delegacia de Costumes, se soltas dentro da região do meretrício, causavam incômodos diversos para a vizinhança. Na avaliação da imprensa, as meretrizes representaram um inconveniente social que a opinião pública, apesar de tolerar, não queria admitir. No entanto, era preciso que o assunto fosse discutido.

Ao mesmo tempo em que o jornal tecia o discurso de suposta tolerância aos prostíbulos do centro da cidade, seus articulistas faziam elucubrações referentes à sorte e ao destino das meretrizes. Esses homens de imprensa, formadores de opinião, promoviam debates acerca da infelicidade que as meretrizes sentiam por viverem a má sorte de estarem neste tipo de vida, alegrando a “classe masculina” com sua utilidade sexual que, na avaliação da imprensa, servia como termômetro de equilíbrio dos desajustes sociais ligados à sexualidade em uma sociedade coberta de recalques morais. As meretrizes eram desejadas

²⁸¹Sobre a questão da afirmação impositiva do gênero masculino Simone de Beauvoir referenda: “Se quero definir-me, sou obrigada inicialmente a declarar: “Sou uma mulher”. Essa verdade constitui o fundo sobre o qual se erguerá qualquer outra afirmação. Um homem não começa nunca por se apresentar como um indivíduo de determinado sexo: que seja homem é natural. É de maneira formal, nos registros dos cartórios ou nas declarações de identidade que as rubricas, masculino, feminino, aparecem como simétricas. A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo *vir* o sentido geral da palavra *homo*. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade”. Ver: BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 4ª Edição, 1970, p.9.

pelos homens no interior dos cabarés e casas de pensão, mas eram desprezadas fora desses espaços. Tecendo sua opinião sobre a felicidade das mulheres da “zona”, o colunista expunha no mesmo artigo:

São criaturas às quais a fatalidade impôs como um estigma infamante, mas irrevogável o compromisso de serem alegres a qualquer hora, sem o que passam ao largo os homens, alguns talvez querendo afogar tristezas e mágoas de velhas abstinências domésticas. Tais homens parecem que leram o velho Goethe e ficaram sabendo que o castigo pode uma pessoa suportá-lo só, mas para estar alegre são necessárias pelo menos duas pessoas...

São Paulo já recomendava aos romanos: alegrai-vos com os que se alegram. Mas nem todos os tempos são de alegria. Como se não bastasse o confinamento drástico ao perímetro da “zona alegre” – sem o direito de ir e vir pelas adjacências ou pela orla do cais a ver os marujos sequiosos daquele abraço – cogita-se de vedar-lhes o acesso à rua onde moram, encerrando-as de portas adentro numa clausura mais rigorosa que a de freiras de convento²⁸².

A felicidade das prostitutas estaria condicionada, segundo o autor, à possibilidade e ao direto à mobilidade. O acesso à rua lhes garantia certo acalanto na difícil vida da prostituição. Para o autor, o confinamento era mais um castigo para as meretrizes que atuavam na “zona alegre”, uma vez que a impossibilidade de locomoção pelas adjacências da área central representava mais um golpe duro àquelas mulheres que já levavam uma vida de sofrimentos. Nesta análise, o homem é visto como a válvula de escape para amenizar a solidão a que as prostitutas sentiam no meretrício.

Novamente é apresentada a ideia de que para as meretrizes a escolha pelo meretrício teria levado essas mulheres para um mundo de aparentes felicidades. Por terem ousado transgredir as normas impostas às mulheres, as meretrizes teriam sido condenadas a franquear constantemente a felicidade aos homens.

A análise que o jornal fazia da vida pública para os homens era bastante generosa e terrivelmente fatalista para as mulheres. As meretrizes, como mulheres públicas, tinham valor apenas dentro do meretrício. As demais mulheres da sociedade caberiam a responsabilidade de cumprirem, de forma satisfatória, os seus papéis de filhas, esposas e mães. Enquanto a vida pública de um homem se relacionava com todo o universo de prosperidade e sucessos ligados ao mundo do trabalho e a liberdade individual, a vida das mulheres era limitada a poucas opções de felicidade. Se esta mulher enveredasse pelo caminho da prostituição, seu destino seria uma vida aparentemente feliz no interior dos cabarés, mas condicionada aos

²⁸² **Folha do Norte**. Belém, 22 fev. 1970, p. 4.

estigmas e preconceitos de grande parte da sociedade, visão patriarcal que privilegiava os homens como agentes das ações históricas.

Os autores apontam ainda que o governo militar fechava cada vez mais o cerco em torno das prostitutas da zona central, havendo inclusive a possibilidade de proibirem o acesso delas às ruas. A clausura destas prostitutas era entendida como medida disciplinar necessária para que elas não adentrassem em outros espaços. Os estudos historiográficos que abordam a condição das mulheres nos lugares de meretrício mostram que na constituição dos centros urbanos, desde os tempos medievais, as “zonas” surgiram como espaços de “tolerância” alternativos e de controle social das mulheres que escapavam à vigilância das autoridades. Os meretrícios eram, portanto, lugares de permissividade das transgressões morais e normativas ligadas à sexualidade que ao mesmo tempo eram reprimidas no universo do cristianismo²⁸³. Ao analisar as noções de clausura, postas a partir do século XVIII como medidas jurídicas punitivas que serviriam como espelho exemplar para as ações transgressoras do povo, Michel Foucault foi buscar na leitura das mudanças de modalidades de punição, ocorridas na passagem da idade média para a idade moderna, os usos do corpo como meio receptor das sanções do Estado²⁸⁴. Caberia ao poder público, portanto, encerrar as prostitutas na zona e à imprensa mediar essas relações coercitivas através da produção de discursos, aparentemente neutros, porém, carregados de conotações patriarcais e misóginas nos quais as mulheres do meretrício recebiam como punição pela vida que levavam a prisão no meretrício da cidade.

Pelo olhar do articulista do *Folha do Norte*, a remoção do meretrício precisava ser debatida, pois a simples remoção ou o confinamento acarretava em solução paliativa ou ineficaz, uma vez que as meretrizes continuariam na vida da prostituição. O autor se utiliza de ironia ao falar das justificativas que parte da sociedade utilizava para defender a remoção do meretrício do centro da cidade:

Assim o quer a Cidade. O pundonor público assim o exige para não escandalizarem as donzelas de minissaia e mini blusa, trafegas e graciosas flores em botão, mas desejosas também das graças de Cupido e quem sabe? – muitas já com os botões de rosa desfolhados. A cidade é implacável. Melindra-se e agasta-se porque ao lado de seu próprio jardim nasceu e foi crescendo o burgo indecoroso e torpe, como se não soubesse que é nessas válvulas de escape que se vão dessedentar seus homens válidos em troca de alguns minutos de amor mercenário pagos em cruzeiros inflacionados²⁸⁵.

²⁸³ MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2013, 57-64.

²⁸⁴ FOUCAULT, 1987, p 13-20.

²⁸⁵ **Folha do Norte**, 6 jan. 1970. p.4.

Os articulistas ressaltavam que o crescimento desordenado da cidade promovia o descontrole da moralidade, tecendo forte crítica ao “falso moralismo” presente no discurso daqueles que desejavam a extinção do meretrício. Esta crítica se voltava principalmente às “donzelas” filhas da “alta sociedade” e a todos os conservadores responsáveis por execrar o meretrício, desejando a sua remoção. Ao tecer a crítica social, eles sugeriam que as mesmas famílias que permitiam que suas filhas incorporassem certos padrões modernos ligados às modas transgressoras, como “minissaias” e “mini blusas”, condenavam as prostitutas sem atentarem que talvez suas “meninas de família” já haviam desvendado os mistérios da sexualidade. Percebe-se o ranço conservador na fala do jornal ao tentar defender o meretrício condenando as transgressões sociais das mulheres que se mantinham protegidas na instituição da família. Esta era uma contradição compreensível, se considerarmos que as reações ao forte caráter machista e conservador da sociedade deste período encontravam pouco eco fora nos seus nichos específicos.

A imagem produzida pela imprensa sobre o meretrício o representava como um espaço de territorialidade tangencial que servia como área de controle das hipocrisias presentes na sociedade. O que estava em pauta no discurso do jornal não era a simples manutenção do meretrício por questões de ordem social ou de solidariedade às meretrizes, o interesse neste caso era de mantê-lo como um espaço de fruição das tensões masculinas ligadas à sexualidade e à boemia. Percebe-se na leitura das fontes que, aos olhos da imprensa, as mulheres do meretrício existiam apenas para satisfazer os desejos e os anseios dos homens (repete). Esta era uma visão masculina tratada com certa naturalidade nas páginas do periódico havendo grande probabilidade de ter sido construída conscientemente pelos editores do *Folha do Norte*.

Ainda na matéria “As filhas putativas da cidade”, a análise da zona do meretrício enquanto espaço de boemia é colocada pelo autor como uma das condições para se perceber determinadas redes de sociabilidade nas quais os vícios carnavais, as bebedeiras e outras formas de “orgias” imperavam. Todas as transgressões e desvios de conduta da sociedade são atribuídos às zonas boêmias representadas como espaços que abrigavam os tipos sociais ligados à vida desregrada, esta era expectativa colocada por uma imprensa que falava para uma sociedade que vivia da hipocrisia de descrever seus comportamentos de forma ordeira e civilizada em espaços de sociabilidade considerados padrão (escolas, igrejas, teatros, cinema, etc.), ocultando da narrativa que nos espaços de boemia do meretrício também eram encontradas pessoas que não eram identificadas como os sujeitos sociais considerados

indesejados, presenças estas que contrariavam a visão de que o meretrício era apenas lugar de marginais.

As “orgias boemias” também foram feitas por grupos não relacionados com os sujeitos sociais estigmatizados pela sociedade. No interior dos cabarés se verificava a presença de jovens estudantes universitários, poetas, médicos e até mesmo personalidades políticas que frequentavam o meretrício em busca de diversão e amor fácil. A presença destes diversos tipos de boêmios que circulavam pelo meretrício apenas reforça a ideia de que a zona era um espaço onde se desmanchavam as expressões de hipocrisia presentes nos discursos cotidianos, inclusive de seus frequentadores que ao saírem desses espaços voltavam a execrá-lo, negando-o e reforçando-o como espaço de desordem e marginalidade. Essa forma de pensar o meretrício foi bastante comum na mentalidade masculina nas diferentes décadas do século XX, era um lugar de confinamento para as meretrizes, porém, para eles era um lugar de diversão e de permissividade preparado para as práticas “ilícitas” do sexo fora do casamento.

A ideia do meretrício como espaço da zona consentida para a sexualidade é algo que vem de longa tradição. Na antiguidade, as piscinas e termas nas praças públicas romanas, assim como os lupanares, eram espaços nos quais a prática da prostituição foi razoavelmente aceita e consentida, inclusive com a cobrança de impostos às meretrizes. Na Idade Média esses espaços se modificaram e passaram a ser discriminados como “zonas de meretrício” ou “casas de mulheres”, espaços da cidade destinados, única e exclusivamente, para a prática da sexualidade proibida que, apesar das fortes restrições políticas e morais empregadas pela Igreja Católica, serviam como válvula de escape para a forte repressão à sexualidade e à moralidade daquela sociedade demasiadamente afinada com os princípios normativos e dogmáticos cristãos e católicos. Os espaços de boemia e prostituição se proliferaram nas cidades comerciais e nas cidades burguesas ao longo do processo de desenvolvimento da sociedade, sempre mantendo a zona do meretrício como espaço marginalizado²⁸⁶.

O jornal *Folha do Norte* também fazia alusão ao mundo antigo para justificar a inviabilidade de se fechar o meretrício pelas razões relacionadas ao mau comportamento de seus frequentadores. Afirmavam que, na Grécia antiga, Sólon, legislador ateniense, reconheceu na prostituição “uma profissão como outra qualquer”, inclusive adquirindo para o Estado um prédio para abrigar as prostitutas atenienses. Esta medida do legislador teria causado várias revoltas em alguns cidadãos, mas recebeu o consentimento de outros. Como forma de disciplinar os espaços, Sólon teria tabelado os preços para a cobrança de ingressos

²⁸⁶Sobre a história do meretrício e das práticas de sexualidade permitidas ou toleradas socialmente é importante ler: FOUCAULT, 1984, 9-45; MACEDO, 2013, p. 59-64.

nos prostíbulos estipulando a arrecadação de impostos que foram revestidos à indústria naval²⁸⁷.

Carlos Mendonça encerra sua matéria sobre “as filhas putativas da cidade” comparando a zona do meretrício a “um burgo indesejado” caracterizado por convivências fora dos padrões de sociabilidade pretendidos por parte da população da cidade:

Mas o burgo tem os dias contados. A decadência, a honra, o brio, a altivez e o decoro da Cidade não podem viver parede-e-meia com as quengas dos serralhos – prisioneiras involuntárias da sociedade envergonhada que as fez e as repele. Urge transferi-las para os chavascais e pântanos suburbanos, de onde não possam causar vexames nem deslustrar os forais de respeitabilidade da venerável e tricentenária Cidade. Até mesmo porque burgo é um lugar perigoso. Já assim era antevisto por Augusto dos Anjos: - Este lugar, moços do mundo, vede: / é o grande bebedouro coletivo / onde os bandalhos, como um gado vivo / todas as noites vêm matar a sede!

Mudem-se as mulheres de vida airada. A má sorte as persegue. Depois de tantos anos de tempo integral nem sequer podem usufruir as vantagens da garantia por tempo de serviço!...

Se adotaram a profissão mais antiga do mundo que vão exercê-la fora de portas²⁸⁸.

O jornalista não propõe que a prostituição seja extinta. Supondo que estas mulheres estão acostumadas com toda sorte de sofrimento, sua proposta para a solução do problema é a remoção destas para o subúrbio da cidade. O “quadrilátero do amor” representava um incômodo histórico para as famílias que moravam próximo a ele. Os relatos presentes nos jornais esclarecem que o incômodo dos moradores era provocado pelas exhibições excessivas de meretrizes bêbadas que saíam às ruas da zona a gritar palavrões e fazer gestos obscenos na tentativa de ganhar certos “michês”. Esse tipo de comportamento extravagante inibia a circulação de outras pessoas naqueles logradouros, bem como causavam desconforto às autoridades que viam no centro da cidade um mundo paralelo ao do padrão de civilidade cobrado nos planos urbanísticos das grandes cidades.

Na contramão da proposta do jornalista Carlos Mendonça, vimos anteriormente que a preocupação com a pulverização das meretrizes pelos subúrbios foi bastante frequente nas diversas matérias veiculadas nos jornais locais. Expunha-se que o deslocamento das meretrizes para outros lugares da cidade agravaria ainda mais a proliferação da prostituição,

²⁸⁷ “Meretrício I: Confinamento Problemas”. **Folha do Norte**. Belém, 15 de Fevereiro, 1º cad. p.17.

²⁸⁸ **Folha do Norte**, Belém, 6 de jan. 1970, p. 4.

uma vez que sem um lugar definido para praticar seus “programas”, elas se espalhariam pelos subúrbios levando “seus vícios” e “maus costumes”.

No debate posto em suas páginas, o jornal *Folha do Norte*, além de discutir qual seria a melhor solução para o problema do meretrício em Belém, mostrava para seu público leitor as diversas medidas que já haviam sido tomadas para solucionar este problema em outras cidades, justificando em suas matérias que o caso de remoção de meretrícios não era exclusividade da capital do Pará e que em várias outras cidades criara-se, inclusive, fóruns de discussão para resolver o problema. Questionando a medida de fechamento do meretrício, prevista para o dia 01 de abril de 1970, o jornal fazia a pergunta: “Para onde iriam as mulheres da zona?”, e respondia a própria pergunta citando o Senhor Claudomiro M. de Carvalho, “experiente policial paulistano”: “O Estado deveria mandar construir blocos residenciais para as prostitutas e, sob leis severas, obrigar as mulheres a limitar o seu comércio a determinadas áreas”, teoria essa apresentada pelo policial no II Congresso Nacional de Polícia realizado em São Paulo em 1965²⁸⁹.

Essa ideia segregacionista não foi aceita por todos os segmentos que discutiam a questão. O Delegado de Polícia João Anzaloni Neto, também da polícia de São Paulo, ia em direção contrária à ideia de construção de blocos residenciais exclusivos para prostitutas nas periferias, pois, segundo suas afirmações, “O prejudicado seria, inevitavelmente, o homem do subúrbio” para onde, certamente, convergiriam as atenções das “madames”, uma vez que as extinções das zonas de meretrício dos centros das cidades não extinguiriam as prostitutas. Outro problema apontado pelo delegado sobre a aplicação da segregação e do isolamento do meretrício seria a atração e a facilitação do “ajuntamento de ladrões pervertidos, traficantes, toxicômanos, débeis mentais e todas as classes, enfim, de homens que vivem à margem da sociedade²⁹⁰”.

Aprofundando o debate, o jornal apresentou as teses fundamentadas pelo “Serviço de Proteção a Mulher da Cidade de São Paulo” demonstrando que o caso não era tão simples de ser resolvido pela via da repressão proposta pelo Estado. Assim mostrava dez argumentos de inviabilidade da medida de remoção expondo os seguintes motivos:

- 1- O Código Penal Brasileiro proíbe o lenocínio e todas as formas de indução a prostituição. No caso, admitiu o SAM, o confinamento ordenado pela Polícia seria uma maneira de indução ao meretrício, tanto para a prostituta, como para o prostituidor; 2 – O Brasil assinou um tratado na Convenção Internacional para a Repressão ao Tráfico de Pessoal e de Lenocínio, realizada em 1958; 3 – Uma

²⁸⁹ **Folha do Norte**. Belém, 15 fev. 1970. p.17.

²⁹⁰ **Folha do Norte**. Belém, 15 fev. 1970. p.17.

Comissão Parlamentar de Investigações, da Assembleia Legislativa paulista, após prolongados estudos, concluiu definitivamente pelo não confinamento; 4 – A Organização Mundial de Saúde da ONU, condena em seus estatutos o controle médico-sanitário das prostitutas, por considera-lo ineficaz; 5 – A experiência mostra, em quase todas as estatísticas feitas, que o zoneamento só atinge dez por cento do número de prostitutas, geralmente as de nível mais baixo que ficam ainda mais marginalizadas; 6 – Não há a suposta “proteção a família”, como querem os moralistas, pois noventa por cento das mulheres continuarão sempre na prostituição clandestina; 7- As “zonas” protegidas e organizadas pelo Estado incentivaram a entrada de novas “vítimas” na prostituição, transformando-as assim, em prostitutas “fichadas” e marcadas para sempre perante a sociedade; 8 – As zonas de confinamento localizar-se-iam, irremediavelmente, em zonas operárias, cujos moradores, ficariam expostos aos focos de corrupção que se instalam em seu redor; 9 – É na zona segregada que a prostituição manifesta mais intensamente a atividade dos “exploradores”; 10 – Em todo o Brasil, a prostituição deve ser encarada como um problema social de subdesenvolvimento; não há causa única que a determine e, portanto, não são válidas soluções simplistas como a de confinamento ou simples fechamento de zonas já existentes²⁹¹.

As medidas de remoção sumária do meretrício para outro lugar da cidade e o confinamento do meretrício eram, portanto, refutadas nos argumentos utilizados pelo jornal que mostrava através de diversos argumentos e com vários exemplos que tal medida já nascera fadada ao insucesso. O (principal) argumento defendido era que não adiantava impor uma medida disciplinadora para realocar um grupo social indesejado em determinado espaço da cidade, pois isto não faria com que os problemas sociais, a exploração sexual e os motivadores da prostituição desaparecessem. Ressaltava-se que outros motivos precisavam ser discutidos, era necessário convergir para a mesa de debates as razões sociais que levavam diversas mulheres pobres à prostituição. Se o assunto era demasiado polêmico para chegar às páginas dos jornais no início dos anos setenta, era também muito delicado para adentrar nas casas de famílias que eram obrigadas a ler sobre um assunto que, inevitavelmente, chegou às residências sendo tratado em amplas vozes pela cidade.

Foram muitos os casos de tentativas de saneamento e remoção de Zonas de Meretrício pelo Brasil, todas, quase sempre, localizadas em regiões centrais de grandes cidades. Essas zonas colaboraram para engrossar os problemas sociais e de polícia, pois nelas eram acolhidas mulheres e meninas de diversas procedências que, por alguma razão específica, adentraram no mundo da prostituição. Famosas zonas pelo Brasil receberam das autoridades públicas o mesmo tipo de tratamento que era dado durante a Ditadura Civil e Militar às prostitutas do meretrício em Belém. Os exemplos da Boca do Lixo na área central de São Paulo e da Zona do Mangue no Rio de Janeiro podem ajudar a compreender o porquê de o jornal se posicionar criticamente sobre a questão do deslocamento ou fim do meretrício. A ineficácia dessas

²⁹¹ **Folha do Norte**. Belém, 15 fev. 1970. p.17.

medidas coercitivas nas duas cidades foi utilizada como exemplo pelo *Folha do Norte* para reforçar a tese da inviabilidade da medida em Belém.

Desta forma, o jornal mostrava que, em 1952, o então governador do estado de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez, sendo adepto da corrente que defendia a extinção sumária do meretrício, entendia que a única solução para se sanear os centros históricos de grandes cidades do flagelo da prostituição e dos prostíbulo seria a medida extremista de eliminação da prostituição através da expulsão das meretrizes para outras áreas. O então governador queria com essa medida radical eliminar a todo o custo a prostituição do centro de São Paulo.

Após o fechamento de 142 casas consideradas “sórdidas e fétidas”, o Governo paulista acabou colaborando para espalhar cerca de treze mil meretrizes consideradas “de baixa classe” pelas cidades bandeirantes, “mandando-as com sua ‘benção’ às ruas, para o ‘trottoir’ (‘trottoir’)²⁹²”. Esta solução provavelmente soou polêmica na cidade paulistana pela maneira como foi aplicada. O argumento da ineficácia de uma medida extremista em relação ao meretrício foi utilizado pelo jornal paraense para reforçar a ideia de que não valeria a pena o Estado executar tal medida e, para reforçar sua inclinação contrária ao fechamento, publicava o depoimento de um cronista policial:

Em consonância da campanha determinada pela Polícia estadual, têm refluído ao interior centenas de mulheres de vida irregular que foram praticamente expulsas da capital paulista. Elas são escoraçadas de cada lugar onde tentam fixar-se e em algumas cidades do interior, a perseguição é maior e mais feroz, porque as ordens da Secretaria de Segurança são irreversíveis. Para elas não está em vigor o dispositivo constitucional que assegura o direito à liberdade de locomoção. Afinal de contas é assim que se está “resolvendo” um problema que existe desde os tempos bíblicos. É preciso que se diga – “a teoria existe e sempre existirá até que o homem deixe de ser o que é”.²⁹³

E, continuando o debate, o *Folha do Norte* expôs a opinião de outro cronista paulistano que reforçava a crítica dizendo que o governo paulista empreendeu a campanha mais eficaz no sentido de expurgar “as pequeninas” da cidade de São Paulo, enfatizando que “as mulheres eram acoissadas, coibidas, coagidas e obrigadas a um despelo sumário²⁹⁴”. Obrigadas a passar por situações vexatórias e humilhantes, as prostitutas da zona de São Paulo “vendiam então seus pertences pelo menor preço que encontravam e eram obrigadas a assinar termos tão ilegais a ponto de lhes proibirem de andar nas ruas²⁹⁵”.

²⁹² *Folha do Norte*. Belém, 15 fev. 1970. p.17.

²⁹³ *Folha do Norte*. Belém 15 fev. 1970. p.17.

²⁹⁴ *Folha do Norte*. Belém 15 fev. 1970. p.18.

²⁹⁵ *Folha do Norte*. Belém 15 fev. 1970. p.17.

A medida radical do Governo de São Paulo provocou o fechamento do meretrício neste estado, mas, depois de alguns meses, o próprio governo acabou admitindo o fracasso de sua ação revogando a ata que determinava o fechamento das casas de tolerância. Apesar da medida revogatória empreendida pelo governo paulista não foi possível se evitar que milhares de prostitutas migrassem para outros bairros da cidade considerados como bairros familiares. Segundo a crítica jornalística, nesses bairros, as meretrizes chegaram “alugando apartamentos em condomínios particulares, transformando em verdadeiro ‘inferninho’ o centro da cidade e adotando como forma de ‘trottoir’ as principais ruas paulistanas na esperança de conseguir fregueses para o seu comércio²⁹⁶”.

A argumentação colocada nas páginas do *Folha do Norte* acerca das medidas repressivas realizadas pelo governo do estado de São Paulo – como forma de sensibilizar a opinião pública para a provável ineficácia da medida de fechamento do meretrício em Belém – parecia não ser suficiente e, reforçando a sua agora aberta batalha na defesa da permanência do meretrício no centro da cidade, usava, também, o exemplo da cidade do Rio de Janeiro reiterando que a campanha de fechamento da zona boêmia necessitava de uma análise técnica mais detalhada e de um debate acerca das condições sociais daquelas mulheres.

A “República do Mangue”, como ficou conhecida essa zona de meretrício da área central do Rio de Janeiro entre as décadas de 1940 e 1970, representou uma das maiores tentativas em nível nacional de se disciplinar a prostituição através da criação de uma área específica para a prática da prostituição. Durante toda a sua existência, essa região da cidade ficou sob os auspícios do Estado através de medidas controladoras de caráter coercitivo, disciplinar, higiênico e médico. É importante considerar que grande parte das zonas de prostituição do Brasil desse período passava pela inspeção dos órgãos de saúde pública que, além do controle sanitário, fichava as mulheres que entravam para o meretrício, sendo esta uma forma de estigmatizar e normatizar a instituição da prostituição através do discurso médico, como já foi dito anteriormente²⁹⁷.

No Rio de Janeiro, o Governo Estadual também desenvolveu uma campanha contra a prostituição na década de 1940. O responsável pela operação foi o General Etchegoyen que, tempos depois, admitiu ser “impraticável a medida exigida pelo Governo”. Nesta operação, os policiais subordinados ao General se utilizaram da força coercitiva e da violência para retirar

²⁹⁶ **Folha do Norte**. Belém, 15 fev. 1970. p.17.

²⁹⁷ LEITE, 2005. p. 37-45

as meretrizes da “Zona do Manguê”, oitenta casas foram fechadas e mais de setecentos quartinhos de cômodos foram derrubados pela repressão policial²⁹⁸.

Os exemplos de São Paulo e do Rio de Janeiro foram acrescentados nas matérias sobre o meretrício no jornal *Folha do Norte* como forma de sensibilizar a opinião pública contra o empenho excessivo que o Governo do Estado dedicava ao intento de remover as meretrizes do centro velho de Belém. Todos os argumentos utilizados pelo jornal pareciam ser pertinentes no que diz respeito à inviabilidade da medida repressora. Porém, é importante frisar que outros jornais da cidade não foram tão a fundo na questão do meretrício. Esse é um dado que atiza a curiosidade de saber os motivos que levaram os redatores do jornal *Folha do Norte* a empreenderem tamanha atenção ao tema.

Quando o assunto descambava para o teor ético e moral de consentimento e proibição do funcionamento dos cabarés da zona do meretrício, o jornal *Folha do Norte* procurou a princípio condenar a prática da prostituição e da boemia desregrada existente no meretrício, mas se colocava ao mesmo tempo reticente ao fechamento sumário dos espaços de entretenimento da área central, posicionando-se contra medidas extremistas do Estado. É possível que outras relações estivessem por trás da polêmica provocada pelo jornal, uma vez que este não era o único veículo de imprensa paraense, porém, era o mais aguerrido nas discussões concernentes ao que o próprio jornal denominou de “o caso meretrício”.

Após a análise do conjunto de matérias e de falas expostas no periódico, percebemos que ele passa de uma tímida defesa inicial para o papel de porta-voz das meretrizes em Belém, gerando críticas contundentes e fundamentadas à ação impositiva do Estado. Mas por que a inclinação aparentemente protetora do jornal às prostitutas? Esta é uma resposta difícil de dar, porém, algumas pistas podem nos oferecer explicações razoáveis acerca do posicionamento do jornal e de suas inclinações contrárias ao fechamento da zona do meretrício. Para isso, precisaremos fazer uma digressão aos anos quarenta, visitando outros tipos de documentação que podem elucidar esta questão.

3.2- *Folha do Norte* e a repressão à boemia.

Minha análise acerca do papel da imprensa nas ações de fechamento do meretrício diz respeito principalmente aos discursos produzidos nos jornais. Muito pode ser sugerido a partir das leituras dos textos aqui apresentados. Há indícios de que muitos desses jornalistas que

²⁹⁸ **Folha do Norte.** Belém, 15 fev.1970 p.17.

trabalhavam nas redações de importantes jornais de Belém também eram frequentadores assíduos dos cabarés suburbanos e da zona do meretrício.

Carlos Queiroz, jornalista e colunista social, afirmou em vários jornais da cidade que era comum a presença de jornalistas nos espaços boêmios de Belém, acrescentando que “essas pensões eram chamadas de ‘escolinhas’” e “muitos jornalistas frequentavam as pensões em busca de mulheres e bebida. Alguns diziam que estavam fazendo um ‘extra’ no jornal, enquanto se divertiam nas ‘escolinhas’²⁹⁹”.

Além de referendar sua participação na vida boemia da cidade, o jornalista ainda citava nomes de colegas acrescentando que “em meio aos jornalistas mais boêmios que conheci estavam o Guálter Loyola, do *Folha do Norte*; Álvaro Jorge e Paulo Carvalho³⁰⁰”. Seu depoimento apresentado em uma entrevista sobre os anos de boemia no bairro da Condor, ajuda-nos a compreender as inclinações desses profissionais acerca dos possíveis discursos em defesa ao meretrício, publicados nos jornais da cidade³⁰¹.

A vinculação de jornalistas com a vida boemia da cidade não parece ser uma novidade nos estudos sobre a imprensa no Brasil. As visitas constantes de profissionais da imprensa aos espaços boêmios, bem como aos espaços policiais, foram muito utilizadas para a criação de crônicas jornalísticas que expressavam as visões sociais que esses homens de imprensa estabeleciam acerca dos espaços boêmios da cidade.

É provável que as matérias publicadas no *Folha do Norte* tenham sido pensadas a partir das diversas experiências vividas por jornalistas no interior de cabarés e gafieiras de Belém. A maneira como os articulistas trataram as questões relacionadas ao confinamento das prostitutas, bem como as interpretações, críticas, sugestões e alternativas dadas acerca do meretrício, podem ser pensadas como produção de discursos feitos por pessoas que tinham propriedade sobre o assunto e que conheciam bem o espaço social analisado, como sugere a reportagem:

Já houve quem perguntasse se a imprensa de um modo geral está tirando proveito com a campanha que vem desenvolvendo em favor da permanência das prostitutas na conhecida “Zona Boêmia da cidade”. Não é que a imprensa esteja obtendo algum lucro com isso, mas a grita é grande porque talvez ninguém melhor que os homens de imprensa conhecem os problemas e as dificuldades dessas mulheres que inadvertidamente caem ou propositalmente se jogam na chamada “vida fácil”³⁰².

²⁹⁹ Depoimento de Carlos Queiroz. QUEIROZ, Carlos. *Apud*. LAREDO, **Palácio dos Bares**, 2003, p. 245-248.

³⁰⁰ LAREDO, 2003, p. 245-248.

³⁰¹ LAREDO, 2003, p. 245-248.

³⁰² MENDES, José. “Ineficácia da Medida”. Série Meretrício V. **Folha do Norte**, Belém, 22 mar. 1970, p. 8.

O reconhecimento dos jornalistas de que havia uma dedicação especial do *Folha do Norte* quanto à defesa e permanência do meretrício permite se pensar que a relação dos profissionais da imprensa com a “zona” ia além dos interesses meramente jornalísticos de cobrir os acontecimentos relacionados ao seu fechamento. O envolvimento direto era evidente, mesmo que as justificativas para tal envolvimento viessem revestidas do argumento de conhecimento profissional pelo fato deste jornal participar do cotidiano do meretrício por cobrirem as reportagens policiais ou aquelas que tratavam das questões sociais e dos costumes.

Outro aspecto que não pode ser desprezado é o perfil editorial do *Folha do Norte*. Como havíamos enfatizado no tópico anterior, todos os jornais da cidade publicaram matérias falando das operações de controle, coerção e repressão aos espaços boêmios de Belém. No entanto, ao analisar as diversas edições publicadas entre meados de 1969 até o final de 1971, percebi que há uma quantidade muito maior de publicações do *Folha do Norte* acerca do tema se comparado com os demais jornais da cidade. Jornais como *A Província do Pará*, *O Estado do Pará* e *O Liberal* se limitaram a cobrir apenas os fatos relacionados ao fechamento do meretrício, não detalhando o tema para o público leitor. Chama a atenção nas matérias publicadas no *Folha do Norte* a recorrente crítica feita à medida do governo, sempre referendada por argumentos que demonstravam a ineficácia da medida oficial. Críticas que eram bastante sutis, talvez para não atraírem o olhar censor do Estado, pois se tratava de um dos momentos mais rigorosos do Regime Civil e Militar.

A análise de dois processos criminais de 1944 parece elucidar a existência do vínculo de algumas pessoas ligadas ao jornal com o meretrício da cidade. Começo com uma breve história que apresenta um desfecho bastante interessante: numa tarde do dia 31 de julho de 1944, a jovem solteira de 24 anos, Ana Maria Araújo, doméstica, saiu de sua casa em direção ao cais do porto para encontrar Clodoaldo Viana Malheiros, homem de 30 anos, casado, que trabalhava no porto como estivador e com quem Ana Maria mantinha relações amorosas desde os tempos em que Clodoaldo era solteiro. Na ocasião agendaram outro encontro, sendo este de caráter íntimo, marcado para o final da tarde do dia seguinte no “*rendez-vous*”, localizado na casa de número 40, da Rua 1º de Março, esquina com a Rua Gaspar Viana, na região do Meretrício, casa essa pertencente à Maria Viana, uma cearense de 51 anos que há 32 anos vivia em Belém praticando o meretrício. Como combinado, às 18 horas do dia 01 de agosto, o casal se encontrou e alugou um quarto na casa de cômodos. Porém, o que ambos não esperavam era a surpresa de no momento em que estavam no interior da casa uma diligência

policial desse o flagrante no casal, prendendo-os juntamente com a dona do estabelecimento sob a acusação de prática do crime de lenocínio³⁰³.

No depoimento dado por ambos na Central de Polícia – sob o constrangimento de ter que declarar a relação amorosa adultera, pormenorizando as diversas relações sexuais que praticaram –, o casal foi obrigado a admitir que se encontrava fazendo bastante tempo e que por duas vezes, depois do casamento de Clodoaldo, estiveram na casa de Maria Viana, pagando dez cruzeiros pelo uso do quarto de cômodo³⁰⁴. Prática habitual naquela área da cidade, Maria Viana costumava receber, além das meretrizes, pessoas que iam aqueles lugares para encontros amorosos nos *rendez vous* do meretrício.

Em depoimento, a dona do estabelecimento não negou que o casal estava em seu estabelecimento e, com palavras muito mais incisivas, Maria Viana declarou que era sabido de todos a existência daquelas casas de cômodos na área central, denominadas de *chatú* no jargão policial, sendo vários os fregueses boêmios que para lá se dirigiam em busca de meretrizes ou em busca de alguma aventura com outras damas convidadas. Não poupando delações, Maria Viana informou ao escrivão que dentre os vários boêmios frequentadores de sua casa estava o Sr. Dr. Paulo Maranhão Filho, médico da Saúde Pública que já havia servido na Polícia Sanitária daquele Departamento dirigido na época da prisão de Maria Viana por Moacir Valmont, Secretário de Saúde do então Governador José Malcher³⁰⁵. Paulo Maranhão Filho teria sido o responsável, quando Delegado da Secretaria Sanitária, pela assinatura de interdição de várias casas de cômodos situadas na zona do meretrício, incluindo a casa de Maria Viana. Meses antes, ao saber do lacre de interdição de sua casa pela Polícia Sanitária, Maria Viana procurou Paulo Maranhão Filho, responsável pela operação, interpelando-lhe sobre a medida, uma vez que ele era frequentador da casa. No depoimento, Maria Viana diz que no momento que esteve com Paulo Maranhão Filho na Secretaria de Saúde Pública do Estado, ele lhe tranquilizou dizendo que a casa dela receberia um prazo de trinta dias de ressalva e que, em troca da ressalva, Paulo Maranhão Filho iria usufruir do direito de frequentar os quartos da casa de cômodos sem pagar por isso.

O depoimento de Maria Viana, provavelmente colhido sobre forte indignação, foi carregado de denúncias contra o então encarregado pela política de controle da Saúde Pública.

³⁰³ Centro de Memória da Universidade Federal do Pará. Processo 5ª vara Penal: Casa de Prostituição. Art. 229. Departamento De Segurança Pública. Ago./Mar. 1944-45.

³⁰⁴ Centro de Memória, 1944-45.

³⁰⁵ Foi advogado e um dos fundadores do Partido Liberal no estado do Pará, interventor federal por uma coligação de oposição a Magalhães Barata foi nomeado por indicação do presidente da República Getúlio Vargas, no período de 24/11/37 a 25/01/43. Ver: ROCQUE, Carlos. **A Formação Revolucionária do Tenente Barata**. Belém. Fundação Romulo Maiorana, 1983.

Em sua fala ao Delegado de plantão, Maria Viana afirmava que Paulo Maranhão Filho, além de frequentar seu estabelecimento sem pagar, levava “mulheres livres” para com elas “ter um lugar propício aos seus instintos”, afrouxando, portanto, na vigilância da interdição da casa.

Certamente, Maria Viana não era ingênua ao delatar o ex-Diretor da Polícia de Saúde Pública, sabia que com essa estratégia tencionaria a rede de forças políticas existentes por trás do mundo da prostituição, pois muitos dos homens públicos da cidade frequentavam aquela área de meretrício e, pela frequência com que iam a esses lugares, faziam “vistas grossas” as medidas restritivas de caráter sanitário, policial ou mesmo de assistência social. Paulo Maranhão Filho, ao ser chamado para depor, foi enfático em dizer que de fato, enquanto esteve à frente daquela secretaria, interditou algumas casas da zona de meretrício, mas não sabia identificar precisamente quais as casas interditadas, reiterando ainda que desconhecia por completo a pessoa de Maria Viana³⁰⁶.

Paulo Maranhão Filho, além de médico de renome na cidade e de ter ocupado o cargo supracitado, era filho e herdeiro de Paulo Maranhão, jornalista e literato, um dos donos e acionista majoritário do Jornal *Folha do Norte* que era um dos principais veículos de comunicação da região e principal jornal oposicionista ao governo de Magalhães Barata³⁰⁷, Governador que assumiu o Poder Executivo do Estado após o fim do mandato de José da Gama Malcher. As disputas políticas naquele momento representavam uma extensão das rivalidades políticas iniciadas durante a Primeira República no Pará e tinham nos órgãos de imprensa seus principais interlocutores³⁰⁸. As rusgas políticas reverberaram nas páginas dos jornais de oposição, assim como serviram de substrato informativo para apimentar as denúncias de escândalos envolvendo um grupo ou outro que se revezava no poder. Neste sentido, é importante perceber que o jornal dirigido pela família Maranhão ocupou o espaço de principal veículo de oposição ao Governo Barata, sendo essa característica estendida para as décadas posteriores.

Haroldo Maranhão, neto de Paulo Maranhão, aponta as contendas familiares e políticas ocorridas na sua linhagem narrando em sua obra literária *Rios de Raivas*, episódios ocorridos entre os “dois coronéis da província”, criando os pseudônimos de “Cagarraios Palácio” para referir-se a Magalhães Barata e “Palma Cavalão” para fazer referência a Paulo

³⁰⁶Centro de Memória 1944-45.

³⁰⁷Joaquim de Magalhães Cardoso Barata foi um dos maiores nomes da história política do estado do Pará no século XX. Exercendo uma forma de governar populista, Magalhães Barata governou o Pará por três vezes, de novembro de 1930 a abril de 1934; de 20 de fevereiro de 1943 a 29 de outubro de 1945; e de 10 de junho de 1956 a 29 de maio de 1959. Sobre sua carreira política é importante. ROCQUE, Carlos. 1983.

³⁰⁸ Sobre a atuação do *Folha do Norte* nas disputas políticas durante a Primeira República ver COIMBRA, 2014. Especialmente o capítulo I. p. 34-115.

Maranhão diretor do “Jornal Folharal”, alusão feita ao *Folha do Norte*. Nesta obra, Haroldo Maranhão traça vários registros memorialísticos de sua infância, criando pseudônimos para diversos outros personagens da cidade, inclusive para os filhos de Paulo Maranhão, alcunhados na obra como “Mimi”, “Élder” e “Cauby Cavalão”. O uso de metáforas e pseudônimos para falar dos imbróglis políticos da época e da rivalidade entre Maranhão e Barata, bem como do cotidiano na redação do jornal, foi o artifício utilizado pelo autor para mostrar as rusgas políticas e o frequente ambiente de disputas, como se lê abaixo:

Élder Carvaló entrou no gabinete do pai com as tiras na mão, possuído de raiva para despejar sobre a mesa do encurvado corsário, inimigo de morte do coronel Cagarraios Palácio, a cidade pequena para os dois, mas onde cabiam, atirando-se e dividindo a opinião pública. [...] Palma Cavalão rosou e entreabriu os beijos, sinal de riso. [...] Élder Carvaló temia o pai como todos temiam, salvo raríssimos que o enfrentava, amigos do coronel Cagarraios Palácio. Porém tímida ou nula era a reação contra a ação devastadora. Palma Cavalão era um rei também, reinado de dois reis, que o que mais ambicionavam era destruir o outro em pedaços³⁰⁹.

Ao morrer no final da década de 1940, o patriarca da família Maranhão deixou como acionista herdeiro majoritário seu filho mais velho João Maranhão que assumiu o veículo de comunicação “com mãos de ferro” até 1971, quando o comando do jornal foi repassado para as mãos dos irmãos Clóvis Maranhão e Paulo Maranhão Filho, acionistas que tiveram pouca atuação à frente do jornal enquanto o filho primogênito ocupou a presidência deste. Antes disso, Paulo Maranhão Filho tinha pouco envolvimento com o jornal, limitado, segundo Lucio Flávio Pinto, pelo autoritarismo centralizador de Paulo Maranhão que não permitia, com exceção de João Maranhão, que os demais filhos assumissem cargos estratégicos no jornal, talvez pelo “estilo de vida fanfarrão dos demais filhos”³¹⁰. Em outro trecho da obra literária, Haroldo Maranhão mostra o caráter boêmio de um dos filhos de Palma Cavalão, falando das aventuras boêmias de Cauby Cavalão nas andanças pelo bar do Pará Clube na companhia de amigos e acompanhantes femininas, provavelmente meretrizes que participavam das rodas boêmias:

Nas sextas-feiras, o grupo saía direto do “Barbinha” para o Pará Clube. “O Pará Clube tem um calor de útero! Gabava-se Saint-Pierre. Ele sentia-se na própria casa. Os empregados o acatavam como se fosse da diretoria. Dava ordens, mandava mudar mesas de lugar, falava baixo, mas sempre o escutavam. Sua mesa era cativa a mais frequentada. Juntavam-se a ela, duas, três, às vezes quatro mesas. Foi com rompage de campeão que Saint-Pierre introduziu naquela tarde o casal Fantoni no Pará Clube, desde sua fundação. Um silêncio se fez quando a italiana como se desfilasse entrou no antro de bêbados. “É hoje!” previu Cauby Cavalão

³⁰⁹ MARANHÃO, Haroldo. **Rios de Raivas**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1987, p. 31-32.

³¹⁰ PINTO, Lúcio Flávio. “A Implosão da Folha”. **Jornal Pessoal**, 1 set. 2012, p.1.

piscando para “Disco Voador”, sozinho na sua mesa como a garrafa de *White Horse* quase cheia³¹¹.

A descrição das rodas boêmias no Pará Clube dá indícios do estilo de vida de alguns dos herdeiros de Paulo Maranhão. É provável que Paulo Maranhão Filho tenha servido de inspiração para o autor de *Rios de Raivas* criar personagens fanfarrões e boêmios como Cauby Cavalão.

É importante ratificar a vinculação familiar de Paulo Maranhão Filho com o *Folha do Norte*. Esta informação nos dá pistas que podem, em certa medida, justificar a postura de alguns jornalistas vinculados à empresa no momento das ações repressoras contra o meretrício em 1970. A vinculação do médico Paulo Maranhão Filho ao jornal *Folha do Norte* provavelmente colaborou para que muitos de seus “casos policiais”, na década de 1940, não fossem relatados por este jornal, mesmo a despeito da má fama que o médico de 43 anos de idade, na época das denúncias, adquiriu no meio policial e no meretrício da cidade. Sua conduta fanfarronada nos lugares de meretrício e nas delegacias de polícia era relacionada a um homem frívolo que constantemente estava envolvido com prostitutas do meretrício. Em outro processo arrolado contra Paulo Maranhão Filho, meses antes da delação de Maria Viana, ele foi acusado de fazer de sua própria residência um *rendez vous*, onde dezenas de mulheres iam ter consigo “práticas sexuais em troca de vinte ou trinta cruzeiros”. No processo constam depoimentos de diversas testemunhas que relataram as inclinações libidinosas e de prática do lenocínio pelo médico. As acusações de flagrantes de encontros com prostitutas foram constantes. O documento abaixo apresenta uma interpretação acerca do comportamento do médico, justificando a fama que ele adquiriu no meio policial como cidadão excêntrico e concupiscente. O depoimento do funcionário público Manoel Almir Esteves, uma das testemunhas ouvidas no processo contra Paulo Maranhão Filho, afirmava que:

Quando exercia as funções de investigador certa noite, que não recorda a data nem o mês, parecendo ser em 1942, viu um casal, ele baixo e gordo, vestido de preto, e ela, ainda nova, aparentando ter uns dezoito anos, isto cerca de uma hora da madrugada, quando regressava do seu serviço na 4ª turma; que o dito casal, entrou pela Rua Rui Barbosa, vindo da São Jerônimo, e ao chegarem ao meio do quarteirão no oitão da casa numero 281 da Estrada de Nazaré, ingressaram num portão que existe no muro junto ao dito oitão; que o depoente como policial, procurou averiguar se não se tratava de assaltarem a dita casa; que, para isso, também ingressou no dito portão que estava encostado; que com o auxílio da lanterna que conduzia, procurou localizar o casal; que, de fato, num dos quartos da casa, surpreendeu o homem [...] que, assim surpreendido o citado homem, perguntou o que o depoente queria em sua casa, pois ele ali morava, e chamava-se PAULO MARANHÃO FILHO, conforme provou com um documento que apresentou ao depoente; que, o depoente lhe fez ver

³¹¹ MARANHÃO, 1987, p. 45-46.

que na qualidade policial isso o permitia fazer, pois, como disse, pensava tratar-se de ladrões; que, antes o depoente ao flagrar o fato relatado tinha dado voz de prisão a PAULO MARANHÃO FILHO, mas ao saber de quem se tratava, por ser sua a política atual, cujo interventor era o doutor José Malcher, limitou-se a dizer que iria averiguar se de fato ele (PAULO MARANHÃO FILHO), morava na casa em que se achava; que, com isso retirou-se e na mesma manhã, certificou-se que PAULO MARANHÃO FILHO, de fato morava ali, conforme declarava e acrescentara que ali era seu “rendez-vous”; que, temendo as perseguições políticas do momento, deixou o caso no que estava.

É importante considerar que no momento do depoimento do policial Manoel Esteves, em 1944, o médico não mais ocupava o cargo de Delegado de Saúde Pública, sua ação política nessa Secretaria havia se encerrado juntamente com o fim da gestão do Governador José da Gama Malcher, em 25 de janeiro de 1943. Pelo o que é colhido nos depoimentos das várias testemunhas arroladas no processo contra Paulo Maranhão Filho, fica a evidência de que muitos desses depoentes, a maioria de servidores públicos ligados à polícia, apresentavam em suas falas um caráter de revanchismo político, pois muitos declararam que ficaram acuados de denunciar Paulo Maranhão Filho na época em que ocupava o cargo executivo por conta de seus apadrinhamentos políticos à época. Quando Magalhães Barata, maior opositor da família Maranhão, retornou ao poder em 1943, as perseguições políticas à família dos donos do *Folha do Norte* foram constantes.

Apesar de ser importante atentarmos para as relações existentes entre os agentes da imprensa, o mundo da política e a vida boêmia e noturna de Belém, uma vez que as posturas e comportamentos de pessoas como Paulo Maranhão Filho foram utilizados como pretexto para as perseguições políticas entre famílias que gravitavam no poder, quer sejam na imprensa, quer sejam nos altos cargos executivos do Estado, as diversas acusações a Paulo Maranhão Filho corroboram para afirmarmos que o depoimento de Maria Viana não era apenas um depoimento de revanche que tinha como objetivo dar o troco ao médico em função da sua apreensão e da constrangedora detenção de seus clientes. Estas acusações podem nos ajudar a compreender, também, em qual universo estava envolto o médico renomado e suas fortes inclinações à vida no meretrício, bem como possibilita inferirmos que as querelas políticas foram corriqueiramente utilizadas por opositores para assinalarem a presença de políticos ilustres, sempre presentes no mundo da boemia. Cabe analisarmos os diversos depoimentos que cotejados entre si e comparados com as provas colocadas nos autos policiais, colaboram para fazermos a análise dos discursos produzidos pelo *Folha do Norte* no que diz respeito às questões do meretrício.

Apesar de negar seu envolvimento com meretrizes, Paulo Maranhão admitia o recebimento em sua casa de mulheres de várias estirpes para fins de consulta médica, fato que

foi negado por todas as mulheres depoentes no processo, bem como pelos demais testemunhos. Para algumas meretrizes, por exemplo, Paulo Maranhão se tratava de um “tipo exótico” que procurava realizar determinadas satisfações sexuais olhando “prostitutas fazerem uma libidinagem conhecida pelo nome de ‘sabão’ que consiste na esfregação de duas mulheres, completamente nuas³¹²”. Os diferentes depoimentos que ratificavam a imagem de devasso de Paulo Maranhão mostram a íntima relação dele com a boemia desregrada de Belém dos anos quarenta.

Esses e outros depoimentos ajudam a entender a produção dos discursos apresentados pela imprensa sobre a vida boêmia da cidade. As falas postas pelos articulistas nos periódicos na década de 1970 representavam variadas ideias que foram usadas para legitimar determinadas posições de poder. Elas podem também ter sido usadas como argumento para resguardar a imagem de determinados homens públicos envolvidos com o meretrício, como era o caso de Paulo Maranhão Filho.

O médico Paulo Maranhão Filho possuía forte influência no meio social e político do Pará, pois foi, além das funções supracitadas, membro honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e também diretor do jornal *Folha do Norte*. Este jornal abriu falência em 1971, poucos meses após Paulo Maranhão Filho ter assumido sua direção. Neste momento, o jornal dava indícios de que estava em plena campanha de crítica ao Governador Alacid Nunes pela atuação repressora aos prostíbulos e espaços boêmios de Belém no início da década de 1970. Essas vinculações sociais do médico podem ser a chave para compreendermos os discursos do jornal no que diz respeito ao meretrício.

É bem provável que as reverberações das questões políticas que levaram às operações de fechamento do meretrício tenham influenciado na opinião dos articulistas do *Folha do Norte*, provocando o posicionamento crítico em relação a esta medida autoritária da Ditadura Civil e Militar. O fato de o jornal ter à sua frente na época da “Operação Meretrício” um diretor que, pelo menos no passado, teve fortes relações com a zona boêmia da cidade talvez tenha contribuído para o posicionamento do periódico em relação à crítica a repressão. Esse fio condutor que liga o jornal ao passado libertino, porém oculto, de Paulo Maranhão Filho e as fundamentadas matérias, sequencialmente publicadas no *Folha do Norte*, merece atenção especial, pois estas matérias ajudam a elucidar diversas realidades vividas pelas prostitutas do meretrício, sendo de fundamental importância para compreendermos também de que maneira

³¹²Centro de Memória 1944-45.

a prostituição era pensada pelos segmentos intelectuais que se comprometiam em representar as prostitutas.

A partir de agora, analisarei os acontecimentos que antecederam e que marcaram o fechamento desta “zona do amor” em 1970, bem como os pontos de vista e posicionamentos expostos nos periódicos da Belém no momento da organização desta ação.

3.3 - A “Operação Meretrício”

A alegria exuberante de um merengue não consegue esconder o fato de ser o último dia da Zona do Meretrício. O salão vazio rebate violentamente o som da eletrola e as poucas pessoas que o ouvem, estão mais preocupadas com o dia seguinte, quando virão os policiais no cumprimento da ordem que, se antes parecia um sonho distante, chegou de repente com o fim do mês de março: a velha instituição, que bem ou mal serviu a Belém por várias décadas, terá que desaparecer³¹³.

A narrativa fatalista que trazia como manchete o título “A última noite da zona boêmia” poderia ser um conto ou uma pegadinha de dia da mentira endereçada a todos os boêmios de Belém no dia 1º de abril de 1970. No entanto, a notícia estampada no noticiário de *A Província do Pará* trazia consigo toda a carga dramática de uma narrativa que fazia daquela quarta-feira um dia acinzentado para as meretrizes e para parte dos cidadãos que frequentavam aqueles espaços de diversão, de mulheres e de bebedeira. A efetivação da “Operação Meretrício”, que há vários meses era arquitetada pela Secretaria de Segurança Pública do Estado, botou fim na esperança daqueles que não acreditavam que uma medida tão polêmica e repressora pudesse realmente ser aplicada a uma zona da cidade que, como anuncia a matéria, há décadas estava naquela área provocando movimentação boêmia, circulação de pessoas e diversos níveis de sociabilidade entre os frequentadores dos mais diferentes estratos sociais. A zona do meretrício representava para Belém o “lugar alegre” onde prostitutas e os mais diversos tipos de homens da cidade buscavam as noites de bebedeira, o “sexo mercantilizado”, os boleros e merengues, a jogatina em cassinos clandestinos ou, simplesmente, a apreciação de um show em alguma boate com garotas fazendo *streep tease*.

Se o “lugar” significa para a cidade o espaço das relações sociais onde as pessoas convivem e se aproximam, podemos assegurar que a zona do meretrício era o *locus* privilegiado de boêmios da cidade desde finais do século XIX, um espaço marcado por

³¹³“Só o tempo dirá se a medida foi mesmo acertada”. *A Província do Pará*, Belém, 01 abr. 1970, 2º cad. p. 4.

identidades culturais, por regras de convivências, por valores, por códigos estabelecidos entre os pares de boemia, por representações e, acima de tudo, pela materialização de determinadas práticas sociais só consentidas naquela área da cidade³¹⁴.

Cabe analisarmos a materialização da medida repressora desferida pelo Estado e o seu impacto imediato na dinâmica de vida da sociedade belenense que de alguma forma vivia e consumia essa área da cidade. Esta medida ganhou proporções avassaladoras para muitas pessoas que viviam diretamente das relações criadas dentro do meretrício e teve ressonância tanto na dinâmica da vida econômica e social como na psicológica, principalmente para as mais de duas mil mulheres que viviam no e do meretrício³¹⁵. A apresentação dos fatos nos guiará para o universo das tensões sociais vivenciadas no início dos anos setenta, atentando, inicialmente, para as primeiras discussões de planejamento das operações governamentais.

No dia 19 de agosto de 1969, tomou posse no pátio do Palácio do Governo do Estado do Pará o novo Secretário de Segurança Pública, Major Antônio Calvis Moreira, que ficaria no cargo até 15 de março de 1971. Juntamente com ele, assumiu como Delegado de Costumes o Bacharel Luiz Augusto Paes. Esses dois nomes tiveram papel fundamental nas políticas repressivas à boemia e à prostituição, como veremos nas páginas a seguir.

Após a sua posse, Calvis Moreira apresentou um pacote de medidas estabelecendo mudanças radicais na política de segurança pública do Estado. Dentre elas, destacava-se o controle da vida boêmia em Belém, o combate à prostituição, bem como um conjunto de medidas pensadas para dar cabo ao processo de remoção do meretrício do centro da cidade, e o controle e fechamento dos cabarés e boates dispersos pelas periferias, ações colocadas como prioridades de sua gestão.

Vale ressaltar, no que diz respeito à campanha de expulsão das meretrizes do bairro da Campina, que o Governo Militar apresentava algumas justificativas para a realização das ações estatais. Dentre elas, como já foi dito anteriormente, estavam as questões de ordem moral que anunciavam aquela zona da cidade como um “péssimo exemplo” para as famílias que moravam naquela área. No entanto, o motivo principal, menos explicitado nos jornais,

³¹⁴Para uma análise mais detalhada acerca das definições de lugar tomo como base Ana Fani quando relaciona, as singularidades e as condições históricas identificadas por determinado grupo social com o lugar onde vivenciam seus processos de convivência coletiva, compartilhando experiências comuns aos indivíduos que se relacionam em um mesmo espaço: “O lugar é a base de reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar (...) ele permite pensar a articulação do local com o espaço urbano que se manifesta como horizonte. É a partir daí que se descerra a perspectiva da análise do lugar na medida em que o processo de produção do espaço é também um processo de reprodução da vida humana (...) o lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço. Ao mesmo tempo posto que preenchido por múltiplas coações, expõe as pressões que se exercem em todos os níveis”: CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo. Ed. Hucitec. 1996 p.19-20

³¹⁵Sobre os dados estatísticos do meretrício, ver o tópico 1.3 do capítulo 1.

mas bastante elucidativo para se compreender a questão, diz respeito à grande especulação imobiliária no local. Luis Saraiva aponta que aquela área da cidade foi objeto de cobiças por parte do Estado, assim como de setores imobiliários interessados em antigos sobrados ali existentes. O referido autor afirma que “com a saída das prostitutas do local, este rapidamente iria adquirir um aumento de valor no mercado imobiliário e o próprio governo poderia comprar as velhas e decadentes pensões por preços diminutos³¹⁶”, ação que ocorreu de apenas de forma parcial.

Outro fator que colaborou sobremaneira para a expulsão das meretrizes da Campina está relacionado ao ambiente de fortes vigilâncias e controle dos governos militares àquela área. Diversas casas de pensão do meretrício e o próprio *Bar do Parque*, que se localizava muito próximo do “quadrilátero”, eram vistos pelos militares como lugares de reunião de subversivos, sendo necessário o combate aguerrido das autoridades locais para se pôr fim a esses espaços de reunião e supostos complôs contra o governo³¹⁷.

Para a realização das operações de fechamento do meretrício, as autoridades governamentais do Estado do Pará utilizaram o pessoal de diversas repartições congregando a Secretaria de Segurança Pública, a Polícia Militar, a Secretaria de Saúde Pública, a Delegacia de Costumes, a Delegacia de Menores, a Delegacia de Narcóticos, além de setores organizados da sociedade civil como a Fundação do Bem Estar Social, Rotary Club e Câmara Junior³¹⁸. Todas essas instituições se empenharam nas ações de planejamento da operação no afã de pôr um fim ao que era considerado pelos membros dessas instituições: “um atentado a ordem pública, aos costumes e à moral³¹⁹”. Paralelamente, setores da Igreja Católica de inclinações mais progressistas ligados à Igreja do Rosário da Campina, localizada bem no centro do “quadrilátero do amor”, também se posicionaram de forma assistencialista para com as meretrizes do local, porém, desenvolvendo um discurso contrário ao fechamento e a repressão empreendida pelo Estado, como mostrarei mais adiante.

Para que a ação de desativação definitiva da zona boêmia fosse executada, houve a necessidade de um planejamento organizado, desenvolvido em várias frentes, através de operações conjuntas dispostas a resolver “o caso do meretrício”. Nesse conjunto de ações, algumas operações foram organizadas, tendo como meta estabelecer estratégias de desocupação da área no momento da sua execução, assim como, criar propostas de trabalho e soluções alternativas às meretrizes que seriam remanejadas após o fechamento da zona

³¹⁶ SARAIVA, 2013, p. 83-84.

³¹⁷ SARAIVA, 2013, p. 84.

³¹⁸ “Polícia já tem solução para o caso meretrício”. **Folha do Norte**, Belém, 04 de janeiro de 1970, 1º cad. p.3.

³¹⁹ “Programada a ‘Operação Meretrício’ para o final de janeiro”. **O Liberal**, Belém, 04 dez. 1969, p. 7.

boêmia. Desta forma, para se levar adiante “o caso meretrício”, como ficou amplamente divulgado na imprensa local, seus organizadores criaram um Grupo de Trabalho composto pelas entidades de assistência supracitadas e os órgãos estatais, todos responsáveis por pensar estratégias e alternativas para a execução da operação.

Do planejamento feito pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Pará surgiram três operações que se dividiram em frentes diferenciadas a fim de minar, por todos os lados, as expressões boêmias relacionadas com a prostituição, com a exploração de menores, com a prática do crime de lenocínio e com as constantes desordens registradas pela Delegacia de Costumes. Dentre as operações ensejadas pela Secretaria de Segurança Pública, destacaram-se: 1- A “Operação Lenocínio”: responsável por limitar, coibir ou mesmo fechar casas de pensão, cabarés e boates que se encontravam irregulares com a justiça e com os órgãos emissores de licença de funcionamento; 2- “Operação Meretrício”: que concentrava seu raio de ação à zona do meretrício do centro histórico da cidade com a finalidade de fechar, de forma definitiva, todas as casas de pensão e casas de cômodos daquele espaço urbano; 3- “Operação Condor”: destinada a controlar a presença de menores nas ruas e reprimir e controlar festas, bares e prostíbulos da região da Condor, local de muita concentração boêmia.

A “Operação Lenocínio”, iniciada em agosto de 1969, concentrou seus esforços, como dito acima, no fechamento dos estabelecimentos irregulares espalhados pela cidade. Suas ações de caráter policial, de início, não tiveram amplo apoio de diversos segmentos sociais, pois ocorreram, em grande parte, sem o parecer jurídico que pudesse legitimá-las, sofrendo, assim, inúmeras críticas na imprensa local, em grande parte direcionadas às ações da Secretaria de Segurança. A operação, amplamente praticada nas periferias de Belém, teve como justificativa o alto índice de ocorrências policiais registradas nas delegacias próximas aos estabelecimentos de diversão. Eram brigas, crimes, delitos, pequenos furtos, registrados nos órgãos de segurança ou denunciados através de abaixo assinados feitos por moradores que constantemente reclamavam das desordens proporcionadas no interior e no entorno das ditas casas.

Para a execução da operação, a polícia se baseou no que determinavam os artigos 227 a 230 do Código Penal Brasileiro (CPB), relacionados com as práticas de lenocínio e exploração sexual. Esse capítulo do CPB versava sobre o crime de se praticar a exploração, indução e qualquer outro tipo de comércio sexual alheio, quer seja por *cafetens*, rufiões,

exploradores sexuais e incentivadores da prostituição de mulheres³²⁰. Somado à ação de repressão à exploração sexual, a “Operação Lenocínio” também se firmou em critérios não necessariamente relacionados com o comércio sexual, ela se ancorou também nas posturas municipais para coibir as algazarras, brigas, altas sonoridades musicais e outras irregularidades como falta de alvará e licença de funcionamento e falta de inspeção dos órgãos de saúde pública. Todos esses quesitos foram alvo de investigação da Secretaria de Segurança que, ao menor indício de irregularidade, “lacrava” o estabelecimento averiguado.

A intensificação da medida de repressão à prática do lenocínio, por parte das autoridades, provocou instabilidade no funcionamento das casas localizadas na periferia da cidade, principalmente por funcionarem irregularmente. Esse plano de ações repressoras, consubstanciadas com o aval do Governo do Estado, geraram imbróglis políticos e jurídicos registrados pela imprensa que, por sua vez, não deixou de emitir opinião estimulando o debate.

O caso da Boate *Castelinho*, localizada no bairro da Condor, fechada pela “Operação Lenocínio” no final de 1969, é bastante emblemático. Esta boate, considerada pela polícia como um *rendez vous*, apresentava todos os pré-requisitos necessários para a aplicação dos dispositivos da operação. Além desta, várias outras casas foram fechadas sempre sob a mesma alegação: “a prática de comércio imoral da sexualidade” e as supostas desordens ocorridas

³²⁰É importante lembrar que o crime de lenocínio não estava necessariamente relacionado com a prostituição, havendo vários fatores de estímulo a prática sexual de outrem. No capítulo V do Código Penal Brasileiro que trata “DO LENOCÍNIO E DO TRÁFICO DE MULHERES”, da “Mediação para servir a lascívia de outrem” os artigos tratam das diversas modalidades de crimes e suas respectivas punições, num conceito amplo de percepção de tal prática vejamos, por exemplo: Art. 227. - Induzir alguém a satisfazer a lascívia de outrem: Pena - reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos; 1º - Se a vítima é maior de 14 (catorze) e menor de 18 (dezoito) anos, ou se o agente é seu ascendente, descendente, marido, irmão, tutor ou curador ou pessoa a que esteja confiada para fins de educação, de tratamento ou de guarda: Pena - reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos; 2º - Se o crime for cometido com emprego de violência, grave ameaça ou fraude: Pena - reclusão, de 2 (dois) a 8 (oito) anos, além da pena correspondente à violência; 3º - Se o crime for cometido com o fim de lucro, aplica-se também multa. Favorecimento da prostituição; Art. 228. - Induzir ou atrair alguém à prostituição, facilitá-la ou impedir que alguém a abandone: Pena - reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos; 1º - Se ocorre qualquer das hipóteses do 1º do artigo anterior: Pena - reclusão, de 3 (três) a 8 (oito) anos; 2º - Se o crime for cometido com emprego de violência, grave ameaça ou fraude: Pena - reclusão, de 4 (quatro) a 10 (dez) anos, além da pena correspondente à violência; 3º - Se o crime for cometido com o fim de lucro, aplica-se também multa. Casa de prostituição; Art. 229. - Manter, por conta própria ou de terceiros, casa de prostituição ou lugar destinado a encontros para fim libidinoso, haja, ou não, intuito de lucro ou mediação direta do proprietário ou gerente: Pena - reclusão, de 2 (dois) a 5 (cinco) anos, e multa. Rufianismo; Art. 230. - Tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça: Pena - reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa; 1º - Se ocorre qualquer das hipóteses do 1º do art. 227: Pena - reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos, além da multa. 2 - Se há emprego de violência ou grave ameaça: Pena - reclusão, de 2 (dois) a 8 (oito) anos, além da multa e sem prejuízo da pena correspondente à violência. Tráfico de mulheres; CODIGO PENAL BRASILEIRO 1940. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em: 1/6/2012.

constantemente nas proximidades dessas casas. Mas, ao que parece, esse argumento nem sempre pode justificar as ações da polícia que foi acusada diversas vezes de arbitrariedades em seu planejamento ao dar cabo das boates e cabarés da periferia. Além disso, as “madames”, donas de bordéis e casas de pensão, alegavam pagar os impostos e as licenças necessárias ao funcionamento de seus estabelecimentos.

Iraci de Oliveira Negri, proprietária da boate *Castelinho*, buscou apoio jurídico através de seu advogado, José Fernandes Chaves, que, percebendo as falhas de planejamento da operação policial, deu entrada no Tribunal de Justiça do Estado ao pedido de Mandado de Segurança afim de reabrir as portas da boate ao público, alegando que a prática comercial desenvolvida no local se tratava de “negócio lícito”, com contribuição tributária aos cofres públicos e funcionando apenas como “casa de cômodos” de “hospedagem momentânea”. A solicitação era acompanhada por uma exposição de motivos que apontavam as falhas na execução da “Operação Lenocínio” por parte da polícia, assim como de argumentos que justificavam estar, o *Castelinho*, de acordo com a legalidade³²¹.

Assim como a dona do *Castelinho*, outras “madames” donas de casas de pensão e estabelecimentos de entretenimento foram buscar apoio jurídico que contra argumentasse as decisões do governo de fechar as casas de diversão, partindo sempre da justificativa de que receberam autorização e licença de funcionamento dos órgãos competentes após inspeção e pagamento de taxas e tributos. Estes argumentos, apesar de não terem sido considerados pelos órgãos de governo responsáveis pelas operações, expuseram a fragilidade da operação do ponto de vista da sua legalidade. Estas falhas no planejamento da operação também foram expostas nos jornais.

O pedido de Mandado de Segurança contra a operação determinada pelo Secretário Calvis Moreira tramitou por meses no Tribunal de Justiça do Estado, sendo a decisão da corte protelada até o dia da sessão que julgou o caso em 04 de março de 1970. Estavam presentes na sessão uma heterogênea assistência constituída por desembargadores do TJE, o representante do Ministério Público, a proprietária do estabelecimento com seu advogado, outros advogados e magistrados, populares, além de uma série de “madames”, donas de cabarés que lotaram as galerias do tribunal na esperança de ver o deferimento do Mandado de Segurança e, por conseguinte, ter nesse julgamento a possibilidade de verem suas casas reabertas também.

³²¹“Mandado de Segurança”. **Folha do Norte**, Belém, 05 mar. 1970, p. 18;

Frustrando a expectativa das “madames”, por 9 votos a 3, os desembargadores mantiveram a decisão de manter a boate *Castelinho* fechada³²² dando, desta forma, legitimidade à operação policial. A decisão gerou desanimo nas proprietárias das “pensões alegres” que, ao final da sessão, segundo a matéria do jornal, “não escondiam a decepção em que estavam mergulhadas”, uma vez que “esperavam que o Tribunal concedesse o Mandado de Segurança do ‘Castelinho’, pois isso viria abrir caminho para a reabertura das demais casas que se encontravam fechadas”, concluía o redator da matéria³²³.

Apesar da votação favorável à manutenção de fechamento do *Castelinho*, um acalorado debate na sessão do TJE revelou os argumentos dos magistrados demonstrando, mais uma vez, a intransigência e a fragilidade jurídica das operações desenvolvidas pela Secretaria de Segurança Pública do Estado. O Desembargador Cacela Alves, um dos três votos vencidos no pedido de reabertura da boate, fez um prolongado pronunciamento, fundamentando-se em pareceres técnicos postos nos autos, analisando a documentação anexada no processo e se baseando na interpretação desta documentação para desferir suas críticas à operação policial. No dia da audiência, Cacela Alves se dirigiu ao relator da sessão expressando sua crítica:

Em sua informação prestada ao TJE, o Secretário de Segurança diz que o “Castelinho” foi fechado porque chegou até as suas mãos um “abaixo assinado” dos moradores das redondezas, denunciando aquela casa como antro de prostituição. Foi feita sindicância e positivada a denúncia, [...] “abaixo assinado” não tem valor jurídico, a Polícia procedeu apenas a uma sindicância e não a um inquérito, o que deveria ter sido feito, pois sindicância também não oferece provas de efeitos jurídicos, não há inquérito com provas materiais de alta indagação. Não oferecia o Secretário de Segurança, dados de que a impetrante tire proveito do lenocínio [...]. O Secretário de Segurança não ofereceu qualquer prova de que a senhora Iraci de Oliveira Negri praticasse o lenocínio³²⁴.

A crítica do magistrado se baseava na leitura dos autos do processo que apresentava falhas de ordem técnica plausíveis de serem analisadas pela corte. Porém, essas mesmas falhas não foram consideradas pelos demais desembargadores presentes na sessão, o que demonstra certo conservadorismo ou comprometimento político por parte dos juristas que viam na manutenção da medida de fechamento uma ação cautelar de benefício para o

³²²Dentre os doze desembargadores que votaram o Mandado de Segurança, os três que votaram favorável a reabertura da boate Castelinho foram: Cacela Alves, Maurício Cordocio Pinto e Ricardo Borges; os nove que votaram contra foram: Aluizio Leal; Pojucan Tavares; Eduardo Patriarca; Lídia Fernandes; Walter Falcão; Antônio Kcury, Adalberto Chaves de Carvalho, Edgar Viana e Ari Silveira. “Justiça Legítima Ação Policial Contra Lenocínio”. **Folha do Norte**. Belém, 05 mar. 1970, p.18.

³²³“Madames decepcionadas”. **Folha do Norte**. Belém, 05 mar. 1970, p.18.

³²⁴“A Palavra de Cacela”. **Folha do Norte**. Belém, 05 mar. 1970, p.19.

conjunto da sociedade. Percebe-se, também, pela leitura do documento que havia uma visível medição de forças por trás das decisões jurídicas, entre vários setores de diferentes poderes. Os argumentos de Cacela Alves, baseados em falhas de interpretação jurídica, buscavam uma solução pela legalidade para que a dona do estabelecimento pudesse exercer o direito de ter sua casa funcionando. No entanto, o possível jogo de interesses dos demais magistrados, ratificando a ação da Secretaria de Segurança, mesmo com todas as falhas de planejamento e de ordem técnica e jurídica, mostram outras possibilidades argumentativas que extrapolavam os quesitos de base legal.

O relator do processo, desembargador Walter Falcão, em seu pronunciamento externou seu ponto de vista acerca da boate *Castelinho* dizendo que “ali se pratica um comércio imoral que atenta[va] contra os bons costumes e que o objeto de segurança não era casa de cômodos, porém um muito conhecido *rendez vous*, antro de prostituição”. As falas dos magistrados externavam valores conservadores para justificar a ação do Governo, incentivando a medida repressora. Os representantes do Estado mantiveram a linha argumentativa do início do processo.

Desde o começo da “Operação Lenocínio”, no início da gestão de Calvis Moreira, a ação planejada para dar cabo da zona do meretrício não se baseou, como colocou Cacela Alves em seu pronunciamento, em um parecer jurídico que legitimasse a operação. Isto causou indignação e revolta entre as pessoas que tinham alguma relação de trabalho e comércio com as boates e casas de pensão.

Vários pedidos de reabertura foram feitos nos tribunais por advogados que, baseando-se em critérios técnicos, criticavam a ação comandada pela Secretaria de Segurança Pública do Estado, sempre sob o argumento da ilegalidade. Cacela Alves, bem como os magistrados Maurício Cordocio Pinto e Ricardo Borges, fizeram a defesa das donas de boates fechadas pela operação policial. Aproveitando a ocasião de sua exposição de motivos para seu voto em defesa da impetrante, Cacela Alves criticou também o ultimato da Secretaria de Segurança em fechar a zona do meretrício, em 31 de março de 1970, dizendo que:

O Secretário de Segurança por sua determinação de fechar a zona do meretrício, dando um prazo de 30 dias para as mulheres abandonarem aquela área, coisa que não pode fazer, pois lhe falta apoio jurídico para medidas dessa natureza, chegando mesmo a causar espanto que atitudes como essas partissem de um Secretário de Estado³²⁵.

³²⁵ **Folha do Norte**. Belém, 05 mar. 1970, p.19.

Talvez houvesse alguma rusga política que respingasse na fala do Desembargador Cacula Alves ao se referir ao Secretário de Segurança Calvis Moreira, uma vez que as críticas do magistrado tomavam por base o modelo de postura pública de um servidor de cargo executivo que, no exercício de suas funções, deve agir com ética e serenidade sem demonstrar emoções ou parcialidade, respeitando os princípios da lei. A crítica do desembargador à natureza da operação também se referia a maneira como os demais magistrados trataram a questão, não considerando os argumentos do advogado de Iraci, assim como a presença de outros segmentos sociais presentes no tribunal.

Não foram poucas as acusações de tendenciosidade nas decisões adotadas pelo Estado contra o meretrício. As páginas do *Folha do Norte* constantemente argumentavam que causas políticas e de interesses econômicos estavam por trás das decisões. Porém, não se pode esquecer que essa política disciplinar está dentro do contexto de maior repressão do Regime Civil e Militar no Brasil que atentava para as questões de ordem moral de forma bastante rigorosa, como já tive oportunidade de explicitar. As políticas de modernização do centro da cidade que se ancoravam no planejamento de reforma urbana apregoavam o embelezamento, a verticalização e o aproveitamento do centro histórico da cidade para fins comerciais e turísticos. Essa política de disciplinarização (existe?) acabou respingando de forma bastante forte nas periferias da cidade, principalmente em bairros como a Condor que era considerada uma extensão da zona do meretrício do centro.

O caso *Castelinho* despertou críticas do jornal atizando a discussão na sociedade e mostrando que as inclinações policiais e políticas dos articuladores das operações não eram imparciais, havendo contradições a respeito das ações que não utilizavam o critério da isonomia para fechar as casas de pensão. Segundo a imprensa, algumas casas foram fechadas pela “Operação Lenocínio”, mas outras, por algum motivo, não foram sequer inspecionadas. O *Folha do Norte* se baseava justamente nos artigos 227 a 230 do CPB para criticar o Estado, uma vez que o crime de lenocínio acontecia em todas as casas de meretrício, casas de pensão, boates, cabarés, casas de cômodos e prostíbulos espalhados por toda a cidade e, por essa razão, a operação não podia discriminar casas de luxo em detrimento dos pequenos estabelecimentos no momento da execução da diligência policial³²⁶.

Há aqui uma questão interessante de ser analisada no discurso da imprensa, o *Folha do Norte* fazia insinuações constantes de que as operações do Estado eram executadas, principalmente, nos cabarés da periferia e que as casas de luxo do centro tinham essa

³²⁶ **Folha do Norte**. Belém, 05 mar. 1970, p.19.

fiscalização negligenciada. Este jornal deixa subentendido que existiam “pessoas influentes” que frequentavam certas casas de luxo e, talvez, por esse motivo estas casas não eram incluídas nos planos de ação da Secretaria de Segurança. As evidências apresentadas pelo jornal sugerem que havia uma moralidade seletiva que condenava apenas os prostíbulos frequentados por pessoas pobres dos subúrbios. Referendando essa questão, os articulistas apresentavam o seguinte raciocínio:

A decisão da justiça jogando por terra a pretensão de tantos litisconsortes que aguardavam a concessão de segurança para dela se beneficiarem, precisa, agora, ser honrada pela Polícia. A ninguém é surpresa o fato de a chamada “operação lenocínio” ter endereço certo, dirigindo-se apenas para os setores mais pobres, para as “casas de tolerância”, espalhadas pelos subúrbios, refúgio, portanto, dos menos afortunados numa hora qualquer desta cidade tropical. E a Justiça e a Polícia sabem que não é somente nessa área que se observa a prática criminosa do lenocínio. Os “inferninhos e as boates super-penumbreadas onde o uísque (ou similar) representa um esforço concentrado para fugir ao frio condicionado, são, na realidade, o primeiro passo o be-a-bá do lenocínio. Os hotéis de luxo, as piscinas particulares, as estradas desertas que a velocidade de um “fusca” alcança sem dificuldade, são, também uma porta aberta à corrupção, ao lenocínio, a prostituição final. A operação está legitimada, quem passa pela Carlos Gomes?³²⁷

Carlos Gomes é uma das principais avenidas do centro da cidade, localizada no coração do bairro da Campina onde estavam as principais boates de luxo de Belém no início dos anos setenta. Nestas casas existia toda uma rede de prostituição bastante sutil e discreta que na verdade mascarava uma série de infrações e crimes contra a liberdade e a dignidade humana principalmente de mulheres jovens. Quanto à questão do combate à prostituição, a imprensa não negava a importância de coibi-la desde que feito com certo planejamento. A matéria abaixo afirma que:

A campanha de repressão ao lenocínio, embora com os objetivos corretos, todos convergindo para o estancamento da prostituição na cidade, cometeu algumas falhas iniciais, quando levantou a bandeira da mudança, ao gosto policial, da zona do meretrício, sem um planejamento que abrangesse os aspectos sociológicos. No caso do fechamento do “Castelinho” e outras chamadas “casas suspeitas”, a campanha exacerbou num sentido para fraquejar em outro: manteve funcionando antros de lenocínio ostensivo, tipo “Selva” e outros, onde o aluguel de jovens de tenra idade é feito paralelamente a uma autêntica escravidão branca: são obrigadas a permanecer virtualmente em regime de cárcere privado, sem alternativa sequer de escolher a maneira mais econômica de fazer refeições ou pagar aluguel³²⁸.

A crítica da imprensa sugeria que as operações aconteciam motivadas por questões econômicas, políticas e classistas, deixando subentendido que determinadas ações policiais estavam tomadas pela corrupção. Para dar embasamento aos seus questionamentos e

³²⁷“A Vírgula da Campanha”. **Folha do Norte**, Belém, 05 mar. 1970, p.19.

³²⁸“Erros e Omissões de uma Campanha”. **Folha do Norte**, Belém, 05 mar. 1970, p.19.

argumentos, o jornal atacava a natureza das operações feitas pela Secretaria de Segurança Pública do Estado que, segundo o jornal, agia de forma totalmente equivocada.

O *Folha do Norte* jogava com as barganhas políticas e possíveis aliados que poderiam ser feitos com a sua estratégia de mostrar os pormenores negativos que poderiam estar por trás das operações. Endossando o debate jurídico, humanitário e técnico dos diversos especialistas na área, coube ao jornal servir de porta voz das causas do meretrício ao mesmo tempo em que “trocava farpas” com o Governo do Estado e, em escala menor, com a polícia. Na tentativa de desprestigiar as operações, o jornal recorria aos argumentos fundamentados citando, por exemplo, Paulo José da Costa Junior, presidente do Instituto Latino-Americano de Criminologia, órgão também filiado a OIPC que afirmara em um congresso realizado em São Paulo em 1966:

Um dos maiores culpados pelo elevado índice de prostituição em nosso País é a própria Polícia, que articula as chamadas ‘caixinhas’, que flutuam de Governo em Governo. Há, também, os processos criminais contra infrações nos dispositivos da Lei Penal, relativos à prostituição, que são engavetados por interesse de quem o engaveta³²⁹.

Não fica claro no jornal a que grupo político se endereçava o conjunto de críticas e insinuações de corrupção e favorecimento nas famosas “caixinhas” policiais. No entanto, percebe-se certo ar de animosidade na narrativa no que diz respeito aos agentes diretamente ligados as operações policiais, em especial ao Major Calvis Moreira. Talvez alguma disputa política também estivesse por trás das críticas desferidas ao governo nas páginas do *Folha do Norte*. É importante perceber que as acusações diziam respeito principalmente aos setores subordinados da administração pública, diretamente ligados às operações policiais. As críticas conjunturais, relacionadas à forma de governo, às condições sociais da população paraense e aos fatores motivadores da prostituição não se dirigiam de forma direta aos gestores da administração pública federal, estadual ou municipal. Elas apareciam de forma genérica, camufladas nas expressões “problemas sociais” e “difíceis condições sociais” da população, sem fazer referência ao modelo de gestão ou a política de assistência social do governo vigente.

Na época das operações, o governador do estado do Pará era Alacid da Silva Nunes, político pertencente ao ARENA, nomeado em 1965 após vencer as eleições indiretas no colégio eleitoral militar. Sua gestão foi marcada pela viabilização dos planos de ação dos governos militares na Amazônia, bem como pela obstrução de forma radical das práticas

³²⁹ **Folha do Norte**. Belém, 05 mar. 1970, p.19.

boêmias em Belém. A animosidade do governador para com a zona do meretrício era apresentada de forma discreta pelo jornal, apesar de ser notória no mundo da boemia e na zona do meretrício a antipatia que o então governador nutria pela zona boemia, ao ponto de se “folclorizar”, nos meios boêmios e jornalísticos da cidade, o motivo da “birra” do governador com a zona, que teria sido um possível fato ocorrido na Rua Riachuelo envolvendo Alacid. Conta-se que ao passar em seu carro conversível, o governador teria sido chamado por uma meretriz que teria levantado a saia lhe fazendo gestos obscenos. Não encontrei nenhum documento que comprove a veracidade desse fato, no entanto, ele foi usado de forma alegórica pela imprensa e por diversos boêmios para explicar e justificar o porquê do empenho nas ações de repressão empregadas pelo Governo do Estado em 1970.

O nó da questão que envolvia o debate da remoção do meretrício do centro da cidade também se relacionava ao tráfico de pessoas que era feito via “inferninhos” chiques de Belém para outras regiões do país e para fora do Brasil. Dizia-se que “em Belém existiam casas que incitavam as jovens à prostituição e que, tempos atrás, contavam com a total cobertura da Polícia³³⁰”. Essa crítica, recorrente por parte da imprensa, mexia com um assunto delicado e provocava o debate ético sobre a remoção das “casas de tolerância” pelas operações lenocínio e meretrício.

As acusações feitas por parte da imprensa apontavam também que havia certa negligência no controle do tráfico de mulheres agenciadas, principalmente, em casas de luxo, onde a fiscalização praticamente inexistia. A denúncia sobre a omissão da polícia ressaltava o descaso em relação às inúmeras práticas de cooptação de meninas pobres que vinham do interior, em sua maioria, menores de idade, para trabalhar nas casas de pensão ou mesmo para integrar o circuito internacional de exploração de menores que recrutava jovens para fazer programas em países vizinhos como Paramaribo e Guianas. As acusações da imprensa apontavam para o desinteresse das autoridades em encarar esse problema social de forma clara, esquivando-se de sua responsabilidade ao aplicar métodos pouco eficazes na ação de combate ao tráfico de pessoas e as demais contravenções existentes naqueles lugares³³¹.

³³⁰ **Folha do Norte**. Belém, 05 mar. 1970, p.19.

³³¹ Importante trabalho sobre o tráfico de mulheres na Amazônia é o de Iranildes Torres e Marcia Oliveira, que narram com sagacidade os pormenores desse fenômeno na região, demonstrando através de um detalhado estudo de cunho sociológico, que há por trás do tráfico de mulheres para fins de exploração sexual, uma rede internacional conectada a diversos países que se alimentam desse tipo de exploração humana. Pesquisando o tráfico de mulheres da Amazônia Ocidental e sua ressonância pela Amazônia Oriental, as pesquisadoras, nos fornecem um rico quadro esclarecedor, das múltiplas redes de socialização das quadrilhas que comandam esse tipo de operação. As pesquisadoras em suas bases estatísticas apontam a Espanha como a principal praça consumidora das mulheres amazônidas que são levadas por traficantes denominados de “coiotes” que vendem as mulheres traficadas a enganosa a promessa de vida próspera e segura fora do Brasil, promessa essa desfeita no momento da chegada, sendo as mesmas submetidas à exploração sexual, em condições semiescravas Ver:

O jornal *Folha do Norte*, dizendo-se credenciado e autorizado pela Polícia Federal para divulgar informações relacionadas com as investigações sobre o tráfico internacional, publicou, no início de março de 1970, uma matéria sobre o desbarate de uma quadrilha de traficantes que atuava na região norte levando jovens mulheres para o Suriname para atuarem em restaurantes e cassinos de luxo de Paramaribo. Os detalhes da matéria são interessantes para a análise que fazemos acerca das operações de repressão dos órgãos públicos ao circuito boêmio de Belém. Servem também para entendermos as inclinações do jornal de mostrar até que ponto as relações de controle ao lenocínio eram frouxas no Estado do Pará.

Dando todos os pormenores da operação, que até o momento da publicação da matéria era dada como sigilosa pela Polícia Federal, o *Folha do Norte* construiu uma narrativa sustentada nos fatos e nos dados da operação e deixa subentendido que a liberdade que os traficantes tiveram para agir na capital do Pará foi favorecida pelos órgãos de segurança estaduais, uma vez que os circuitos de observação, negociação e agenciamento de mulheres eram muitos e espalhados por toda a capital. Na operação foram descobertos os agenciadores que, segundo a matéria, contratavam mulheres nas rodas boêmias de Belém que, segundo a polícia, “atuava em famosas casas de show da cidade”. A operação da Polícia Federal, que vinha se desenvolvendo há vários meses nas zonas boêmias da cidade coletando dados, depoimentos e pistas acerca dos esquemas de contratação, ouviu mais de quinze mulheres envolvidas com os traficantes, muitas inclusive já haviam regressado de Paramaribo e foram fundamentais para explicar como funcionava todo o esquema de contratação.

Dentre as várias mulheres agenciadas e mandadas para o Suriname estavam, por exemplo, Adelina Moreira Machado, que atendia pelo “nome de guerra” como “Alba Montez”, meretriz contratada na boate “Pagode” em Belém que fora identificada pelos policiais federais, inclusive com foto publicada no jornal, em um show de *strip-tease* na boate cassino do *Hotel Vervuud* em Paramaribo, hotel de luxo cujo dono foi considerado o principal suspeito de comandar o tráfico internacional de mulheres.

Figura 35: Adelina Moreira Machado (Alba Montez) na boate *Vervuud* em Paramaribo.



Fonte: **Folha do Norte**, 08 mar. 1970, p. 15.

Após o desbarate da quadrilha de traficantes e a detenção da meretriz Adelina Moreira Machado para detalhes e esclarecimentos na divisão da Polícia Federal, sua exposição pública foi inevitável devido principalmente à forma sensacionalista com que o *Folha do Norte* publicou a matéria, revelando toda a sua identidade, com nome, pseudônimo e fotografia exposta em destaque nas páginas do jornal (fig. 35), como se lê abaixo:

Esta é Alba Montez, que da boate ‘Pagode’ foi exhibir-se em terras Paramaribenhos, na boate do ‘Hotel Vervuud’. Os ‘federais’ hesitaram antes de permitir a publicação desta foto, tomada no salão do ‘Vervuud’, antecedendo uma cena de ‘*strip tease*’. Tinha caído já o vestido de noite com que se exhibia. O resto caiu depois. Ela fazia parte das muitas ‘*girls*’ contratadas em Belém para exhibições ‘e outras coisas mais’ em Paramaribo. Um inquérito está na Justiça Federal. O Inspetor Jardim Soares presidiu-o na Polícia de Investigações³³²

No depoimento à polícia, Adelina pormenorizou de que maneira se desenvolvia a contratação de moças levadas para atuarem no circuito de prostituição de luxo em Paramaribo. As meretrizes assinavam um contrato de seis meses, todo escrito em inglês que, segundo a Polícia Federal, não apresentava nenhum efeito legal e, seduzidas pelas promessas de ganhar vultosas quantias em dinheiro, iam iludidas na esperança de lá encontrarem uma vida fácil.

As promessas de melhoria na qualidade de vida e as propagandas de vultosas quantias em dinheiro pagas em dólares seduziram muitas meretrizes que faziam seus programas nos subúrbios e na área central de Belém. Quando procuradas pelos traficantes agenciadores, não faziam muitas resistências para aceitar o convite de ir trabalhar nas casas de show estrangeiras. A informação acerca do tráfico de mulheres para o Suriname e para outros países caribenhos estampadas nas páginas do *Folha do Norte* – que garantia ter recebido essas informações, antes sigilosas, após longas negociações entre os redatores do jornal e os Delegados responsáveis pela operação – podem ser cotejadas com outros depoimentos e outros estudos acerca do tráfico de mulheres na Amazônia.

Eunice da Conceição Silva (Cinderela), profissional do sexo, confirmou a rede de prostituição que fazia o intercâmbio entre o Brasil e os países caribenhos via Belém, Macapá e Oiapoque, na fronteira com as Guianas. Essa rede internacional teria sido responsável por colocar nas boates e hotéis paramaribenhos e das Guianas dezenas de mulheres que saíam semanalmente, levadas pelo tráfico ou seduzidas por algum marinheiro de passagem por Belém.

Eunice revela que também foi levada ao exterior através desse processo de cooptação e migração de prostitutas para o Caribe, após conhecer um marinheiro denominado por ela apenas como “gringo”. Cinderela teria aceitado o convite do marinheiro estrangeiro para viajar e morar em Paramaribo. Suas lembranças são marcadas por recordações oscilantes entre momentos bons e momentos tristes ao lado do marinheiro de língua inglesa de nome e nacionalidade não identificados ou não revelados pela depoente. Cinderela relatou que

³³²“Descoberto tráfico de mulheres na rota do contrabando: Belém-Suriname”. **Folha do Norte**. Belém, 08 mar. 1970, p. 15.

conheceu “gringo” no *Bar do Parque* e se hospedou com ele em um hotel da cidade durante o tempo em que ele permaneceu em Belém. Enquanto esteve com o marinheiro estrangeiro em Belém, recebeu o que ela denominou de “tratamento de rainha”, com “roupas, jantares em restaurantes caros da cidade e até caderneta de poupança³³³”. Seduzida pelos presentes recebidos do seu cliente estrangeiro, Cinderela aceitou o convite do marinheiro para ir morar em Paramaribo embarcando em um navio em direção à nova aventura. Porém, ao chegar à suposta nova morada, a meretriz paraense teria sido abandonada por seu cliente que, uma semana após desembarcar na capital do Suriname, partiu novamente, deixando a meretriz que, segundo o seu relato, não ficou na rua porque foi amparada por colegas de meretrício, também oriundas de Belém, encontradas em uma boate de Paramaribo. Em seu depoimento, Cinderela conta que o desfecho dessa aventura foi o regresso escondida no porão de um navio cargueiro com destino a cidade de Belém.

As experiências relatadas por meretrizes que foram ao Suriname oferecem uma visão panorâmica da exploração sexual na Amazônia. O tráfico de mulheres para fins de exploração sexual representou um dos maiores problemas enfrentado pela Polícia Federal no processo de vigilância e controle das fronteiras do Norte do Brasil, bem como do espaço urbano de Belém. É provável que a mítica da Amazônia como espaço exótico tenha se somado à fragilidade da região no que diz respeito às questões sociais, sendo estes fatores atrativos ao intenso “consumo” de mulheres ligadas à prostituição. Iranildes Torres e Márcia Oliveira apontam a exploração sexual de mulheres amazônidas, em especial de jovens menores de idade, como prática antiga na região, remontando aos tempos coloniais, momento em que os senhores proprietários de terras e engenhos utilizavam de seu poder político e de sua influência para estabelecer a prática da troca ou encomenda de jovens moças para outros senhores. Eram os acordos que podiam ser feitos com a licenciosidade da igreja, quando essas trocas findavam no matrimônio ou, simplesmente, feitas por relações de compadrio entre homens simples do interior que mandavam suas filhas para morar nas casas de famílias abastadas na capital, relações essas que mais tarde poderiam findar na exploração sexual doméstica dessas meninas pelos dos seus tutores na cidade³³⁴.

Essas evidências mostram que as relações sociais na Amazônia da segunda metade do século XX ainda eram fortemente marcadas por expressões patriarcais que não se dissolveram

³³³ Depoimento de Eunice Conceição da Silva. SILVA, Eunice Conceição da. Belém, 26 abr. 2013. Entrevista realizada na sede do GEMPAC, por José E. S. Dias Jr.

³³⁴ TORRES, Iranildes Caldas & OLIVEIRA, Márcia Maria. 2012. p.15-20.

por completo com as transformações ocorridas na sociedade da época³³⁵. As práticas de exploração sexual ainda muito expressivas em cidades como Belém, manifestas por uma visível “expressão-limite de vulnerabilidade social ou do impacto residual das políticas públicas para a infância na região³³⁶”, escondiam uma privacidade obscura no interior das relações familiares nas quais as mulheres representavam a parte mais fraca das relações sociais de poder exercidas em intimidades transgredidas por relações autoritárias e machistas. Percebe-se que a prostituição em Belém ganhou grandes proporções no início dos anos setenta, talvez devido ao intenso fluxo de pessoas e de comércio, dinamizando inclusive as tensões sociais motivadas pelos ilusórios projetos desenvolvimentistas que não foram capazes de, pelo menos, abrandar as históricas relações de exploração social existentes na região.

As políticas públicas aplicadas, afim de disciplinar as posturas e os comportamentos durante o período militar, expuseram as inoperâncias técnicas e o autoritarismo de Estado na aplicação das medidas restritivas ao funcionamento do meretrício, espaço social considerado lugar de reprodução de flagelos sociais como a prostituição. Sem desprezar o caráter político e financeiro desta ação, insisto que as campanhas de combate ao lenocínio que, segundo os jornais, privilegiavam os bares e cabarés suburbanos, guardam uma continuidade histórica inserindo-se em uma discussão mais ampla referente às políticas de saneamento surgidas no Brasil ainda no século XIX. Como já mencionado, durante as operações Meretrício, Lenocínio e Condor, usaram-se justificativas relacionadas à ideia de que era a população pobre a detentora dos vícios e dos males da humanidade, argumento que foi corrente no processo de desenvolvimento e modernização das grandes cidades brasileiras na virada para o século XX. Os “maus costumes” e os “comportamentos torpes” indesejados dentro de um padrão de civilidade preestabelecido foram combatidos com campanhas de saneamento, higienização e normatização das posturas públicas, sempre destinadas aos setores populares da sociedade. A boemia e a prostituição foram privilegiadas nessas políticas de ordenamento urbano, pois eram relacionadas aos flagelos sociais combatidos não apenas pela polícia, mas também por

³³⁵ Mary Del Priori, em “Histórias Intimas”, mostra as mudanças no comportamento sexual da sociedade brasileira após a denominada “revolução sexual” dos anos sessenta. Nesse trabalho a autora chama a atenção, para as transformações nas relações de privacidade, bem como nas relações sexuais, que a partir dos anos sessenta passaram a ser bem mais discutidas e orientadas por avanços na medicina com o surgimento da pílula anticoncepcional, por novos hábitos de higiene e pela quebra de relações rígidas de moralidade que relegavam a discussão, a prática sexual ao espaço íntimo da alcova e a legitimidade do casamento. A autora mostra que as transformações da intimidade puderam ser melhor discutidas e marcaram um novo momento de representação do papel da mulher na sociedade. Ver DEL PRIORI, Mary. 2011, 173-238.

³³⁶ TORRES, Iranildes Caldas & OLIVEIRA, Márcia Maria. 2012. p.15-20.

médicos, higienistas, juristas e demais setores afinados com o discurso de ordem e civilidade³³⁷.

A “Operação Lenocínio” também teve como meta estabelecer um programa vultoso de limpeza social, expurgando as meretrizes para outras áreas da cidade, mas seus executores não demonstraram interesse em discutir quais alternativas tomar após a aplicação da medida, deixando para a opinião pública uma pergunta sem resposta: Qual seria o destino das meretrizes? Pergunta essa que o *Folha do Norte* insistia em fazer.

A “Operação Meretrício” foi a segunda ação aplicada pelo Estado contra as meretrizes e causou impacto bastante forte à vida boêmia de Belém. Colocada em prática no dia 01 de abril de 1970 em toda a região central de Belém. Essa operação foi arquitetada em dezembro de 1969 quando o Secretário de Segurança Pública do Estado do Pará, Major Calvis Moreira, juntamente com o Delegado de Costumes Luiz Augusto Paes, reunidos com o Governador do Estado do Pará Alacid Nunes, definiram as ações a serem tomadas em relação à zona do meretrício do centro velho de Belém. Desta reunião, saiu a decisão de se fechar “a zona do amor” em 31 de janeiro de 1970. O anúncio foi feito a imprensa no pátio da Secretaria de Segurança Pública do Estado, “As mulheres seriam deslocadas dali, devendo procurar ‘outro ramo de vida’³³⁸”.

Para a divulgação da medida, não bastava anunciar apenas à imprensa credenciada, era necessária uma reunião com as “madames” para que elas tomassem conhecimento do decreto. A reunião foi feita ainda em dezembro de 1969 pelo Delegado Luiz Augusto Paes que em três minutos anunciou de forma lacônica às “madames”: “O meretrício vai fechar a 31 de janeiro”. Tal gesto de autoritarismo deixou as mulheres, ao mesmo tempo, atônitas e em pânico com a notícia. Algumas delas, entrando em desespero, não sabiam o que fazer e declaravam “que não poderiam mais viver sem ‘aquele negócio’”. Outras, porém, se diziam conformadas e prontas a acatar as determinações oficiais, mas havia aquelas que simplesmente desdenharam das autoridades rindo e declarando que tal medida não era exequível³³⁹.

³³⁷ A historiografia brasileira tem se dedicado afincamente a este tema. As discussões que abordam os preconceitos e as campanhas de disciplinarização nos centros urbanos do Brasil se estendem do período imperial, ao republicanismo abordando inúmeros casos. Ficaram famosos os trabalhos Ilmar Rohloff de Mattos, sobre “o mundo da rua” e a sua “vil canalha aspirante”, que aborda o revezamento das elites políticas imperiais e a divisão social estabelecida entre “o mundo da casa, o mundo da ordem e o mundo da rua”: Ver MATTOS, Ilmar Rohloff de, **O Tempo Saquarema**. São Paulo: Editora Hucitec, 5ª edição, 2004; interessante são também os casos no Brasil das campanhas do “bota abaixo” de Pereira Passos no Rio de Janeiro e de Antônio Lemos em Belém durante a *Belle Époque*, sobre esses temas é interessante ver os trabalhos de CHALHOUB, Sidney, 1996; LEAL, 2008; Quanto a questão da boemia ver: ENGEL, Magali. 2004 Rago, Margareth. 2008.

³³⁸ “Polícia já tem solução para o ‘caso’ meretrício”. **Folha do Norte**. Belém, 04 jan. 1970, cad. 1, p. 3.

³³⁹ **Folha do Norte**. Belém, 04 jan. 1970, cad. 1, p. 3

No dia marcado para o fechamento da “zona do amor”, o meretrício ganhou sobrevida. As dificuldades logísticas e operacionais para se pôr em prática tal ação inviabilizaram sua efetivação na data programada pela Secretaria de Segurança do Estado. As opiniões públicas na imprensa acerca do fechamento desta zona boêmia foram as mais variadas. Críticas e elogios à decisão partiam de todos os lados, fazendo com que a tarefa dos mentores da operação se tornasse mais cautelosa. Foi criado um Grupo de Trabalho (GT), para discutir as alternativas e estratégias acerca do destino das meretrizes no momento da remoção³⁴⁰. Este grupo, ao perceber as dificuldades de implantação da medida, adiou por sessenta dias a data do fechamento, mantendo a existência do meretrício até o dia 31 de março de 1970. O adiamento tinha o intuito de melhor analisar as estratégias para o fechamento de cabarés e casas de pensão. Os membros do GT se reuniram na Fundação de Bem Estar Social para analisar os pormenores das críticas e dificuldades de se fechar a zona. Não era tarefa fácil definir a questão, pois as entidades envolvidas como a Organização Câmara Junior, representada por seu diretor Aloízio Pinto do Nascimento, e a Fundação do Bem Estar Social do Pará (FBESP), representada por sua coordenadora Maria Estela Brito, juntamente com as autoridades públicas do Estado, Major Calvis Moreira e Luís Augusto Paes, apresentaram para a imprensa um plano de ação que se tornou alvo de muitas críticas por parte dos jornalistas que assistiram as discussões do grupo. Eram várias as medidas apresentadas no GT, algumas demasiado polêmicas para se pôr em prática devido à impossibilidade real de sua aplicação. Outras, aparentemente ilusórias, propunham alternativas difíceis de cumprir. Dentre as possíveis soluções apresentadas pelo GT estavam:

- I- Extinção da Zona do Meretrício no dia 31 de março impreterivelmente.
- II- Desapropriação, por parte do governo, dos imóveis que se fizerem necessários para o plano de Urbanização da cidade de Belém, em conjunto com a Prefeitura Municipal.
- III- Criação de amplo serviço de assistência social para as prostitutas, principalmente no que diz respeito aos seus problemas criados com a repentina mudança de vida.
- IV- O Câmara Junior de Belém deverá promover em ação conjunta com a Fundação do Bem Estar Social do Pará, ajuda financeira para o deslocamento das moradoras da Zona do Meretrício que procurarem aquela entidade assistencial. Dentro desse esquema as prostitutas receberão passagens, advogados ou outra qualquer assistência que venha a ser necessária³⁴¹.

³⁴⁰ Este Grupo de Trabalho era composto pelas Secretarias de Segurança Pública do Estado, Secretaria de Saúde, Prefeitura Municipal de Belém, Fundação Câmara Junior e Fundação de Bem Estar Social do Pará. *Idem*, p. 3.

³⁴¹ A “zona” está mais perto do ocaso”. **Folha do Norte**, Belém, 22 mar. 1970, p. 04.

O documento apresentado à imprensa expunha as intenções e os encaminhamentos pós-fechamento. No entanto, algumas perguntas continuavam sem resposta mesmo após a divulgação das ações de assistência social: para onde iriam as meretrizes expulsas do centro da cidade? De que forma os casarões e sobrados seriam usados na suposta reforma urbana proposta pelo Governo do Estado? Quais os tipos de assistência social seriam prestados as meretrizes após a desativação da zona boêmia? De onde sairia a verba para pagar as passagens das meretrizes no caminho de regresso para seus lugares de origem? Todas essas perguntas vieram à tona no momento de divulgação das ações pensadas pelos organizadores da operação. Não ficava claro para a opinião pública de que forma o grupo agiria na assistência às meretrizes após a medida. A linha de combate apresentada pelo *Folha do Norte* a esta operação se sustentou nas falhas técnicas e no caráter ilusório das medidas de pouca exequibilidade do ponto de vista prático.

Pelo exposto no documento do GT, percebe-se que as questões de ordem moral representavam apenas “a ponta do *iceberg*”. Como já apontado anteriormente, o fechamento por completo da quase centenária zona do meretrício tinha dentre os vários motivadores o objetivo oculto da reforma urbana do centro histórico de Belém. Os antigos sobrados construídos ainda nos tempos áureos da borracha, espalhados pelo espaço denominado pelas autoridades e pela imprensa de “quadrilátero do amor”, por ocupar boa parte do perímetro urbano do bairro da Campina, fechando um quadrado composto pelas ruas 1º de Março, General Gurjão, Padre Prudêncio, Rua Riachuelo e Gaspar Viana, possuíam elevado valor imobiliário. Além disso, a presença do meretrício no centro da cidade representava um incômodo para as famílias e comerciantes que naquele perímetro viviam ou tinham algum tipo de estabelecimento comercial, como já tive oportunidade de mostrar. Como se tratavam de imóveis valorizados pela localização e pelo tempo, os melhores foram escolhidos pelo poder público para fazer parte da reforma urbana do centro histórico de Belém. Luis Saraiva afirma que após o fechamento do meretrício, alguns imóveis que funcionavam como casa de pensão foram adquiridos pela prefeitura que construiu outros prédios utilizados como repartições públicas, outros imóveis foram adquiridos pela igreja e demolidos posteriormente, dando lugar a estacionamentos.

O que se destaca na análise dos critérios propostos pelo GT é o fato de ele estar permeado de medidas paliativas que não deram conta de resolver os problemas relacionados à prostituição. A solução encontrada pela equipe elaboradora para pensar a operação propôs uma cartilha de ações pós-fechamento que contemplasse a possível permanência das

meretrizes dentro da região do “quadrilátero do amor”, porém, sem que estas tivessem o direito de acesso às ruas.

A última ação que fecha o ciclo das operações empreendidas pelo Governo do Estado para disciplinar as zonas boêmias de Belém foi a “Operação Condor”, levada a cabo no dia 14 de dezembro de 1970. Essa ação policial executada na região boêmia do bairro que dava nome a operação apresentava como finalidade “o fim das casas de cômodos”, a interrupção dos programas de rua, denominados nos jornais como “*trottoir*”, a presença ostensiva da polícia na Praça Princesa Isabel e no seu entorno, uma maior campanha de higiene nos estabelecimentos comerciais e, por fim, a proibição e recolhimento de menores que fossem encontrados fora de hora nos cabarés e gafieiras da área.

Para efetivar essa ação, o governo contou com a colaboração consorciada de várias instituições públicas que juntas iniciaram a operação no final de tarde de uma segunda-feira que, apesar de ser um dia de início de semana, era bastante movimentado naquele local. Fizeram parte da operação, que iniciou sob a égide da Secretaria de Segurança Pública do Estado, a Polícia Militar, a Secretaria de Saúde e a Delegacia de Menores que juntas montaram um esquema de ações preventivas e ao mesmo tempo disciplinares aplicadas na área.

Com esta ação, o Governo do Estado fechava o ciclo de operações repressivas iniciadas no final de 1969 com a “Operação Lenocínio”, escolhendo como espaço as áreas que eram consideradas mais críticas pela Secretaria de Segurança, elegendo o bairro da Condor como epicentro das atividades boêmias naquele momento, pós-fechamento do meretrício da Campina. O planejamento e escolha do local para efetivação da operação se deu, principalmente, devido a sua localização no subúrbio, ao público frequentador e as práticas ilícitas que ocorriam no local.

Como foi mencionado no primeiro capítulo, o bairro da Condor, apesar de ser muito próximo ao centro, era considerado subúrbio principalmente por abrigar uma população de baixa renda, como também por ter sua área localizada às margens do rio Guamá, área esta que se proliferou demograficamente a partir da década cinquenta, momento também que coincide com o florescimento da boemia naquele local. Sua localização possibilitava a aglomeração de pessoas de vários estratos sociais que se espalhavam pelas baiucas, cabarés e gafieiras do perímetro, utilizados como espaços de circulação boêmia, num movimento incessante de homens e mulheres vistos, em sua maioria, como “sujeitos desregrados” pelos jornais que constantemente cobriam os casos de crimes, brigas e arruaças na região. Já tive oportunidade de falar de forma mais descritiva sobre o este bairro como espaço de boemia suburbano

bastante frequentado entre as décadas de cinquenta e oitenta do século XX. Lá, várias atividades de caráter lúdico boêmio aconteciam diariamente, muitas vezes incomodando a vizinhança e determinados visitantes do *Palácio dos Bares* que constantemente levavam para as autoridades policiais as queixas dos “excessos cometidos por bêbados, meretrizes e marginais”³⁴².

Para determinados estabelecimentos boêmios existentes no local, a operação previa ações mais enérgicas como, por exemplo, o combate ao excessivo comércio sexual feito nas pequenas casas de pensão do entorno da Praça Princesa Isabel. O jornal *A Província do Pará* apresentava para os leitores as estratégias tomadas pelo Delegado de Costumes Luiz Augusto Paes para que aquela área fosse saneada socialmente das más influências para as famílias, afirmando que:

A “Operação Condor” [...] prevê o fim das casas de cômodos existentes na avenida Alcindo Cacela onde haja promiscuidade exagerada, além de limitar o horário de permanência de menores na praça Princesa Isabel. A operação há muito tempo que vinha sendo cogitada, mas somente agora será posta em prática pelo delegado Luiz Augusto Paes, de Costumes, em face das inúmeras desordens e crimes que ultimamente vem se registrando naquele local. [...] Inicialmente a “Operação Condor”, em sua primeira fase, consistirá no fechamento de bares e boates que não estiverem legalmente habilitados para funcionar. Na manhã de ontem o delegado Luiz Augusto Paes mostrou um croqui da operação que abrangerá toda a Praça Princesa Isabel, Avenida Alcindo Cacela até a Travessa Padre Eutíquio onde o “desfile” de mulheres traz graves consequências não somente para as famílias ali residentes como para a Polícia³⁴³.

A preocupação das autoridades policiais com a segurança dos moradores da área foi a principal justificativa para a execução da operação no bairro da Condor. As ações da operação se baseavam nas estatísticas criminais, levantadas após o estudo das inúmeras ocorrências relacionadas aos diversos tipos de delitos no local. Mas se ficarmos atentos aos olhares da imprensa, bem como as ações disciplinares do Estado, poderemos perceber que as políticas de controle social que privilegiavam o combate à exploração de menores e ao crime de lenocínio traziam consigo normas e justificativas científicas para enfatizar os perigos que representavam aquelas áreas da cidade. Além disso, havia o interesse de efetivar a especulação imobiliária na área central da cidade, sendo o meretrício considerado um entrave para a efetivação deste objetivo.

Os cabarés e gafieiras de Belém, contudo, não foram apenas espaços nos quais aconteceram experiências tristes ou negativas, onde o forte controle policial foi desenvolvido

³⁴²“Polícia promete ação mais dura para a Condor”. *Folha do Norte*, Belém, 25 out. 1970, p. 6

³⁴³“Cavalaria e Saúde Pública em ‘Operação Condor’”. *A Província do Pará*, Belém, 12 dez. 1970, p. 9

no intuito de discipliná-lo ou mesmo bani-lo da cidade antes e durante os convulsivos anos de Ditadura Civil e Militar. Eles foram também espaços de convivências múltiplas relações sociais.

Dizer que as práticas boêmias são manifestações ligadas ao caráter lúdico do ser humano é contemplar apenas uma dimensão das diversas possibilidades existentes nesse tipo de “interação entre indivíduos”. As práticas sociais experimentadas nos cabarés, gafieiras, bares e clubes de Belém mostram outras facetas para além do entretenimento que substanciam suas relações sociais. Dentro desses espaços havia todo um repertório de manifestações e necessidades que procuravam ser satisfeitas através de múltiplos laços de afetividade, de trabalho e de lazer que, não raro, eram marcados também por conflitos, confusões e desordens. É a partir dessa diversidade de percepções que vou adentrar, no próximo capítulo, no cotidiano das casas de festa de Belém.

CAPÍTULO IV

Memórias sociabilidades e boemia em Belém do Pará.

O tema “boemia” pode se desdobrar em discussões das mais diversas envergaduras, dada à extensão do debate que pode enveredar para vários campos de análise nas ciências sociais, envolvendo os mais diferentes tipos de sujeitos em diferentes espaços e temporalidades históricas. As tradições boêmias sempre estiveram relacionadas com atos de liberação lúdica e laços de sociabilidade que, em certas ocasiões, manifestavam-se também por atos de transgressão e afronta a uma determinada ordem estabelecida, podendo ser representada por misturas de expressões que envolviam vida lúdica, festas, música, poesia, prostituição e outras modalidades de lazer e entretenimento. Não existe um *tipo ideal* para se definir o perfil de um boêmio, por isso, vários sujeitos sociais se enquadram nas elucubrações teóricas presentes nos estudos desse campo de análise. Poetas, músicos, literatos, meretrizes, intelectuais, “homens e mulheres do povo”, em suma, todos aqueles que se mancomunavam em cabarés e bares das zonas de meretrício de áreas urbanas se enquadram na vasta classificação que cabe no termo boemia.

Na cidade de Belém, as experiências boêmias foram vividas através de sociabilidades festivas travadas nas mais diferentes esferas da vida urbana, marcando condutas e a “interação entre indivíduos” que se reuniram em lugares determinados da cidade estabelecendo relações de coexistência baseadas em códigos comportamentais diversos. A vida boemia é uma prática social que guarda aspectos das convivências, sendo estas extremamente ricas e fluidas do ponto de vista cultural e lúdico. Neste sentido, é interessante que as sociabilidades boêmias venham à pauta através dos registros das ludicidades ocorridas em Belém, bem como das memórias que trazem à tona lembranças de experiências do passado.

Neste capítulo trato da sociabilidade dos lugares de boemia em Belém a partir das memórias produzidas por pessoas que transitaram nesses *circuitos*, mostrando o interior de cabarés, o público frequentador, as *paisagens sonoras*, os congaçamentos e conflitos e as representações criadas no imaginário social da cidade sobre este universo. Minha análise destacará as múltiplas experiências compartilhadas em diversos espaços onde essa sociabilidade boêmia teve íntima relação com a prostituição, permitindo a construção de relações sociais e códigos de conduta e de linguagens bem específicos.

4.1- Cabarés e outros espaços boêmios: A boemia vista de dentro

A presença de casas destinadas as atividades lúdicas ligadas à boemia estão presentes em diversas sociedades há bastante tempo, configurando-se como espaços de permissividade da sexualidade, de festas e sociabilidades. Vimos anteriormente que as tabernas e casas de tolerância apareciam dentre os lugares mais destacados para essas práticas desde os fins da idade média, elas serviam como espaços exclusivos para bebericagens, elucubrações, recreios boêmios, encontros com meretrizes e demais segmentos que se dedicavam a momentos de espontaneidades festivas. Com as transformações burguesas dos finais do século XVIII, as casas de concentração festiva ganharam nova configuração, principalmente nos centros urbanos, destacando-se a partir desse momento os “cabarés” como espaços de reuniões boêmias³⁴⁴.

Os “cabarés” tiveram origem na França (*cabaret*) no período que a historiografia tradicional registou como *Belle Époque*, no século XIX³⁴⁵ e funcionaram como casas de shows onde homens e mulheres procuravam externar suas liberdades reprimidas em outros ambientes da cidade. Nesses espaços aconteciam espetáculos de ópera, música e dança com mulheres conhecidas como *french cancan* ou *cocottes*³⁴⁶, atraindo diversos segmentos sociais do público masculino, bem como segmentos de mulheres libertárias, iniciadoras do movimento feminista, artístico e de saraus poéticos³⁴⁷. O público principal desse tipo de ambiente, contudo, foram pessoas do sexo masculino de diferentes segmentos sociais que usavam os cabarés como espaço de diversão. As meretrizes, também se fizeram presentes nestes espaços e se encontravam na condição, principalmente, de prestadoras de serviços sexuais. Neste sentido, pode-se afirmar que, apesar de se tratar de um ambiente comum aos dois gêneros, o espaço do cabaré era voltado principalmente para a diversão masculina na qual a sociabilidade era marcada pelo consumo de bebida, pelos jogos e pela prostituição, sendo a última a principal atividade requerida por homens que iam a esses espaços em busca da satisfação fugaz, de prazer sexual rápido, longe do espaço familiar e das normatizações permitidas dentro do matrimônio.

³⁴⁴ ROUSSANT, Jacques. **Prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

³⁴⁵ Marcos Antônio de Menezes afirma que a origem do termo Cabaré tem origem no espanhol *vabaretta*, que pode ter o significado de casas de diversões, sendo posteriormente incorporado pelo francês *cabaret*, ou tabernas: MENEZES, Marcos Antônio de. Cabarés: História E Memória. **Anais. XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento Histórico e Diálogo Social**. Natal-RN, 22 a 26 jul. 2013. p. 1-13. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362017982_ARQUIVO_CABARES.pdf.

³⁴⁶ ROBERTS, Nickie. **As Prostitutas na História**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1998.

³⁴⁷ MENEZES, 2013, 1-13.

Alain Corbin afirma que desde o Renascimento até, mais ou menos, meados do século XIX, a concepção amorosa e de sexualidade esteve relacionada com questões entendidas à época como de superioridade dos sentimentos amorosos e dos prazeres sexuais masculinos. As tentativas de explicação científica acerca do controle das pulsões sexuais entre homens e mulheres eram colocadas de forma unilateral, considerava-se que cabia ao homem o caráter ativo e forte e à mulher a condição de passividade constante, sendo esta explicação a justificativa para a existência dos instintos masculinos para a sexualidade e a consequente necessidade da existência de cabarés e demais espaços destinados à contenção dos ânimos sexuais masculinos³⁴⁸.

No Brasil esses espaços também desenvolveram uma estreita relação com os prostíbulos ou casas de pensão. Sua influência chegou ao país juntamente com as jovens francesas vindas para alegrar *rendez-vous* espalhados pelas principais capitais que consumiram a cultura urbana e, em certa medida, o modelo francês ‘bellepoqueano’ de hábitos e gostos burgueses³⁴⁹.

Em Belém do Pará os espaços destinados à boemia foram muito comuns, eles apareciam com certa frequência em periódicos do século XIX nos quais se fazia menção aos “*rendez vous*”³⁵⁰, “prostíbulos” e “pocilgas” que abrigavam “madalenas” ou “mariposas”. Como já visto anteriormente, a vida lúdica aparecia nos noticiários através de denúncias feitas por moradores da região central aos chefes de polícia acerca de “tumultos” provocados por boêmios nas suas “assuadas e distúrbios que, quase todas as noites”, faziam “uns vagabundos” em suas reuniões, “ofendendo o decoro público” através de atos de “orgia”, como os ocorridos na “Rua do Rosário” onde “houve um *chinfirim* na casa de uma meretriz e os meliantes tiveram até o arrojo de colocarem-se em cadeiras no meio da rua, impedindo por tal forma o trânsito público”³⁵¹. No início do século XX, esses registros permaneceram dando indícios de que havia “inúmeras pocilgas espalhadas pelas diferentes ruas desta capital”³⁵²,

³⁴⁸ Sobre esse tema Corbin explana que: “A crença segundo a qual os avanços da civilização acentuam a diferença entre o homem e a mulher embasa solidamente a divergência dos papéis. Esta divisão acredita-se, deve ordenar todas as relações sociais, sobremaneira o discurso e o jogo amoroso. A mulher descobre o desejo quando focaliza seus sentimentos sobre um indivíduo. O homem pode ser invadido por uma necessidade de mulher que uma parceira casual poderá satisfazer. Esta diferença radical nas modalidades do desejo fundamenta o duplo padrão moral”. Ver CORBIN, Alain. O Encontro dos Corpos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História do Corpo: da Revolução à Grande Guerra**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008, p. 181-266. Vol. 2.

³⁴⁹ MENEZES, 2013, 1-13; RAGO, 2008, p. 37-126; SARAIVA, 2013, p. 82-83.

³⁵⁰ CAMPOS, Ipojuca Dias. **Casamento Divórcio e Meretrício em Belém no Final do Século XIX**. (1890-1900). Dissertação (Mestrado em História) Apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). São Paulo: Mimeo. 2004.

³⁵¹ Distúrbios. **Diário de Notícias**. Belém, 12 mai. 1885. p. 2

³⁵² Arquivo Público de São Paulo. Acervo da Hemeroteca Teodoro Braga, 15 jul. 1921.

assim como mulheres semelhantes a “Maria Sebastiana da Conceição, natural deste Estado, Meretriz,” que “foi presa na Doca do Ver-o-Peso por ofensa à moral”³⁵³.

Vimos anteriormente que durante toda a primeira metade do século XX até, mais ou menos, meados da década de sessenta, grande parte dos cabarés de Belém se concentrou, predominantemente, no centro da cidade, dentro e fora do denominado “quadrilátero do amor”, área que compreendia a zona do meretrício no bairro da Campina, se estendendo pelo bairro do Comercio. Nos subúrbios este tipo de estabelecimento se espalhou por vários lugares, sendo possível encontrar registros de “casas de alegres” dispersas em vários bairros, como no anúncio que divulgava, por exemplo, a inauguração de “mais um ponto de atração noturna na cidade, nova boate no bairro do Guamá, no antigo local do ‘Estrela do Norte’, agora com novo nome e nova direção”³⁵⁴.

O termo “cabaré” foi muito usado de maneira popular fazendo referência, quase sempre, aos estabelecimentos de condições mais humildes ou mais precárias, exemplo pode ser dado com os cabarés da Condor, na sua grande maioria, casas simples que levavam o nome de suas proprietárias como o “Cabaré da Cotinha” e o “Cabaré da Tia Maria”. No entanto, esta denominação não foi a única a ser utilizada para se referir aos estabelecimentos destinados a festas e prostituição. Em Belém outras alcunhas foram usadas por populares ou pela própria imprensa, as referências a esse tipo de estabelecimento encontradas nos jornais eram “pocilga”, “casas alegres”, “*rendez vous*”³⁵⁵, “pensões alegres”, “inferninhos” e “casas de cômodos”. A partir dos anos sessenta começaram a surgir também as “boates” como referência de modernidade, eram casas de luxo destinadas a “shows de diversão adulta”, com instalações mais sofisticadas.

Como mostrado no primeiro capítulo, os cabarés e pensões do centro funcionavam em casarões antigos e apresentavam em suas dependências basicamente palco, bar, salão de dança e quartos de cômodos sem banheiros, quase sempre, ambientes muito simples, sem luxo. Oficialmente o boletim da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Pará apontava, em 1970, registrou a existência de 37 pensões e 22 casas de cômodos, somente na zona do meretrício, número que triplicava quando se incluía os dados dos cabarés fechados pela secretaria nos demais bairros da cidade, neste caso, atingia a cifra de 88 pensões e 62 casas de

³⁵³ O Pará, Belém, 27 mar. 1990, n. 692, p. 2

³⁵⁴ Nova Boate. **Folha do Norte**, Belém, 01 jan. 1964, p.6.

³⁵⁵ A palavra francesa *rendez-vous* apesar de significar “encontro”, guardou outro significado na cidade de Belém no início do século XX, pois era o termo utilizado pelos boêmios para identificar as casas de prostituição, visto as meretrizes francesas ao saírem para um “programa” pronunciarem: *Je vais à rendez-vous!*

cômodos espalhadas pela cidade com cerca de 300 mulheres alojadas nessas casas³⁵⁶. A cidade de Belém dispunha, portanto, de uma oferta significativa de casas destinadas à prostituição e boemia, tendo no interior dessas casas sociabilidades diversas.

Os cabarés de Belém apresentavam características diversas nas suas dependências, dividindo-se basicamente em boates de luxo e pensões mais modestas. Os ambientes com mais estrutura eram estabelecimentos frequentados por pessoas com condições de pagar pelos caros serviços de bar, jogos e prostituição oferecidos por “madames”, “rufiões” e “empresários da noite”. Determinadas casas apresentavam aspectos que as identificavam com ambientes tradicionais do início do século XX, algumas dispunham de ambiente fechado, acústica, climatização, luz penumbra, bar, música mecânica, ou ao vivo, palco para apresentações e ambiente reservado para os encontros íntimos. Lourdes Barreto cita em depoimento a existência de “velhos sobrados grã-finos”, evidenciando que até o início dos anos setenta ainda era possível se encontrar alguns casarões antigos no bairro da Campina que, talvez, ainda mantivessem os ambientes tradicionais de cabarés da primeira metade do século XX, com palco encerrado por cortinas onde, também, ficavam pianista e *Crooner*, a decoração era feita com grandes lustres, quadros e móveis dos tempos da dita *Belle Époque*³⁵⁷. Alguns sobrados antigos chegaram ao tempo presente apenas como ruínas, resquícios de um passado de muito movimento na zona do meretrício (fig. 36).

Nos cabarés “chiques” da zona do meretrício as “madames” e as meretrizes se apresentavam aos seus clientes sempre bem arrumadas e perfumadas, cumprindo as regras de etiquetas e de comportamentos estabelecidos pelos proprietários de cada casa ou pelas convenções sociais estabelecidas no mundo do meretrício. As posturas e ‘códigos internos’ desses cabarés previam um comportamento discreto e educado em seu interior, tanto por parte das meretrizes como por parte dos clientes³⁵⁸.

“A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado³⁵⁹”, ainda assim, as descrições feitas a partir das memórias de boêmios e meretrizes que, circularam pelos espaços de boemia, possibilitam a apreensão daquilo que ficou guardado nas lembranças sobre como eram as sociabilidades e o funcionamento dos ambientes boêmios internamente.

³⁵⁶ Boletim da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Pará: Número de casas de cômodos e pensões no Município de Belém. **Folha do Norte**, Belém, 01 de março de 1970, 1º cad. p. 14.

³⁵⁷ Depoimento de Maria de Lourdes Barreto. BARRETO, Maria de Lourdes. Belém, 27 dez. 2012. Entrevista realizada na sede do GEMPAC, por José E. S. Dias Jr.

³⁵⁸ BARRETO, Belém, 27 dez. 2012.

³⁵⁹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, V.2, n.3, p. 3-15, 1989.

Mesmo a memória sendo “um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”³⁶⁰, ela é considerada um documento plausível de atenção e credibilidade.

Figura 36: Ruínas de Pensão na Rua General Gurjão com Ferreira Cantão, Campina.



Fonte: Google Maps, 2013.

Lourdes Barreto, ao recordar o momento de chegada à Belém, conta que quando foi trabalhar no “Cabaré da Madame Moza”, esse lugar era “um ambiente de muito requinte e muito luxo” onde “as meninas recebiam os clientes num salão grande, mas tudo na mais absoluta discrição. Tinha muito sigilo”³⁶¹. A “Pensão da Moza”, como era conhecida pelos frequentadores, localizava-se em uma área carente do subúrbio, no bairro do Guamá, onde não havia saneamento básico e o acesso era difícil. No entanto, a dificuldade de chegada ao local não impedia o grande movimento no estabelecimento. Lourdes conta que o “casarão avarandado” foi muito frequentado por empresários, políticos locais e artistas de passagem por Belém.

A presença de pessoas ilustres na “pensão da Moza” parece ter sido constante. Em outro depoimento, Janjão Mamede – boêmio que também transitou por diversas pensões e demais espaços de boemia de Belém durante boa parte da segunda metade do século XX – narra suas aventuras festeiras pela cidade lembrando as incursões ao referido cabaré, enfatizando que o mesmo era “bem frequentado” e tinha bons serviços de bar oferecidos pela “Madame”. A respeito dos frequentadores, Mamede afirma que: “para sacudir a pensão da

³⁶⁰ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p.39.

³⁶¹ BARRETO, Belém, 27 dez. 2012.

Moza, onde o Aurélio se reunia com seu secretariado, curtindo lindas mulheres e uísque Cavallo Branco, era preciso ter dinheiro³⁶²”. Acrescenta ainda que aquele espaço era “um ambiente de muito esbanjamento” que conjugava ostentação e poder por parte dos frequentadores mais ilustres. Pelos depoimentos, apesar da localização suburbana deste espaço, ele era pouco acessível para aqueles boêmios com poucos recursos para gastar. Esta assertiva também é confirmada por Clélio Palheta ao falar que “uma coisa mais sofisticada, de prostitutas mais sofisticadas, se encontrava na Pensão da Moza e na Margot, lá era top de linha. Para você conquistar uma prostituta tinha que ter competência³⁶³”.

Os altos preços cobrados na Pensão da Moza, a localização de difícil acesso e o “público seletivo” que costumeiramente frequentava o local fazendo gastos altos, talvez, cumprissem o propósito de “filtrar” os frequentadores mais “endinheirados” da cidade, uma estratégia de isolamento e discriminação que, provavelmente, foi avalizada por empresários e políticos mais assíduos ao local.

O tal Aurélio, citado acima por Janjão Mamede, era Aurélio do Carmo, Governador do Estado do Pará nos anos que antecederam a Ditadura Civil e Militar (1961-1964)³⁶⁴. Homem muito referenciado nas rodas boêmias da cidade por ter sua imagem sempre relacionada aos cabarés da zona do meretrício e do subúrbio. Mamede afirma que a “Pensão da Madame Moza era sustentada pelo ex-governador” e em seguida acrescenta que:

Quando fui para lá pela primeira vez, era muito frequentado pelo Aurélio do Carmo, governador na época. É só ver quando foi que o Aurélio esteve no governo. Na época era chamada de “Pensão da Moza”. O Aurélio do Carmo ia toda à tarde, depois que fechou a pensão ela passou a ser chamada de Romana, depois que virou Xamego [...] Quando a Moza estava já na pior, que veio a ‘revolução’. Já não tinha o Aurélio do Carmo para gastar dinheiro lá, pois era ele quem sustentava a pensão, ele era o Bataclã da novela³⁶⁵.

Lourdes Barreto não cita nomes, mas ratifica que havia a frequência constante de personalidades políticas tanto na zona como em outras pensões suburbanas. Sobre esse tema Lourdes conta: “no primeiro dia que eu cheguei ao meretrício, meu primeiro programa foi com uma pessoa muito importante para sociedade. Era governador do estado na época³⁶⁶”. E

³⁶² MAMEDE, Inácio Jamil de Moraes. **Antonte, ontem e hoje**. Belém: S/E. mar. 1996, p. 78.

³⁶³ FERREIRA, Clélio Palheta. Belém, 17 nov. 2012.

³⁶⁴ Aurélio do Carmo exerceu vários cargos no serviço público ao longo de sua vida, dentre eles os de Desembargador, Promotor, Secretário de Segurança, Professor de Direito até chegar a Governador do Estado do Pará eleito por ampla maioria dos votos pelo PSD, legenda que abraçou desde a juventude na Faculdade de Direito. Assumiu o governo em janeiro de 1961, sendo cassado em 1964, após a tomada do poder pelos militares, assumindo em seu lugar Jarbas Passarinho. Ver: LAREDO, Salomão. **Palácio dos Bares**, 2003, p.380.

³⁶⁵ MAMEDE. Belém, 31 ago. 2012.

³⁶⁶ BARRETO, Belém, 27 dez. 2012.

acrescenta: “saí com muitos homens importantes da sociedade. Era um movimento muito grande nessa zona³⁶⁷”. A presença constante de políticos e empresários nos cabarés talvez influenciasse nas ordens de funcionamento de determinadas casas, como falei no capítulo anterior, havendo inclusive a suspeita por parte de determinados frequentadores de que alguns homens de poder financiavam determinadas casas, como sugeriu Janjão Mamede.

No caso da referência feita à presença de Aurélio do Carmo na “Pensão da Moza” e a possível coincidência do seu fechamento no momento de queda deste governante, após o Golpe Militar de 1964, é possível inferir que as informações apresentadas por Mamede, Palheta e Lourdes Barreto tenham fundamento. Não se pode confirmar que o ex-governador financiava a casa, no entanto, sua queda política coincidiu com a desativação desta casa, assim como coincidiu com o início do processo de “caça” às meretrizes nos espaços boêmios da cidade. Após o fechamento da “Pensão da Moza”, o espaço deu lugar a “Boate Xamego” da qual falarei mais adiante.

As várias vozes que narraram as incursões de Aurélio do Carmo ao mundo da boemia e do meretrício são confirmadas pelo próprio Aurélio que enfatiza que sempre exerceu presença efetiva nos circuitos boêmios da cidade, desde sua juventude, provavelmente, tendo conhecimento do imaginário boêmio que foi construído a seu respeito. Ao dar declarações sobre outro espaço muito badalado da cidade, o Ex-governador enfatiza que:

O Bar da Condor era frequentado pela mocidade da época, pela boemia e eu passei momentos agradáveis naquele lugar, que era de propriedade do João de Barros. Nós, nas sextas-feiras, costumávamos tomar nossos uísques, nossa cerveja e reunir nossos amigos para ficar até altas horas da madrugada e, às vezes, até amanhecer lá³⁶⁸.

Lourdes Barreto diz ter encontrado algumas vezes com Aurélio em pensões do meretrício e salienta que ele era bastante criticado por segmentos da imprensa e da oposição que sempre procuravam macular sua imagem pública com alusões à boemia. Essa imagem talvez tenha contribuído para que Aurélio do Carmo adotasse uma postura de reação às críticas, reafirmando, sempre que possível, sua imagem como frequentador de cabarés e casas de shows. Falando sobre o incomodo que determinados homens influentes sentiam no interior das casas de noite, quando anunciados pelos mestres de cerimônia ou quando flagrados por jornalistas, o ex-governador afirmava que:

³⁶⁷ BARRETO, Belém, 27 dez. 2012.

³⁶⁸ CARMO, Aurélio. *Apud*. LAREDO. Salomão. **Palácio dos Bares**, 2003.p.380.

Algumas pessoas influentes que frequentavam o Bar da Condor pediam ao João de Barros para que intercedesse junto aos jornalistas para que estes não noticiassem a presença dos mesmos nos jornais. Eu nunca fiz esse pedido, eu sempre fui um homem autêntico e nunca escondi as coisas que fazia. Mas muita gente na época era sonsa, como costumávamos falar. Quer dizer, para as famílias era um puritano, essa coisa toda. No entanto era, porque, quando tinha uma oportunidade, fugia para lá, ia bater no Bar da Condor para conhecer as moças da vida fácil. Eu nunca fiz questão de esconder isso³⁶⁹.

As afirmações de Aurélio do Carmo mostram que apesar da permissividade social que permitia aos homens estar nestes espaços de boemia, havia todo um preconceito e uma espécie de “código de conduta” público que exigia discrição. Era uma espécie de mundo paralelo que acessavam para sociabilizar coisas do mundo masculino mais abertamente, mas suas famílias, e a sociedade em geral, deveriam ser poupadas de ter acesso a esse lado de suas vidas. Há aqui uma expressão de moralidade que conjugava sentimentos ambíguos por parte de determinados indivíduos que sentiam a necessidade de se fazer presente nos espaços boêmios, mas ao mesmo tempo negando-os como lugares de identidade. Ao que parece, pelo menos já nos idos dos anos dois mil, Aurélio do Carmo não se incomodava em ser identificado como “boêmio” e “mulherengo”, incomodo que, pelo seu depoimento, fez parte do cotidiano de muitos outros homens.

Outro depoimento reforça a ideia de que muitos cabarés eram frequentados, preferencialmente, pelos “grã-finos” que, na maioria das vezes, exigiam discrição. É o que mostra o jornalista Edson Salame que recorda suas incursões ao *Palácio dos Bares*:

Aliás, nessa época, só as prostitutas mais elegantes entravam no bar da Condor. Apesar de tudo isso, o preconceito era grande em relação ao bairro. Era normal personalidades da cidade, e até mesmo, juízes, frequentarem o bar às escondidas. O problema era quando o Erasto Banhos, um animador da noite, via a figura. Aí ele ia até o microfone e anunciava com toda a pompa: “acaba de entrar no bar da Condor, o recanto encantado da cidade, o prezado Senhor ‘fulano de tal’”³⁷⁰.

A narrativa de Salame deixa claro que os anúncios inesperados causavam constrangimentos aos frequentadores que não queriam ser identificados naqueles lugares. Apesar disso, os depoimentos supracitados dão indícios de que esses espaços foram privilegiados como lugares de reuniões e articulações políticas. João de Barros, por exemplo, empresário proprietário do *Bar da Condor*, promoveu várias reuniões políticas nas dependências de seu bar e restaurante, oferecendo banquetes a vereadores, deputados, prefeitos e governadores:

³⁶⁹ LAREDO, 2003. 382-383.

³⁷⁰ SALAME, Edson. *Apud*. LAREDO. Salomão. **Palácio dos Bares**, 2003. p.236-238.

O Palácio dos Bares durante as décadas de 50 e 60 viveu sua época áurea. Seu salão de dança teve a honra de receber personalidades que, assim como o Palácio, entraram para a história, [...]. O Governador Magalhães Barata era um dos frequentadores daquela boate. Não é de se espantar, pois naquele tempo era muito ‘chic’ ir ao Palácio. Vestido de paletó, gravata e chapéu, exatamente como o ambiente exigia, também passaram pelo Palácio, Moura Carvalho, Aurélio do Carmo, Lameira Bittencourt, Maravalho Belo, Zacharias de Assumpção entre outros políticos³⁷¹.

Ao que parece, os homens ilustres partilhavam uma convenção social boêmia, no que diz respeito à presença em lugares identificados com as elites oferecendo serviços e atrações discretas, como era o caso de prostituição de luxo no *Palácio dos Bares*. No caso da “Pensão da Moza” essa discrição se dava de forma mais sutil ainda, pois esse espaço não havia um ambiente aberto como o existente no *Bar da Condor* – que dispunha de restaurante que funcionava durante o dia como espaço para eventos e convenções sociais. O caráter fanfarrão de certos homens com poder econômico e político que se dirigiam a esses espaços em busca de mulheres, bebidas e reuniões secretas, somente podia ser satisfeito com o apoio das “madames”, talvez aí residisse à cumplicidade entre o Poder e as donas dos cabarés.

Na “zona do meretrício” outros cabarés se destacaram, eram casas comandadas por “madames” (figura 37) que ficaram muito conhecidas de meretrizes, clientes, jornalistas e da polícia. Estas eram vistas como lideranças no mundo da prostituição, a elas ficavam reservadas todas as responsabilidades da casa e das meninas que atuavam, quase que compulsoriamente, para atingir as metas e obrigações. Muitas “madames” foram fichadas na polícia como conhecidas incentivadoras do Lenocínio. Na imprensa a imagem das “madames” não era mais suave, pois se passava a ideia de que elas eram uma verdadeira “instituição universal”, amigas de políticos e policiais que muitas vezes lhes davam retaguarda nos momentos de embates com o Estado.

Lourdes Barreto conta que, quando chegou à zona do meretrício no final da década de 1950, após sair da “casa da madame Moza”, trabalhou em várias casas de pensão de luxo do perímetro atuando, respectivamente, na “Casa da Madame Biby” – uma casa localizada na Rua General Gurjão –, transferindo-se logo em seguida para o “Cabaré da Madame Fernanda”, depois para a “Pensão da Madame Zezé”, também na mesma rua e posteriormente para o “Cabaré da Madame Anita”, na Rua 1º de Março. Esses constantes deslocamentos de Lourdes permite-nos inferir que havia uma rotatividade entre as mulheres que atuavam na zona, circulando pelas várias casas e pensões da região. Acredita-se que a rotatividade de

³⁷¹ BARROS FILHO, João de. *Apud*. LAREDO. Salomão. **Palácio dos Bares**, 2003. p.205.

clientes também acontecia na mesma proporção nas casas mais refinadas do meretrício. Como já tive oportunidade de demonstrar, havia a discriminação das melhores e piores pensões pelas ruas da Campina, sendo as ruas 1º de Março e General Gurjão as que abrigavam as casas mais chiques e as ruas Riachuelo e Padre Prudêncio abrigavam as casas mais modestas e simples destinadas a outro público, como foi mostrado no primeiro capítulo.

Figura 37: “A ‘Madame’, uma instituição universal.



Fonte: **Folha do Norte**, Belém, 15 mar. 1970, p. 15.

As lembranças que Lourdes Barreto guarda desses espaços são representadas por visões positivas e por recordações de um tempo, considerado por ela, de bastante “*glamour*”. Ao se referir aos estabelecimentos do meretrício reitera que “esses cabarés eram muito elegantes, uma coisa muito glamorosa, com muito laquê, muito perfume francês, muito requinte e muita penumbra em todas as casas³⁷²”. Seu depoimento transmite a imagem do cabaré como espaço alegre e de muitos conagraçamentos, uma visão ressignificada a partir das lembranças acerca das sociabilidades manifestas nesses lugares, suas lembranças são, quase sempre, acompanhadas de referências lúdicas e de festa. Atualmente, com a carreira de meretriz encerrada, Lourdes cristalizou em sua memória as imagens positivas das “noitadas” e das reuniões festivas. Esta é uma representação que filtra as imagens negativas de violência e exploração do trabalho. Apesar das diversas tensões vividas por Lourdes no interior do meretrício, ela entende suas experiências na prostituição como nostálgicas e boas de lembrar.

A reconstrução do passado aparece aqui como uma rememoração exposta por um “sentimento de realidade” que reconstrói os ambientes sociais e os sujeitos de outrora como personagens mitificados por um semblante de perfeição construído pelo tempo, reelaborando e cristalizando as recordações pretéritas como momentos bons e objetivos³⁷³. Lourdes reconstrói seus “lugares de memória³⁷⁴” a partir dos registros de uma “memória-trabalho³⁷⁵” que preserva expressões e sentimentos que permitem uma atenção “no que foi lembrado” como marco simbólico e significativo para sua experiência de vida.

Detalhes do ambiente interno dos cabarés são descritos por Lourdes ao falar de certos rituais praticados em determinadas casas de pensão da zona do meretrício. Suas recordações rememoram as estratégias de atrair clientes para a casa da “Madame Zezé”, por exemplo. Em sua narrativa sobre a recepção aos visitantes da pensão, Lourdes referenda que:

Quando os clientes chegavam ao cabaré da “Madame Zezé”, eles eram recebidos pela gerente, que entregava a eles uma rosa, daí eles se dirigiam para uma mesa onde ficavam sentados à espera do momento de se levantar e ir entregar a rosa na mesa do lado oposto, onde ficavam as meninas. Ele escolhia a menina que queria ficar e ia até ela entregar a rosa, era o *métier* da casa, era tudo no maior requinte e educação.

³⁷² BARRETO, Belém, 27 dez. 2012.

³⁷³ Marina Maluf referenda as lembranças e reminiscências pessoais como: “Reconstrução do passado, a relembração se serve de inúmeros pontos de referência, de campos de significados, porque o fundamento da recordação é dado por um ‘sentimento de realidade’ que se origina em contingências existenciais, pois está subordinado ao tempo e ao espaço, imbricado na ordem dos acontecimentos físicos e sociais, em estreita relação com a família, com os grupos sociais, com as comunidades de convívio, com um universo, enfim, de pessoas, coisas e imagens que são reconhecidas pelos homens em sociedade”. Ver: MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 30-31.

³⁷⁴ NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. **Projeto História**, nº10, São Paulo: dez. 1993, p. 07-28.

³⁷⁵ BOSI, 1993, p. 37.

Nessa época não se chegava de qualquer jeito, os homens não entravam na casa tirando a mulher, não podia, tinha que se cumprir o ritual da casa, que por sinal era muito frequentada³⁷⁶.

A descrição de Lourdes revela que certas práticas sociais de galanteio masculino também eram exercidas nos cabarés. Mostra, ainda, um pouco dos códigos e regras comportamentais preestabelecidos pela dona do local. Ao contrário da imagem cristalizada no imaginário social, que representa a prostituta como a parte agressiva da conquista, o uso das flores, além de simular o cortejo masculino à mulher, garantia o papel social preestabelecido ao homem na época: ser a parte da relação que tomava a iniciativa, sendo esta uma determinação que contribuía para a diminuição da possibilidade de desentendimentos e conflitos no momento da escolha da meretriz. Além disso, encenava uma romantização, também, influência da mentalidade social que a sociedade acreditava ser necessária para o ato sexual. Apesar de haver um imaginário social de senso comum a respeito dos cabarés, que transmitia a ideia ou a sensação maior de liberdade em relação à sexualidade consentida no seu interior, nota-se que às regras de conduta, assim como as formas de conquista, não estavam vinculadas apenas a questão de cunho financeiro, elas se davam por determinados rituais, que além de simular rituais de conquista, garantia normas de conduta imprescindíveis para o bom funcionamento dos estabelecimentos. Havia um acordo prévio entre madames, clientes e meretrizes, cada qual sabendo o seu lugar nas relações de sociabilidade nele existentes.

Ainda segundo Lourdes, “não tinha confusão, os clientes que iam lá sabiam que a ‘Madame Zezé’ não deixava acontecer desordens, era de praxe na casa ter Leão de Chácara e clientes finos, bem educados³⁷⁷”, esta narrativa leva a crer que as regras existentes em algumas casas do meretrício eram baseadas em uma rigidez disciplinar bastante rigorosa, justamente para manter o alto padrão de atendimento dos estabelecimentos. Pode-se concluir, a partir dessas evidências, que determinados cabarés da zona se preocuparam em construir uma imagem de organização, objetivando a seleção dos clientes que a eles se dirigiam, talvez, como forma alternativa de minimizar as imagens pejorativas e de violência passadas pelos jornais e por parte da opinião pública a respeito do local.

É perceptível, a partir da análise dos depoimentos de Lourdes, que havia uma movimentação comercial que determinava os tipos de clientes recebidos e as relações de convivência que podiam ser praticadas no local. Apesar de o cabaré ser um espaço destinado

³⁷⁶ Depoimento de Maria de Lourdes Barreto. BARRETO, Maria de Lourdes. Belém, 04 jan. 2013. Entrevista realizada na sede do GEMPAC, por José E. S. Dias Jr.

³⁷⁷ BARRETO, Belém, 04 jan. 2013.

ao prazer sexual, ele não era um espaço destituído de regras que permitia comportamentos mais arrojados de licenciosidades mais vulgares, como atos e gestos obscenos dirigidos as “meninas da casa”, havia um regulamento a seguir que não podia em hipótese alguma ser quebrado. Os acordos de conduta entre cliente e meretriz eram negociados em uma relação contratual não escrita e realizados a quatro paredes, no interior dos quartos de cômodos. Lourdes conta que essas regras de conduta também atingiam as meretrizes, “todas as meninas da casa tinham que cumprir determinadas obrigações³⁷⁸”, caso contrário, recebiam punições com castigos, multas e até mesmo a suspensão da alimentação.

Em certos momentos de sua narrativa, as memórias de Lourdes Barretos ficam menos idealizadas, principalmente quando ela lembra as relações de exploração do trabalho no cabaré:

Quando a gente estava no salão, não podia cochilar, a menina que era pega pela “madame” cochilando no salão, não tinha o prato na mesa, era a “madame” que fornecia a comida e nós pagávamos caro. Não podíamos recusar clientes, nem fazer corpo mole, tínhamos que mostrar produção, era super exploração, tínhamos que ficar acordadas, ter que beber com os clientes e ficar até altas horas. Você já imaginou começar a trabalhar onze da manhã, meio dia e ficar até às quatro horas da manhã do outro dia. Era super exploração³⁷⁹.

As revelações de Lourdes mostram outro lado da vida glamorosa citada pela própria meretriz, alguns parágrafos acima. Elas revelam vários aspectos da exploração do trabalho das meretrizes que eram obrigadas a seguir longas jornadas para satisfazer as exigências das madames, para garantir o próprio rendimento e os lucros da casa. O aparente ambiente de festa e felicidade vivenciado no salão podia não se estender as meretrizes que se comportavam, muitas vezes, sorridentes e receptivas com os clientes, mas vivam coagidas pelas madames e cafetões que detinham o controle de seu trabalho.

As memórias de Lourdes apresentam caráter ambíguo em relação ao ambiente do cabaré, pois o mesmo aparece em suas recordações como espaço agradável e de muito *glamour* em um primeiro momento, apresentando caráter de exploração do trabalho em outro momento. Há aqui uma expressão clara de um tipo de exploração do trabalho que não podia ser denunciada, ou mesmo fiscalizada pelos organismos de amparo aos direitos trabalhistas. A prostituição constituía-se em uma prática estigmatizada socialmente, bem como uma atividade trabalhista não reconhecida pelo ministério do trabalho, o que dificultava ainda mais a organização das meretrizes para burlar os abusos cometidos por madames e rufiões.

³⁷⁸ BARRETO, Belém, 04 jan. 2013.

³⁷⁹ BARRETO, Belém, 04 jan. 2013.

A exploração excessiva do trabalho de prostitutas foi constante na zona do meretrício, havendo inclusive relatos de abusos e maus tratos cometidos por donas de pensão às meretrizes que recusavam programas na casa. Algumas madames exigiam que as jovens meretrizes praticassem determinadas modalidades sexuais as quais elas não estavam acostumadas, é o que afirma Lourdes ao falar da casa da Madame Moza dizendo que, “era uma casa muito bonita, mas tinha uns requisitos que naquela época não era muito normal uma mulher fazer³⁸⁰”. Lourdes faz referência a práticas sexuais mais ousadas, como a exigência de se praticar sexo oral com os clientes, ato que nem sempre agradava algumas meretrizes. Sobre essas experiências Lourdes conta que:

As mulheres chegavam novas e não sabia fazer sexo oral, não sabia andar de sapato alto, chegavam ‘pisando no mocotó’. As madames davam aula com livros na cabeça para andar bem elegantes, ensinavam a descascar uma banana com a ponta da língua pra saber fazer sexo oral, ensinavam como fazer sexo anal. Porque isso sempre aconteceu em algumas casas com menos restrição. E naquele tempo sexo oral era uma coisa muito silenciosa³⁸¹.

A exigência de bom desempenho parece ter sido a grande preocupação das madames donas de cabaré que investiam inclusive na preparação das meretrizes recém ingressas no mundo da prostituição com a realização de oficinas e investimento em cosméticos, cabelereiro e roupas. Percebe-se que a necessidade das madames de oferecer garotas bem apresentáveis e hábeis nas diferentes práticas sexuais, acabava colaborando para determinados excessos e, até mesmo, abusos cometidos com níveis de exploração sobre humanas. Pelo que é mostrado no depoimento de Lourdes, fica subentendido as várias formas de discriminação às meretrizes, pois apesar de a atividade da prostituição ser estigmatizada socialmente, nem todas as práticas sexuais eram bem aceitas por elas. Lourdes, por exemplo, saiu do Cabaré da Moza por estranhar certos hábitos sexuais impostos. Os atos de cópula ocorriam, também, a partir de regras impostas pelas prostitutas que nem sempre se davam por motivações financeiras ou por pressões dos clientes, apesar das exigências postas por estes ou pelas madames.

No caso dos cabarés de luxo, contudo, a exploração podia ser maior, haja vista a presença constante de “homens importantes que não podiam ser contrariados³⁸²”, bem como “aqueles turistas endinheirados que chegavam à cidade” e que iam direto para as dependências desses estabelecimentos para relaxar, buscando entretenimento na bebida e nas jovens meretrizes.

³⁸⁰ BARRETO, Belém, 27 dez. 2012.

³⁸¹ BARRETO, Belém, 27 dez. 2012.

³⁸² BARRETO, Belém, 04 jan. 2013.

Lourdes referenda que o controle era rigoroso por parte dos donos de estabelecimentos, não havendo concessões de folga ou licença, qualquer ato de rebeldia ou de insurreição poderia representar a expulsão da casa. Este era um problema grave que todas queriam evitar, uma vez que a circulação de meretrizes pelas ruas da zona era controlada pela polícia de costumes e discriminada por transeuntes moradores das redondezas dos cabarés, havendo, inclusive, situações em que “as meretrizes precisavam ser escoltadas por policiais³⁸³” para o deslocamento de uma casa a outra da zona.

Sobre a exploração sofrida dentro do meretrício, Lourdes narrar a pressão que sofreu quando ficou grávida de sua primeira filha:

Quando eu fiquei grávida da Leila, em 1967, eu trabalhava no cabaré da “Madame Fernanda”, ela era muito rigorosa, e muito exigente, não deixava as meninas cochilarem no salão. Éramos obrigadas a ficar acordadas até altas horas. Eu lembro que sentia muito sono, e fazia um esforço danado para ficar acordada, eu ia lavar o rosto, voltava para o salão, à gente não podia anunciar que estava grávida, se não ela mandava para uns médicos clandestinos lá na Pedreira que extraíam o feto da mulher com uma espécie de “pé de ganso”. Então eu tinha que me virar, me apertar toda e não dormir. Como eu era malandra, quando o cabaré estava muito cheio, eu ia para o quarto escondida e dava uma cochilada rápida, depois voltava para o salão, era sempre assim³⁸⁴.

As estratégias criadas por Lourdes e, provavelmente, por outras meretrizes para burlar a rigorosa fiscalização das “madames”, representaram mecanismos de resistência às duras formas de exploração do trabalho presentes no interior da vida na prostituição. Pelo que é descrito no seu depoimento, pode-se considerar que as relações de trabalho dentro do cabaré eram carregadas de exigências e de muita exploração humana, o que fazia desse ambiente um espaço de exploração do trabalho, tal qual ao de outras profissões. No meretrício havia o agravante da ocupação da prostituta não ser regulamentada, havendo inclusive poucas possibilidades de mobilização por parte das meretrizes que não tinham nem um apoio explícito da sociedade. Somente a partir da década de setenta é que algumas mulheres que atuavam em casas de prostituição começaram a se organizar no sentido de regulamentar o trabalho³⁸⁵. No último tópico deste capítulo explanarei um pouco mais sobre essa organização e a criação do Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará (GEMPAC).

³⁸³ BARRETO, Belém, 04 jan. 2013.

³⁸⁴ BARRETO, Belém, 04 jan. 2013.

³⁸⁵ É importante frisar que O Ministério do Trabalho e Emprego do Brasil adequou à sua legislação a Classificação Brasileira de Ocupação (CBO), que “Descreve e ordena as ocupações dentro de uma estrutura hierarquizada que permite agregar as informações referentes à força de trabalho, segundo características ocupacionais que dizem respeito à natureza da força de trabalho (funções, tarefas e obrigações que tipificam a ocupação) e ao conteúdo do trabalho (conjunto de conhecimentos, habilidades, atributos pessoais e outros

O cabaré consistia, dessa forma, em um espaço de diversão para os clientes e em lugar de trabalho para as meretrizes que ficavam submetidas a longas jornadas de trabalho. As meretrizes que atuavam nessas casas eram, em sua maioria, mulheres que não dispunham de muita instrução e esclarecimentos quanto à questão de direitos trabalhistas, o que dificultava organizações de resistência à exploração empreendida por “cafetões” e “madames”. Além disso, muitas entendiam que, por serem prostitutas, não conseguiriam espaço de trabalho em outras áreas, por conta dos estigmas e preconceitos que lhes furtavam a chance de reintegração às famílias de origem, bem como em outros espaços de trabalho. Restava-lhes, neste caso, aceitar a condição de exploração excessiva.

Nos jornais da cidade, o registro de exploração ao trabalho de mulheres nas boates se fazia através de críticas às autoridades, consideradas omissas. A polícia era acusada pela imprensa de usar “dois pesos e duas medidas” na fiscalização de casas famosas do centro da cidade, sendo conivente com a exploração sexual de menores no interior desses estabelecimentos, assim como com a fiscalização em relação à licença de funcionamento que, segundo o jornal *Folha do Norte*, só acontecia no subúrbio:

o mais antigo e conhecido ‘rendez-vous’ da cidade funciona em pleno centro urbano, há mais de quarenta anos. Nunca foi molestado, nunca lhe cerraram as portas que entram e saem para duas ruas centrais bem residenciais e, mesmo a obstinação com que agora se pretende “debelar o mal”, passa por êle de olhos vendados, com a mesma indiferença com que um ateu passa em frente a uma Igreja³⁸⁶.

O *rendez-vous* citado tratava-se da boate “*Night and Day*”, localizada na Rua Carlos Gomes, conhecida casa de jogos, *strip-tease* e de programas com jovens meretrizes oriundas de diversas partes do Brasil. Grande parte do público frequentador era de empresários, políticos e turistas que iam a esses espaços em busca de roletas, mesas de pôquer, uísque e

requisitos exigidos para o exercício da ocupação)”. Neste sentido a CBO - nº 5198 classifica as profissionais do sexo em seus incisos I e II a partir das: “I - Condições gerais de exercício trabalham por conta própria, na rua, em bares, boates, hotéis, rodovias e em garimpos, atuam em ambientes a céus abertos, fechados e em veículos, horários irregulares. No exercício de algumas das atividades podem estar expostas à inalação de gases de veículos, a poluição sonora e a discriminação social. Há ainda dicas de contágios de DST e maus – tratos, violência de rua e morte”; e “II - Formação e experiência, para o exercício o profissional requer-se que os trabalhadores participem de oficinas sobre o sexo seguro, oferecidas pelas associações da categoria. Outros cursos complementares de formação profissional, como, por exemplo, curso de beleza, de cuidados pessoais, de planejamento de orçamento, bem como cursos profissionalizantes para rendimentos alternativos também são oferecidos pelas associações, em diversos Estados. O acesso à profissão é livre aos maiores de dezoito anos; a escolaridade média está na figura de quarta a sétima séries do ensino fundamental. O pleno desenvolvimento das atividades ocorre após dois anos de experiência”. Sobre esse tema ver: SILVA, Mario Bezerra da. Profissionais do sexo e o Ministério do Trabalho. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XI, n. 59, nov 2008. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5233>. Acesso em jul 2014.

³⁸⁶ “A vírgula da campanha”. *Folha do Norte*, Belém, 05 mar. 1970, p. 18.

sexo. As denúncias faziam menção à presença constante de policiais nessas boates, extorquindo, praticando a cafetinagem ou na condição de frequentadores regulares, interferindo diretamente na vigilância e no controle das casas mais requintadas. Clélio Palheta enfatiza que “muitos policiais participavam como agenciadores de jogos no meretrício³⁸⁷” e o *Folha do Norte* completava, provocando as autoridades ao falar da “*Night and Day*”, dizendo que “ali – a viga mestra do lenocínio no Pará – a figura tradicional da ‘cafetina’, que sabe ser amiga da Polícia e discreta quanto à categoria de seus frequentadores³⁸⁸”, estabelecia parcerias vantajosas para a casa, muito convenientes para seu funcionamento. Continuando as acusações, o jornal alertava: “parece, até hoje, que nada de mais ocorre, nada a exigir a punição policial que é cega para as casas mais pobres, consideradas, somente, estas, autênticos ‘antros de prostituição’³⁸⁹”.

As acusações do *Folha do Norte* apontam para a forte interferência do poder político e policial em determinados cabarés onde a prática boêmia acontecia sem maiores vigilâncias, possibilitando pensar que esses ambientes eram atrelados a relações sociais marcadas por tráficos de influência e de poder que garantiam a sua manutenção e funcionamento. Já vimos que havia uma convenção masculina que endossava o funcionamento das casas mais requintadas, com o aval e as “vistas grossas” de políticos, juristas e policiais, muitas vezes presentes nesses ambientes na condição de clientes ou mesmo sócios. No mesmo perímetro da zona do meretrício, onde se localizava a boate “*Night and Day*”, outras boates foram denunciadas pela imprensa por receberem favorecimento policial, dentre estas estava a boate “*Long Beth*”³⁹⁰.

As denúncias de envolvimento de políticos no mundo da prostituição acendiam os debates expostos na imprensa a respeito dos benefícios que determinadas casas recebiam por terem seus espaços liberados ao funcionamento, mesmo quando havia o embargo policial no sentido de coibir arruaças, roubos e outros delitos no interior desses estabelecimentos. A proteção política empreendida a “madames” e “meretrizes”, implicava inclusive na revogação de sanções punitivas dadas pela polícia. Exemplo pode ser percebido em um caso ocorrido no subúrbio onde, segundo a *Província do Pará*:

Houve realmente a interferência de políticos insatisfeitos. Dentre estes anotamos o Sr. Percílio Albuquerque, proprietário de varias casas de jogo no Guamá e ainda da boite “11 Bandeirinhas”. Por sua interferência foi transferido do distrito do bairro o

³⁸⁷ FERREIRA, Clélio Palheta. Belém, 17 nov. 2012.

³⁸⁸ *Folha do Norte*, Belém, 05 mar. 1970, p. 18.

³⁸⁹ *Folha do Norte*, Belém, 05 mar. 1970, p. 18.

³⁹⁰ *Folha do Norte*, Belém, 05 mar. 1970, p. 18.

Sr. Luiz Alcântara, um dos bons comissários de polícia. Deu margem a transferência à prisão de uma mulher (Onéa Nascimento) acusada de furto de joias de um cidadão. Percílio Albuquerque tentou soltar a mulher, não sendo atendido já que se tratava de um caso de furto³⁹¹.

A força política de alguns donos de estabelecimentos influenciou, inclusive, no trabalho de muitos policiais quando agiam no cumprimento da lei. Os laços de favorecimento tencionavam as relações de poder, possibilitando a obtenção de benefícios por parte daquelas pessoas diretamente envolvidas com as contravenções recorrentes nesses espaços, mas deixavam os desprestigiados nesta relação insatisfeitos.

Com as perseguições ao meretrício no início dos anos setenta, como foi mostrado no capítulo anterior, houve uma drástica diminuição do número de boates na região central da cidade. Contudo, apesar do empenho dos organismos de segurança em tentar por fim as práticas boêmias no bairro da Campina e da Condor no início dos anos setenta, elas não acabaram por completo, permanecendo até os dias atuais. Nas décadas seguintes, a zona do meretrício da Campina deixou de ser o epicentro da boemia paraense, pulverizando-se para outras áreas da cidade. Condor e outros bairros começaram a crescer de forma vertiginosa a partir dos anos “70”, sempre acompanhado pelo olhar vigilante e repressor da Delegacia de Costumes.

No entanto, outras sociabilidades boêmias se fizeram na cidade através de rituais festeiros, danças, musicalidade, enfim, experiências compartilhadas em cabarés de diferentes lugares de Belém. As várias ações realizadas pelos sujeitos sociais nas “noitadas” da cidade ajudaram a moldar ritos boêmios perceptíveis a partir de diversas sensibilidades. Estes boêmios ajudaram a redimensionar as identidades e a noção de pertencimento a partir das assimilações e mediações culturais postas no mundo da boemia. No próximo tópico analisarei um pouco do universo de sociabilidade boêmia existente em diferentes lugares de Belém.

³⁹¹ Interferência Política na Polícia. **A Província do Pará**, Belém, 11 jun. 1960, p. 9.

4.2- Sociabilidades boêmias, códigos e sonoridades.

E quando eu chego em uma festa,
Vejo você com esse sorriso, num vestido bem bonito,
Era sua cor azul, sob a luz vermelha, igual desses bordeis,
Sua bebida era licor, tinha sabor rosê, nos seus lábios macios,
Para mim, mais que um louvor, ver seu rosto sedutor,
Em um corpo *caliente*

Mas ela não dá bola para mim,
Seu jeito mesmo assim, um pouco excitante
Nem, nem que o mundo se afastasse de mim
Por apenas um segundo, tenho você em um cabaré³⁹²

O texto acima é a letra de um bolero muito tocado nas gafieiras e cabarés de Belém nos anos oitenta, e ainda bastante celebrado nos diversos “bailes da saudade”³⁹³ realizados nas periferias. Este bolero apresenta um pouco do cenário dos cabarés espalhados pelas cidades brasileiras durante a segunda metade do século XX. Seu enredo, curto e simples, trata de uma divagação artística inspirada em uma realidade social específica – a prostituição e seus espaços de realização –, ele serve como ilustração para se desvendar várias manifestações presentes no comportamento e nas relações de sociabilidade realizadas no interior de cabarés e gafieiras de Belém.

A letra fala da admiração sentida por um boêmio ao se deparar com uma meretriz no interior de um cabaré e sugere que, apesar da indiferença da mulher diante da presença deste conquistador, o ato de sedução se efetiva após o pagamento de um “michê”, sendo esta a condição estabelecida para a simulação da conquista, naquele tipo de espaço social. A imagem passada na canção acerca do tipo de mulher encontrada no cabaré transmite a ideia de que neste lugar as meretrizes deveriam sempre se apresentar sorridentes, aparentando bom humor e simpatia, enquanto aguardavam disponíveis qualquer cliente que aparecesse com a quantia necessária para desfrutar de seus carinhos. Esta é uma representação que oferece um panorama da mentalidade social que havia sobre estes espaços de boemia.

Há aqui um reflexo simbólico da realidade a partir daquilo que se esperava encontrar no interior dos espaços de festa. Em resumo, era a representação de um imaginário social do

³⁹² Sabor Rosê. MOREIRA, Amaury. In: **Loucos Motivos**, Gravadora B&B, 1986.

³⁹³ Os “bailes da saudade” juntamente com as “festas de aparelhagem” são dois estilos de festas populares muito comuns em sedes, clubes e bares de Belém e cidades próximas. Elas tem como característica o grande aparato tecnológico de equipamentos de som que atrai centenas de pessoas para seus eventos. Sobre essas festas é interessante ver recente trabalho de: COSTA, Antônio Mauricio Dias. **Festa na Cidade: o Circuito bregueiro de Belém do Pará**. Belém. EDUEPA, 2009; e também do mesmo autor: Bailes da ‘saudade’ e do ‘passado’: atualidades do circuito bregueiro de Belém do Para. In: **Ponto Urb: Revista do núcleo e Antropologia urbana da USP**, ano 2, versão 3.0, julho de 2008.

mundo boêmio, traduzido através da descrição de comportamentos colocados em um bolero, muito tocado nos mesmos espaços de sociabilidades que lhes serviram como tema e inspiração. Na prática, a vida no cabaré é muito mais complexa que isso, possuindo múltiplas relações sociais nas quais prostitutas e boêmios interagem através de acordos que podem ser afetivos, conflituosos ou simplesmente comerciais.

O exemplo da música, utilizada aqui de forma alegórica, serve como inspiração para se avaliar os tipos de comportamentos boêmios em seus espaços de sociabilidade onde mulheres e homens compartilhavam diversas experiências. A inserção nesse universo lúdico requer o entendimento das relações sociais presentes no interior dos cabarés, atentando para as manifestações nele desenvolvidas. Neste sentido, farei um pequeno esboço para descrever as práticas e experiências compartilhadas por boêmios no interior desses lugares, atentando para as peculiaridades existentes em cada uma das manifestações festivas aqui apresentadas.

Os espaços boêmios de Belém constituíram-se como lugares de “sensibilidades, sonoridades e sociabilidades” das mais diversas expressões, quase sempre identificadas com a musicalidade, com relações amorosas em prostíbulos ou casas de festa e com atos de espontaneidade que demarcaram sensações de ludicidade, sexualidade e “boemia desinteressada”. Fernando Pessoa, por exemplo, apresenta detalhes de sua iniciação boêmia em um cabaré do bairro da Condor no final dos anos cinquenta. Seu depoimento oferece indícios de que havia uma espécie de convenção social masculina que permitia aos homens de diferentes segmentos sociais se satisfazerem nesses ambientes de “bebericagens” e sexualidade:

Comemorei minha maioridade (o aniversário de 21 anos) na Condor, no Bar da Dona Ivete. A festa foi até as sete da manhã. Dancei valsa com a Dona Ivete, que ficou sendo uma espécie de madrinha da minha maioridade. Amigos se encarregaram de encomendar vários caranguejos, dispostos como se fosse um bolo, com direito a vela e tudo³⁹⁴.

Em sua narrativa, a diversão é compartilhada com outros boêmios que juntos com a “madame”, dona do estabelecimento, prepararam uma espécie de “batizado” do jovem na vida da noite. Assim como as moças tinham a festa de debutante, uma espécie de baile com o intuito de apresentar a moça em idade nubente à sociedade, os rapazes também participavam desta espécie de “rito de passagem” para prepará-los para a vida sexual. Contudo, o “rito” das moças desejava conduzi-las para a iniciação da sua própria família, enquanto o “rito” masculino conduzia os rapazes para a sociabilidade festiva de “machos”. Eles eram muito bem-vindos ao “rito de passagem” das meninas para a idade adulta, mas no “rito de

³⁹⁴ LAREDO. 2003. p. 229-230

passagem” deles, “moça de família” não entrava. O depoimento de Pessoa deixa transparecer, de forma sutil, que, juntamente com a iniciação boêmia, através da dança da valsa e da comemoração da maioridade com amigos estava também à iniciação sexual, provavelmente realizada naquela noite com a referida dona do cabaré, uma suposição que não fica explícita na narrativa, mas que pode ser tomada como provável a partir de outra assertiva do entrevistado quando admite seus amores ocultos na Condor.

Não era de frequentar bordéis, na época a pílula anticoncepcional já era comum e eu não precisava recorrer a prostitutas. Mesmo assim, tive minhas histórias de amor na Condor. Costumo dizer que fiz pós-graduação em dança, nos bares do bairro. Foi lá que aprendi todos os traquejos, porque não havia inibição³⁹⁵.

A justificativa dada por Fernando Pessoa, ao recordar seus momentos nos cabarés da Condor, demonstra indícios de que, mesmo negando o envolvimento com prostitutas, ele admite ter vivido suas “histórias de amor na Condor” e, quando afirma ter sido lá que aprendeu todos os traquejos, porque não havia inibição, deixa claro, em meu entendimento, sua experiência pessoal neste mundo ou seu aprendizado prático. Se existiu ou não o envolvimento com prostitutas, houve, pelo menos, certo constrangimento em explicitar suas aventuras sexuais e, quem sabe, amorosas dentro dos cabarés. É importante ressaltar que o termo “madrinha” foi muito utilizado no linguajar do meretrício, sendo atribuído às prostitutas responsáveis por iniciar garotos e jovens na vida sexual. No que diz respeito às relações no interior dos cabarés, a iniciação sexual masculina pareceu ser bastante frequente e festejada. Ela estava ligada as convenções sociais de uma época na qual a sexualidade ainda estava reservada aos espaços de consentimento dessa prática.

Os cabarés espalhados pela cidade eram espaços privilegiados para a prática sexual masculina, realizada com meretrizes de diversas idades. Algumas mulheres se especializaram em iniciar jovens garotos que se dirigiam as casas de pensão espalhadas pela cidade. Clélio Palheta, que durante a infância e adolescência morou no perímetro que compreendia a zona da Campina, relata sua iniciação sexual no meretrício dizendo que:

Até mais ou menos 1964, eu estava ali pelos 15, 16 anos, mesmo assim agente já ia né, andava pelo meretrício. Tinha uma figura lá que se chamava Irene, que morava na Riachuelo, que era aquela figura que aceitava qualquer coisa. Pô mas tipo assim, ela era do tipo que era capaz de ler um jornal, virar para o lado e dizer: Te vira! Então era assim, o moleque de treze para quatorze que ainda não tinha

³⁹⁵ LAREDO. 2003. p. 229-230

experimentado, ou era filhinho de papai, ou então estava por fora das coisas da vida³⁹⁶.

Percebe-se na fala de Palheta que havia a permanência de uma mentalidade que entendia a iniciação sexual masculina como necessária e natural de ser obtida ainda na adolescência nas zonas de meretrício, muitas provavelmente incentivadas e financiadas pelo próprio pai. Essa forma de pensar a sexualidade masculina refletia a maneira como as posições de gênero ainda eram colocadas para certos segmentos da sociedade nos anos sessenta através de uma convenção social que estabelecia o sexo como algo bom e que precisava ser praticado pelos homens enquanto que a mulher – no caso aqui citado, sendo essa prostituta – desempenhava o papel social de endossar a masculinidade de jovens garotos na adolescência, principalmente porque a prática sexual era vetada, pelo menos em tese, no seio da família, com namoradas e “moças virgens”. A virgindade feminina era ainda “vendida” como uma garantia de ingresso à instituição do casamento.

As incursões boêmias de Clélio Palheta pela Condor, em “um tempo de muito rigor” no comportamento familiar e nas relações de namoro, “antes da revolução sexual” – quando a frequência de jovens aos espaços de boemia se dava como um ritual necessário de descoberta da sexualidade – mostram a sociabilidade entre jovens que se reuniam para se divertir nesses espaços, para isso iam aos prostíbulos e cabarés na companhia dos amigos com a finalidade de “curtir a noite”. Sobre essas investidas boêmias, Palheta afirma que:

Era ‘a época em que a namorada não dava’, [sic] você ia namorar, namorava no máximo só até às dez horas da noite, isso quando o pai da menina era um cara bacana. Então, tinha uma galera que era amiga, que se reunia quando agente saía da casa das namoradas. Marcávamos de nos encontrar lá no restaurante Avenida, ali na Avenida Nazaré com a Generalíssimo Deodoro e íamos para a *Boate Condor*³⁹⁷.

Palheta admite que as relações de “namoro de portão” eram distintas daquelas estabelecidas nos espaços de boemia. O meretrício surgia como válvula de escape para as proibições sexuais e os recalques que se faziam sentir com a moralidade defendida por diversos setores da sociedade. Além disso, o meretrício promovia uma cumplicidade e sociabilidade ligada ao universo sexual masculino.

As análises dos “códigos de conduta” de masculinidade na sociedade é algo que merece substancial atenção nos estudos relacionados aos espaços de boemia e entretenimento em Belém da segunda metade do século XX. Eles refletem regras e comportamentos de

³⁹⁶ FERREIRA, Belém, 17 nov. 2012.

³⁹⁷ FERREIRA, Belém, 17 nov. 2012.

caráter moralizante, de higienização e de saúde pública, justificados por diversos discursos especializados, muito comuns de se encontrar em depoimentos dispostos em tratados memorialísticos, bem como nos jornais durante quase todo o século XX, como vimos em diversas passagens desta tese.

Margareth Rago aponta que as visões sociais construídas a respeito das meretrizes são justificadas por juízos de valor relacionados com uma moral que adéqua o lugar da mulher, circunscrita a determinadas relações sociais, postas em um mundo pensado a partir da masculinidade, considerada definidora dos destinos e das vontades femininas. Qualquer inclinação transgressora contrária a esses padrões e normas era considerada agressiva, inclusive para os grupos de mulheres que comungavam de uma mentalidade patriarcal³⁹⁸.

Lourdes Barreto também corrobora com a ideia de que os cabarés eram lugares de vazão da repressão sexual e de hipocrisias postas na sociedade afirmando que “as prostitutas eram peças importantes”, principalmente por conseguirem “curar os traumas da sociedade” que, na sua avaliação, “era doente por viver fingindo uma moral que não tinha³⁹⁹” e que na sua natureza estava abalada por diversas relações de licenciosidade que se tornavam evidentes no interior desses espaços boêmios.

A afirmação de Lourdes, apresentada a partir do ponto de vista de uma mulher que viveu quase toda a vida dentro das relações de sociabilidade no meretrício, demonstra que o olhar para as questões de moralidade, bem como para a efetivação das relações de sexualidade, eram carregadas de preconceitos que não se justificavam quando se analisava as práticas sexuais de determinados indivíduos, assim como o comportamento de homens e mulheres, muitas vezes eram concupiscentes, que se representavam como moralmente castos. Era a reprodução de um discurso que procurava manter uma imagem social e uma posição moral, ambas defendidas como impermeáveis, mas que no interior dos lugares de boemia podiam ser transpostas. Era a história social da hipocrisia garantindo as relações de sociabilidade dentro dos espaços boêmios de Belém que, por sinal, eram amplamente frequentados, principalmente por homens nas primeiras décadas da segunda metade do século XX, como já tive oportunidade de demonstrar.

No entanto, as manifestações festeiras não se resumiram apenas à noitadas em bordéis e à prostituição, elas se realizaram também através de outros tipos de sociabilidade, tais como a reunião entre boêmios nas gafieiras e sedes suburbanas, onde dançavam boleros e merengues tocados nesses espaços. A bebida e a dança eram dois atrativos da noite que

³⁹⁸ RAGO, Margareth, 2010, p. 13-31.

³⁹⁹ BARRETO, Belém, 04 jan. 2013

concorriam com as meretrizes das “casas de pensão” ou das ruas. Os cabarés, como lugares de diversão, satisfizeram as necessidades de diversos homens e mulheres que neles desenvolveram vários tipos de relações de lazer ou de trabalho.

Em Belém, eles se espalharam por vários lugares tendo, porém, alguns pontos de maior concentração como já tive oportunidade de demonstrar. Condor e zona do meretrício do centro se destacaram como áreas de bastante movimento, havendo entre os dois espaços um constante intercâmbio de circulação. As memórias boêmias desses espaços deixam entender que as relações sociais neles vividas eram agradáveis e descontraídas, requintadas pela conjugação entre a bebida, a dança, a música e as mulheres, elementos de ludicidade e de prazer que satisfaziam a diversão principalmente de homens adultos.

Essas imagens nostálgicas, reproduzidas por meus entrevistados, sinalizam a existência de uma aura de masculinidade presente na mentalidade social boêmia pouco questionadora de outras situações adversas que também se manifestavam nesses lugares. Para esse tipo de boêmio, a ida ao cabaré representava, quase sempre, a satisfação pessoal pelo compartilhamento com outros boêmios dos atrativos de entretenimento só possíveis de se encontrar nesse tipo de espaço social. Mais uma vez recorro a Fernando Pessoa para mostrar de que maneira ele cristalizou em suas memórias imagens festivas da Condor dos anos cinquenta e sessenta:

Durante a madrugada, a animação era maior na Condor. Até mesmo as prostitutas, que trabalhavam em bordéis - chamados de pensões -, como o da Dona Berlinha e do Campo Amor (espalhados pela cidade e frequentados por gente rica), iam para a Condor em busca de diversão. A maioria estava à disposição do amor, à procura de carinho, elas já tinham trabalhado e agora só queriam lazer⁴⁰⁰.

Fernando Pessoa faz referência às “prostitutas” que circulavam na Condor após o dia de trabalho na zona do meretrício da Campina, elas também procuravam refúgio e distração nos momentos de folga nas gafieiras do local onde iam dançar e se divertir. Aurélio do Carmo fala essas investidas de meretrizes da Campina na vida boêmia da Condor ao rememorar de seu envolvimento com a vida boêmia e com as farras feitas na companhia de prostitutas da zona do meretrício. Ele afirma que:

O bar não era frequentado só por nós. As pensões do meretrício, que antigamente eram frequentadas só por mulheres selecionadas fechavam às duas da manhã. Essas mulheres iam fazer seu fim de noite lá, no Bar da Condor e, com elas, nós dançávamos. Elas não eram de todo incultas, ao contrário, eram inteligentes e

⁴⁰⁰ PESSOA, Fernando. *Apud*. LAREDO. 2003. p. 229-230

permitiam que agente conversasse, trocássemos ideias. Eram mulheres que infelizmente a vida as jogou naquela situação⁴⁰¹.

Percebe-se que as sociabilidades boêmias com meretrizes não se davam apenas através da relação mecânica e comercial do ato sexual ou do pagamento do “michê”, elas se manifestavam também na distração boemia em danças e bebidas, bem como através do compartilhamento de experiências, conversas e troca de ideias. O que demonstra que o papel das meretrizes ia além das relações entre quatro paredes. Esta sociabilidades se realizavam também por trocas de afeto e confidências que talvez não pudessem ou não eram realizadas com esposas e namoradas. Lourdes Barreto afirma que “tinha homem que ia para o quarto só para conversar⁴⁰²”. O que deixa entender que o papel das meretrizes extrapolava a função de objeto ou de educadoras sexuais.

Arrisco afirmar que Aurélio do Carmo estava correto ao mencionar a perspicácia das meretrizes. Elas também observavam o ambiente em que viviam e faziam uma espécie de análise sociológica dos seus clientes. Lourdes Barreto esclarece que entre as meretrizes, além dos clientes em geral, os homens que com elas sociabilizavam eram classificados em quatro categorias: o gringo, o rufião, o cafetão e o bigodete. Em suas palavras:

Nós tínhamos uma categoria de quatro homens na zona, fora os clientes. Era um rufião, que era aquele cara que conseguia manter muitas mulheres trabalhando pra ele. Isso até hoje ainda existe, só que de uma forma mais sigilosa, mais decadente, que era aquele homem glamoroso, conquistador. Depois tu tinhas o cafetão, que era aquele que cafetinava a mulher. Chegava gringo que ia, a maioria das mulheres falava inglês. Tinha o Bigodete, que era um jovem filho de papai e mamãe, que recebia mesada e vinha pra namorar, para ficar na zona. Isso na zona fechada⁴⁰³.

Notem que Lourdes diferencia muito bem as categorias de clientes, corroborando com a hipótese de que as meretrizes, além de adaptarem-se as necessidades da profissão, como aprender o básico do inglês para se comunicarem com uma das categorias de clientes, tinham consciência das características de cada grupo de clientes, adaptando-se às suas necessidades.

Outro aspecto importante de ser analisado em relação ao modelo de boemia que se constituiu no bairro da Condor a partir dos anos sessenta, diz respeito às relações de sociabilidade entre boêmias e o espaço. O movimento existente na região, marcado por burburinhos, sonoridades, conagraçamentos e relações sexuais, se realizava nas mais diferentes circunstâncias e condições, sendo vivenciado em pequenos cabarés, baiúcas e bares, em sua

⁴⁰¹ CARMO, Aurélio *Apud*. LAREDO, Salomão, Op. Cit. p. 382.

⁴⁰² BARRETO, Belém, 04 jan. 2013.

⁴⁰³ BARRETO, Belém, 27 dez. 2013.

grande maioria, fixados em cima de estivas onde o improviso determinava os usos e consumos realizados por boêmios, comerciantes, moradores e meretrizes. Havia uma estética e modos de usufruto do espaço que, apesar das críticas dos fregueses dotados de gostos mais refinados, não incomodava comerciantes, meretrizes e determinados boêmios que se dirigiam ao local. Fernando Pessoa, por exemplo, fala dessas condições de acomodação no espaço e do movimento boêmio no entorno da Praça Princesa Isabel, dizendo que:

O sábado era o dia principal. Às vezes a festa começava, nas redondezas da Condor, no Pagode Chinês ou no Tapera, na Avenida Alcindo Cacela. Nesse tempo, aquela região era muito esburacada. Para se ter uma ideia, em volta da Praça onde ficava o célebre Bar da Condor, não havia grande urbanização. As construções de madeira eram adornadas por plantas do tipo Palmeira. Existia uma grande zona de várzea, tanto que um dos melhores pontos de venda de caranguejo da cidade ficava na Condor, era o “Mangal do Patesko”. A qualquer hora era possível comprar caranguejos e encontrar muita gente, de todos os bairros da cidade, parava os carros em frente ao “Mangal” por conta disso⁴⁰⁴.

Ao narrar os aspectos de vivência e as condições de infraestrutura existentes na Condor e regiões próximas, inclusive fazendo referência aos ambientes de venda de alimentos, Pessoa apresenta suas impressões acerca das condições do local, consideradas por ele “com pouca urbanização”, mas, ao mesmo tempo, de muito movimento, corroborando com a ideia de que as relações de uso, de vivência e de sobrevivência no espaço, não eram necessariamente movidas por padrões estéticos semelhantes aos existentes nos bairros centrais da cidade. A boemia na Condor era experimentada de forma diferente daquela vivida em clubes e cafés do centro e se realizava com pessoas oriundas de diferentes lugares da cidade.

Os gostos boêmios de indivíduos oriundos do centro da cidade, nem sempre eram compatíveis com o que era oferecido no local. O cantor, radialista e professor de voz e teatro Walter Bandeira relata a imagem que construiu a respeito da Condor dos anos sessenta, enfatizando que sua impressão “não tão simpática” do cotidiano do bairro estava guardada em uma memória “fragmentada” que se lembrava de um espaço destinado, segundo ele, apenas a bebedeira e a sexualidade:

As lembranças que guardo do bairro da Condor são muito fragmentadas, vale dizer que eu não era um assíduo frequentador do bairro e da vida noturna de lá [...] na época, acredito que por volta dos anos sessenta, o lugar era meio sucursal do meretrício da cidade. Então o programa era mais ou menos beber e arranjar mulheres. E eu também não bebia... Tanto que era comum eu voltar de lá sozinho e a pé. Eu começava a cantar e lembro ter amanhecido tocando com o João Alberto Kzam e o Álvaro Ribeiro, de pura farra, num lugar atrás e nos altos do “Patesko”. E desse lugar a imagem não é nada simpática. Era um restaurante de caranguejo toc-

⁴⁰⁴ LAREDO. 2003, p. 230

toc e um carneiro muito sujo andava por entre as mesas e os caras davam pra ele comer baganas acesas. E mais comumente “limpavam” as mãos no pelo do coitado! “Guardanapo” era como chamavam pra ele [...] tempos depois quando eu me apresentei como cantor na Condor, o bairro e o Palácio dos Bares já não passavam de um ponto turístico. O charme tinha ido embora com as marés, os políticos e as pessoas⁴⁰⁵.

O depoimento de Walter bandeira parece externar certo desdém acerca das condições de higiene e das práticas boêmias realizadas na Condor, talvez por apresentarem aspectos estranhos ao seu modo de vida e a seus hábitos enquanto boêmio e morador de outra região da cidade. Diversos anúncios e encartes de casas de shows mais refinadas dos anos oitenta, localizadas no centro da cidade, como a *Maracaibo* e a *Maloca*, apresentavam Walter Bandeira como grande atração⁴⁰⁶. Ao que parece, o cantor estava habituado a se apresentar e, provavelmente, a se divertir em ambientes menos populares. Apesar de Walter Bandeira externar estranhamento aos ambientes boêmios da Condor admite que estes espaços tinham o seu “charme”, mas apenas nos “tempos áureos” do *Bar da Condor* nos anos cinquenta. Bandeira manifesta nessa análise uma característica comum à memória: idealizar o passado distante, contrapondo-o de forma severa ao passado mais recente ou ao presente.

É possível que o crescimento populacional desordenado tenha influenciado na percepção sobre a Condor, externada por muitos boêmios que a frequentaram nos anos sessenta, pois foi nesse momento que se deu o processo de proliferação de pequenos estabelecimentos comerciais ligados à boemia no entorno do *Palácio dos Bares* e da Praça Princesa Izabel.

Impressão detalhada acerca da infraestrutura de determinadas casas de cômodos da Condor é apresentada pelo médico José Raimundo Aires que fala das construções em madeira próximas ao *Palácio dos Bares* e das condições de realização da prostituição naquele lugar, referendando que:

O Palácio dos Bares tinha outras particularidades como, por exemplo, os quartos usados como motel que ficavam atrás do bar. Eram palafitas e as tábuas que davam acesso a elas não eram muito largas. Era comum alguns bêbados caírem no rio antes de chegar a estes quartos [...]. No próprio Palácio dos Bares, em uma área mais próxima do rio, as tábuas do assoalho não eram muito próximas. De modo que, durante o “trottoir”, algumas moças menos habilidosas acabavam perdendo o salto dos sapatos⁴⁰⁷.

⁴⁰⁵ BANDEIRA, Walter. *Apud*. LAREDO. 2003. p. 239

⁴⁰⁶ BANDEIRA, Walter. *Apud*. LAREDO. 2003. p. 239

⁴⁰⁷ AIRES, José Raimundo da Silva. *Apud*. LAREDO. 2003. p. 300

Visão semelhante é apresentada pelo representante comercial Carlos Armando Ribeiro, ao se reportar ao local, enfatizando que “nos anos de 1960 foram criados aqueles quatinhos, espécie de palafitas atrás do bar”. Estes depoimentos evidenciam que o *Palácio dos Bares* também sofreu os efeitos do processo de crescimento urbano. As condições de estrutura e as construções eram feitas de forma improvisada, em áreas aparentemente inapropriadas para construções, que talvez incomodassem certos boêmios que utilizavam esses espaços. Completando sua impressão acerca das palafitas, o comerciante acrescenta dizendo que “aquilo era muito feio e acredito que contribuiu para o declínio do Bar da Condor⁴⁰⁸”. A visão que muitos boêmios, que frequentaram a Condor nos anos sessenta, guarda sobre este bairro é a da “imagem decadência”. No entanto, é interessante frisar que essa noção se incompatibilizava com as diversas realidades do local nesta mesma década, pois houve um recrudescimento significativo de pequenos bares e baiucas na região que contrariava a visão elitizada dos boêmios saudosos “dos tempos áureos” do antigo *Bar da Condor*. O que se evidencia é a mudança no tipo de boemia que toma conta do bairro, transformando-se na década de 1960 em uma boemia popular que, em muitos aspectos, se manifestava através de comportamentos estranhos aos antigos frequentadores do local.

As palafitas usadas como quartos de aluguel, localizadas ao lado do *Palácio dos Bares*, também são lembradas com detalhes pelo jornalista Luis Paulo Freitas que afirma ter frequentado a Condor todas as sextas-feiras. Admitindo, também, que não deixava de sentir uma “grande atração pelas mulheres que ganhavam a vida ali”, afirma que:

Atrás do Bar existiam os quatinhos de aluguel. Na verdade eram palafitas de madeira, bem precárias. Geralmente se pagava por hora. E era comum se formarem filas a espera desses quartos. Não havia banheiro, apenas uma bacia de esmalte com água, sabão grosso e um guardanapo para se fazer o asseio. Mas o chato era quando no auge da relação alguém batia na porta dizendo “tá na hora! tá na hora!”. Aquilo provocava uma depressão terrível⁴⁰⁹.

Pelo depoimento de Luis Paulo Freitas, podemos perceber que as casas de cômodos foram muito frequentadas nas décadas de sessenta e setenta e que tinham um intenso movimento de homens de diferentes classes sociais. É importante notar que, apesar de muito criticadas pelos depoentes que as frequentaram, essas casas eram bastante concorridas, o que significa dizer que havia um comércio que, provavelmente, era extremamente lucrativo para os empreendedores e muito disputado por homens que iam à Condor em busca de diversões

⁴⁰⁸ RIBEIRO, Carlos Armando Santos. *Apud*. LAREDO. Op. Cit. p. 302

⁴⁰⁹ FREITAS, Luis Paulo. *Apud*. LAREDO. 2003. p. 315-316.

sexuais. Mesmo as palafitas sendo referenciadas como espaços com condições precárias pelos homens que as frequentaram, eles não deixaram de dar vazão as suas práticas sexuais por isso.

Alguns registros visuais desses espaços foram captados pelas lentes dos cineastas que filmaram o longa-metragem *Iracema: uma transa Amazônica*, filme analisado no segundo capítulo desta tese, usando o bairro da Condor como locação. Neles podem-se ver meretrizes reais a frente das casas, talvez em um momento de folga ou a espera de clientes.

Figura 38: Casas de pensão na Avenida Bernardo Sayão em 1974



Fonte: **BODANZKY**, 1976, 91 min.

Figura 39: Meretrizes sentadas à frente de palafitas.



Fonte: **BODANZKY**, 1976, 91 min.

Os cineastas preocuparam-se também em mostrar as condições de pobreza e falta de saneamento desses lugares, em sua maioria construções em madeira e cobertas com palha em cima de estivas, com banheiros apenas na área externa. É importante destacar que essas visões mostradas acerca desses espaços deixam de tecer outras considerações relevantes para se compreender as condições de acomodação e vivência de meretrizes nesses espaços.

A percepção de que a região da Condor era uma área carente e sem as condições básicas de infraestrutura e saneamento não é falsa. Contudo, não se pode desprezar o fato de que a paisagem formada no bairro, às margens do Rio Guamá, reproduzia nas novas áreas urbanas de Belém, a partir dos anos cinquenta, o estilo de construções ribeirinhas que anteriormente acomodaram grande parte dos moradores que passaram a habitar os bairros do Jurunas, Condor e Guamá. Estes são bairros formados às margens do rio a partir da ocupação desordenada do espaço. Porém, é importante considerar que este solo não possuía condições para construções mais rígidas, salvo se o construtor dominasse técnicas ainda recentes de concreto armado e pudesse comprar o, necessário e caro, material para a construção em alvenaria e pagar um engenheiro para fazê-lo⁴¹⁰. Ressalto que em outros subúrbios de Belém, mais distantes do rio, a maioria das casas era construída em madeira, diferenciando-se apenas na cobertura que poderia ser feita em palha ou telhas de barro, esta última conferia maior *status* ao seu morador.

Neste caso é importante observar que o estilo de “arquitetura ribeirinha”, que utilizava o sistema de construção de palafitas de madeira erguidas em cima de áreas alagadas, era algo muito comum nos costumes dos ribeirinhos que eram acostumados a viver em áreas de várzea, técnica extremamente comum entre as populações amazônicas⁴¹¹.

Carmem Izabel demonstra que toda a extensão sul da cidade de Belém, às margens do Rio Guamá foi formada, ao longo do século XX, por populações ribeirinhas oriundas das regiões das ilhas, do Baixo Tocantins, do Marajó e vale do Acaráque estabeleceram nessas áreas modos de vida, costumes, arquitetura e hábitos semelhantes aos vividos em seus lugares de origem⁴¹². Como boa parte dessa área consistia em área de várzea foi comum o grande

⁴¹⁰ COIMBRA, 2014, p. 276

⁴¹¹ Chamam-se “ribeirinhos” os moradores da Amazônia que habitam as margens dos rios. Trata-se de povos tradicionais que têm suas atividades relacionadas à pesca, à caça e à extração. Essas populações também se caracterizam por ter uma relação de uso sustentável da natureza e de técnicas variadas. Ver: SILVA, Maria das Graças S. N. **O Espaço Ribeirinho**. São Paulo. Terceira Margem, 2000.

⁴¹² Sobre a cultura ribeirinha que se estabelece na zona sul de Belém Carmen Izabel afirma que: “Quem chega a Belém por via rodoviária não vê a *cidade ribeirinha* e quem mora em Belém e nunca visitou a orla, não faz ideia do mundo que aí pulsa em movimento constante, dorme e acorda, num vaivém ininterrupto de canoas e barcos, nos diversos portos em atividade. Esse relativo desconhecimento deve-se, em parte, a localização geográfica do bairro, no extremo sul da cidade, não sendo, portanto, passagem obrigatória para os bairros mais centrais [...] só passam pelo bairro para chegar ao centro da cidade os viajantes chegados através dos portos localizados no

número de construções em madeira na região, fato que colaborou também para o intenso comércio de madeira realizado em estâncias que ficavam localizadas as margens do rio. É importante atentar para o fato de que os ribeirinhos que se fixaram na Condor, conseguiram compreender que aquela área era ocupada desde os anos trinta por espaços comerciais e de entretenimento e que, a partir dessa compreensão, eles reinventaram as suas vidas se inserindo na dinâmica de comércio de pequenos bares, baiucas e casas de cômodos no entorno do *Bar da Condor*, a grande casa de atrações do local nos anos cinquenta⁴¹³. Após a evasão dos seus lugares de origens, estes homens e mulheres encontraram modos de sobrevivências ligadas ao ambiente boêmio do lugar contribuindo para a transformação paisagística e social do espaço.

As descrições confirmam o uso do espaço por moradores que se integraram a vida boêmia da cidade externando outras expressões de diversão, musicalidade e sobrevivência lúdica no local. Talvez a prostituição também tenha se intensificado na área como um dos efeitos desse processo. As condições históricas de ocupação do espaço na Condor possibilitam entender o porquê de aquela área ter recebido centenas de casas de madeira construídas em cima de áreas de várzea e, no imprevisto dessas construções, ter abrigado dezenas de casinhas de cômodos e pequenos prostíbulos espalhados pelos arredores da Praça Princesa Isabel ou em cima do canal da Estrada Nova.

Outro aspecto importante na vida boêmia da cidade de Belém na segunda metade do século XX, em especial nas novas áreas de boemia que se constituíram nos subúrbios da cidade, diz respeito às *paisagens sonoras*⁴¹⁴ manifestas na grande expressão de musicalidade que ganhou espaço nas festas e shows em clubes, sedes sociais, casas de shows cabarés e gafieiras. Elas se propagaram pelas ondas do rádio, pelos sonoros de bairro, vitrolas, eletrolas e aparelhagens que se espalharam pela cidade transmitindo musicalidades dos mais diferentes gêneros. Nas casas de shows e clubes as apresentações de bandas e grupos de jazz marcavam os ritmos tocados. No *Bar da Condor*, por exemplo, o “Big Show” apresentava “o consagrado artista de nosso *broadcasting*: Elí Reis, o maior interprete das músicas cubanas” ditando os ritmos caribenhos que grassavam na Belém dos anos cinquenta. “O Pepito Serrador” se apresentava tocando mambos e salsas na companhia do “conjunto vocal ‘Vagalumes do Ritmo’⁴¹⁵”, agitando o salão da casa. No subúrbio, “O Viação Beneficente Esporte Clube”

bairro”. Ver: RODRIGUES, Carmen Izabel. **Vem do bairro do Jurunas: Sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano**. Belém: Editora do NAEA, 2008, p.78-79

⁴¹³ Sobre essa questão Carmen Rodrigues fala que: “Próximo a esses portos, existem diversos espaços de lazer e sociabilidade, constituindo um circuito de bares e casas de diversão, o setor de diversões noturnas que atraía moradores e visitantes oriundos das áreas ribeirinhas próximas”. Ver: RODRIGUES, Op. Cit. p.80.

⁴¹⁴ SCHAFER, R. Murray. **A afirmação do mundo**. São Paulo: UNESP, 2011.

⁴¹⁵ “Big Show” **A Província do Pará**, Belém, 29 jul. 1950, p. 5.

apresentava sua “soirée’ dançante típica” com o “conjunto musical “jazz-band Pará⁴¹⁶”, sinalizando que a cidade acompanhava os ritmos e estilos diversos que chegavam a ela através de seu porto ou pelas ondas da rádio PRC5, a Rádio Clube do Pará e, a partir dos anos cinquenta, pela Rádio Marajoara. A frequência e a quantidade de bandas de Jazz eram grandes na cidade e muito comuns em sedes de clubes e associações de bairros. Joaquim Vieira, músico que morava na cidade de Barcarena, próximo à capital, conhecido como “Mestre Vieira”, conta que “quando chegava a Belém onde tinha jazz eu ia⁴¹⁷” e completa dizendo que os bons músicos eram assediados nos bailes e sempre tinham lugar para tocar.

Os shows apresentados em clubes e sedes sociais do centro da cidade, realizados provavelmente para um público de condições econômicas mais abastadas, privilegiavam as bandas compostas por orquestra e *crooner*. As bandas de Jazz usavam como instrumentos a bateria, violoncelo, pandeiro, saxofone, trombone e trompete e tocavam sambas, valsas e outros ritmos. No entanto, não foram raras as incursões pelos subúrbios agitando as festas de salão em sedes de bairro ou em gafieiras. Essas bandas, também, orientavam os ritmos que ganharam força na expressão musical da cidade nas décadas posteriores.

Nos jornais se fazia menção ao circuito musical que se criou na cidade, bem como se falava dos artistas que por Belém passaram. Nestes se procurava recuperar a memória, de forma saudosista, da antiga Condor, enfatizando que “O primeiro artista de nome nacional que se apresentou no *Palácio dos Bares* foi Orlando Silva”, lembrança reforçada por outros nomes como os de “Nora Ney, Núbia Lafayette, Edith Veiga, Blecaute, Jamelão, Nelson Gonçalves e Roberto Carlos⁴¹⁸”, sendo estes tempos considerados “áureos” da Condor, “abrilhantada com ‘shows’ de Dercy Gonçalves e Dick Farney⁴¹⁹”. As memórias sobre as noites e apresentações artísticas enfatizavam também a presença de artistas regionais que se projetaram a partir dos palcos do *Bar da Condor*, como afirma João de Barros Filho, em entrevista a *O Liberal*:

Ari Lobo foi um dos artistas lançados por João de Barros. “Até passagem pela Real Aerovia, para ele gravar o primeiro disco, o papai deu”, acrescenta. O filho recorda que muitos artistas se projetaram no ambiente do Palácio dos Bares, que, à época, era uma boate. Porém das 19 às 21 horas, a frequência era familiar. “Quando fechava a zona do meretrício, o pessoal vinha pra cá e não tinha mais lugar para ninguém”, diz⁴²⁰.

⁴¹⁶ “O Viação e o dia de São Pedro”. **O Liberal**, Belém, 26 jun. 1951, p. 4.

⁴¹⁷ Depoimento de Joaquim Vieira, o Mestre Vieira. Belém, 09 dez. 2012. Entrevista realizada por Tony Leão da Costa e José do E. S. Dias Jr.

⁴¹⁸ Palco de Roberto, Nelson e Jamelão. **O Liberal**. Atualidades. Belém, 28 jul. 1998, p.1

⁴¹⁹ DUTRA, Olavo. “A Condor quer voltar ao passado”. **A Província do Pará**. Belém, 17 de abril de 1979, 1º cad. p. 2

⁴²⁰ **O Liberal**. Belém, 28 jul. 1998, p.1

Os excertos acima falam de um bairro da Condor que foi considerado um dos locais de maior circulação de músicos e artistas locais, nacionais e internacionais que se apresentavam na noite de Belém. A rotina de apresentações se dava a partir das 21 horas, momento em que o espaço se transformava, como diz João de Barros Filho, “em uma boate”. A variedade de artistas sinaliza a existência de um grande movimento de noite na cidade, como já foi mencionado no primeiro capítulo, os ritmos e gêneros musicais se afinavam com gostos e aptidões de frequentadores de diferentes espaços que se formaram na cidade.

Espalhada pelos subúrbios, a sonoridade se fazia através dos *picarpes* (pick-up) ou *sonoros*. Nas palavras de Antônio Mauricio Costa: “antepassados das aparelhagens”. Esses equipamentos sonoros responsabilizaram-se em realizar as festas populares, apresentando as sonoridades caribenhas que se destacaram nas classes populares concentradas, em sua maioria, nas áreas mais afastadas do centro da cidade.

Na Belém de meados do século XX, ouvia-se de tudo um pouco, desde os ritmos caribenhos e latinos como salsa, mambo, congo, merengue, cumbia e tango, entrando pelos ritmos norte-americanos como o foxtrote e o jazz, até os ritmos de maior propagação nacional como chorinho, samba, samba-canção e bolero, todos muito tocados nas casas noturnas ou nos rádios da cidade. Joaquim Vieira, que começou sua carreira como tocador de bandolim na década de quarenta, fala um pouco dos timbres e sons ouvidos na cidade afirmando que um dos ritmos que contagiava jovens músicos era o samba. Sobre os grupos que inspiraram os músicos iniciantes nos anos quarenta, Vieira conta que:

O que era preferido no mundo do samba era o grupo “Quatro Ás e um Coringa”, “Anjos do Inferno”, que era só o grupo vocal, depois de muito tempo que apareceu “Os Demônios da Garoa”, e tinham muitos trios no Rio que eram só de vocal, e também tinham aquelas músicas do Ataulfo Alves, do Jamelão eram essas músicas que rolavam e algumas marchinhas de carnaval que agente escutava. A música de carnaval era todo tempo, aquelas marchas. Agora tocava também aqueles sambas de roda, sambas bons, bonitos. Ai agente tocava isso e fazia sucesso⁴²¹.

A memória de “Mestre Vieira” registra o samba como um dentre os diversos ritmos que contagiavam jovens músicos e, provavelmente, boêmios de Belém em meados do século XX⁴²². Esses ritmos, vindos do sudeste do país, chegavam à cidade principalmente pelo rádio que apresentava programação inspirada nos programas de rádio e teatro de revista da Rádio

⁴²¹ VIEIRA. Barcarena, 09 dez. 2012

⁴²² Sobre a influência do samba na cultura musical brasileira é importante ver: ALVES, Henrique Losinskaskas. **Sua Excelência - O Samba**. São Paulo: Ed. Símbolo, 1976; TINHORÃO, José R. **Samba: um tema em debate**. Rio de Janeiro: Saga, 1966; **O samba agora vai: a farsa da música brasileira no exterior**. Rio de Janeiro, JCM Editores, 1969; VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; UFRJ, 1995.

Nacional do Rio de Janeiro⁴²³. A Rádio Clube do Pará servia como interlocutora dos ritmos e da musicalidade urbana⁴²⁴, influenciando, desta forma, na contratação dos artistas de renome nacional que se apresentaram no *Bar da Condor*. Cumprindo uma programação que privilegiava a cultura musical que se apresentava no Brasil da época, a PRC5 divulgava ritmos e estilos a serem tocados em Belém e, para isso, realizava festivais de música⁴²⁵, ajudando a lançar músicos que se tornariam posteriormente grandes atrações do mercado musical e fonográfico regional, como é o caso de “Mestre Vieira”, que rememora esses festivais da Rádio Clube dizendo:

Tinha um auditório grande lá, um teatro grande, era no Jurunas. No festival, aquele que ganhasse a nota maior ganhava um prêmio. O prêmio era grande CR\$ 200,00 [...] Toquei um choro de minha autoria chamado Te agasalha! Mandeí brasa no bandolim, dei um show. Quando terminou, eles me perguntaram se eu sabia tocar outras músicas, toquei “Urubu Malandro”, do Pixinguinha; “Tico-tico no Fubá”. O jurado era feito só com músicos bons, era gente que conhecia. O Aguiar de Barros; o “Capú”, velhos que sabiam tocar, que conheciam música⁴²⁶.

Ao que parece, a Rádio Clube, além de ditar a cultura musical a ser consumida na cidade, influenciava o repertório a ser seguido por novos músicos e artistas que se apresentavam em seus programas de auditório. “Mestre Vieira”, por exemplo, participou do festival de música com uma música autoral, porém, com um ritmo nacional – o chorinho, tocando posteriormente sucessos de expressão nacional, o que ratifica a ideia de que a cultura musical que se vendeu na cidade era pensada a partir dos sons divulgados pelo rádio. Antônio Maurício Costa fala dessas influências enfatizando que a Rádio Clube do Pará, fundada em 1928 por Edgar Proença, Roberto Camelier e Eriberto Pio, foi a primeira rádio difusora da Amazônia tendo que se sustentar com as colaborações de associados que pagavam mensalidades ou com a divulgação de trabalhos fonográficos de artistas que, em troca, ajudavam a manter a programação da rádio no ar⁴²⁷.

⁴²³ Sobre a Rádio Nacional é importante ver: SAROLDI, L. e MOREIRA, S.V. **Rádio Nacional**. O Brasil em sintonia. Rio de Janeiro: Martins Fontes/ Funarte, 1988; SCHWARTZMAN e outros. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Edusp/Paz e Terra. 1984.

⁴²⁴ Importante ver: COSTA, Luciana Miranda. (Org.). “A Primeira rádio do norte retomando sua história”. **O Pará nas Ondas do Rádio**. Disponível em: <http://www.oparanasondasdoradio.ufpa.br/60primeiraradio.htm>; COSTA, Antônio Maurício Dias da. Festa e espaço urbano: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos 1950. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, V. 32, nº63, 2012, p. 381-402; OLIVEIRA, Érito Vânio Bastos de. A voz da Amazônia nos anos 30: rádio, intelectuais e política. **Anáís**. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009. p. 1-10.

⁴²⁵ COSTA, A. Maurício Dias da. 2009. p. 383.

⁴²⁶ VIEIRA, Joaquim de Lima. Barcarena, 09 dez. 2012

⁴²⁷ COSTA, A. Maurício Dias da. 2009 p. 384.

Porém, os ritmos nacionais não foram os únicos que reverberaram pelas ondas do rádio por essa época, como falei anteriormente, outras musicalidades foram sentidas e propagadas também pela PRC5. Esta rádio, a partir dos anos quarenta, começou a receber as “Ondas Tropicais” que traziam à Belém a programação de rádios caribenhas, como as da “Rádio Havana” que já exercia certa influência na capital desde os anos de 1920, contudo, sua programação passou a chegar de forma mais eficiente à Belém pelos equipamentos mais sensíveis a captação da PRC-5. Essa programação chegava à cidade sonorizando os ambientes suburbanos através de programas que se tornaram populares e muito ouvidos, como mostra a matéria escrita pelo jornalista Edgar Augusto para o jornal *O Diário do Pará*:

Nós não sabemos quando este disco foi gravado, mas podemos dizer que ele é antigo, muito antigo. E que tocava sem parar, no início dos anos sessenta, pela Rádio Clube. Mais precisamente no programa do falecido Haroldo Caracciolo. Era até característica, marca registrada do horário de Haroldo. Difícil lembrar o programa sem o som de “La mecha”, “El Fucu” e “Cada Tierra com su ritmo”, por exemplo. Agora saiu em CD pela CID. Chama-se “Luís Kalaff e Seus Alegres Dominicanos”. O vinil arranhado pode até ser coisa do passado, mas o CD com som remasterizado é uma gostosa realidade, uma viagem a Belém boêmia de antigamente, tempos de auge da Praça Princesa Isabel no bairro da Condor através de seu serviço de alto-falantes. Um CD delicioso que para ser completo só necessitava ter incluído o hit “Las cotorras”. Mas, ainda assim, vale. E como... Kalaff fazia o merengue tradicional com violões, percussão, saxes e acordeom. Um merengue básico, diríamos. Fantástico. Só ouvindo mesmo⁴²⁸.

As memórias, o conhecimento musical e as experiências vividas por Edgar Augusto, homem que sempre teve grande aproximação com a cultura do rádio no Pará⁴²⁹, favorecem na compreensão do ambiente musical da cidade. Narrando as memórias do “serviço de alto-falante da Condor” e das músicas veiculadas pela Rádio Clube, este jornalista deixa pistas do cotidiano de Belém e da amplitude de programas populares como os de Haroldo Caracciolo, um dos principais divulgadores das “cumbias” e “merengues” tocados diariamente nos rádios da cidade, levando aos mais longínquos lugares do Pará os sons que chegavam a Amazônia, fazendo jus ao *slogan* da rádio que afirmava: “PRC5 – A voz que fala e canta para a planície⁴³⁰”. As assertivas a respeito da programação musical da rádio mostram Caracciolo

⁴²⁸ PROENÇA, Edgar Augusto. “Música. Luís Kalaff: o merengue tradicional passa para CD”. *Apud*: LAREDO, **Palácio dos Bares**, 2003. p. 185.

⁴²⁹ Edgar Augusto Proença iniciou sua carreira no rádio nos anos sessenta aos 15 anos de idade, como plantonista da Rádio Clube do Pará, fundando posteriormente a Rádio Cidade Morena. Em 1972, estreou “A Feira do Som”, programa que comanda até a atualidade, pela Rádio Cultura do Pará, apresentando sons e ritmos que circulam na cidade de Belém. Foi também professor de Rádiojornalismo do curso de Comunicação da Universidade Federal do Pará. Edgar Augusto é neto de Edgar Proença, um dos sócios fundadores da rádio PRC5, a Rádio Clube do Pará, fundada em 1928. Sobre o assunto ver: COSTA, Luciana Miranda. **O Pará nas Ondas do Rádio**. Disponível em: <http://www.oparanasondasdoradio.ufpa.br/edgarproencaentre.htm>.

⁴³⁰ Disponível em: <http://radioclube.diarioonline.com.br/historia.php>.

como um dos grandes divulgadores dos ritmos populares caribenhos na cidade durante os anos sessenta, levando-os ao ar com a alcunha de “Lambada”, jargão usado pelo locutor quando anunciava as músicas que seriam tocadas, comparando-as às “doses de cachaça” vendidas nas baiucas e tabernas dos subúrbios, como recorda Paulo Caracciolo:

Vai Ai Uma Lambada"! Era o "pedido" na década de 1960/70, do radialista Haroldo Caracciolo, para que os donos de bares colocassem uma dose de Cachaça/Pinga, aguardente no seu copo para beber. E com esse bordão (uma expressão comumente repetida por alguém, ou alguma atitude repetida, sempre em uma determinada situação. Também serve para facilitar a identificação de diversos personagens no meio humorístico/artístico), o radialista que muito jovem se viciou na bebida alcoólica, pedia para os atualmente chamamos de DJ, seus companheiros de rádio, já na década seguinte de 70, que eles colocassem uma música para os ouvintes, geralmente músicas do Caribe chamadas de Merengues. E quando ele usava esse bordão na rádio, saía rapinho para degustar uma lambada. Tomava e levantava os braços estalando os seus dedos. "que lambada da boa"⁴³¹.

É provável que a criação do jargão pelo radialista, ao alcunhar os merengues e cumbias tocados em seu programa com o nome de “lambadas”, tenha influenciado para que o ritmo ganhasse toques regionais e se apresentasse como um dos gêneros musicais mais populares na cidade, tão populares quanto os boleros e sambas-canções, muito tocados pelos sonoros e “bocas de ferro” existentes nas periferias. Com o lançamento do álbum fonográfico “lambadas das quebradas de Vieira e seu conjunto” – o mesmo “Mestre Vieira” citado acima –, em 1978, inventava-se uma tradição musical regional que, assim com o carimbó, ganhou foro de ritmo popular de massa na cidade de Belém e adjacências, sendo posteriormente projetado em nível nacional e internacional, a partir dos anos noventa⁴³².

Alguns desses discos foram prensados por gravadoras locais como, por exemplo, a coletânea “Lambadas Internacionais”, em sete volumes, editado com o selo *Gravasom*, do

⁴³¹ Depoimento de Paulo Caracciolo. Disponível em: <http://paulo-caracciolo.blogspot.com.br/2013/02/aroldo-caraciolo-o-inventor-da-lambada.html>

⁴³² Há controvérsias em relação ao nome do ritmo ter sido alcunhado nos programas da Rádio Clube. Esta discordância entre músicos e pesquisadores do gênero no Pará apontam também como provável, as denominações dadas em nomes de músicas em LPs de grupos regionais. Em 1971, por exemplo, a banda “Os Populares de Igarapé Miri” lançaram um álbum em que duas músicas tinham como nome: “A lambada da vassoura” e “A lambada do Paulo Ronaldo”, este também radialista de programa policial na Rádio Marajoara, que também veiculava músicas caribenhas como trilha das notícias de polícia. Após esses lançamentos o cantor e compositor Pinduca lança em 1976, um LP que tinha em uma das faixas a música de nome “Lambada (sabão)”; também em 1976 é gravado o disco “Lambada das Quebradas” de Joaquim Vieira, que será lançado dois anos depois. Quanto ao gênero musical “Lambada”, este foi novo ritmo conjugava música metálica e eletrônica do caribe, com elementos do “carimbo pau e corda” e ganhou amplitude regional se propagando, em um primeiro momento na região nordeste e depois para o restante do país, como produto cultural de massa midiaticamente passado por cantores de expressão nacional e internacional como Margareth Menezes, Fafá de Belém, Sidney Magal, Beto Barbosa dentre outros. Teve seus direitos autorais comprados por empresários franceses que divulgaram o gênero pela Europa. Sobre esse tema ver: “**Música**” - Deixe-se encantar pelos nossos ritmos. Disponível em: http://www.pa.gov.br/O_Para/musica.asp; ver também. COSTA, Tony, 2008, p. 104-112; COSTA, A. M. Dias da, 2009, 122-130

empresário e músico Carlos Santos, que vendia em sua rede de lojas *Feirão, discos e fitas* para um público preferencialmente suburbano que consumia esse gênero musical nas festas de bairros, botecos, mercearias ou nas salas das casas de subúrbio, utilizando-se de aparelhos de som que simulavam as grandes aparelhagens que tocavam nas sedes e gafieiras de bairro.

Figura 40: Capa dos discos de lambadas ouvidos em Belém nos anos setenta



Fonte: Acervo Pessoal do Autor.

Consumir esse tipo de gênero musical nos subúrbios conferia certo *status* ao ouvinte, sendo muito comum por volta da década de setenta, se ouvir tocar esses ritmos nas casas, baiucas, tabernas e festas em sede ou nas ruas, em festas programadas por moradores denominadas de “ruas de lazer”⁴³³. Esta programação de rua era corriqueiramente realizada com pequenos aparelhos sonoros ou com grandes aparelhagens de som que reproduziam os “ritmos do povão”, sempre em alto volume. Esta é uma “cultura de periferia” que ainda reverbera na cidade de Belém nos dias atuais com “miniaparelhagens”, “carros-sons” e “bicicletas-sons”⁴³⁴ que tocam os sons contemporâneos como *melody* e *tecnobrega*, herdeiros

⁴³³ As “Ruas de Lazer” eram festas populares realizadas por associações de moradores ou centros comunitários, elas ocorriam corriqueiramente aos domingos, nas próprias ruas do bairro, que eram fechadas ao trânsito e animadas pelas “aparelhagens” de som que tocavam músicas populares veiculadas nas rádios ou nas sedes de gafieiras. Nessas festas de rua, era comum também ocorrer à venda de comidas e bebida, brincadeiras com gincanas, jogos e mutirões realizados por moradores no processo de limpeza da rua, antes e depois da realização da mesma. Sobre “Ruas de Lazer é interessante ver meu trabalho: DIAS JR. José E. S. 2009, p.140; ver também: COSTA, Antonio Maurício. **Lazer na Ocupação:** Um estudo da sociabilidade de integrantes de uma associação de moradores na periferia de Belém em 1997. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Pará. Belém. UFPA. 1999.

⁴³⁴ Permitam-me aqui fazer uso das subversões diletantes e interferir no protocolo metodológico e acadêmico que prevê certa cautela quanto ao envolvimento do pesquisador para com o objeto da pesquisa. Faço uso de minhas memórias de infância para referendar um pouco do ambiente vivido nas periferias de Belém por volta dos anos setenta enfatizando que nas tabernas ou mercearias de bairro (tipo de comércio ou pequena venda muito comum nas periferias de Belém), juntamente com o consumo da cachaça, ouvia-se os merengues e bregas amplamente tocados por miniaparelhagens. Em minha casa havia uma mercearia, casa comercial pertencente ao meu avô, onde muitos boêmios de subúrbio se reuniam para tomar as “meiotas” (meia garrafa de cachaça) cantando boleros, bregas e merengues, sempre ostentando nomes de músicos ou de radialistas como “Vavá da Matinha” e “Paulo Caracciolo”, por exemplo.

musicais dos ritmos caribenhos dos anos sessenta. Paralelamente aos ritmos do Caribe, as rádios da cidade e, conseqüentemente, as sedes populares e gafieiras suburbanas, reproduziam variados outros gêneros musicais populares, como o carimbó, por exemplo, que teve seu momento de ápice no início dos anos setenta.

A cultura musical e boêmia que se desenvolveu em Belém, principalmente a partir dos anos sessenta, acompanhou os processos de midiatização e de produção de cultura de massa, responsáveis por criar aptidões e gostos musicais muito afinados com um determinado tipo de público. As distinções estabelecidas por diferentes tipos de mediação, hibridismos culturais e leituras das recepções musicais em diferentes espaços geográficos, veem colaborando para a compreensão das polifonias, ritmos e culturas musicais que moldaram preferências e estilos na cidade.

Tony Leão da Costa, por exemplo, fala das delimitações estabelecidas pela produção de uma “musica de subúrbio” propagada na cidade através de diferentes equipamentos de difusão tais como os *sonoros* de bairro e o rádio, abarcando em si os ritmos e estilos “marginais” preferidos por sujeitos sociais moradores dos subúrbios, entendidos como socialmente subalternos na “hipermargem” da construção musical da cidade. Em outra pesquisa, este autor analisa a produção de um estilo de música denominado de “música do norte”, pensada e produzida por intelectuais, pertencentes a setores de classe média – que buscavam recuperar as tradições da identidade regional como vetores da representatividade musical que se difundia para um determinado público “classe média” de Belém. Antônio Maurício defende a tese de que existem “circuitos bregueiros” na cidade de Belém. O autor se ancora na noção de “circuito” para referendar as áreas privilegiadas de recepção das “aparelhagens de som”, responsáveis pela divulgação de musicalidades populares identificadas com os ritmos caribenhos, boleros e sambas-canções que posteriormente ajudaram a constituir o ritmo que ficou conhecido, na representação musical da cidade, como “musica brega”. O que converge nas análises desses autores é a distinção de aptidões culturais postas para o centro e para os subúrbios, bem como os produtos culturais divulgados por seus agentes propagadores.

A musicalidade presente nas áreas boêmias de Belém era facilitadora das relações de sociabilidade que ali se desenvolviam, contribuindo para criar a atmosfera de ludicidade necessária a estes ambientes – que funcionavam como espaços de fruição e liberação das tensões cotidianas, por isso o Estado encontrou tanta dificuldade em aniquilá-los da cidade. Analisarei a partir de agora como a ação repressiva da Ditadura Civil e Militar pró-fechamento da zona do meretrício e de outros espaços boêmios da cidade provocou a

resistência e a sociabilidade política nos diversos sujeitos sociais que produziam e consumiam esta cultura boêmia, acarretando na pulverização da boemia por diversas áreas da cidade.

4.3. Sociabilidades boêmias e pulverização do meretrício: o surgimento do GEMPAC.

A partir da década de 1970, bairros como Entroncamento, na saída da cidade, Guamá, Cremação, Pedreira, Marco e Coqueiro, este último no Município de Ananindeua, região metropolitana de Belém, passaram a abrigar muitas casas de shows, motéis e boates. O surgimento destes estabelecimentos está relacionado com a perseguição e fechamento da zona do meretrício do centro da cidade, sob o comando do governador Alacid Nunes, agente da Ditadura Civil e Militar no Pará. Estes atos pulverizaram a prostituição para outras áreas da cidade, dispersando os boêmios da região central, assim como da região da Condor. A área do Entroncamento, onde o comércio do sexo ficou franqueado, passou a abrigar muitas prostitutas que residiam no centro, como foi dito nos jornais: “A campanha da polícia nos subúrbios será iniciada a partir do dia 10 do corrente, devendo todos se ausentarem desta cidade, indo procurar “meio de vida” além do Entroncamento (Marambaia), onde então poderão funcionar livremente⁴³⁵”.

A partir de então, Boates, discretas e sofisticadas passaram a roubar a cena, ajudando inclusive a manter a imagem de cidade boêmia que Belém adquirira desde as primeiras décadas do século XX, por ser detentora de um expressivo circuito boêmio. Para melhor ilustrar esta afirmação, listo abaixo alguns lugares importantes de boemia que se caracterizaram como espaços lúdicos da cidade em diferentes décadas:

Tabela 10: Lista de Bares, boates e casas de show da cidade de Belém.

Principais bares, boates e casas de show de Belém entre 1950 e 1990	
Bairros	Cabarés e Boates
Campina	- Bar do Parque - Barboleta - Bataclã (Mme. Fernanda) - Café Glória - Café Santos - Canecão - Canto do Uirapuru - Carmona - Cascatinha - Central Café

⁴³⁵ Polícia agora vai fechar os bordéis do subúrbio de Belém. **Folha do Norte**. 2 de abr. 1970.

	- Cosa Nostra - Danúbio - Elli Erri - Flórida - Galo - Império - Long Beath - Mme. Biby - Mme. Zezé - Nigth and Day - Play Boy - R. M. Choparia - Sambar - Selva - Sta. Rita (Casa Portuguesa) - Studium -Papa Dimi
Condor	- Aldeia - Bar da Condor (Palácio dos Bares) - Benzinho - Bolero - Cabaré da Cotinha - Cabaré da Margot - Cabaré da Tia Maria - Juvenil - Lapinha - Mangal do Patesko - Neguinho - Recinto Oriental (Bar do Nequinho) - Royal - São Jorge - The Pink Panter
Guamá	- Bartira - Cabaré do Zuza - Cabaré dos Bandidos - Carroceiro - Estrela do Norte - Grajaú - O Milionário - Onze Bandeirinhas - Pingo de Ouro - Xamego
Cremação	- Benzinho - Castelinho - Jardineira - Pagode Chinês - Taperia - Tic Tac
Pedreira	- Estrelinha - Pedreira Bar

	- Shangri-lá - Zidenai
Outros	- Aconchego - Aldeia Bar (Jurunas) - Aquarius - Bar São João - Boite Ok - C-47 - Carimbó - Corujão - Dayane - Kverna - Maloca - Maracaibo - Meu Ranchinho - Nhok Nhok - Orlan Drink - Palhoça - Peladino - Pexito - Pop's - Quiosque - Recreio dos Artistas - Sinuca Bar - Só Mariscos (Bar da Graça) - Sombra - Twist - Vareirinha - Well

Fonte: Construída pelo autor a partir de registros em jornais e das memórias de Lourdes Barreto, Janjão Mamede e Clélio Palheta.

Com a perseguição ao meretrício e a boemia na Condor, dezenas de boates, bares, casas de show, pequenas pensões, restaurantes e hotéis se pulverizaram para várias regiões da cidade, construindo novas dinâmicas boêmias. Destacarei dois exemplos, dentre as várias casas de luxo que ficavam fora do circuito da zona do meretrício e da Condor, a boate *Pagode Chinês* e a boate *Xamego*.

A primeira se localizava na Avenida Alcindo Cacela, no bairro da Cremação, no caminho de acesso ao bairro da Condor. Essa casa de espetáculos foi palco para várias programações com artistas nacionais e internacionais, assim como dispunha diariamente de shows de *strip-tease* com jovens garotas de diversas procedências. Janjão Mamede afirma que “a boate era uma das mais movimentadas da cidade”, tendo como marca diária a apresentação da banda “Verbeno Costa”, famosa banda de orquestra muito conhecida nas rodas boêmias de Belém dos anos cinquenta e sessenta. Esta banda “animava o ambiente tocando boleros,

valsas e outros ritmos⁴³⁶”, comandada por seu dono e homônimo que passou a se apresentar na referida casa a partir da segunda metade da década de sessenta. A identificação com a musicalidade logrou para esta casa o reconhecimento nacional como ponto de referencia de shows com grandes artistas de expressão nacional e internacional. Apresentaram-se em seu palco Nelson Gonçalves, Valdíque Soreano, Jamelão, dentre outros⁴³⁷.

Seus encartes anunciavam imagens internas e externas de conforto para seus clientes. A propaganda anunciava a boate *Pagode* “integrada ao roteiro turístico de Belém” e chamava a atenção para os recursos tecnológicos oferecidos (fig.41), construindo a imagem de que a mesma estava apta a receber pessoas de todos os lugares, uma vez que se apresentava como espaço conectado aos ambientes luxo e modernidade presentes em outros lugares do Brasil e do mundo. Esta estratégia de marketing era um claro apelo para divulgar as inclinações boêmias da cidade como espaço integrado ao circuito turístico nacional.

A boate *Pagode*, além de casa de shows, foi também ponto de encontro e prostituição. Havia no seu interior a seleção de garotas, disponibilizadas para homens com condições econômicas para usufruir dos caros “programas” cobrados. O radialista e colunista Luis Paulo Freitas fala da boate como “uma casa de espetáculos muito luxuosa”, destinada não apenas as atrações artísticas, mas a casa de prostituição de luxo que “não era um local frequentado por famílias” e, por isso, de acesso preferencial a homens em busca de sexo. Acrescenta ainda que naquele lugar “havia muitas mulheres bonitas, algumas contratadas de outros estados para shows eróticos e strip-teases. Não se pagava para entrar e era de fato um lugar de bom gosto⁴³⁸”. Janjão Mamede também fala da “presença seleta de meretrizes”, oriundas de várias partes, afirmando que existia na boate “lindas mulheres, em sua grande maioria, trazidas dos palcos do Rio e de São Paulo para o ‘strip’ no palco paraense⁴³⁹”, informação que indicia que existia um intercâmbio da cidade de Belém com outros centros de prostituição do país.

Com certa frequência, o nome da boate esteve estampado nas páginas dos periódicos locais através de propagandas que anunciavam as atrações da casa sempre empregando o slogan “A onda é Pagode⁴⁴⁰”. As propagandas anunciavam também “os melhores drinks e os melhores pratos de Belém⁴⁴¹”. Os serviços de mesa e de bar eram realizados por garçons muito populares nas rodas boêmias, como o garçom Fernando Andrade, mais conhecido na noite belenense com o apelido de “Palito” que, não atuava apenas como garçom, era um

⁴³⁶ MAMEDE, Belém, 12 out. 2012.

⁴³⁷ MAMEDE, Belém, 12 out. 2012.

⁴³⁸ FREITAS, Luis Paulo. *Apud* LAREDO, Salomão. **Palácio dos Bares**, 2003. p. 314.

⁴³⁹ MAMEDE, Inácio Jamil de Moraes. **Antonte, ontem e hoje**. Belém mar. 1996, p. 71

⁴⁴⁰ MAMEDE, Belém, 12 out. 2012.

⁴⁴¹ MAMEDE, Belém, 12 out. 2012.

conhecido agenciador das garotas de programa disponíveis no local. Walter Bandeira, cantor e radialista que se apresentava na noite belenense, recorda deste garçom dizendo que “a figura mais viva para mim é a do ‘Palito’. O ‘Palito de Balé e Samba’... Só andava de paletó e gravata é claro, era muito magro. Gentil, hábil, simpático, era um pouco de maître e cafetão dos boêmios da época⁴⁴²”, estes predicados renderam a “Palito” a alcunha de “rei da noite” nas rodas boêmias da cidade.

Figura 41: Encarte Propagandístico da Boate Pagode



Fonte: Guia Turístico do Estado do Pará, Belém: 1970.

A associação de “Palito” a cafetinagem revela que as grandes boates de Belém cumpriam funções paralelas ao entretenimento proposto em seus serviços de shows. A prostituição camuflada e os “acertos” de tráfico humano eram realizados no interior dessas

⁴⁴² LAREDO. 2003, p. 239-240

casas possibilitando que famosos estabelecimentos como o *Bar da Condor* e a boate *Pagode Chinês* se tornassem pontos de referência do circuito de prostituição de luxo na cidade. É importante frisar que a boate *Pagode* não apresentava o formato de cabaré ou prostíbulo, mas servia como espaço de cooptação, agenciamento e comercialização do sexo, onde esta prática era feita de forma menos explícita. É provável que outros garçons cumprissem a função paralela de agenciador de garotas, como o garçom “Palito”. Orlando Andrade, irmão de “Palito”, enfatiza que:

Fernando era popular em qualquer reduto da boemia na cidade. Frequentava muito o “Palácio dos Bares”. No entanto foi no “Pagode Chinês”, por volta da década de 1970, que ele se tornaria o “Rei da Noite” em Belém. Ele era muito amigo de um dos donos, o Ronaldo Rodrigues, conhecido como o “Ronaldo do Pagode”. Lá era gerente e relações públicas. Conhecia todas as garotas de programa daquela área⁴⁴³.

As grandes boates e casas de shows comumente revelavam nomes de sujeitos sociais com grande influência no processo de funcionamento, divulgação e sucesso dessas casas no cenário boêmio da cidade. A figura de “Palito”, por exemplo, desempenhou importante papel na história da boemia em Belém, em especial na boate *Pagode Chinês*. É provável que as lembranças apresentadas pelos depoentes a respeito do referido garçom guardem certa nostalgia. No entanto, no entrelaçamento dos depoimentos, é possível perceber que “Palito” esteve sempre à frente das atividades boêmias exercendo várias funções, o que demonstra que as atividades profissionais da noite apresentavam várias possibilidades de rentabilidade.

Não foi, contudo, somente a boa *performance* dos garçons que destacou a boate *Pagode Chinês*. Seu nome também esteve envolvido com noticiários das páginas policiais. Em uma matéria jornalística que tratava do caso do aliciamento de menores de idade, por exemplo, o nome da boate aparece como um dos principais redutos de prostituição da cidade, onde atuavam meninas fazendo shows de *strip-tease*. Essas jovens eram cooptadas, dentro do espaço da boate, por traficantes especializados, denominados de “olheiros”, que as escolhiam e as encaminhavam para boates e hotéis de países vizinhos, como já foi abordado no capítulo anterior. O *Folha do Norte* apresentava a referida boate como ponto de referência de cooptação de prostitutas em Belém, objetivando exportá-las para os países caribenhos e para a Europa. O jornal esclarecia que:

A procura de mulheres era feita pelas boates de nossa Capital. O “contratante”, conhecido nas rodas boêmias como “Valfredo” ou “Dark” andava as noites, buscando suas vítimas. Especialista em mulheres fazia funcionar seu “olho clínico”,

⁴⁴³ LAREDO. 2003. p. 346

como dizia sempre aos seus amigos. Seus pontos preferenciais eram as boates “Pagode”, “Tapera”, “Tic Tac” e outras. Escolhia as mulheres que a combinação de rosto bonito ou simpático, corpo perfeito e outras “especialidades”⁴⁴⁴.

Pelo que é exposto evidencia-se que a boate *Pagode* integrava-se, além do circuito turístico de Belém, ao circuito internacional de tráfico de mulheres que atuavam na capital. A matéria publicada no jornal ratifica as declarações dadas a respeito dos agenciamentos feitos pelo garçom “Palito”. Ao que parece, a boate *Pagode*, juntamente com outras casas de shows, serviram como espaço de recepção, aliciamento e cooptação de jovens meninas procedentes dos subúrbios, bem como de cidades do interior. As portas desta boate foram fechadas no início dos anos oitenta, após a morte de seu proprietário, encerrando uma história de quase duas décadas de muitos shows e apresentações que fizeram desse espaço, um dos mais badalados da cidade de Belém nas décadas de setenta e início dos anos oitenta.

Outra boate que muito sucesso fez após o fechamento parcial da zona do meretrício nos anos setenta foi à *Boate Xamego*, localizada no bairro do Guamá. Ela serviu de cenário para muitas experiências boêmias entre o final da década de sessenta e a primeira década dos anos dois mil. Fundada no mesmo local onde antes funcionou a “Pensão da Madame Moza”, esta casa especializou-se na realização de grandes espetáculos, mantendo a mesma função de bar e boate, tendo em suas dependências também um motel que funcionou até o início dos anos dois mil, quando foi vendido para uma rede de motéis de Belém, funcionando até os dias atuais com a mesma função. A *Boate Xamego* se representou nos anos setenta e oitenta, como uma das boates mais “badaladas” de Belém. Vários shows de *Strip-tease* e atrações diversas eram oferecidos aos seus clientes, atraindo muitos artistas que estavam de passagem pela cidade em temporadas de espetáculos nos teatros ou clubes.

João Mamede conta que durante trinta anos trabalhou na boate exercendo as funções de subgerente e depois de gerente, ajudando a organizar vários shows e espetáculos famosos anunciados nos jornais da cidade, sempre com o destaque para os *strip-teases* e *performances* teatrais com garotas vindas do sudeste e do sul, para se apresentarem em temporadas nos palcos da boate. Mamede lembra que a casa funcionava como espaço de “fim de noite” para onde convergiam boêmios oriundos de outros lugares afim de assistirem os shows de *strip-tease*. Alguns shows apresentados no *Xamego* foram organizados pelo próprio Mamede que conta sua participação na direção do “primeiro espetáculo de boate liberado pela censura em

⁴⁴⁴ “Descoberto tráfico de mulheres na rota do contrabando: Belém – Suriname”. **Folha do Norte**, Belém, 08 mar. 1970, 1º Cad. p. 15;

1980”, denominado de “Uma noite em Vila Izabel”. Depois disso ele dirigiu o show “Cama de Motel”. Sobre este último Mamede conta que:

No Xamego [...] botei um evento por nome de “Cama de Motel”, um show que era realizado todas as segundas feiras. Quando pensei o espetáculo, o dono da boate disse para mim assim:

- Tu és louco de botar segunda-feira? Segunda-feira não vem ninguém!

Eu disse:

- É por isso mesmo, é para trazer gente, para movimentar a segunda-feira!

Mamede se apresenta como um articulador da noite, pensador de shows em horários e dias alternativos como estratégia para atrair clientes que frequentavam outras casas de noite de Belém, desenvolvendo atividades e programações em horários e dias que escapavam à concorrência. A segunda-feira não era um dia habitual de boemia. No entanto, algumas casas como o *Xamego* garantiam programação específica que atendia, preferencialmente, boêmios que optavam por esses dias da semana. Segundo Mamede, o público frequentador nesses dias era de empresários da vida noturna, garçons e meretrizes que nos seus momentos de folga das atividades profissionais procuravam a boate. Esta prática boêmia rendeu a algumas casas de shows de Belém a característica de “casas de ressaca das festas de final de semana”.

Mamede afirma que o nome da boate era escrito propositalmente com “X”, como *marketing* para atrair clientes que retornavam de boates mais famosas como *Pagode Chinês* e *Palácio dos Bares*. Saudoso, o boêmio lembra-se de alguns fatos curiosos ocorridos nas festas e espetáculos de início de semana como, por exemplo, a visita inesperada de artistas de renome nacional de passagem por Belém que iam àquela boate para assistir aos shows:

Quando foi no sábado, chegou lá Isaque Soares, que era então, o ‘tigrão’, o dono da coluna social mais badalada; o Lúcio Mauro; e o Juca Chaves com a esposa Yara. Cheguei às onze horas da noite para trabalhar, eles já estavam lá em uma mesa, dai o Campos me chamou e disse:

- Tu sabes quem está ali?

Eu olhei pelo vidro e disse:

- Estou reconhecendo o Isaque Soares e o Lucio Mauro!

O Campos falou:

- São esses dois mesmo, e lá do lado está o Juca Chaves e a mulher dele, eles vieram para ver o “Cama de Motel”. Te vira!

Botei um taxista atrás das duas meninas que faziam o show, eram duas meninas lindas que vieram do Rio. Acontece que dia de sábado não tinha o “Cama de Motel”, elas iam para as ‘sacanagens’ delas, encontrar com os garotos que elas tinham, né! O motorista achou só uma delas. Peguei outra improvisada levei lá para o motel, ensinei mais ou menos como era o negocio, armei o “Cama de Motel”. Eles lá em baixo vendo o espetáculo, os quatro. Quando acabou, o Juca Chaves deu dois ingressos para mim e disse:

- Eu vim fazer três dias de espetáculo no Teatro da Paz, fiz ontem, fiz hoje e amanhã, no domingo vou encerrar. Está aqui um convite para você outro para sua esposa!

Fui lá, ele começou a contar piada, de repente, me surpreendeu no final de uma piada que a plateia aplaudiu ele falou:
 - Gostaram? - É meus amigos, mas sacanagem mesmo vocês vão encontrar é na boate Xamego com o “Cama de Motel”, idealizado pelo meu amigo Janjão!
 Fiquei todo arrepiado. Resultado, na segunda feira quando cheguei para trabalhar, as 51 mesas que tinham na boate estavam todas vendidas por telefone⁴⁴⁵.

A história contada por Janjão Mamede, apesar de bastante significativa – do ponto de vista da representação que o mesmo faz de seu papel como agente da noite belenense, mostrando aspectos positivos e saudosos da vida como gerente da boate –, pode ser interpretada como a cristalização da memória de um boêmio que atuou por longos anos a frente de atividades lúdicas na cidade. No entanto, é importante considerar os detalhes da vida noturna da cidade, no que diz respeito ao circuito nacional e internacional de boemia e prostituição, como facetas do alto investimento de determinados empresários atentos aos serviços e atrações que atraíam o público em uma cidade portuária com características de entreposto comercial ou mesmo de turismo boêmio e sexual. Os shows realizados nas segundas feiras em boates como a *Xamego* ou mesmo os grandes espetáculos de *strip-tease* realizados nas boates *Pagode Chinês* e *Lapinha* durante os finais de semana, contribuíram para manter uma boemia de luxo que perdurou por vários anos na cidade, ganhando posteriormente outras dimensões geográficas.

Assim como em outros casos apresentados aqui, a boate *Xamego*, para atrair o público masculino, utilizava o artifício de periodicamente anunciar os serviços oferecidos pela casa. Várias propagandas foram divulgadas nos jornais anunciando suas atrações, nelas, quase sempre, o apelo da sexualidade estampava as imagens e fotografias de garotas, em sua maioria, vindas de outros estados, para as *performances* na casa ou para o comércio sexual. O anúncio da boate deixou indícios de que a cidade de Belém dos anos oitenta ainda conseguia sobreviver como grande centro de entretenimento boêmio. Havia na cidade um espaço alargado para o entretenimento sexual, como sugerem as imagens (fig. 42, 43).

Após a abertura política ou a redemocratização do Brasil, o controle repressivo aos costumes que houve durante a Ditadura Civil Militar no Brasil, principalmente nos “anos de chumbo”, tendeu a arrefecer-se. Este tipo de repressão visava especialmente às mulheres, mas atingia os boêmios durante suas incursões pela noite, como mostra o trecho da reportagem publicada N’A *Província do Pará*:

A mini-blusa não está proibida e nem tampouco a Polícia Federal recebeu qualquer instrução de Brasília para impedir que as mulheres usem essa moda – declarou

⁴⁴⁵ MAMEDE, Belém, 12 out. 2012

ontem A PROVINCIA DO PARÁ o chefe da fiscalização da turma da Censura e Diversões Públicas da Delegacia da Polícia Federal sr. Geraldo Barbosa. O policial também desmentiu que estivesse percorrendo clubes e casas de diversões noturnos com a finalidade de combater a mini-blusa, mas afirmou que fez sair do recinto, em uma boite e em um clube, pessoas que trajavam roupas imorais, porque isto é proibido por lei⁴⁴⁶.

Durante a Ditadura Civil e Militar foram comuns perseguições de cunho aparentemente moralizante, mas, apesar de gradativa, a abertura política conferiu certa liberdade para a publicidade de atividades relacionadas à boemia e ao comércio do sexo, inclusive com exposição de fotos ou charges provocativas.

Figura 42: Propaganda Boate Xamego.



Fonte: *O Liberal*, Belém, 12 out. 1982. p. 5

Outro dado significativo nos anúncios é a divulgação do local de procedência das garotas que trabalhavam nas casas, sendo este dado uma referência de *status* que deixa pistas sobre a integração do comércio regional de boates e prostituição ao circuito nacional, mostrando que o mercado sexual não era feito apenas com garotas locais, mas com diversas outras garotas oriundas dos grandes centros urbanos do Brasil.

⁴⁴⁶ Mini-blusa é livre na Polícia. *A Província do Pará*. Belém, 2 mar. 1970. p. 5

Figura 43: Propaganda Boate Xamego.



Fonte: *O Liberal*, Belém, 01 mar. 1987, 1º cad. p. 31

A fama que a boate *Xamego* logrou na cidade de Belém, entre os finais dos anos setenta e durante os anos oitenta, é de extremo interesse em nossa análise, pois o seu período de maior expressão, enquanto casa de espetáculos, se deu, principalmente, a partir do momento em que as outras áreas da cidade consideradas boêmias começam a entrar em declínio. Como falei anteriormente, as sucessivas campanhas de repressão e combate as tradições boêmias da zona do meretrício e do bairro da Condor colaborou para o deslocamento das áreas de concentração da boemia para outros lugares da cidade. Após as campanhas da Ditadura Civil e Militar contra o meretrício e, mesmo após a abertura política, as expressões boêmias começaram a se dispersar por vários outros lugares. Lourdes Barreto rememora que, após o fechamento da “zona”, ainda na década de 1970:

Algumas [meretrizes] deportaram pra outros estados. Aquela Cidade Nova, a primeira, uma, duas, elas foram feitas pra transportar mulheres para lá. Vê que hoje tem uma quantidade de motéis muito grande ali. Ai algumas mulheres que tinham filhos e que já estavam naturalizadas aqui, eles não tinham como deportar. As de outros países foram deportadas. Mesmo velhas, já caindo aos pedaços. Agora elas eram elegantes, muito bem arrumadas⁴⁴⁷.

É importante ressaltar que, apesar da perseguição que provocou a sua dispersão, a expressão boêmia da cidade continuou acontecendo, em sua maioria, em áreas muito próximas a Condor, quase sempre, localizadas nas rotas de acesso as tradicionais zonas boêmias do Meretrício. Esta espécie de corredor boêmio, que se formou com a perseguição a zona do centro e da Condor, possibilita inferirmos que as boates *Pagode* e *Xamego*, apesar de não estarem nestas zonas boêmias, faziam parte do mesmo circuito, recebendo basicamente o mesmo público boêmio que frequentava esses lugares. Mais importante que isso, é atentarmos para o fato de que o combate à presença da zona do meretrício parece que estava muito mais atrelado a interesses pelo espaço geográfico privilegiado que ele ocupava na cidade do que a questões morais. Vimos anteriormente que fora do perímetro considerado urbano, as prostitutas podiam trabalhar. Além disso, a área central da cidade foi alvo constante de projetos de modernização, inclusive durante a Ditadura Civil e Militar.

Desde a virada para o século XX, a então 15 de agosto (atual presidente Vargas), sofreu diversas tentativas de modernização. A principal área comercial da cidade, no centro, era um território heterogêneo que abrigava famílias, comércios de luxo e populares⁴⁴⁸. A presença do meretrício, mesmo desfrutando de certa permissividade em determinadas épocas, sofreu duras perseguições em outras, sendo retirada e retornando ao local posteriormente.

Apesar de já termos discutido no terceiro capítulo desta tese o fechamento do meretrício, a partir da ótica dos jornais, do Estado e de alguns estudiosos do período, julgo necessário fazermos uma digressão ao ocorrido, para que seja possível a melhor compreensão dos desdobramentos provocados pela repressão aos lugares de boemia da cidade. A zona do meretrício foi fechada sob um clima de tensão, pois as mulheres não sabiam que futuro as aguardava. Lourdes Barreto narra o dia primeiro de abril de 1970 da seguinte forma:

Quando foi em mil novecentos e setenta, primeiro de abril, a zona foi fechada. A zona foi fechada num clima de muita crueldade e muita violência. Porque eles começaram a falar, eu peguei e aluguei uma casa lá no Guamá pra colocar os meus dois filhos. Porque nessa época as mulheres prostitutas (velhas) que moravam em alguns casarões, ai em algumas casas, tomavam conta dos nossos filhos, a gente pagava diárias que era pra tomar conta dos meus filhos. Ai, eu umas três ou quatro

⁴⁴⁷ BARRETO, Belém, 27 dez. 2012.

⁴⁴⁸ COIMBRA, 2014. p. 276-277.

(crianças) levei o que eu tinha e fiquei com pouca roupa, já na expectativa. Eu sabia que ia fechar. Então, na hora que a zona foi fechada eu estava dentro e por muita resistência eu consegui sair de dentro da casa. Chegou. Eram os aviões, aeronáutica, marinha, polícia civil, militar e federal. Eram todos os institutos mesmo. Isso para expulsar⁴⁴⁹.

No dia posterior ao fechamento do meretrício, os jornais da cidade davam destaque para o fato:

OPERAÇÃO VIRA BANCA

Por volta de 8,30h, o delegado Luiz Augusto, acompanhado dos senhores Luiz Alcântara (subdelegado) e Carlos Salgado (Comissário), retornou ao meretrício onde deu início a “operação vira banca”. Entrou em todas as pensões e determinou que fossem retiradas ou reviradas todas as bancas existentes, dificultando a ação de prováveis elementos levados pelas mulheres⁴⁵⁰.

O entrecruzamento das memórias de Lourdes Barreto com as notícias da época ratificam as informações dadas por ela, tanto sobre a repressão, quanto sobre a dispersão e extradição destas mulheres do estado. Os jornais noticiavam ainda que as medidas tomadas pela polícia para reprimir e fechar o meretrício propiciou a mudança das prostitutas para lugares diferentes. Algumas alugaram casa no subúrbio da cidade, outras voltaram para junto de seus familiares e houve ainda as que tentaram receber o auxílio dos poderes constituídos, cobrando promessas que tinham sido feitas a elas⁴⁵¹.

Antes do fechamento do meretrício do centro, as prostitutas tentaram uma última cartada para vencerem o poder repressor do Estado. Enviaram uma carta à esposa do governador Alacid Nunes:

Exc. Sra Marilda da Silva Nunes, D. D. Primeira Dama do Estado.

Temos a liberdade de solicitar vosso consentimento em poder cumprimentá-la.

Nós, abaixo assinado, apesar de pertencermos a uma classe detestada da sociedade, com domicílios e residências em zonas inacessíveis à sociedade. Vimos, com a devida vênua e máximo acatamento, rogar ao vosso generoso coração, a maior dádiva que talvez possamos alcançar, com a interferência de V. Excia. Junto ao vosso ilustre esposo e D. D. Governador do Estado e oficial do Exército sr. Alacid da Silva Nunes, o pedido que ides ler nestas mal traçadas linhas, neste momento de aflição em que nos encontramos, sem saber para onde poderemos ir residir. Ocorre, entretanto, como julgamos estar cientificada pela imprensa deste estado, o que, contra nós, pretende executar a Polícia Civil, determinando a retirada total de todas as ocupantes que residem na “faixa livre”, proibitiva as famílias. Isso, seria ideal, se para nós, nos fosse (ilegível) por quem de direito, nos dessem outra moradia em local arredio da “urbe” (ilegível) higiene medica-assintência, casa

⁴⁴⁹ BARRETO, Belém. 27 dez. 2012.

⁴⁵⁰ Polícia agora vai fechar os bordéis do subúrbio de Belém. **Folha do Norte**. Belém, 2 de abr. 1970.

⁴⁵¹ Polícia agora vai fechar os bordéis do subúrbio de Belém. **Folha do Norte**. Belém, 2 de abr. 1970.

(ilegível), cinemas, teatros por conta de (ilegível), condições financeiras e um custo de vida ao nosso alcance.

Estamos de acordo se isso for, ou venha ser concretizado em benefício as pobres mulheres que aqui vivem, desprezadas pela assistência social e por tudo o mais, se obtivermos ganho de causa, pela vossa interferência, junto aos Poderes máximos deste Estado, e a quem devotamente graças rogamos ao nosso Bom Pai pela saúde de toda a Exma. e ilustrada família Alacid Nunes.

Com elevados espíritos de gratidão eterna, aqui ficamos orando pela saúde e bem estar de V. Excia.

Dezenas de assinaturas⁴⁵²

Neste documento está explícito que as prostitutas, naquele momento, preocupavam-se com questões imediatas como moradia e assistência de saúde. Mas outras questões também se manifestam em seus escritos. Ter acesso a lazeres como teatro e cinema é uma questão explícita na carta. As meretrizes habitavam aquela área deste o início do século XX, como vimos anteriormente. Estavam acostumadas a viverem próximas a estes lazeres, também já vimos que elas costumavam frequentar os cinemas e outras estabelecimento de luxo localizados na então 15 de agosto. Sabedoras de que seu destino seria o subúrbio da cidade, onde a estrutura urbana era precária, talvez tivessem consciência de que automaticamente seria vetado a elas o direito a dignidade deste tipo de lazer. Outra questão a ser percebida no documento, é que elas apelam à religião tentando ter acesso ao emocional da primeira dama, estratégia de quem conhecia, ou desconfiava, do poder da religiosidade na vida das mulheres ditas bem casadas ou de família.

Notem ainda a audaciosa estratégia adotada pelas meretrizes ao endereçarem uma carta à esposa do governador. Creio que, em experiências de vida, elas perceberam o poder que uma mulher poderia exercer sobre os homens. Quantas vezes teriam conseguido favores de poderosos em suas camas, no segredo dos quartos de pensão? Quem sabe alguma teria lido a comédia *Lisístrata* de Aristófanes, na qual a homônima protagonista ateniense liderou a mobilização para que as mulheres fizessem greve de sexo objetivando acabar com a Guerra do Peloponeso⁴⁵³. Não muito tempo antes do que estava ocorrendo no meretrício, um homem já tinha insinuado este poder das mulheres sobre os seus cônjuges. Márcio Moreira Alves, no dia 2 de setembro, no plenário da Câmara, em represália à violência da Ditadura Civil e Militar durante a ocupação da Universidade de Brasília, pediu aos pais que não levassem seus filhos aos desfiles de 7 de setembro e às esposas dos militares para não “estabelecerem relações” com seus maridos enquanto a democracia não fosse restaurada, discurso que serviu como justificativa para a instauração do AI-5. Nunca saberemos se D. Marilda Nunes teria

⁴⁵² Polícia agora vai fechar os bordéis do subúrbio de Belém. **Folha do Norte**. Belém, 2 de abr. 1970.

⁴⁵³ ARISTÓFANES. **Lisístrata** – a greve do sexo. Coleção L&PM Pocket, 2003.

intercedido por elas, pois, como esclareceu o jornal, a carta nunca chegou às mãos da primeira dama, fora “sequestrada pelo secretário do governador no palacete governamental⁴⁵⁴”.

Não teve jeito, o meretrício foi fechado. Nos dois anos que se seguiram, Lourdes Barreto assegura que algumas prostitutas, inclusive ela, ficaram trabalhando nas ruas, até conseguirem se organizar, com o apoio da igreja católica que atuava por meio de um programa que Lourdes denominou de *niño*. Segundo Lourdes, o *niño* “era uma instituição que foi fundada em mil novecentos e trinta na França e se espalhou pelo mundo inteiro trabalhando com prostitutas⁴⁵⁵”. Com este apoio as prostitutas se organizaram para ir à Brasília para tentar conseguirem autorização para que a “zona” fosse reaberta. A zona foi reaberta em 1972, mais antes disso, nas palavras de Lourdes, elas ficaram “batalhando na conta na Condor, nas praças e pegando homens no comércio, nas lojas”. Neste período, o modelo de casa de pensão foi modificado passando a ser chamado de “casa de conta”. Na definição de Lourdes Barreto, a “casa de conta” era um local onde elas trabalhavam, pagando o aluguel do quarto, mas sem vínculo de moradia com o local. Lourdes rememora que foram anos difíceis, até conseguirem voltar para morar no meretrício e mesmo após retornarem em 1972:

A gente voltou para morar. E agora era uma música bem baixinha e sempre com “um olho no Padre o outro na missa” por que se a polícia chegasse eles prendiam ou então levavam o som. Então era uma verdadeira luta pela sobrevivência mesmo. E as mulheres já tinham de uma forma ou de outra, um nível de organização⁴⁵⁶.

Na década de oitenta, Lourdes engajou-se definitivamente na luta em prol das prostitutas. Ainda nesta década, ela foi convidada para participar de um encontro que tratava da AIDS, por conta das prostitutas serem consideradas do “grupo de risco”. Na narrativa de Lourdes, durante as viagens que precisava fazer por causa desses encontros, ela encontrou Gabriela Leite em Salvador, depois em Jundiaí, assim foram se aproximando. Num destes encontros Gabriela teria dito a ela: “Lourdes vamos pensar no movimento [político]”. Ao que Lourdes teria respondido: “Nós já fizemos esse movimento na zona [em Belém]”. A partir de então ambas aproveitaram o debate acerca da AIDS, que acabou gerando o investimento por

⁴⁵⁴ Polícia agora vai fechar os bordéis do subúrbio de Belém. **Folha do Norte**. Belém, 2 de abr. 1970.

⁴⁵⁵ Talvez Lourdes Barreto se refira ao “Instituto Interamericano del Niño”. A ideia de criar este órgão surgiu durante o II Congresso Americano da Criança, realizada em Montevidéu, em 1919, quando o pediatra Morquio apresentou um documento propondo a criação de um Escritório Internacional Americano de Proteção à Criança. Esta proposta foi retomada no III Congresso Americano da Criança, realizada no Rio de Janeiro em 1922. Em 1924 o Instituto foi finalmente criado. Ver histórico em: <http://www.iin.oea.org/IIN2011/historia-instituto-interamericano-del-nino-nina-adolescente.shtml>

⁴⁵⁶ BARRETO. Belém, 27 dez. 2012.

parte do Ministério da Cultura e da Saúde, para discutirem a ausência de direitos trabalhista para as prostitutas. Após o Primeiro Encontro Nacional de Mulheres Prostitutas (ENMP), em 1987, no Rio de Janeiro, o Ministério da Cultura e da Saúde patrocinou a estrutura necessária para que Lourdes pudesse mobilizar as mulheres do Nordeste e do Norte, enquanto Gabriela Leite ficou responsável por mobilizar as do Sul e o Sudeste, visando conscientizá-las do perigo da AIDS. A partir da década de 1980, mais um estigma passaria a pesar sobre elas, os viciados em drogas endovenosas e os homossexuais: o de serem os culpados pela proliferação do HIV. No ENMP, as prostitutas declararam “que estavam cansadas de aparecer apenas nas páginas policiais da imprensa, como se prostituta tivesse ligação intrínseca com a criminalidade⁴⁵⁷”, por isso e para divulgar as suas reivindicações políticas elas criaram o jornal *Beijo da rua*, lançado durante o Primeiro Encontro Norte e Nordeste de Prostitutas em 1988.

Ainda no Primeiro Encontro Nacional das Prostitutas, como proposta final foi definido que, ao retornarem para as suas regiões de atuação, as prostitutas deveriam formar grupos para discutirem que tipo de políticas públicas eram necessárias para a categoria. No retorno a Belém, Lourdes continuou trabalhando na “zona” e mobilizando as colegas de categoria. Em mil novecentos e noventa, ocorreu o lançamento político do GEMPAC no teatro Waldemar Henrique. Contudo, o movimento só fora registrado em mil novecentos e noventa e um, Lourdes narra a luta para registrá-lo da seguinte forma: “Eu queria como ‘Grupo de Mulheres Prostitutas da Área Central’, mas a mulher do cartório teimou e registrou somente como ‘Grupo de Mulheres da Área Central’. Mas tudo o que a gente fazia eu botava ‘mulher prostituta’⁴⁵⁸”.

Quanto ao meretrício, ele ainda existe no mesmo local, contudo, após sua reabertura entrou em decadência, talvez muito em função da pulverização da boêmia por outras áreas da cidade e da instabilidade que se instalou no local, sempre na eminência de conflitos com a polícia. Ainda segundo Lourdes Barreto, com o enfraquecimento do movimento de clientes no local as casas foram fechando. As casas que não podiam mais pagar IPTU foram vendidas, a maioria para as igrejas que as transformaram em estacionamentos⁴⁵⁹. Após a “reabertura política”, as prostitutas continuaram organizadas politicamente, agora sob “nova bandeira”: o reconhecimento da profissão pelo Ministério do Trabalho. Avançaram nas conquistas, em

⁴⁵⁷ Jornal **Fazendo Média**, 2005.

⁴⁵⁸ BARRETO, Belém 27 dez. 2014.

⁴⁵⁹ BARRETO, Belém 27 dez. 2014.

2002 a CBO 5198-5 reconheceu o trabalho das prostitutas como ocupação, mas elas ainda lutam pelo objetivo final.

A perseguição e o fechamento do meretrício em 1970, desdobraram-se em sociabilidade interna entre as prostitutas, mas desta vez não fora apenas uma sociabilidade boêmia e de ocupação, surgiu a sociabilidade política entre elas. Este engajamento político propiciou conquistas à classe, assim como desta sociabilidade surgiram amizades e redes de relações que fortaleceram o movimento em prol da legalização da prostituição como profissão. Lourdes Barreto e Gabriela Leite, duas referências brasileiras desta luta, conheceram-se em Salvador, em meio às mobilizações políticas pela causa das prostitutas. Como disse Gabriela: “lá eu conheci Lourdes Barreto, minha grande parceira ativista, a impagável Lourdes [...] uma grande amiga. Nós somos muito parecidas, não levamos desaforo para casa e elegemos o botequim como melhor lugar para conversar⁴⁶⁰”. Diante desta declaração, qualquer outra palavra se faz desnecessária.

⁴⁶⁰ LEITE, 2009, p. 140-141.

Considerações finais

Na década de 1950 a cidade de Belém passou por mudanças significativas na sua dinâmica econômica e populacional funcionando como o centro de convergências comerciais e culturais capazes de amplificar novas ideias e valores assimilados por sua crescente população que não se acanhou em se adequar aos novos padrões de modernidade que se espalharam pelo mundo após a Segunda Guerra Mundial. Apesar dos embates simbólicos relacionados ao momento alusivo a economia da borracha do início do século XX, a cidade conseguiu sobreviver de diversas atividades econômicas e culturais, apesar do “hiato econômico” entre as décadas iniciais do século XX e os “anos dourados”.

As inclinações para a modernidade se fizeram sentir nas diferentes possibilidades econômicas e de atrativos culturais desenvolvidos na cidade, bem como pelo novo padrão de assimilação consumista, vendedor da ideia de uma *sociedade em movimento* que buscava, a todo o momento, se adequar aos prazeres capitalistas, muito divulgados em propagandas que vendiam um estilo de vida aprazível e feliz. O cinema, o rádio e os jornais funcionaram como propagadores desse novo estilo de vida, provocando sensações de deslumbres coletivos, capazes de estabelecer *hegemonias de consenso* geradoras de padrões consumistas incorporados ao cotidiano de sua população. Contudo, no que diz respeito ao consumo de determinados prazeres oferecidos pelo novo modo de vida, nem todos os seguimentos sociais foram inseridos aos fluxos de modernidade e de expansão do sistema capitalista na região, isto gerou “outra face da moeda”, a dos cidadãos alijados e a margem desse processo.

A dualidade presente nessa modernização que, ocorreu concomitantemente com o crescimento demográfico e das desigualdades sociais na cidade de Belém, contribuiu para lhe proporcionar certo ar cosmopolita, pois foi no bojo desse processo de crescimento que chegaram à capital do Pará, centenas de pessoas que migraram do interior do Estado, bem como de outras regiões do país, inflando as periferias e transformando o cotidiano de mais de duzentos mil habitantes (nos anos cinquenta) em um complexo conglomerado populacional gerando múltiplas sociabilidades nos vários cantos da cidade. Pelas ruas do centro e do subúrbio, novas dinâmicas culturais colaboraram para transformá-la no maior centro urbano da Região Norte no período.

As sociabilidades criadas, a partir de misturas culturais, circularidades, interseções espaciais e transposições de fronteiras, foram vividas a todo o momento em lugares que se tornaram ambientes de múltiplas convivências, motivadas “a partir de determinados impulsos

ou da busca de certas finalidades⁴⁶¹”. Na disputa pelo espaço, os indivíduos interagiram com a cidade produzindo novas identidades através de relações de “interação entre indivíduos”, construindo “territórios transnacionais⁴⁶²”, onde se arregimentaram sistemas rígidos de pertencimento, porém híbridos do ponto de vista cultural. Essas experiências compartilhadas ajudaram na “invenção de tradições” boêmias que se integraram de forma inexorável à vida e ao cotidiano da cidade.

O processo de transformação espacial se tornou um catalisador de identidades culturais que brigavam para estabelecer polaridades e fruições psicossociais e econômicas distintas, mas que ao mesmo tempo se interpenetravam em relações identitárias miscigenadas carregadas de hibridismos culturais, responsáveis por flexibilizar as aparentes relações intransponíveis estabelecidas nas *fronteiras limites*⁴⁶³ e por demarcações espaciais classistas.

Em Belém, a zona do meretrício tornou-se o de espaço mediação dessas fronteiras, privilegiando “sociabilidades festivas”, principalmente do universo masculino que se revezava entre as pensões do centro e os “*rendez vous*” dos subúrbios, usando-os como *locus* de suas diversões íntimas, mas negando-os assim que saíam desses espaços, principalmente quando o que estava em jogo eram as convenções sociais e familiares, hipocrisias recorrentes percebidas naquele ambiente social.

Nas pensões e cabarés se reproduziam a todo o momento, ranços patriarcais e relações de poder misturadas com sexualidade e com ostentação da masculinidade, asseverando sentimentos de superioridade e abusos relacionados com explorações de trabalho e vários tipos de comportamentos misóginos destinados às prostitutas que nessas áreas viviam ou trabalhavam.

As casas da zona do meretrício foram, ao longo do século XX, perseguidas pelo Estado que tentou regular, reprimir e retirar grande parte delas da área central para fins de especulação imobiliária e de reforma urbana, intenções que eram camufladas sob a justificativa de questões morais, de costumes e de ordem social. Para a efetivação dessas ações, usou-se de forma inexorável a força bruta da polícia. Muitas casas foram classificadas como clandestinas ou “inapropriadas para as famílias”, algumas delas ganharam a alcunha pejorativa de “pensões alegres” ou “casas de mariposas”, sendo constantemente perseguidas pelas “batidas policiais”. Este foi o caso da casa de número 40 da Rua 1º de Março, pertencente à Maria Viana, “madame” que recebia seus clientes na mais absoluta discrição,

⁴⁶¹ Ver: SIMMEL, 2006, p. 59-60.

⁴⁶² RODRIGUES, 2008, p.46.

⁴⁶³ RODRIGUES, 2008, p.47.

mas que não escapou dos olhares vigilantes do Estado, apesar de sua pensão ser frequentada por policiais e políticos influentes, além dos homens comuns, que lá iam para passar algumas horas na companhia de alguma “amásia” que não podia ser revelada para a sociedade. Nesse perímetro urbano, denominado nos jornais como “Zona do Amor”, ocorreram várias artimanhas sexuais que se desenvolveram de forma mais intensa entre as décadas de cinquenta a oitenta, tempos anteriores à era dos motéis da BR-316 ou do ainda longínquo bairro do Coqueiro na Região Metropolitana de Belém, onde surgiram várias boates e motéis, a partir da década de 1990.

Os lugares de boemia da cidade, tanto da zona do meretrício como dos subúrbios, foram registrados nos jornais, quase sempre, com conotação pejorativa. A constância com que determinadas casas e bares, bem como homens e mulheres comuns apareceram nas páginas policiais, permitem dizer que houve na imprensa paraense dos anos sessenta e setenta a continuidade de uma mentalidade classista que interpretava e entendia os setores populares como “classes perigosas” veiculando constantemente casos de boêmios que promoveram alteração da ordem pública. Brigas, crimes, arruaças e bebedeiras eram mostradas diariamente nas páginas dos periódicos que circulavam pela cidade, anunciando, por exemplo, que:

Três mulheres completamente alcoolizadas promoveram muita arruaça no Bar da Branca, na Marechal Hermes (Bacia), sendo que uma delas saiu ferida. As trottoirs desde as primeiras horas da noite de anteontem bebericavam. Já pela madrugada o trio resolveu dar “aquele show” e se engalfinharam ante a expectativa de vários boêmios que se encontravam presentes ao espetáculo. Maria de Lourdes da Silva tentou tirar uma onda de lutadora de “catch”, porém entrou pelo cano. As duas que a acompanhavam, conhecidas por “Branca” e “Maria Bebe Água”, decidiram acabar com o assanhamento de Maria de Lourdes. Para tal, além de dar uns sopapos, “Branca” ainda pegou uma faca e aplicou dois golpes na Maria, para “serenar os ânimos”. Maria de Lourdes foi levada para o Pronto Socorro Municipal e as acusadas fugiram. Estão sendo procuradas pelas autoridades da Delegacia de Homicídios⁴⁶⁴.

Os ambientes boêmios da periferia e da zona do meretrício, apareciam nos jornais para cumprir a função de mostrar quão conturbados eram os bares e cabarés. “Branca”, “Maria Bebe Água” e “Maria de Lourdes da Silva” eram mulheres anônimas que atuaram na noite marginal belenense. A estas mulheres era negado até o direito ao uso de um nome de batismo. “Maria de Lourdes” foi à única identificada por seu nome de batismo, por ter sido esfaqueada e ter ido parar no PSM, as outras figuraram como meros personagens desordeiros e invisíveis da noite belenense.

⁴⁶⁴ “Arruaça acabou em esfaqueamento na bacia”. **A Província do Pará**, 04 dez. 1970 1º cad. p.8.

As matérias apresentadas nos periódicos de Belém naquele período tinham caráter discriminatório e classista direcionados principalmente aos ambientes considerados “populares”, sempre apresentando argumento que induziam a crença de que os sujeitos sociais citados transgrediam a ordem, bem como os valores de civilidade e disciplina desejados por parte da sociedade. Os argumentos apresentados nestas matérias que, num primeiro momento, pareciam preocupados com as meretrizes e com as implicações sociais resultantes das medidas repressoras aplicada pelo Estado em 1970, acabaram colaborando para a elaboração de discursos ambíguos que expressavam conotação protetora de preservação das meretrizes dentro de sua área de trabalho, atuando de forma argumentativa e com críticas dirigidas aos executores da ação, ao mesmo tempo em que possuíam um ar bastante conservador, no que diz respeito à prostituição. As justificativas utilizadas nestes jornais para desvendar os motivos que conduziam as mulheres ao meretrício ora atribuíam características de caráter degenerado as prostitutas, ora as colocavam como vítimas do sistema social em que viviam.

Mesmo a despeito de todo o debate ocorrido na imprensa paraense acerca das supostas mazelas do mundo do meretrício, a sentença social desferida pelo Estado excluiu as meretrizes das redes de sociabilidade, atribuindo a elas a ideia de “decrepitude humana”. Na tentativa de defender as meretrizes, os jornais acabaram reforçando imagem que a sociedade possuía sobre elas de que eram mulheres “deformadas”, bem próximas da “mendicância” e mergulhadas nos “vícios”, associado essas características as condições proporcionadas pelo ambiente de vida desregrada, deixando entrever a ideia de que estas mulheres viviam na linha tênue entre a prostituição e a criminalidade. O exercício do jornal em mostrar que o caminho da prostituição era a degenerescência humana, reforçava as impressões deterministas quanto aos prováveis destinos das meretrizes:

Há duas espécies de prostituição: a “alta prostituição” e a “sub prostituição” – uma é decorrente da outra e, no fim, forma a aresta do triângulo problemático quando as mulheres vivem vendidas pelo vício, pela miséria e pela doença – e esse é o final mais triste a sarjeta. A primeira espécie é representada pela mulher refinada da boate elegante ou pelas que visitam os apartamentos escondidas sob a placa de “condomínio familiar” e os “inferninhos” – A outra é a prostituta do meretrício, da “zona”, ou que a sociedade transformou em pária, lançando-a na mendicância, o único caminho para ela continuar existindo⁴⁶⁵.

O ponto de vista dos articulistas do jornal *Folha do Norte*, além de classificar e tentar prevê de forma determinista um destino fatalista para as mulheres que escolheram ou foram obrigadas a levar esse estilo de vida, colaboram na elaboração da visão do meretrício como

⁴⁶⁵ BOTELHO, Walmir E MENEZES, José. São Muitos Os Caminhos Da “Vida Fácil” **Folha do Norte**, Belém, 22 fev. 1970, 1º cad. p. 15.

um mal necessário à cidade, mas que deveria ser controlado para que não contaminasse “as moças de família”. Os posicionamentos e visões conservadores dos articulistas deixavam implícita uma concepção patriarcal de que o fechamento do meretrício implicaria em uma série de prejuízos de impacto social bastante forte para a cidade, mesmo que o jornal não assuma de forma explícita que a existência do meretrício servia como ponto diversão e de entretenimento para boa porcentagem de homens da cidade.

A visão da prostituta como objeto sexual e como promotora de diversão necessária, em uma sociedade de caráter conservador que ainda vislumbrava o gênero feminino a partir de uma conotação de inferioridade, apenas ratifica a hipótese que levantei de que os articulistas do jornal *Folha do Norte* e seus agentes estavam muito preocupados com o fim desta diversão transgressoras das regras formais. Eles abordavam a questão do meretrício como um assunto polêmico, mas um mal necessário que se saísse de cena, teria implicações não apenas para as prostitutas, mas para todo o universo masculino e boêmio que respirava os ares dos “inferninhos” da área central de Belém, mesmo que de maneira reservada ou disfarçada.

Margareth Rago aponta que todo o estigma que marca os debates acerca do comportamento social das meretrizes procura ser justificado por juízos e valores relacionados com uma moral masculinizante que adequou o lugar da mulher circunscrita a determinadas relações sociais, estabelecidas em um mundo pensado por homens que se entendiam como definidores dos destinos e das vontades femininas. Qualquer inclinação contrária a esses padrões normativos era considerada transgressão, inclusive para os grupos de mulheres que comungavam de uma mentalidade patriarcal⁴⁶⁶.

Os códigos de conduta que tentavam regular as sociabilidades boemias em bares, cabarés e casas de show refletiam regras e comportamentos de caráter moralizante, de higienização e de saúde pública, justificados pelo discurso médico jurista e cientificista, muito comuns de serem encontrados nos jornais durante quase todo o século XX, esta era uma continuidade histórica de “longa duração” que contribuía para impor a marca da invisibilidade nos grupos sociais marginalizados.

As ações repressivas ao meretrício e demais espaços boêmios de Belém durante a Ditadura Civil e Militar não surtiram o efeito desejado pelo Estado, que era o de expurgar as prostitutas e a zona de prostituição do centro da cidade, assim como eliminar a grande expressão boêmia nas periferias, principalmente no bairro da Condor e do centro da cidade. O resultado prático de toda a ação estatal foi à pulverização da boemia para outras áreas da

⁴⁶⁶ RAGO, 2010, p. 13-31.

cidade, como Pedreira, Guamá, Cremação, Entroncamento, Coqueiro e outros lugares que receberam as meretrizes e boêmios egressos da zona do meretrício e do bairro da Condor.

Atualmente a região da zona do meretrício está reduzida às ruas 1º de março, Riachuelo e Padre Prudêncio, onde ainda sobrevivem muitas trabalhadoras do sexo, algumas remanescentes dos tempos de repressão da Ditadura Civil e Militar. Para muitas pessoas que transitam por esta região da cidade, ela ainda guarda a alcunha de “baixo meretrício” ou as denominações mais contemporâneas como “cracolândia”, denominações que marginalizam os sujeitos sociais daquela área, que apesar de vítimas dos problemas sociais presentes na cidade, insistem em ocupar aquele espaço, transformando-o em um espaço de luta por justiça social, de resistência das classes populares às ações repressoras do Estado em diferentes momentos históricos. Nesta área, antigos sobrados servem como residência de mulheres que atuam ou atuaram na prostituição, morando com seus filhos e maridos, vivendo da prostituição ou de subempregos em antigas casas de pensão que resistem à força do tempo, assim como suas ocupantes que insistem em ter suas vidas e suas identidades ligadas aquele lugar.

No bairro da Condor as ações repressoras do Estado não conseguiram extinguir as expressões boêmias na área, elas inclusive se intensificaram, mantidas por sujeitos sociais que não se preocuparam em seguir as determinações oficiais. Eles se mantiveram em suas dinâmicas de vida próprias, desenvolvendo sociabilidades populares congradadas por sensibilidades musicais e festeiras. Apesar da transformação espacial, que não agradou aos boêmios de gostos considerados mais refinados ou mais elitizados, até o final da década de noventa o Bairro da Condor ainda guardava os ares de grande espaço de fim de noite, onde se localizavam importantes casas de show como o *Palácio dos Bares* ou o *Lapinha*, dois estabelecimentos considerados chiques que eram cercados por diversos outros espaços populares como as gafieiras *Bartira* e *São Jorge*.

E se o tempo redimensiona as ações humanas nas suas diversas vicissitudes, posso afirmar que a boemia de Belém permanece viva e forte, não mais delimitada a certos espaços circunscritos da cidade, nem envolta a padrões de comportamento que privilegiam os prazeres apenas de um gênero. A boemia se mantém pulverizada, talvez com outros nomes e outros olhares, nos bares, botecos, baiucas ou nas *festas*, *melodys*, *bailes da saudade*, *tecnobregas*, *baladas*, *farras*, *brincadeiras*, *serestas*, noitadas que terminam no Ver-o-Peso, enfim, em diversas expressões de sociabilidade festivas onde se externam expressões lúdicas e de congradamentos. E se, como nos ensinou Walter Benjamin, “a experiência que passa de

pessoa a pessoa é a fonte que recorrem todos os narradores⁴⁶⁷”, deixo no ar as expressões das múltiplas sonoridades e múltiplas sociabilidades de uma cidade de fronteiras como Belém que vive e revive a todo instante o seu vínculo com o passado, quer seja na memória musical das “músicas do passado”, quer seja no passo de um merengue ou de uma cumbia tocados e dançados no bar ali ao lado. Estas musicalidades e sociabilidades externam o magnífico “eterno retorno” de Nietzsche⁴⁶⁸, as vivências de tempos que se completam, nas variações de sentidos que parecem já ter sido vivenciados, o tempo que apenas se transforma. Agora posso dar o ponto final, pois acaba de passar o carro som anunciando que hoje tem festa no *Palácio dos Bares*.

⁴⁶⁷ BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 198.

⁴⁶⁸ Sobre o conceito de Eterno Retorno ver: GONÇALVES, Victor. Anotações sobre o Eterno Retorno: Para além do cristianismo. **Revista Trágica**: Estudos sobre Nietzsche – 2º semestre de 2009 – Vol.2 – nº2 – p.64-82.

REFERÊNCIAS

Fontes e Sites Consultados

Jornais Consultados:

A Província do Pará, Belém, 01 jan. 1950;
A Província do Pará. Belém, 01 jan. 1950;
A Província do Pará. Belém, 03 jan. 1950;
A Província do Pará. Belém, 04 jan. 1950;
A Província do Pará. Belém, 07 jan. 1950;
A Província do Pará. Belém, 13 jan. 1950;
A Província do Pará. Belém, 17 jan. 1950;
A Província do Pará. Belém, 21 jan. 1950;
A Província do Pará, Belém, 11 mai. 1950;
A Província do Pará. Belém, 14 mai.1950;
A Província do Pará, Belém, 20 mai. 1950;
A Província do Pará, Belém, 28 mai. 1950;
A Província do Pará, Belém, 02 jul. 1950;
A Província do Pará. Belém, 09 jul. 1950;
A Província do Pará, Belém, 29 jul. 1950;
A Província do Pará. Belém, 02 ago. 1950;
A Província do Pará, Belém, 05 nov. 1950;
A Província do Pará, Belém, 11 jun. 1960;
A Província do Pará. Belém, 02 Ago. 1960;
A Província do Pará. Belém, 06 Set. 1962;
A Província do Pará, Belém, 07 set. 1962;
A Província do Pará, Belém, 26 mar. 1963;
A Província do Pará. Belém, 01 abri. 1970, 2º cad;
A Província do Pará. Belém, 02 mar. 1970;
A Província do Pará. Belém, 04 dez. 1970 1º cad;
A Província do Pará, Belém 12 dez. 1970, 1º caderno;
A Província do Pará, Belém, 12 dez. 1970, 1º cad;
A Província do Pará. Belém, 30 set. 1974, 1º Cad;
A Província do Pará. Belém, 30 set. 1974, 1º Cad;

A Província do Pará, Belém, 08 out. 1974;
A Província do Pará. Belém, 02 out. 1974, 1º Cad;
A Província do Pará. Belém, 17 abr. 1979, 1º cad.;
A Província do Pará. Belém, 16 abr. 1979;
A Província do Pará. Belém, 17 abr. 1979;
A Província do Pará, Belém, 17 abr. 1979, 1 cad.;
A Província do Para. Belém, 17 dez. 1979;
Diário de Notícias. Belém, 12 mai. 1885;
Diário do Pará, Belém, 01 dez. 1988. Cad. 3;
Folha do Norte, Belém, 01 jan. 1964, p.6.
Folha do Norte. Belém, 29 fev. 1964;
Folha do Norte. Belém, 16 fev. 1965;
Folha do Norte. Belém, 12 Mai. 1965;
Folha do Norte, Belém, 04 jan. 1970, 1º cad.;
Folha do Norte. Belém, 04 jan. 1970, cad.;
Folha do Norte. Belém 06 jan. 1970;
Folha do Norte, Belém, 15 fev. 1970, 1º cad.;
Folha do Norte Belém, 22 fev.1970, 1º cad.;
Folha do Norte, Belém, 22 fev. 1970, 1º cad.;
Folha do Norte, Belém, 01 mar. 1970, 1º cad.;
Folha do Norte. Belém, 01 mar. 1970;
Folha do Norte. Belém, 05 mar. 1970;
Folha do Norte, Belém, 05 mar. 1970;
Folha do Norte. Belém, 05 mar. 1970;
Folha do Norte. Belém, 08 mar. 1970;
Folha do Norte, Belém, 08 mar. 1970, 1º Cad.;
Folha do Norte, Belém, 24 mar. 1970;
Folha do Norte. Belém, 02 abr. 1970;
Folha do Norte, Belém, 25 out. 1970;
Jornal Fazendo Média, 2005.
Jornal Pessoal. Belém, Nº 545, 2.ª quin. Set. 2013.
O Diário do Pará, Belém, 14 dez. 2005, Caderno Cultura;
O Diário do Pará, Belém, 14 dez. 2005;
O Diário do Pará. Belém, 30 de jan. de 2011;

O Estado do Pará, Belém, 07 jan. 1950;
O Estado do Pará, Belém, 29 jan. 1950;
O Estado do Pará. Belém, 05 jan. 1950;
O Estado do Pará. Belém, 07 jan. de 1950;
O Estado do Pará. Belém, 08 Jan. 1950;
O Liberal, Belém, 23 jan. 1951;
O Liberal, Belém, 30 jan. 1951;
O Liberal, Belém, 26 jun. 1951;
O Liberal, Belém, 06 de out. 1951;
O Liberal, Belém, 09 de out. 1951;
O Liberal, Belém, 10 de out. 1951;
O Liberal, Belém, 04 dez. 1969;
O Liberal, Belém 01 dez. 1988 cad. 2;
O Liberal. Belém, 14 ago. 1996;
O Liberal, Belém 28 jul. 1998; cad.;
O Liberal,. Belém, 28 jul. 1998; Cad. 2;
O Liberal. Belém, 28 jul. 1998; Cad. 2
O Liberal. Belém, 28 jul. 1998;
O Pará, Belém, 27 mar. 1990, n. 692;
 Revista **Belém Nova**. Belém, 13 març. 1926;

Entrevistas:

Depoimento de Maria de Lourdes Barreto. BARRETO, Maria de Lourdes. Belém, 27 dez. 2012. Entrevista realizada na sede do GEMPAC, por José E. S. Dias Jr.;

Depoimento de Maria de Lourdes Barreto. BARRETO, Maria de Lourdes. Belém, 04 jan. 2013. Entrevista realizada na sede do GEMPAC, por José E. S. Dias Jr.;

Depoimento de Herivelton Martins. MARTINS, Herivelton. Belém, 18 set. 2008. Entrevista realizada por José E. S. Dias Junior Jr.;

Depoimento de Janjão Mamede. MAMEDE, Inácio Jamil de Moraes. Belém, 12 out. 2012. Entrevista realizada no Bar Castanheira por Tony Leão da Costa & José E. S. Dias Jr.;

Depoimento de Eunice Conceição da Silva. SILVA, Eunice Conceição da. Belém, 26 abr. 2013. Entrevista realizada na sede do GEMPAC, por José E. S. Dias Jr.;

Depoimento de Clélio Palheta. FERREIRA, Clélio Palheta. Belém, 17 nov. 2012. Entrevista realizada no Bar do Parque com Tony Leão da Costa e José E. S. Dias Jr.;

Sites Consultados:

Arquivo Público de São Paulo. Acervo da Hemeroteca Teodoro Braga, 15 jul. 1921.

Sabor Rosê. MOREIRA, Amaury. Loucos Motivos. Gravadora B&B, 1986.

Depoimento de Paulo Caracciolo. Disponível em: <http://paulo-caracciolo.blogspot.com.br/2013/02/aroldo-caraciolo-o-inventor-da-lambada.html>

“**Música**” - Deixe-se encantar pelos nossos ritmos. Disponível em: http://www.pa.gov.br/O_Para/musica.asp;

Instituto Interamericano Del Niño. **Histórico**. Disponível em: <http://www.iin.oea.org/IIN2011/historia-instituto-interamericano-del-nino-nina-adolescente.shtml>

COSTA, Luciana Miranda (Coord.). **O Pará nas Ondas do Rádio**. Belém: UFPA, 2007. Disponível em: <http://www.oparanasondasdoradio.ufpa.br/30radioclube.htm>;

Depoimento de Jorge Bodanzky em make off do filme. In: **Iracema Uma Transa Amazônica**, 1976, 91 min.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Documentos consultados em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativa_de_populacao_2013/estimativa_2013_dou.pdf. Consultado em 28.12.2013.

Acervo da **Bibliothèque Nationale de France**. Disponível em *data.bnf.fr*.

Portal G1 (<http://g1.globo.com/pa/para/cirio-de-nazare/2013/noticia/2013/10/cirio-de-nazare-2013-reune-numero-recorde-de-fieis-aponta-dieese.html>). Acesso dia 20 jun. 2014.

Palácio do Planalto. **Código Penal Brasileiro 1940.** Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em:
 1/6/2012.

Revista Isto É online. Disponível em:
http://www.terra.com.br/istoegente/40/reportagem/rep_jader.htm;

Jader Barbalho – site oficial. Biografia: Disponível em:
<http://www.jaderbarbalho.com/site/>.

Relatório de 1921. Governador Antônio Emiliano de Sousa Castro. Disponível em:
<http://www.crl.edu/brazil/provincial/par%C3%A1>

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO PARÁ: Comissão Parlamentar de Inquérito: “Intitulada para apurar a prática de violência e abuso sexual contra crianças e adolescentes no estado do Pará e especialmente na região do Marajó nos últimos cinco anos”. **Relatório.** Belém, 2010.

Entrevista com **Jorge Bodanzky.** Disponível em:
<http://oscurtosfilmes.blogspot.com/2009/05>.

COSTA, Luciana Miranda. (Org.). “A Primeira rádio do norte retomando sua história”. O Pará nas Ondas do Rádio. Disponível em:
<http://www.oparanasondasdoradio.ufpa.br/60primeiraradio.htm>;

Depoimento de Jorge Bodanzky. Entrevista realizada por Ana Paula Conde, Revista Trópico - Cinema. 2012. Disponível em:
<http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/1688,1.shl>. Acesso: 29/08/2012.

Documentos Impressos Consultados:

CRUZ, Ernesto. **Costumes e tradições** – Festas de São João. In: **Belém: aspectos geo-sociais do Município.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1944;

_____. **História de Belém.** Vol.2, Belém: EDUFPA, 1973, p. 483;

_____, **Ruas de Belém.** Belém: Cejup, 1992;

BODANZKY, Jorge e SENNA, Orlando. **Iracema: Uma Transa Amazônica**, São Paulo, STOPFILM, 1976, 91 min;

Centro de Memória da Universidade Federal do Pará. Processo 5ª vara Penal: Casa de Prostituição. Art. 229. Departamento De Segurança Pública. Ago./Mar. 1944-45;

GOUROU, Pierre. “A Região de Belém”, **Boletim da Inspetoria Regional de Fomento Agrícola no Estado do Pará**, ano X, nº único, 1948;

JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004 – (Coleção Ciclo do Extremo Norte);

KUBITSCHKE, Juscelino. **Discurso**. In: Biblioteca da Presidência da República. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/jk/discursos-1/1956/13.pdf/view>;

_____. **Por que Construir Brasília**. Brasília: Edições do Senado, 2010, p.13.

LAREDO, Salomão. **Palácio dos Bares: Boate Condor**. Recanto encantado da cidade morena. Belém: S. Laredo Editora, 2003;

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém Estudo de Geografia Urbana**. Belém: Edufpa, 1968;

RIBEIRO, José Sampaio de Campos. **Gostosa Belém de Outrora**. Belém: Editora Universitária, 1965.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alzira Alves de. **Revisitando os anos de 1950 através da Imprensa**. In: BOTELHO, André; BASTOS, Elide Rugai; VILLAS BÔAS, Glaucia (Orgs.). **O Moderno em Questão: A década de 1950 no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 2008, p.211-235.

ALBERT, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005; MEIHY, José Carlos Sebe B. & HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Bicho solto: natureza, espaços e história na transição da modernidade para a pós-modernidade. Nos destinos de fronteira: História, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008;

_____. **O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região**. Fronteiras, vol. 10, nº 7 (2008);

ALVES, Henrique Losinskas. **Sua Excelência - Samba**. São Paulo: Ed. Símbolo, 1976;

ANDRADE, Mario. **Cartas a Manuel Bandeira**. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1958;

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento**. Bauru: Edusc, 1999;

ARANTES, O; VAINER, C; MARICAT, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consenso**. Petrópolis: Ed. Vozes, 3ª ed., 2002;

ARAÚJO, Maria Paula. CASTRO, Celso. QUADRAT, Samanta Viz (Orgs.). **1964-2004: 40 anos do Golpe: Ditadura Militar e Resistência no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004;

ARISTÓFANES. **Lisístrata** – a greve do sexo. Coleção L&PM Pocket, 2003;

BAKHITIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Brasília: Hucitec/UNB, 1997;

BARROS, José D'Assunção. **Cinema-História**. Rio de Janeiro: LESC. 2007;

_____. **História Cultural:** Um panorama teórico e historiográfico. **Textos de História.** (Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UNB). Vol. 11, nº 1/2 2003, p.145-171;

_____. **História Cultural e História das Ideias** – Diálogos Historiográficos. In: GEBRAN, Philomena (org) **Historia Cultural:** varias interpretações. Goiânia: E. V, 2006;

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 4ª Edição, 1970;

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas:** Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1994;

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998;

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975;

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994;

BOTELHO, André. **Uma Sociedade em Movimento e sua Intelligentsia:** Apresentação. In: BOTELHO, André; BASTOS, Elide Rugai; VILLAS BÔAS, Glaucia (Orgs.). **O Moderno em questão:** A década de 1950 no Brasil. Rio de Janeiro: Top Books, 2008, pp.15-23.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso** – Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 1997;

BRUZZO, Cristina. **Iracema... De Bodanzky e Senna:** Uma ficção pouco comportada. **Revista de Educação Social,** Campinas, vol. 27, n. 94, p. 295-299, jan./abr. 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>;

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989):** A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Unesp, 1991;

_____. **O que é História Cultural.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005;

CABRERA, Miguel Angel. **Historia, lenguaje y teoria de la sociedad:** experiências e horizontes. Madrid: Cátedra, 2001;

CAMPOS, Ipojucan Dias. **Casamento Divórcio e Meretrício em Belém no Final do Século XIX.** (1890-1900). Dissertação (Mestrado em História) Apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). São Paulo: Mimeo. 2004;

CAMPOS, Marina Costa. **A trajetória do Cineclubes Antônio das Mortes no contexto cineclubista brasileiro.** 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013;

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas:** Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2006;

CANDIDO, Antônio, **Os Parceiros do Rio Bonito.** São Paulo. Editora 34, 2001;

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Sociedade e Cultura Conceitos Complementares ou Rivals?** In: **Um historiador fala de teoria e metodologia:** ensaios. Bauru, SP: Edusc, 2005;

CARDOSO, Fernando Henrique & MÜLLER, G.. **Amazônia:** Expansão do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1977;

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo. Ed. Hucitec. 1996;

CARNEIRO, Eva Dayna Félix. **Belém entre filmes e fitas:** A experiência do cinema, do cotidiano das salas as representações sociais nos anos de 1920. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará, 2011;

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org). **Minorias Silenciadas:** História da Censura no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 2002;

CARRARA, Sergio. **Tributo à Venus:** A Luta Contra a Sífilis no Brasil, da Passagem do Século aos Anos 40. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 1996;

CASTRO Edna & ACEVEDO MARIN, Rosa (Orgs.). **Amazônia em tempos de transição.** Belém: OEA-UFPA, 1989;

CASTRO Edna & ACEVEDO MARIN, Rosa. **Estado e Poder Local:** Dinâmica das transformações na Amazônia brasileira. **Pará Desenvolvimento** (A Face Social dos Grandes Projetos), nº 20-21, Belém, Idesp. 1986/87;

CHALOUB, Sidney. **Cidade Febril.** Cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo, Cia da Letras, 1996;

_____. **Trabalho Lar e Botequim.** O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001;

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. Estudos Avançados. 11 (5), 1991, p. 173-191. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>;

CHAVES, Túlio Augusto Pinheiro de Vasconcelos. **Isto não é Para nós?** Um estudo sobre a verticalização e modernidade em Belém entre as décadas de 1940 e 1950. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia, Universidade federal do Pará. Belém, 2011;

COELHO, Geraldo Mártires. **O Brilho da Supernova:** A morte bela de Carlos Gomes. Rio de Janeiro: Agir, 1995;

_____. **O Violino de Ingres:** Leituras de História Cultural. Belém: Paka-Tatu, 2005;

_____. **Uma metrópole na floresta:** representações do Urbano na Amazônia. In: FRÚGOLI JR, Heitor. ANDRADE, Luciana Teixeira. PEIXOTO, Fernanda Arêas (orgs.). **As cidades e seus agentes:** práticas e representações. Col. Temas Urbanos. Belo Horizonte: Editora PucMinas- Edusp, 2006. p. 150-173;

COIMBRA, Adriana Modesto. Adriana Modesto. **A Cidade como Narrativa:** Francisco Bolonha e o papel da arquitetura e da Engenharia no processo de modernização da cidade de Belém – 1897-1938. Campinas, SP: Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2014;

_____. **Belém Moderna:** As visões sobre o povo, a modernidade e a nação nas páginas da revista A Semana – 1922/1923; Monografia (Graduação em História) – Faculdade de História, Universidade federal do Pará. Belém, 2010;

COIMBRA, C.M.B. **Operação Rio:** o mito das classes perigosas. Rio de Janeiro: Oficina do Autor/Intertexto, 2001;

COIMBRA, Marcos da Silva & COUTINHO Eduardo de Faria. **Do livro ao filme:** uma trajetória de Iracema. **IPOTESI**, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 89 - 101, jan./jul. 2009;

CONTREIRAS, Hélio. **AI-5.** Rio de Janeiro: Record, 2005;

CORBIN, Alain. **História dos Tempos livres**: O advento do lazer. Lisboa: Teorema, 2001;

_____. O Encontro dos Corpos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **História do Corpo**: da Revolução à Grande Guerra. Petrópoles – RJ: Vozes, 2008, p. 181-266. Vol. 2;

_____. **Saberes e Odores**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987;

CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. **Músicos e poetas na Belém do século XX**: incursionando na história da cultura popular. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento sustentável do Trópico Úmido – PDTU (NAEA). Universidade Federal do Pará. Belém, 2002;

_____. **História Cultura e Música em Belém de 1919 à década de 1940**. Tese em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2010;

COSTA, Antônio Mauricio Dias. **Bailes da ‘saudade’ e do ‘passado’**: atualidades do circuito bregueiro de Belém do Para. In: **Ponto Urb: Revista do núcleo e Antropologia urbana da USP**, ano 2, versão 3.0, julho de 2008;

_____. **Festa na Cidade**: o Circuito bregueiro de Belém do Pará. Belém. EDUEPA, 2009;

_____. **Lazer na Ocupação**: Um estudo da sociabilidade de integrantes de uma associação de moradores na periferia de Belém em 1997. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal do Pará. Belém. UFPA. 1999;

_____. **Festa e espaço urbano**: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos 1950. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, V. 32, nº63, 2012, p. 381-402;

COSTA, Francisco de Assis. **Amazônia: Modelos econômicos, ideologia e história**. In: CASTRO Edna & MOURA, Edila A. F. & MAIA, Maria Lúcia Sá (Orgs.). **Industrialização e Grandes Projetos**: Desorganização e Reorganização do Espaço. Belém: UFPA, 1995, p. 345-360;

COSTA, José Macelino Monteiro da. (coord.) **Os Grandes Projetos na Amazônia**: Impactos e Perspectivas. Belém: UFPA, 1987;

COSTA, Tony Leão da. **“Música de subúrbio”**: Cultura Popular e música popular na hiperimagem de Belém do Pará. Tese de (Doutorado em História) Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2013;

_____. **Música do Norte**: Intelectuais, artistas populares, tradição e modernidade na formação da “MPB” no Pará (1960-1970). 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia – PPHIST. Universidade federal do Pará. Belém, 2008;

COSTA, Waldir. Sexo Lacrado: O Controle Político no Jornalismo Erótico (1964-82).

Revista Projeto História 35. São Paulo, nº 35, p. 243-254, dez. 2007;

CRUZ, Ernesto. **Costumes e tradições** – Festas de São João. In: **Belém: aspectos geo-sociais do Município**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944;

_____. **História de Belém**. Vol.2, Belém: EDUFPA, 1973;

_____, **Ruas de Belém**. Belém: Cejup, 1992;

D’ARAÚJO, Maria Celina. SOARES, Gláucio Ary Dillon e CASTRO, Celso (Orgs.). **Visões do Golpe**: A memória militar de 1964. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994;

DaMATTA, Roberto. **A casa e a Rua**: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997;

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do Povo**: Sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990;

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Intimas**: Sexualidade e erotismo no Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011;

DIAS JR, José do E. S. **Cultura Popular no Guamá**: Um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará. Belém, 2009;

DIAS, Ednea Mascarenhas. **A Ilusão do fausto**: Manaus, 1890-1920. Manaus: Ed. Valer, 1999;

ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores: Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 2004;

FERNANDEZ, Ramon Garcia; SERRA, Mauricio Aguiar. **Perspectiva de desenvolvimento da Amazônia: motivos para o otimismo e para o pessimismo**. **Revista Economia e Sociedade**, Campinas, v. 13, n. 2 (23), p. 107-131, jul./dez. 2004;

FERREIRA Jr. Amarílio & BITTAR, Marisa. **Jarbas Passarinho, Ideologia Tecnocrática e Ditadura Militar**. **Revista HISTEDBR**. On Line: Campinas: SP, n. 23, set. p. 3-25, 2006;

FERREIRA, Antônio Celso. **Literatura: A fonte fecunda**. In: PINSK, Carla Bassanezi & LUCA, Tânia Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 61-91;

FERREIRA, Carmena Fadul. **Produção do Espaço e Degradação Ambiental: Um estudo sobre a várzea do igarapé do Tucunduba; Belém- Pa.** (dissertação de mestrado - Programa de Pós-graduação em Geografia Física do departamento de Geografia) /FFLCH/USP; 1997;

FERREIRA, Rubens da Silva. **Belém do Pará: Uma metrópole amazônica à luz do olhar interdisciplinar**. **Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi**. Ciênc. Hum., Belém, v. 6, N. 3, p. 623-626, set-dez 2011;

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010;

FICO, Carlos. **Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão**. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003;

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. “Os novos e o Centenário: arte, literatura e efeméride no Pará dos anos 20”. **Revista de Estudos Amazônicos**, vol. III, nº 2, 2008;

_____. **Eternos Modernos: Uma história social da arte e da literatura na Amazônia 1908 a 1929**. Tese (Doutorado em História Social) Campinas–SP, Universidade de Campinas, 2001;

_____. **Os vândalos do apocalipse e outras histórias**. Arte e literatura no Pará dos Anos 20. Belém: IAP, 2012;

FILHO, João Roberto Martins (Org.). **O Golpe de 1964 e o Regime Militar:** Novas Perspectivas. São Carlos: EdUFSCar, 2006;

FONTELLES, Paulo. **A Guerrilha Redescoberta.** Belém: Grafisson, 1990;

FONTES, Edilza Joana de Oliveira. **O Pão Nosso de Cada Dia:** Trabalhadores, indústria da panificação e a legislação trabalhista em Belém (1940-1954). Belém: Paka-Tatu, 2002;

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** O nascimento da Prisão. Petrópolis RJ. Vozes, 1987;

_____. **História da Sexualidade:** A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1985;

_____. **História da Sexualidade:** O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985;

_____. **História da Sexualidade:** O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985;

Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1989;

_____. **História da Sexualidade:** O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1985;

_____. **Vigiar e Punir.** Petrópolis – RJ: Vozes, 1977;

_____. **Microfísica do Poder.** [Organização e tradução de Robert Machado]. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979;

FRANTZ, Frederik. (Org.) **A Outra História.** Ideologias e protestos populares nos séculos XVII a XIX. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1990;

GALVÃO, A.R.G.; FRANÇA, F.M.; BRAGA, L.C. **O território e a territorialidade:** contribuições de Claude Raffestin. In: SAQUET, Marcos Aurélio, SOUZA, Edson Belo Clemente de (org.) **Leituras do conceito de território e de processos espaciais.** - 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009;

GASPARI, Elio. **A Ditadura Escancarada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002;

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006;

GOMES, Elane. **Vida Material:** entre casas e objetos, Belém, 1920-1945. Belém: Dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia. Universidade Federal do Pará. 2009;

GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980;

GONÇALVES, Victor. **Anotações sobre o Eterno Retorno**: Para além do cristianismo.

Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche – 2º semestre de 2009 – Vol.2 – nº2 – p.64-82;

GONSALVES, Sérgio Campos. **Cultura e Sociedade de Consumo**: Um olhar em retrospecto. In: **Revista**. Ano 3, nº 5, 1Ed. 2008 – 1/58; HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. – 15ª ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2006;

GOODWIN JR. Jaime Willian. **Anunciando a Civilização: Imprensa, Comércio e Modernidade Fin-de-Siecle em Diamantina e Juiz de Fora, MG. Revista Projeto História**. São Paulo: nº35 dez. 2007, p. 97-118;

GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas; a Esquerda Brasileira**: das Ilusões Perdida à Luta Armada. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1990;

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988;

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002;

_____. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília; representação da UNESCO no Brasil, 2003;

HARTOG, François. **Os antigos, o passado e o presente**. Brasília: UnB, 2003;

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. – 15ª ed. - São Paulo: Edições Loyola, 2006;

HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984;

HOBBSBAWM, Eric. **A outra história: algumas reflexões**. In: KRANTZ, Frederick (org.). **A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988;

_____. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998;

_____. **Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995;

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 2001;

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia.** Bauru – SP: Edusc, 2001;

KUBITSCHKE, Juscelino. **Discurso.** In: Biblioteca da Presidência da República. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/jk/discursos-1/1956/13.pdf/view>;

_____. **Por que Construir Brasília.** Brasília: Edições do Senado, 2010;

KUSHNIR, Beatriz. Pelo Viés da Colaboração: A Imprensa no Pós-1964 Sob Outro Prisma. **Revista Projeto História 35.** São Paulo, nº 35, p. 27-38, dez. 2007;

LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. **História: Novas Abordagens.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976;

_____. **A História nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1994;

_____. **História e Memória.** São Paulo: Ed. UNICAMP, 2003;

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **A Política da Capoeiragem: a história social da capoeira e do boi bumbá no Pará republicano (1888-1906).** Salvador: EDUFBA, 2008;

LEFREVE, H. **O direito a cidade.** São Paulo. Ática série princípios 1989;

LEITE, Gabriela. **Filha, mãe, avó e puta: A história de uma mulher que decidiu ser prostituta.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009;

LEITE, Júcara Luzia. **A República do Manguê: Controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974);**

LUCA, Tânia, Regina. **Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos.** In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas.** 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153;

LUNARDELLI, Fatimarlei. **Quando éramos jovens: História do Clube de Cinema de Porto Alegre.** Porto Alegre: Editora Universidade, 2000. p. 28;

MACARINI, José Pedro. **A Política Econômica da Ditadura Militar no Limiar do “Milagre” Brasileiro**: 1967/69. Campinas - SP: IE/UNICAMP, set. 2000;

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2013;

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco**: Cultura Popular e Lazer na Cidade. São Paulo: HUCITEC, 2003:17-22; MARTINS, José de Souza. 2013;

_____. **Quando o Campo é a Cidade**: Fazendo Antropologia na Metrópole. In: MAGNANI, J. G. & TORRES, L. L. (Org.). **Na Metrópole**: Textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996;

MALIGO, Pedro. **Ruínas idílicas**: a realidade amazônica de Dalcídio Jurandir. In: **Revista USP**. Vol 13. São Paulo: EDUSP, 1992;

MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995;

MAMEDE, Inálio Jamil de Moraes. **Antonte, ontem e hoje**. Belém: S/E. mar. 1996;

MARANHÃO, Haroldo. **Rios de Raivas**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1987;

MARTÍN-BARBERO. Jesus. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009;

MARTINS FILHO, João Roberto. **A guerra da memória**: a ditadura militar nos depoimentos de militantes e militares. **Anais: Congresso da Associação de Estudos Latino-americanos**, Dallas, Texas, 27-29 de março de 2003;

MARTINS, José de Souza. **A Sociabilidade do Homem Simples**: Cotidiano e História na modernidade anômala. São Paulo: Contexto, 2013;

MATELA, Rose Clair. **Cineclubismo**: Memórias dos anos de Chumbo. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2009;

MATOS, Maria Izilda Santos de. **História das mulheres e das relações de gênero**: Campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. **Revista Mandrágora**, v. 19, p. 5-15, 2013;

_____. **A cidade a noite e o cronista**: São Paulo e Adoniram Barbosa. São Paulo: EDUSC, 2007;

_____. **Âncora de Emoções:** Santos - o Porto e a Cidade. In: AVELINO, Yvone Dias & FLÓRIO, Marcelo (Orgs.). **Polifonias da Cidade:** Memória, arte e Cidade. São Paulo: D'Escrever Editora, 2009, p. 196-219;

_____. **Dolores Duran:** Experiências Boêmias em Copacabana nos anos 50. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005;

_____. **Gênero e Subjetividade. Projeto História,** São Paulo: V. 45, p. 7-15, 2013;

MATTOS, Ilmar Rohloff de, **O Tempo Saquarema.** São Paulo: Editora Hucitec, 5º edição, 2004;

McCRACKEN, G. **Cultura e Consumo.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003;

MEIRA, Clóvis. **O Silêncio do tempo.** Belém: Editora, 1988;

MELLO, J. M. C de; NOVAIS, F. A. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna.** In: NOVAIS, F. A. (Org.). **História da Vida Privada no Brasil.** Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998;

MELO, Vanice Siqueira de. **Paisagem, Território e Sertão.** In: **Cruentas Guerras:** Índios e Portugueses nos sertões do Maranhão e Piauí. Belém: (Dissertação Mestrado em História) – PPHIST/UFPA, 2011;

MENEZES, Bruno de: **Boi Bumbá:** Auto Popular. Belém: Editora H Barra, 1972;

MENEZES, Marcos Antônio de. Cabarés: História E Memória. **Anais. XXVII Simpósio Nacional de História:** Conhecimento Histórico e Diálogo Social. Natal-RN, 22 a 26 jul. 2013. p. 1-13. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1362017982_ARQUIVO_CABARES.pdf;

MIR, Luís. **A Revolução Impossível;** a Esquerda e a Luta Armada no Brasil. São Paulo: Editora Best- Seller, 1994;

MIRA, David Moedas. **Das Sombras de Platão ao Realismo de Iracema:** A Representação do Real no Cinema. Lisboa: Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação do Departamento de Ciência da Comunicação da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Nova Lisboa). Lisboa, 2012;

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014. Em especial o capítulo “**A Primavera nos dentes**”: A vida Cultural sob o AI-5;

NASCIMENTO, Durbens Martins. **Guerrilha do Araguaia (1967-1975)**: “Paulistas” e Militares na Amazônia. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós – Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico – Úmido/PDTU. Belém: NAEA/UFPA, 2000;

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: A Problemática dos Lugares. **Projeto História**, nº10, São Paulo: dez. 1993;

NUNES, Paulo Jorge Martins. **Útero de Areia**: um estudo do romance ‘Belém do Grão Pará’ de Dalcídio Jurandir. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; área de concentração: Literaturas de Língua Portuguesa. 2007;

OLIVEIRA, Érito Vânio Bastos de. **A voz da Amazônia nos anos 30**: rádio, intelectuais e política. **Anais**. ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009;

_____. **Modernidade e integração na Amazônia**: Intelligentsia e Broadcasting no entre guerras, 1923 -1937. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia), Programa de Pós Graduação em História – PPHIST, Universidade Federal do Pará, 2011;

OLIVEIRA, Walter Pinto. **Memória de uma revolta esquecida**: O Baixo Amazonas na revolta constitucionalista de 1932. Belém: Dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia. Universidade Federal do Pará. 2012;

ORNELA, Paulo. **Tempo e espaço em Belém do Grão Pará, de Dalcídio Jurandir**. Dissertação defendida na Universidade Federal do Pará. Belém: 2003;

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006;

PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém Estudo de Geografia Urbana**. Belém: Edufpa, 1968;

PERLONGHER, Nestor. **O Negócio do Michê**: A Prostituição Viril em São Paulo. São Paulo: Editora Fundação Perceus Abramo, 2008;

PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988;

PETIT, Pere. **A política dos governos militares no Pará: 1964-1985**. In: FONTES, Edilza (org.). **Contando a História do Pará**. Vol. II: Os conflitos e os grandes projetos na Amazônia contemporânea (séc. XX). Belém: E-Motion. 2002;

_____. **Chão de Promessas**. Belém: Paka-Tatu, 2003;

PETIT, Pere; VELARDE, Jaime Cuéllar. **O golpe de 1964 e a instauração da Ditadura Civil-Militar no Pará: apoios e resistências**. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 25, p. 169-189, 2012;

PINHO, Fernando Augusto Souza. **Festas inaugurações e decepções: A Implantação dos bondes elétricos em Belém. A cidade nos trilhos**. Belém, 4º Concurso de Monografia CBTU, 2008. Disponível em: file:/// Monografia%20Fernando%20Pinho.pdf;

PINTO, Lúcio Flávio. **O rei da quitanda**. **Jornal Pessoal**, nº 337, 1. quin. de jan. 2005;

_____. **A Implosão da Folha**. **Jornal Pessoal**, 1 set. 2012;

_____. **FHC e a Amazônia: O último sertão**. In: D'INCAO, Maria Ângela e MARTINS, Hermínio. **Democracia, crise e reforma: estudos sobre a era Fernando Henrique Cardoso**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010;

_____. **Guerra Amazônica**. O jornalismo na linha de tiro (de grileiros, madeireiros, intelectuais, etc. & Cia). Belém. Edição Jornal Pessoal, 2005;

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, V.2, n.3, p. 3-15, 1989;

POMAR, Vladimir. **Araguaia: o Partido e a Guerrilha**. São Paulo: Editora do Brasil Debates, 1980; PORTELA, Fernando. **Guerra de Guerrilhas no Brasil**. São Paulo: Editora Global, 1979;

RAGO, Margareth & MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo (Orgs.). **Paisagens e Tramas: O gênero entre a história e a arte**. São Paulo: Intermeios, 2013, (Col. Entregêneros);

RAGO, Margareth. **A Aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013;

_____. **Do Cabaré ao Lar: A Utopia da Cidade Disciplinar-Brasil 1890-1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985;

_____. **Os Prazeres da Noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930).** São Paulo: Paz e Terra, 2º ed. 2008;

RAUEN, Margarida G. **Do problema social à performance.** In: DIAB MALUF, Sheila & DE AQUINO, Ricardo Bigi. **Reflexões sobre a cena.** Maceió/Salvador: EDUFAL/EDUFBA, 2005, p. 233-45;

ROBERTS, Nickie. **As Prostitutas na História.** Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1998;

ROCHA, Glauber. **Revisão Crítica do Cinema Brasileiro.** São Paulo, Cosac e Naify, 2003;

ROCQUE, Carlos. **A Formação Revolucionária do Tenente Barata.** Belém. Fundação Romulo Maiorana, 1983;

RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do bairro do Jurunas: Sociabilidades e Construção de Identidades em Espaço Urbano.** Belém: NAEA/UFPA, 2008;

Rose. **Histórias Invisíveis do Teatro da Paz: da construção à primeira reforma.** Belém do Grão-Pará (1869-1890). Belém: Paka-Tatu, 2010;

ROUSSANT, Jacques. **Prostituição na Idade Média.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991;

SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará: ou, apresentação do teatro de época.** Belém: UFPA, 1994. Tomo II;

_____. **O negro na formação da sociedade paraense:** Belém: Paka-tatu, 2004. DIAS JR, 2009;

SANTOS, Roberto. **História Econômica da Amazônia.** São Paulo: Quatro Rodas, 1980;

SARAIVA, Luis Junior Costa. **O Renascer de Vénus.** Prostituição, Trabalho e Saúde em Tempos de Sida. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2013;

SARGES, Maria de Nazaré. **Riquezas Produzindo a Belle Époque,** Belém: Paka-Tatu, 2002;

SAROLDI, L. e MOREIRA, S.V. **Rádio Nacional**. O Brasil em sintonia. Rio de Janeiro: Martins Fontes/ Funarte, 1988; SCHWARTZMAN e outros. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Edusp/Paz e Terra. 1984;

SANDOICA, Elena Hernández e LANGA, Alicia. **Sobre la Historia actual**. Madrid, Abada Editores, 2005;

SCHAFER, R. Murray. **A afirmação do mundo**. São Paulo: UNESP, 2011;

SCHMITT, Rogério. **Partidos políticos no Brasil (1945-2000)**. Rio de Janeiro: Zahar Editora. 2000;

SCHWARCZ, Lilian. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil, 1870-1930**;

SEVCENKO, Nicolau. **A capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio**. In: SEVCENKO (org.). História da vida provada no Brasil. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998;

_____. **A corrida para o século XXI – No loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001;

_____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 199;

SHARPE, Jim. **A história vista de baixo**. In: BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 39-62;

SILVA, Maria das Graças S. N. **O Espaço Ribeirinho**. São Paulo. Terceira Margem, 2000;

SILVA, Mario Bezerra da. **Profissionais do sexo e o Ministério do Trabalho**. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XI, n. 59, nov 2008. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5233>. Acesso em jul 2014;

SILVEIRA, Rose. **Histórias Invisíveis do Teatro da Paz: Da construção à primeira reforma**. Belém do Grão Pará (1869-1890). Belém: Paka-Tatu, 2010;

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia: Indivíduo e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006;

SOHN, Anne-Marie. **O Corpo Sexuado**. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs). **História do Corpo: As Mutações do Olhar: O Século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 109-154;

SPIRO, Melford. **Algumas reflexões Sobre o Determinismo e o Relativismo Culturais com Especial Referência à Emoção e a Razão**. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto. n° 9, 1998, p. 197-230;

TEIXEIRA, Mário. **AP Memórias: 1915-1992**. Belém: Ed. A.P, 1992;

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo. Companhia das Letras, 1998;

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**. História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992; AMARAL, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006;

TINHORÃO, José R. **Samba: um tema em debate**. Rio de Janeiro: Saga, 1966; **O samba agora vai: a farsa da música brasileira no exterior**. Rio de Janeiro, JCM Editores, 1969;

TORRES, Iranildes Caldas & OLIVEIRA, Márcia Maria. **Tráfico de Mulheres na Amazônia**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2012;

TRECCANI, G. D. **Violência e grilagem: Instrumentos de aquisição da propriedade da terra no Pará**. Belém: UFPA, ITERPA, 2001;

TRINDADE JR. Saint Clair Cordeiro da. **Produção do Espaço e uso do solo urbano em Belém**. Belém; UFPa /NAEA, 1997;

TUCÍDIDES. **História da guerra do Peloponeso**. Brasília: Ed. UnB, 1986;

VAINFAS, Ronaldo. Da História das Mentalidades à História cultural. **Revista História**. São Paulo v. 15 UNESP/1996;

VALADARES, Lúcia. **Os dez mandamentos da observação participante**. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. V. 22, n. 63, p. 153-155, 2007;

VERIANO, Pedro. **Cinema no Tucupí**. Belém: Secretaria de Estado e Cultura, 1999;

_____. **Fazendo Fitas: Memórias do Cinema Paraense**. Belém, Edufpa, 2006;

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; UFRJ, 1995;

VILANOVA, Mercedes. **A História presente e a história oral**. Relações, balanço e perspectivas”. In: **Páginas de História**. Laboratório de História/UFGA, vol. II - Nº. 2, 1998;

WEINSTEIN, Bárbara. **A Borracha na Amazônia**: Expansão e Decadência 1850-1920. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1993.